

Becky Albertalli:



LEAH *fora de* SINTONIA



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Becky Albertalli:



LEAH *fora de* SINTONIA



LEAH *fora de* SINTONIA

Becky Albertalli:

TRADUÇÃO DE ANA RODRIGUES



Copyright © 2018 by Becky Albertalli

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização do autor.

TÍTULO ORIGINAL

Leah on the Offbeat

REVISÃO

Luara França

Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais

ARTE DE CAPA

Chris Bilheimer

ADAPTAÇÃO DE CAPA

ô de casa

REVISÃO DE E-BOOK

Mariana Calil

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0380-0

Edição digital: 2018

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Sumário

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

32

33

34

35

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros títulos da autora](#)

[Leia também](#)

Para todos os leitores que sabiam que algo estava acontecendo,
quando nem eu sabia.



NÃO QUERO SER dramática nem nada, mas Deus me livre deixar nosso setlist nas mãos de Morgan. Aquela garota é um pai careta em crise de meia-idade no corpo de uma aluna do último ano do ensino médio.

Por exemplo: ela está ajoelhada no chão, usando o banco do teclado como mesa, e todas as músicas em sua lista são clássicos medíocres do rock. Sou uma pessoa bem tolerante, mas, como norte-americana, música e ser humano com um mínimo de dignidade, é meu dever e meu privilégio vetar sumariamente essa palhaçada.

Eu me estico um pouco para a frente no banco e espio.

— Nada de Bon Jovi. Nem Journey.

— Sério? — pergunta Morgan. — Todo mundo ama “Don’t Stop Believin”.

— Todo mundo ama drogas. Vamos começar a usar, então?

Anna ergue uma das sobancelhas.

— Leah, você acabou de...

— Comparar “Don’t Stop Believin” com drogas? — Dou de ombros. — Foi isso mesmo.

Anna e Morgan trocam um Olhar com O maiúsculo que diz *Vai começar o sermão*.

— Só estou dizendo a verdade. Alguém tem que dizer. Essa música é péssima. A letra é uma porcaria.

Dou um tapinha na caixa da bateria para enfatizar.

— Eu gosto da letra — comenta Anna. — É tão pra cima!

— Não tem nada de “pra cima”, porque você só consegue ficar pensando no absurdo ridículo que é um trem da meia-noite indo, abre aspas, *para qualquer lugar*, fecha aspas.

Elas trocam outro Olhar, dessa vez dando de ombros muito ligeiramente. Tradução: *até que faz sentido*.

Tradução da tradução: *Leah Catherine Burke é um gênio, e nunca, jamais, deveríamos duvidar do gosto musical dela*.

— Acho que é melhor não incluirmos mais nada até Taylor e Nora voltarem — sugere Morgan.

Ela tem razão. Por causa dos ensaios do musical da escola, as duas não têm conseguido se dedicar à banda desde janeiro, e, embora eu e as outras meninas nos encontremos algumas vezes por semana, é um saco ensaiar sem nossa vocalista e nossa guitarrista principal.

— Então está combinado — diz Anna. — Acho que já deu por hoje,

né?

— Mas já?

Eita. Talvez eu devesse ter guardado minhas opiniões sobre o Journey só para mim. Tipo... eu entendo. Sou branca, supostamente deveria adorar rock clássico ruim, mas meio que pensei que estivéssemos todas curtindo esse debate animado sobre música e drogas. Pode ser que o papo tenha saído um pouco dos trilhos em algum momento, porque Morgan está guardando o teclado e Anna, mandando mensagem para a mãe vir pegá-la. Pelo visto, já deu por hoje mesmo.

Minha mãe ainda vai demorar uns vinte minutos para chegar, então fico mais um pouco na sala de música depois que as meninas vão embora. E até que eu gosto. É legal ficar tocando bateria sozinha. Deixo as baquetas assumirem o comando, do bumbo para a caixa, e de novo, de novo, de novo. Algumas batidas nos tons. Alguns xii, xii, xii no chimbau e então o prato de ataque.

Prá.

Prá.

E mais uma vez.

Só escuto meu celular vibrando quando o *ping* da caixa postal apita. Minha mãe, só pode ser. Ela sempre liga, só manda mensagem em último caso. É nesse momento que você supõe que ela tem uns cinquenta anos, ou um milhão, mas não: minha progenitora só tem trinta e cinco mesmo. Eu tenho dezoito. Vamos lá, faça as contas. Pois é. Sou basicamente uma Rory Gilmore gorda da Sonserina.

Nem me dou ao trabalho de escutar o recado, porque minha mãe sempre manda uma mensagem de texto quando não consegue falar comigo. E eis que:

Estou muito enrolada por aqui, filha. Você pode vir de ônibus hoje? Desculpa mesmo.

Sem problemas, respondo.

Você é incrível. Emoji de beijinho.

O chefe da minha mãe é um advogado obcecado que não para de trabalhar um segundo, um robô sem limites, então isso acontece sempre. Ou ela está presa no trabalho ou tem um encontro mais tarde. É bem estranho ter uma mãe com uma vida amorosa mais agitada que a minha. No momento, ela está saindo com um cara chamado Wells. Sim, é esse mesmo o nome dele. O sujeito é careca e rico, com umas orelhas minúsculas, e acho que tem quase cinquenta anos. Eu o encontrei uma vez, por meia hora, e nesse tempo ele conseguiu fazer seis trocadilhos e disse “isso é *soda*” duas vezes.

Enfim. Eu tinha um carro, então não dependia da carona de ninguém, mas aí o carro da minha mãe resolveu morrer no último verão, e ela passou a usar o meu. Resumindo: agora tenho que pegar o

ônibus da escola, junto com trinta e cinco pirralhos do primeiro ano. Não que eu me incomode, imagina.

Temos que liberar a sala de música até as cinco, por isso desmonto a bateria e coloco tudo no armário em que guardamos os outros instrumentos. Sou a única que usa a bateria da escola. Os outros alunos têm seus próprios sets, nos confortáveis porões das mansões em que moram. Meu amigo Nick tem um set Yamaha DTX450K, e ele *nem toca bateria*. Nem se eu juntasse dinheiro por um bilhão de anos conseguiria comprar um desses. Mas aqui na escola é assim. Bem-vindo à Shady Creek.

O ônibus só sai daqui a meia hora, então acho que vou bancar a tiete e dar uma passada no ensaio do pessoal do teatro. Ninguém se incomoda quando faço isso, embora a estreia seja sexta-feira. Sinceramente, eu vou tanto aos ensaios que as pessoas devem esquecer que não faço parte da peça, mesmo que a maioria dos meus amigos faça — até Nick, que nunca se interessou por teatro ou nada do tipo. Tenho certeza de que ele só quis participar da peça para passar mais tempo com a linda e adorável namorada, mas, como aqui ele é amado por todo mundo, conseguiu o papel principal.

Pego o corredor que leva à coxia e me esgueiro pela porta. Obviamente, a primeira pessoa que vejo é meu melhor amigo, o devorador de Oreos mais fofo do mundo: Simon Spier.

— Leah! — Ele está nos bastidores, com o figurino ainda pela metade, conversando com alguns amigos. Não tenho ideia de como a sra. Albright convenceu tantos garotos a participar da peça este ano. Simon vem falar comigo. — Você chegou bem a tempo para o meu número.

— Foi tudo friamente calculado.

— Sério?

— Não.

— Te odeio. — Ele me cutuca com o cotovelo e me abraça. — Mentira. Te amo.

— É claro que ama.

— Não acredito que você vai me ouvir cantar.

Sorriso.

— Tá acontecendo!

Então alguém sussurra um comando inaudível, e os meninos se enfileiram nos bastidores, empolgados e prontos para a ação. Gente, é impossível olhar para eles e não rir. O musical deste ano é *José e o deslumbrante manto de mil cores*, e todos os irmãos de José estão usando barba falsa bem cheia. Não sei, talvez tenha uma explicação na Bíblia para isso.

— Leah, nada de “boa sorte” — retruca Simon. — Você tem que me desejar “merda”.

— Simon, vai logo pra lá, estão esperando você.

— Tá bom, mas olha só, não vai embora. Vamos na Waffle House depois daqui.

— Combinado.

Conforme os garotos entram correndo para o ensaio, me afasto e fico nos bastidores. Vejo Cal Price, o diretor de palco, parado diante da mesa entre as cortinas.

— Oi, Ruiva.

Ele sempre me chama assim, embora meu cabelo não seja exatamente ruivo. Não tem problema nenhum — Cal é um fofinho —, mas toda vez que ele diz isso, sinto um aperto no peito.

Meu pai me chamava de Ruiva. Na época em que ele me chamava de alguma coisa.

— Já viu essa? — pergunta Cal.

Balanço a cabeça, e ele aponta com o queixo para o palco, sorrindo. Eu me aproximo e dou uma espiada.

Os garotos estão se sacudindo. Não tem outro jeito de descrever. O professor do coral toca uma música ao piano, que soa meio francês, e Simon dá um passo à frente, com a mão no peito.

— *Lembra daqueles dias gloriosos em Canaã...?*

A voz dele sai um pouquinho trêmula, e seu sotaque francês é um desastre, mas sua apresentação é hilária e intensa: ele se ajoelha, puxa o cabelo, geme. Sem exagero, talvez seja a performance mais incrível de todos os tempos.

Nora surge ao meu lado.

— Adivinha quantas vezes ele repetiu esse número lá em casa?

— Por favor, me diz que ele não faz ideia de que você ouviu tudo.

— Ele não faz ideia de que ouvi tudo.

Desculpa, Simon, mas você é precioso demais para ser magoado dessa forma. Se não fosse gay e comprometido, eu com certeza me casaria com você. E, verdade seja dita, me casar com Simon seria incrível, e não só porque eu tive uma paixão profunda e secreta por ele durante quase todo o ensino fundamental. É mais do que isso. Em primeiro lugar, me agrada muito a ideia de ser uma Spier, porque aquela família é absolutamente perfeita. Além de Nora, eu ganharia uma cunhada mais velha maravilhosa e que já está na faculdade. Isso sem falar que os Spier moram numa casa linda e enorme onde não tem roupas largadas e bagunça. Até o cachorro deles eu amo.

Quando a música termina, saio de fininho dos bastidores e dou a volta até a última fileira do auditório, conhecida entre a galera do teatro — ou os aspirantes a isso — como o Cantinho da Pegação. Não tem mais ninguém ali, só eu, observando a movimentação no outro lado da sala. Nunca participei de nenhuma peça, embora minha mãe viva me dizendo para tentar. Mas eis o problema: você pode passar

anos desenhando fan arts terríveis, e ninguém nunca vai ver. Você pode tocar bateria sozinha na sala de música até saber o bastante para não passar vergonha na frente dos outros. Mas, nessa história de atuação, o buraco é mais embaixo. Não dá para passar anos e anos tentando e errando, sozinha. Quando se é atriz, você tem uma plateia antes mesmo de existir uma plateia de fato.

Um crescendo na música. Abby Suso dá um passo à frente, usando um colar de contas gigante e uma peruca do Elvis. E está cantando.

Ela está incrível, é claro. Não tem uma dessas vozes que conseguem alcançar todas as notas possíveis, como Nick ou Taylor, mas canta a música direitinho, e além de tudo é bem engraçada. Isso faz a diferença. Ela é uma palhaça no palco, e em determinado momento a sra. Albright chega a gargalhar, o que é bem impressionante — não só porque quem diria que as pessoas ainda gargalham hoje em dia?, mas porque ela já viu essa cena umas mil vezes. Pois é, essa é Abby. Nem eu consigo tirar os olhos dela.

Quando a apresentação chega ao fim, a sra. Albright reúne o elenco para fazer algumas observações. Todo mundo se espalha pelo palco, mas Simon e Nick escapam para o fundo e se sentam perto de Abby. Óbvio.

Nick a abraça, e ela se aconchega nele. O que também é óbvio.

Não tem wi-fi aqui, por isso só me resta ficar ouvindo as observações da sra. Albright, seguidas por dez minutos de um monólogo não solicitado de Taylor Metternich sobre *se libertar e se tornar o seu personagem*. Minha teoria é de que Taylor realmente se excita com o som da própria voz. Nada me tira da cabeça que agora ela está tendo minúsculos orgasmos secretos bem diante de nossos olhos.

O ensaio finalmente termina, e todos saem do auditório, recolhendo as mochilas no caminho, mas Simon, Nick e Abby esperam juntos, perto do fosso da orquestra. Eu me levanto, me espreguiço e desço para ir ao encontro deles. Uma parte de mim quer enchê-los de elogios, mas algo me impede, talvez por ser uma atitude sincera demais, um pouco “Leah do quinto ano” demais. Sem contar que eu jamais ficaria me derretendo toda por Abby. Só de pensar nisso já tenho vontade de vomitar.

Dou um *high-five* em Simon.

— Você arrasou.

— Eu nem sabia que você estava aqui — comenta Abby.

É difícil saber o que ela quer dizer com isso. Talvez seja um insulto velado. Tipo, *quem deixou você ficar aqui, Leah?* Ou quem sabe: *nossa, nem reparei que você estava aí, de tão irrelevante que você é*. Mas pode ser que eu esteja dando importância demais a uma frase banal. Isso sempre acontece quando envolve Abby.

— Vocês vão na Waffle House mesmo, né? — pergunto.

— Vamos, estamos só esperando a Nora.

Martin Addison se aproxima.

— Oi, Simeão — diz.

— Oi, Rubem — responde Simon, erguendo os olhos do celular.

São os nomes dos personagens. E, sim, Simon faz o papel de um cara chamado Simeão, porque acho que a sra. Albright não conseguiu resistir à brincadeira. Rubem e Simeão são dois dos irmãos de José, e tenho certeza de que tudo isso seria muito fofo e bonitinho se não envolvesse Martin Addison.

Quando Martin passa por Abby, ela revira os olhos. Olha, é bem difícil irritá-la, mas Martin alcança essa proeza pelo simples fato de existir. E por achar que é amiguinho de Simon, como se o ano passado não tivesse acontecido. É muita audácia mesmo. Os dois nem se falam tanto, mas odeio até quando eles se cumprimentam com um “oi” cordial. Não que eu tenha o direito de decidir com quem Simon conversa ou deixa de conversar, mas sei — reparo — que isso irrita Abby tanto quanto a mim.

Simon volta a digitar no celular, provavelmente mensagens para Bram. Eles estão namorando há pouco mais de um ano e são um desses casais tão felizes que até enjoa. Eles nem ficam se agarrando na frente dos outros nem nada do tipo. Na verdade, mal se tocam quando estão na escola, provavelmente porque as pessoas são babacas e homofóbicas, mas os dois trocam mensagens e sorrisinhos o dia todo, como se não conseguissem passar nem cinco minutos sem se falarem. Sendo bem sincera, é difícil não sentir inveja. Não só por causa da atmosfera conto de fadas/olhares brilhando/tensão sexual latente. É porque eles lutaram por esse relacionamento. Os dois tiveram coragem para dizer: *foda-se isso tudo, foda-se a Geórgia, fodam-se todos vocês, seus preconceituosos de merda.*

— Bram e Garrett vão encontrar a gente lá? — pergunta Abby.

— Vão. Estão saindo agora do futebol — responde Simon, com um sorriso.

Entro no carro de Simon e me acomodo no banco do carona, enquanto Nora, no de trás, revira a mochila. Ela usa uma calça jeans toda suja de tinta e com a barra enrolada, e seus cachos estão presos em um coque bagunçado. Uma de suas orelhas é cheia de piercings, e ela também usa uma pedrinha azul minúscula no nariz, que colocou no verão passado. Ela é muito fofa mesmo. Mais fofo ainda é como ela é a cara do irmão e como os dois são a cara da irmã mais velha. Um é cópia do outro, incrível.

Finalmente, Nora acha o que procurava na mochila: um pacote enorme de M&M's.

— Estou morrendo de fome.

— Mas a gente está literalmente a dois minutos da Waffle House — diz Simon, pegando alguns M&M's.

Pego um punhado também, e eles derretem perfeitamente na boca — quer dizer, não derretem de uma vez. Estão só macios por dentro.

— Então não foi um desastre completo, né? — pergunta Simon.

— A peça? — pergunto.

Ele assente.

— Claro que não. Foi incrível.

— É, mas as pessoas ainda estão errando as falas, e a estreia é na sexta-feira. E o doido do Potifar ferrou com uma música inteira hoje. Nossa, preciso muito de um waffle.

Pego o celular para ver o Instagram. Abby postou milhares de stories do ensaio, e parece que estamos assistindo a uma comédia romântica. Uma cena de Nick e Taylor cantando no palco. Um superclose de Abby e Simon. E um close ainda maior do rosto de Simon, que ficou com narinas tão grandes que Abby enfiou o desenho de um panda dentro de uma delas. E Abby e Nick, inúmeras vezes.

Guardo o celular no bolso. Estou me sentindo incomodada e estranha — como se estivesse chateada com alguma coisa, embora não saiba o quê. Parece que tem algo pinicando no fundo da minha mente.

— Não estou conseguindo identificar a música — diz Nora.

Demoro um pouco para perceber que ela está falando comigo e mais um pouco para perceber que estava batucando no porta-luvas.

— Ih. Também não faço ideia.

— Era assim — diz Nora, tamborilando uma batida direta de um dos nas costas do meu assento.

Bum-tap-bum-tap. Todas oitavas, rápidas e regulares.

Então a música surge em minha cabeça como num passe de mágica.

É “Don’t Stop Believin’”. Meu cérebro é ridículo mesmo.



RECONHEÇO UM MONTE de carros da escola no estacionamento da Waffle House. Simon desliga o motor e pega o celular.

A primeira coisa que vejo ao chegar é o cabelo louro reluzente de Taylor.

— Leah! Não sabia que você vinha. Pensei que fosse só o pessoal do teatro mesmo, mas que legal!

Ela aperta o botão na chave, e o carro dá uma piscadinha. Engraçado... que eu saiba, Taylor não tem um jipe. E muito menos: um jipe com testículos balançando no para-choque.

— Seu carro tem bolas muito realistas, Taylor.

— Ai, é constrangedor, né? Meu irmão veio para casa por causa do recesso de primavera, e ele bloqueou a saída do meu carro. Tive que pegar o dele.

— Que merda, hein? Ou melhor: que saco.

— Pois é, fiquei *bolada* — responde ela, dando uma risadinha marota.

Está bem, serei a primeira a admitir: às vezes eu adoro demais a Taylor.

Entramos na Waffle House e, nossa, como eu amo esse cheiro. É a combinação perfeita de manteiga, xarope de bordo, bacon e talvez... cebolas? Seja o que for, eles deveriam patentear e fazer canetas com esse aroma, assim eu poderia desenhar personagens safadinhos de mangá com o cheiro desse lugar maravilhoso. Mal chegamos e já vejo uma galera do teatro sentada em um canto. Entre eles está Martin Addison.

Eu me viro para Nora e falo:

— Não vou me sentar lá.

— Nem eu.

— Por causa do Martin? — pergunta Taylor.

— Vamos sentar ali — falo, quase sem mexer os lábios.

Tudo bem, eu sei que a história com Martin são águas passadas e que talvez eu devesse deixar isso pra lá, mas não consigo. Não dá mesmo. O cara praticamente arrancou Simon do armário no ano passado. Na verdade, ele descobriu que Simon era gay, fez uma *chantagem barata* e tirou Simon do armário. Eu mal troquei uma palavra com Martin desde então. Nora também. Nem Bram. Nem Abby.

Eu me sento ao lado de Nora a uma mesa perto da entrada, e Taylor na mesma hora ocupa o lugar que Simon claramente estava guardando para Bram. Quando a garçonete aparece para anotar os pedidos, todo mundo pede waffles, menos eu, que só quero uma Coca.

— Está de dieta? — pergunta Taylor.

— Hein?

Sério, quem faz uma pergunta dessas? Antes de mais nada, acabei de comer vinte toneladas de M&M's. Depois, que tal ficar de boca calada um pouquinho? As pessoas não conseguem assimilar o conceito de uma garota gorda que não faz dieta. É difícil acreditar que eu possa realmente gostar do meu corpo?

Nora me cutuca e me pergunta se estou bem. Talvez eu tenha fechado a cara.

— Ai, meu Deus, você está doente? — pergunta Taylor.

— Não.

— Nossa, estou superparanoica com medo de pegar alguma doença. Tenho me entupido de chá e descanso a voz sempre que não estou ensaiando, é claro. Imagina se eu perco a voz esta semana? Nem sei o que a sra. Albright faria.

— Aham.

— Porque, tipo, eu estou em quase todas as músicas.

Ela dá uma risadinha esquisita aguda. Não sei se está nervosa e fingindo que não está ou o contrário.

— Talvez você deva mesmo descansar a voz — sugiro.

É tão mais fácil tolerar a Taylor quando estamos ensaiando com a banda... Até porque uso fones de ouvido ótimos, que isolam todo e qualquer barulho.

Ela abre a boca para falar alguma coisa, mas então Abby e os meninos chegam. Garrett se instala do meu lado, Bram vai para perto de Taylor e Abby e Nick ficam nas pontas. É engraçado, porque Taylor estava sentada ali com aquele seu ar parisiense afetado de sempre, mas agora ela se inclina tanto na direção de Nick que está praticamente deitada na mesa.

— Quer dizer que você e o Simon vão para Boston no recesso de primavera?

Pois é. A garota está há uns vinte minutos quase sentada no colo do Simon, mas é claro que teve que esperar Nick chegar para fazer essa pergunta.

— Isso mesmo — responde Nick. — Vamos conhecer as últimas universidades da nossa lista... Tufts e Boston primeiro, depois Wesleyan, Nova York, Haverford e Swarthmore. Então, vamos de avião para Boston, alugamos um carro por lá e depois pegamos outro avião para a Filadélfia.

— Melhor viagem! — diz Simon, inclinando-se para dar um *high-*

five em Nick.

— Com as mãos de vocês — comenta Abby.

Jamais vou entender a quantidade de dinheiro que as pessoas gastam nessas coisas: passagens, hospedagem, aluguel de carro... e eles ainda nem sabem se vão conseguir entrar em alguma dessas universidades. Sem contar que Simon gastou centenas de dólares só em taxas de inscrição, embora esteja determinado a ir para a Universidade de Nova York, o que com certeza não tem nada a ver com o fato de Bram já ter sido aceito em Columbia.

— Que maravilha! — exclama Taylor, animada. — Vou para Cambridge, visitar Harvard. Vamos marcar de fazer algo por lá!

— Hã... vamos, sim — diz Nick, e Simon quase engasga com a água.

— Abby, você também está vendo universidades nessa região? — pergunta Taylor.

— Não. — Abby sorri. — Vou para a Geórgia.

— Ué, não vai tentar ficar perto do Nick?

— Não tenho como pagar para ficar perto do Nick.

É meio estranho ouvi-la dizer isso em voz alta, principalmente porque vou para lá também pela mesmíssima razão. A Universidade da Geórgia foi a única em que me inscrevi — eles me aceitaram meses atrás, e consegui uma bolsa. Já está tudo certo.

Nunca sei muito bem como me sentir quando tenho algo em comum com Abby Suso. E, principalmente, não sei como me sentir quanto à perspectiva de irmos para a mesma universidade. Aposto que ela vai fingir que não me conhece.

Quando dou por mim, Garrett está tagarelando sobre a superioridade do Instituto de Tecnologia da Geórgia em relação à Universidade da Geórgia. Não estou nem aí para esse papo, mas fico aliviada por Morgan não ter vindo. É bem curioso, porque ela é superpolitizada e intelectual, mas vem de uma daquelas famílias obcecadas pela Universidade da Geórgia. Eles são completamente fanáticos por futebol americano, a casa é toda decorada em vermelho e preto (as cores do time da universidade), e em todos os cantos tem a carinha do buldogue que é o mascote do time. Sem falar que os pais dela sempre fazem aquelas festas no estacionamento do estádio, antes dos jogos. Futebol americano é algo que foge à minha compreensão. Nada contra o esporte, mas me interessa mais pela instrução e pelo conhecimento que a universidade pode oferecer.

Quero ficar na minha e pensar em outras coisas, mas Garrett continua me perturbando.

— Leah, quais são os três anos mais longos na vida de uma aluna da Universidade da Geórgia?

— Sei lá.

— O primeiro.

— Haha.

Garrett Laughlin. Sempre.

Finalmente, todos começam a falar sobre o jogo de futebol de Bram e Garrett no último fim de semana. Nick parece um pouco melancólico, e eu entendo. Não é que ele nunca mais vá jogar futebol. Nick vai voltar aos campos assim que a peça estreiar, na semana que vem, mas é um saco quando a vida continua sem você. Às vezes, eu me sinto deixada de lado até quando a vida continua junto comigo.

A garçonete chega para anotar uma segunda rodada de pedidos e, em vinte minutos, temos uma montanha de comida na mesa. Simon está concentrado discursando sobre a peça, e eu aproveito para roubar um pedaço de bacon do prato dele.

— Sei lá, estou com medo de dar tudo errado, agora que finalmente temos a orquestra e os cenários. Só que os cenários tinham que estar prontos há uma semana.

Nora encara o irmão, irritada.

— Eles teriam ficado prontos antes, se mais alguém tivesse se dedicado a eles, e não só Cal e eu.

— Eita — diz Garrett.

— Mas, no fim das contas — diz Taylor —, os cenários nem importam tanto. O que conta mesmo é a atuação.

Nora suspira e força um sorriso.

Ficamos mais um pouquinho ali, e então a garçonete traz nossas contas separadas, o que achei bem legal da parte dela. Odeio quando vem tudo junto, porque alguém sempre quer dividir por igual — e, sem querer ser babaca mas já sendo, eu tenho motivos para não pedir um sanduíche de vinte dólares. Vamos até o caixa, um de cada vez, e então deixamos a gorjeta na mesa. E é claro que Garrett, que pediu waffles com todas as coberturas possíveis, e mais linguiça e batata com *queijo e bacon* deixa exatamente um dólar. Francamente. Deixa uma gorjeta de verdade, sabe? Jogo uns dólares extras na pilha para compensar.

— Bela gorjeta por uma Coca — comenta Abby, e disfarço um sorriso.

Os outros já estão perto da saída, mas ela fica para trás, abotoando o casaco.

— Minha mãe já foi garçonete — falo.

— Isso é bem legal da sua parte.

Dou de ombros e sorrio, meio desconfortável. Sempre me sinto assim quando estou com Abby, não sei por quê. Acho que algumas coisas nela me irritam: em primeiro lugar, não suporto pessoas tão bonitas. Abby tem olhos de princesa da Disney, pele negra, o cabelo bem escuro e ondulado e maçãs do rosto proeminentes. Para

completar, ela é fofa e simpática. Basicamente, Abby é um algodão-doce humano. É bom em pequenas doses — mas em excesso, dá vontade de vomitar.

Nós duas saímos do restaurante. Taylor e seus testículos já partiram, e Garrett também, para a aula de piano. Os outros estão só parados por ali. Simon e Bram estão mais ou menos de mãos dadas, mas só com as pontas dos dedos entrelaçadas, o que é o máximo de contato a que os dois se permitem em público.

Nick, por outro lado, praticamente se gruda a Abby, como se tivesse que compensar a hora que haviam passado em lados opostos da mesa. Típico. Bem, acho que estamos no clássico momento pombinhos-apaixonados-melosos-na-frente-da-Waffle-House. Talvez Nora e eu devêssemos nos agarrar também, só para não ficarmos de fora.

Mas Abby se desenrosca de Nick e se aproxima de mim.

— Nossa, que linda — diz, apontando para a capa do meu celular. É um dos meus desenhos de mangá, uma surpresa de Anna no meu aniversário deste ano. — É um desenho seu, não é?

— É. — Engulo em seco. — Obrigada, Abby.

Ela arregala um pouco os olhos, como se estivesse desconcertada só de ter me ouvido dizer seu nome. Acho que não conversamos muito. Não fora do grupo. Não mais.

— Então, hein. Universidade da Geórgia... — diz ela.

— É uma universidade...

— Pois é.

Ela ri... e de repente me olha com doçura e hesitação.

— Eu meio que queria perguntar para você...

Ouvimos uma buzina e olhamos para o automóvel que se aproxima. Reconheço o carro de Abby — ou da mãe de Abby, acho. Mas hoje o motorista é um garoto com as maçãs do rosto mais lindas que já vi. Ele é alto, negro, deve ter uns vinte e poucos anos.

— Ai, meu Deus, meu irmão está em casa! Pensei que ele só fosse chegar mais tarde. — Abby sorri e toca em meu braço de leve. — Amanhã a gente conversa melhor, tudo bem?

Um instante depois, ela está beijando Nick e se despedindo. Desvio o olhar na mesma hora, sem conseguir enxergar direito por causa do sol.



MANDO UMA MENSAGEM para minha mãe, que responde dizendo que vai me pegar na Waffle House a caminho de casa. Todo mundo já foi embora, menos Bram, que se senta ao meu lado no meio-fio.

— Não precisa esperar comigo — falo, dando um sorriso.

— Ah, não é isso. Meu pai está nas redondezas e vem me buscar.

Os pais de Bram são divorciados, o que acho estranhamente reconfortante. Não falo por mal — não torço para que a vida dele seja ruim em casa nem nada disso. É só que as famílias da maior parte dos meus amigos parecem saídas de um comercial de margarina: pais heterossexuais casados, todos morando em casas gigantescas, com fotos da família em porta-retratos enfileirados na parede da escada. É legal não ser a única que não se encaixa nesse padrão.

— Ele veio visitar você? — pergunto.

Bram assente.

— Ele e a minha madraستا vão passar a semana aqui e trouxeram Caleb. Vamos sair para tomar sorvete.

— Não consigo acreditar que o Caleb já está saindo por aí e tomando sorvete. Ele não acabou de nascer?

— Não é? Ele já vai fazer um ano em junho!

— Surreal.

Bram sorri.

— Quer ver uma foto dele? É o papel de parede do meu celular.

Ele estende o aparelho, e toco na tela.

— Gente, que fofo!

É uma selfie de Bram e Caleb, com os rostos coladinhos e dando um sorrisão. É uma das fotos mais lindinhas do mundo. O pai de Bram é branco, e acho que a madraستا também, porque Caleb é bem branquinho. Por algum motivo, fico surpresa toda vez que vejo uma foto dele. O irmão de Bram não tem um fio de cabelo sequer e seus olhos castanhos são enormes. Mas, de alguma forma, ele e Bram são parecidos, embora o irmão mais velho seja negro, tenha cabelo e não babe. É uma coisa bem doida.

Bram guarda o celular no bolso e apoia as mãos no chão. Sinto uma onda de timidez inesperada — subitamente me ocorre que essa talvez seja a primeira vez que conversamos de verdade, só nós dois, embora ele tenha se mudado para cá no segundo ano. Só passamos a interagir de verdade quando ele e Simon começaram a namorar. Para ser

honesto, eu não dava muita bola para ele, porque achava que era bobo como Garrett.

Tento vencer a vergonha e pergunto:

— Quer ver uma coisa?

— Claro.

— Muito bem. Prepare-se.

Abro a galeria de fotos no celular e vasculho meus álbuns. Então passo o celular para ele.

Ele leva a mão à boca, impressionado.

— Incrível, não é? — falo.

Bram assente lentamente.

— Ai, meu Deus!

— Então, isso foi no sétimo ano.

— Gente...

— Eu sei. Simon era fofo demais, não é?

Bram observa a foto, os olhos semicerrados, e algo em seu rosto deixa meu coração apertado. Porque ele está perdidamente apaixonado. É inegável.

Na foto que mostrei a ele, eu, Simon e Nick estávamos no Bat Mitzvah de Morgan, acho. Estou usando um vestido azul-claro, com um ar meio Elizabeth Bennet, segurando um saxofone inflável e muito feliz, enquanto Nick exhibe seus óculos escuros enormes. Mas a estrela da foto é Simon. Meu Deus.

Começando pela gravata que brilha no escuro, que Simon usava em todos os Bar Mitzvahs e festinhas. Mas, daquela vez, a gravata estava na cabeça, num estilo meio Rambo, e ele sorria para a câmera. Além disso, ele estava tão pequenininho, gente. Não sei como eu não me lembrava disso. Simon cresceu alguns centímetros no oitavo ano, e foi mais ou menos nessa época que começou a ouvir músicas legais e deixou de usar camisetas com estampa de lobos gigantes. Sério, ele deve ter jogado fora a última camiseta de lobo num dia, e duas horas depois Bram entrou na nossa escola.

— Você já viu as fotos dele bebê? — pergunto.

— Vi algumas, mas as do fundamental ele não me mostra de jeito nenhum.

— O que significa que Simon nunca deveria ter deixado nós dois sozinhos.

— Exatamente.

Ele ri e checa suas mensagens.

Instantes depois, nossos celulares vibram ao mesmo tempo. Você mostrou a gravata pra ele? LEAH, O QUE VOCÊ FEZ?

Era uma gravata bem elegante, escreve Bram.

Ora, eu era um rapaz bem elegante, MAS AINDA ASSIM

Devo contar ao Bram sobre a luz de segurança?, digito.

Bram sorri.

— Luz de segurança?

ERA UM DESPERTADOR, OK? Por acaso tinha luz.

— Com certeza era uma luz de segurança. — Sorriu para Bram. — Tinha uma lua crescente e um ratinho. Provavelmente ainda está enfiada em algum lugar do quarto dele.

— Que coisa mais bonitinha e nada surpreendente.

— Não é? Ele a deixava do lado da cama até pouco tempo atrás.

Bram ri, então digita alguma coisa e apoia os pés no meio-fio.

Só que a mensagem não aparece para mim. Ou seja, foi algo particular, só para Simon. O namorado dele. A coisa mais normal do mundo. E por isso mesmo eu não deveria me sentir excluída e rejeitada. Pois é.

* * *

Minha mãe chega alguns minutos depois, abaixa o vidro e acena.

— É sua mãe? — pergunta Bram. — Nossa, ela é bonita mesmo.

— Escuto muito isso. — É sério: Simon uma vez disse que ela é a *quintessência da mãe sexy*. — Tem certeza de que não quer que a gente espere com você? — pergunto.

— Não precisa. Meu pai vai chegar daqui a pouco.

Minha mãe se debruça para fora da janela.

— Oi! Você é o Bram, certo? O jogador de futebol?

Bram parece surpreso.

— Hã... sou.

— E vai para Columbia.

Gente. Minha mãe sempre faz isso. Exibe esses pequenos fragmentos de informações aleatórias, só para mostrar como é uma Mãe Presente. Meus amigos provavelmente acham que chego em casa e conto cada detalhe do que acontece com eles e depois faço um questionário para ver se ela decorou tudo direitinho.

Quer dizer, eu meio que conto tudo para minha mãe mesmo, num nível quase patológico. Ela sempre sabe de todas as fofocas da escola e das últimas novidades sobre meus crushes. Minha mãe sabe que sou bissexual, é claro, embora nenhum dos meus amigos saiba. Eu contei a ela aos onze anos, durante os comerciais de *Celebrity Rehab*.

Mas enfim, ou Bram é um santo, ou está seriamente hipnotizado por minha mãe. Ele a chama de sra. Keane, o que é bem impressionante, porque ninguém nunca lembra que temos sobrenomes diferentes.

Minha mãe ri.

— Você é um amor mesmo. Sério, pode me chamar só de Jessica.

Já prevejo nossa conversa a caminho de casa. *Ai, meu Deus, Lele! Ele*

é muito fofo. Simon deve estar muito apaixonado. Que amor de menino. Blá-blá-blá.

Sei que tenho sorte. A gente sempre escuta sobre pais que desaprovam os amigos dos filhos, e minha mãe é o exato oposto. Ela adora todos eles. Até do Martin ela gostou, nas poucas vezes em que o viu. E, é claro, meus amigos são completamente apaixonados por ela. Por exemplo: acabei de colocar o cinto de segurança, e nesse meio-tempo Bram já convidou minha mãe para a estreia da peça.

— Ainda acho que você tinha que ter participado da peça, Lele — diz minha mãe, quando pegamos a rua principal. — É show.

— Chega, mãe.

— É dez.

Nem me dou ao trabalho de responder.



— ISSO CHEGOU PARA você — avisa minha mãe, e me entrega um envelope assim que desço para tomar café.

É da Universidade da Geórgia — tem a logo deles no papel —, e não é um envelope grande, como o que recebi com os papéis da inscrição. Este é comum, do tamanho perfeito para uma carta do reitor retirando minha bolsa de estudos e cancelando minha admissão. *Estamos escrevendo para notificá-la de que sua admissão no Programa de Honra da Universidade da Geórgia foi, na verdade, um erro administrativo. Os registros mostram que nosso departamento pretendia admitir outra Leah Burke, que não é uma confusão efervescente ambulante. Pedimos desculpas pelo transtorno.*

— Você vai abrir? — pergunta minha mãe, apoiando-se na bancada, curiosa.

Ela está toda maquiada, linda de um jeito que quase ofende. Seus olhos parecem de um verde elétrico. Gostaria de deixar registrado que ter uma mãe mais bonita que você é um saco.

Respiro fundo e abro o envelope.

— Está tudo bem? — pergunta minha mãe.

— Está, sim — respondo, aliviada. — É só um monte de informações sobre visitas guiadas, palestras sobre os cursos, essas coisas.

— Seria bom fazermos isso, não?

— Ah, sei lá.

Na verdade, não tem o que fazer. Porque minha mãe não é igual à de Simon ou à de Nick. Ela não pode faltar ao trabalho para uma visita ao campus da universidade, e eu mal consigo imaginá-la em um desses eventos. Não tenho a menor ideia do que acontece nessas visitas guiadas, mas Simon disse que é só um bando de garotos e garotas constrangidos, se encolhendo de vergonha enquanto os pais fazem milhões de perguntas aleatórias. Ao que parece, o pai dele pediu ao guia da Duke que falasse um pouco mais sobre a cena gay no campus. É claro que Simon quis morrer no mesmo instante.

Eu tinha certeza de que, se minha mãe estivesse lá, ela ficaria o tempo todo segurando o riso e revirando os olhos para as baboseiras ditas pelos outros pais. E sem dúvida seria paquerada pelos alunos.

— Está tudo bem, sério — falo.

Ela sorri.

— Mas acho mesmo que você deveria se inscrever nessas visitas. Vou só organizar umas coisas no trabalho e podemos separar um dia para isso. E Wells tem família em Athens, então...

Solto um riso incrédulo.

— Não vou visitar a faculdade com o Wells.

Ela dá um tapinha no meu braço.

— A gente conversa sobre isso mais tarde. Quer um iogurte?

— Quero. — Coloco o cabelo para trás. — De qualquer forma, vou ver quando Morgan pretende ir. Posso fingir que sou uma Hirsch.

— É uma boa ideia — concorda. — E você pode usar uma camiseta do Instituto de Tecnologia só para confundir o pessoal.

— Com certeza, mãe. Assim vou ser bem popular no campus...

Meu telefone vibra. Mensagem de Simon.

AHHHH. Queria estar morto.

— Tô indo — diz minha mãe, colocando o iogurte na bancada. — Boa aula e divirta-se!

Eu me despeço dela e volto novamente a atenção para a tela do celular.

Nossa, que bom humor logo tão cedo! O que você toma no café?

Estou falando sério, escreve Simon.

O que aconteceu?

Três pontinhos.

Então: Minha voz continua falhando!

Como assim?

Quando eu canto.

Que fofo. Emoji com olhos de coração. Como um pouco do iogurte.

LEAH, ISSO NÃO É NADA FOFO. A ESTREIA DA PEÇA ESTÁ CHEGANDO. É TIPO AMANHÃ.

É só nervoso, Si.

Não é NEVORSO.

*NERVOSO. Merda, tô escrevendo tudo errado. E em caps lock. Não conta pro Bram AHHHHHHHHHHH MERDA, TÔ MUITO FERRADO.

Simon. Está tudo bem.

Jogo fora a embalagem do iogurte e coloco a colher na pia. São oito e quinze. Hora de ir para o ponto de ônibus. Embora esteja ridiculamente frio. Embora eu tenha certeza de que meus dedos vão me odiar para sempre.

Fora que ele nunca me ouviu cantar e vai terminar comigo.

Dou risada.

Bram vai terminar com você quando te ouvir cantar?

Aham, escreve Simon.

Já estou vendo tudo: meu amigo andando de um lado para outro nos bastidores, uma pilha de nervos ambulante, o figurino ainda pela metade. As apresentações na escola tecnicamente são ensaios com figurino, mas todo mundo mata aula para assistir. Como os alunos do último ano não precisam ir às aulas do primeiro tempo, quero chegar

cedo lá para pegar um lugar na frente e tietar Simon e Nick. Mas, como sempre, meu ônibus está atrasado. É assim toda vez que faz frio.

Sério que ele nunca ouviu você cantar?, escrevo.

EU NÃO CANTO. E, sem perder tempo, acrescenta: Mas, falando sério, e se a minha voz falhar e todo mundo jogar tomates em mim, e tiverem que me tirar do palco??

Fica tranquilo. Se isso acontecer, escrevo, vou filmar tudo.

* * *

Nora está esperando por mim quando desço do ônibus.

— Finalmente! O que vai fazer agora? — pergunta ela, aflita.

Nunca a vi tão apavorada, e isso inclui a vez em que um elegante Simon de onze anos de idade fez brownies no formato de cocô e então os comeu bem na nossa frente.

— O que está acontecendo? — pergunto.

— Martin está gripado — responde ela, lentamente, como se não conseguisse acreditar no que estava dizendo.

— Beleza. Nada de trocar beijos apaixonados com o Martin — falo, mas ela não parece ter ouvido.

— Ele vai ficar em casa e descansar a voz para amanhã, mas agora não temos um Rubem, e temos que começar a peça, tipo, agora. Por isso, eu estava aqui pensando...

— Não vou fazer o Rubem.

— Ok.

Ela cerra os lábios.

— Sou a pior cantora do mundo, Nora. Você sabe disso.

— É, eu sei. Não estou... ai. — Nora dá uma risadinha nervosa. — Então. Cal vai substituir o Martin. Eu vou ficar no lugar do Cal, e preciso que você seja eu.

— Que eu seja você?

— Assistente do diretor de palco.

— Ah. — Não sei o que dizer. — O que eu vou ter que fazer?

Nora dispara em direção ao auditório, num frenesi inesperado, e tenho que correr para alcançá-la.

— Certo, vamos lá: eu vou ficar com o headset dando as deixas — diz ela. — Então preciso que você fique de olho nos atores e se certifique de que todo mundo esteja onde precisa estar, e que ajude a mover os cenários, e basicamente resolva qualquer problema ou urgência que surgir. Você pode fazer isso, não pode? É só gritar com as pessoas. Você vai se sair muito bem.

— Hein?

— Mas... — Nora para de repente e me examina de cima a baixo. — Droga. Você tem alguma roupa preta? Ou azul-marinho? Tipo um

moletom com capuz ou algo assim?

— Eu... não comigo, aqui na escola.

Avalio o que estou usando: vestido verde-menta, cardigã verde-escuro, meia-calça cinza e coturno dourado. Afinal, que outra roupa eu usaria no Dia de São Patrício?

— Tudo bem. — Nora esfrega o rosto, inquieta. — Tudo bem, vou encontrar alguma coisa. Por enquanto, vá para os bastidores, alguém vai passar as orientações. Muito obrigada mesmo por aceitar.

É neste momento que me pergunto se realmente topei entrar nessa furada. Mas Nora sai correndo pelo corredor, e, quando dou por mim, estou em frente à porta que dá para os bastidores. Então é isso. Assistente do diretor de palco. Acho que é isso, então.

Eu me esgueiro lá para dentro, e o que encontro é um verdadeiro caos. Não sei, talvez Cal secretamente seja um tirano rígido e centralizador, porque as coisas parecem ter desandado sem ele no controle. Há alguns alunos brincando de luta e fazendo as bengalas dos pastores de espada; dois ismaelitas cabeludos estão se agarrando em meio às cortinas, e Taylor está sentada no chão, com os olhos fechados. Deve estar meditando, só pode.

Espio entre as cortinas e avisto um mar de alunos sonolentos. Logo vejo meu esquadrão de ataque na primeira fila: Bram, Garrett, Morgan e Anna. Há um assento vazio no meio — claramente para mim —, e isso por alguma razão me deixa comovida.

— Ei. — Nora aparece e me entrega uma peça de roupa. — É do Garrett, então vai cobrir a maior parte do seu vestido. Talvez esteja com um cheiro meio esquisito, desculpa.

Desdobro a peça lentamente, a uma distância segura. É um moletom azul-marinho, com as letras I, T e G bordadas no peito. Um moletom do Instituto de Tecnologia da Geórgia. Quem diria, não é mesmo? Mas Garrett é alto e grande, por isso o casaco realmente cabe em mim, e Nora tinha razão... tem um cheiro peculiar. Mas não ruim. É o mesmo aroma do desodorante Old Spice que Garrett usa. Eu me sinto uma cheerleader dos anos 1950, usando a jaqueta do namorado para mostrar que “tem dono”.

Tento não pensar nisso e abro caminho pela confusão generalizada dos bastidores, logo atrás de Nora, que de algum modo se tornou a Nora Decidida e Impiedosa bem diante dos meus olhos. Ela sempre foi a fofura em pessoa, mas uau, agora está lançando olhares mortais para todo lado, gritando com os atores, dando ordens, e as pessoas estão realmente começando a se organizar. Nora se senta na mesa de Cal, na lateral do palco, coloca os fones de ouvido e folheia o fichário com as anotações dele. Eu a observo por um momento, então me acomodo na mesa de apoio, que está uma zona completa. Há óculos de sol, algemas e todo tipo de utensílio espalhados no chão. Pego tudo e

coloco na mesa.

— Cinco minutos, pessoal! — grita a sra. Albright, enfiando a cabeça pela cortina.

Simon aparece ao meu lado na coxia.

— Leah, que moleto é esse?

— É do Garrett — respondo. Ele arregala os olhos. — Ai. Para. Não é nada disso que você está pensando. Sua irmã que me obrigou a usar.

— Nada mais faz sentido.

— Deixa isso pra lá, depois eu explico. — Abro um sorriso. — Está se sentindo melhor?

Ele balança a cabeça.

— Não.

— Ei. Você vai arrasar, ok?

Ele me encara um pouco desconcertado, como se não acreditasse que eu tinha acabado de dizer aquilo. Gente, sou tão fria assim mesmo? Como meu melhor amigo não sabe que o adoro? Bem, talvez eu não diga isso com muita frequência. Não ando por aí me declarando e fazendo discursinhos apaixonados e comoventes sobre meu amor profundo e sincero pelos meus amigos. Não sou a Abby. Mas, para mim, Simon sempre soube que mora em meu coração. Como não saberia? Eu passei a maior parte do fundamental apaixonadinha por ele. É verdade. Aquelas camisetas de lobo? Ele ficava gatinho de um jeito bem estranho, mas ainda assim gatinho.

Ele pisca, confuso, e ajeita os óculos, então abre um daqueles “sorrisos do Simon”, e seu rosto se ilumina.

— Eu te amo, Leah.

— Tá, tá.

— Também te amo, Simon — acrescenta ele, com uma voz fininha.

— Também te amo, Simon — repito, revirando os olhos.

— *Simeão* — corrige ele.

E a música de abertura começa.

* * *

Cal Price. Táí uma pessoa que não nasceu para atuar.

Felizmente, ele decorou todas as falas da peça, mas seu Rubem parece um velho entediado e de fala mansa. Ele também canta bem mal — daquele jeito que você não sabe se ri, se chora ou se apenas sente muita vergonha alheia. Mas, apesar de tudo, ele é tão fofo e tímido no palco que dá vontade de apertar as bochechas dele. Cal é a personificação de uma apresentação de fim de ano do jardim de infância. Nota zero para talento, mas dez para fofura.

De qualquer forma, não é a melhor performance do elenco, mas também não é de todo ruim. Taylor está incrível, a voz de Simon não

falha, e confesso: Nick está muito gato com aquele “deslumbrante manto de mil cores”.

Quando o ensaio termina, puxo Simon e o surpreendo com um abraço.

— Você foi perfeito — falo, e meu amigo fica ruborizado de verdade. Ele segura minhas mãos e olha para mim, sorrindo.

— Você é uma amiga muito incrível — diz ele, de um jeito tão doce e sincero que me pega desprevenida.

Os atores vão direto para os camarins para trocar de roupa — eles não podem passar o dia com os figurinos. Cal, no entanto, se aproxima de Nora, que tira os fones do ouvido e o abraça. E é um abraço e tanto: corpos colados, sem espaço entre eles, Cal sussurrando alguma coisa no ouvido dela. Acho que eles não repararam que estou observando a cena. Quando Cal finalmente se afasta, apoio os cotovelos na mesa de Nora e dou um sorrisinho.

— Então... Você e Cal, hein.

— Nem vem.

— Mas foi tão fofo!

— Não teve nada de fofo. Não viaja.

— Tá bom, mas fiquei arrepiada só de ver aquele abraço.

— Leah!

— Estou só comentando, ué.

Ela solta um gemido e cobre o rosto, mas vejo que está sorrindo.

— Oi. — Sinto alguém chutando de leve meu sapato. Bram. — Vamos almoçar em algum lugar fora do campus. Querem vir?

Nora balança a cabeça.

— Não posso. Temos outra apresentação em quarenta e cinco minutos.

— Ah, tá.

— Quem vai?

— Só Garrett, Morgan, Anna e eu.

— Vai lá, Leah! — diz Nora.

— Não vou deixar vocês na mão.

Ela sorri.

— Você não vai deixar ninguém na mão. Cal foi rebaixado de novo a diretor de palco.

— Ué, e quem vai fazer o Rubem?

— A sra. Albright.

— Ela vai ficar ótima de barba.

Bram nos observa com um sorriso tímido.

— Então, você vem? — pergunta ele.

— Hã... acho que sim.

Mordo o lábio e entrelaço as mãos, me sentindo subitamente pequena no moletom de Garrett. Mais uma vez aquela sensação de *ser*

namorada de alguém — não que isso já tenha me acontecido, mas imagino que esse seja o sentimento, como se de repente eu fosse uma coisinha pequena e preciosa. Não consigo decidir se sinto nojo disso, ou se apenas *acho* que deveria sentir.

Como Simon e o restante do elenco ainda estão nos camarins, me despeço de Nora e vou com Bram para o lado de fora. Anna está sentada no parapeito e Garrett gesticula enfaticamente para Morgan, mas abre um sorriso quando olha para mim. Quando Bram e eu nos aproximamos, ele dá uma puxadinha na manga do meu casaco.

— Uau, acho que temos uma fã do Instituto de Tecnologia aqui.

— Ridículo — falo, rindo. Então me ocorre que não há absolutamente nenhuma razão para eu ainda estar usando o moletom de Garrett Laughlin. — Acho que você quer de volta, né?

— Mas deu certinho em você — diz ele.

— Hum.

Ele fica um pouquinho vermelho e engole em seco.

— Quer dizer, ficou legal em você.

Estreito os olhos.

— Ficou?

— Aham.

Tiro o moletom e o devolvo a ele.

— Que pena, porque já cansei dele — brinco. Ele pega a peça e sorri para mim.

Preciso admitir que Garrett não é horroroso, com seus olhos azuis bem claros, cabelo louro e só um pouquinho de sardas no nariz. Só um pouquinho, não como eu, que tenho as bochechas tomadas por elas. Garrett é bonitinho e surpreendentemente fofo, e agora só consigo pensar que ele toca piano. É engraçado... seus dedos não são de pianista. São longos, mas meio grossos, e neste exato momento apertam o moletom como se estivessem tentando sufocar a peça.

— Que foi? — pergunta, meio nervoso.

Ergo os olhos.

— Nada, não.

Bram pigarreia.

— Então, queremos ir ao Rio Bravo?

— Sim, por favor! — diz Garrett, mas então olha de relance para mim. — Tudo bem por você?

— Claro.

— Vamos lá, então. Eu dirijo.

Morgan passa o braço pelo meu, eu passo o meu pelo de Anna, e, olha, me sinto muito sortuda. Amo de paixão Simon, Nick e os outros caras, mas há algo especial na minha relação com elas. As duas me *entendem*. Não estou dizendo que concordamos em tudo: Morgan gosta de ver animes dublados, o que é basicamente um crime, e Anna disse

que o Darien, de *Sailor Moon*, era “nada de mais”. Mas, em outras ocasiões, é como se lêsemos a mente umas das outras. Por exemplo: se durante um ensaio a Taylor dá uma de diva, o que acontece com frequência, nossos cérebros na mesma hora se comunicam com um revirar de olhos cósmico e secreto. No sétimo ano, passamos uma semana tentando convencer as pessoas de que éramos irmãs, embora Anna tenha ascendência chinesa, Morgan seja judia e eu tenha o dobro do peso delas.

Mas o que realmente importa é que as duas sempre me apoiam. E vice-versa. Quando Anna pegou gastroenterite no ano passado, Morgan e eu reencenamos a briga no refeitório que ela perdeu. No sétimo ano, desenhei cinquenta e seis cartazes para ajudar no protesto de Morgan contra a peça racista que a escola exibiu no feriado de Ação de Graças. E quando Simon e Nick desapareceram na terra dos namorados e namoradas, Morgan e Anna continuaram ao meu lado, com os mesmos comentários sarcásticos e maldosos de sempre. Elas são as melhores amigas do mundo. Mesmo que gostem de Journey.

— Leah, cadê sua mochila? — pergunta Morgan, de repente.

— No meu armário?

— Você não tem que pegar?

— A gente não vai... voltar?

Aqui vai uma confissão: nunca matei aula de verdade. Quer dizer, no ano passado teve uma semana em que fiquei meio de saco cheio de Simon e Nick e devo ter passado algumas aulas na sala de música, mas nunca saí do espaço da escola. Eu sei, eu sei, todo mundo mata aula, mas não gosto da ideia de me meter em encrenca. Em parte porque não quero pôr em risco minha bolsa de estudos para a faculdade, mas também porque... não sei. Talvez eu seja só uma nerd ridícula.

— Leah, está tudo bem, viu? — diz Morgan. — Já fiz isso antes. Até Bram já matou aula.

Eu olho para ele, que dá um sorrisinho envergonhado.

Bem, se vou matar aula, hoje é o dia perfeito. Os professores vão presumir que não fui à terceira e à quarta aulas porque fiquei ajudando na peça. Pensando bem, eu realmente *teria* faltado às aulas se Nora ainda precisasse de mim e se Cal não tivesse sido o desastre adorável que foi no palco.

— Você está bem? — pergunta Morgan. Faço que sim. — Ótimo, vamos lá, então.

Morgan dirige um Jetta reluzente e elegante com bancos cheirando a novo. Foi um presente dos pais no seu aniversário de dezoito anos e veio equipado com GPS, rádio por satélite e uma telinha conectada à câmera traseira. E, claro, já tem um adesivo da Universidade da Geórgia no vidro de trás.

Vou no banco da frente, embora Garrett tenha quase um metro e

noventa, o que não foi muito legal da minha parte, admito, mas ele nem se abala. No banco de trás, ele se inclina para a frente, cada mão apoiada em um banco. Meu cabelo está quase cobrindo o braço dele, e concluo que às vezes Garrett escolhe a posição mais constrangedora possível e é isso aí.

— Leah, só sorria e acene para o segurança — explica ele. — Você tem que agir como se tivesse permissão para sair a qualquer hora.

— Garrett, os alunos do último ano *têm* permissão para sair a qualquer hora.

— Sério?

Ele parece bem surpreso.

Morgan segue devagar rumo à saída. Ela parece um alienígena apavorado que acabou de chegar a um novo planeta, dirigindo tão devagar que praticamente se arrasta, e cada sinal e placa de PARE parece surpreendê-la. Ligo o rádio, e uma música folk depressiva que não reconheço inunda o carro. Até que gostei. Gostei muito. Ela consegue ser ao mesmo tempo doce e sofrida, e a cantora parece *sentir* a música de verdade.

— É de quem? — pergunto.

Mais à frente, o sinal fica vermelho, e Morgan vai parando o carro bem devagar. Bem devagar mesmo.

— Da Rebecca Loebe. Minha nova música favorita.

Considerando que a música favorita dela ontem era “Don’t Stop Believin’”, acho que presenciamos “a maior evolução da história da música”.

— Morgan, você acaba de se redimir oficialmente.

Estacionamos e saímos todos do carro. Ao entrarmos no restaurante, endireito a coluna e levanto a cabeça. Sei que ninguém está nem aí para o que faço ou deixo de fazer, mas não quero parecer mais uma adolescente matando aula — embora isso seja exatamente o que sou. A recepcionista nos conduz até uma mesa grande nos fundos, e um garçom aparece na mesma hora trazendo um potinho com amendoim e já anotando nossos pedidos de bebida. Garrett se inclina na minha direção.

— Deixa eu adivinhar... Coca.

— Talvez — falo, sorrindo, e Bram e Anna se entreolham.

— Ela vai tomar uma Coca — anuncia Garrett.

— Oi, dá licença? Posso pedir por mim mesma. — Abro um sorriso para o garçom. — Vou querer uma Coca.

Não era uma piada, mas todo mundo ri, até Garrett.

— Você é engraçada, Burke — diz ele.

Fico vermelha e me viro para Morgan.

— Vem cá... você está pensando em ir àquela visita guiada ao campus da Universidade da Geórgia e àquelas palestras que eles vão

fazer?

Morgan sorri.

— Ia perguntar isso agora mesmo. Pois é, Abby e eu estávamos conversando sobre isso, e pensamos que talvez nós três pudéssemos ir juntas lá, durante o recesso de primavera. Ela já chegou a falar com você?

Ah. Então era isso que Abby queria falar comigo no outro dia, o que ela meio que queria me pedir. Engulo em seco.

— Com certeza seus pais vão querer ir com você, Morgan.

— Eu sei. Mas posso ir duas vezes, não tem problema.

— Vocês duas e Abby? — pergunta Anna. — Desde quando vocês são amigas dela?

Morgan parece confusa.

— Sempre fomos amigas dela.

— Tá, mas não do tipo “três melhores amigas fazendo uma road trip no recesso de primavera” — comenta Anna, revirando os olhos.

Fico tensa, sem saber o que dizer. Anna nunca reage muito bem quando falamos de faculdade e coisas do tipo. Por um lado, é compreensível: ela se sente excluída. Mas, por outro, acho que ela nem chegou a se inscrever na Universidade da Geórgia, porque é obcecada pela Duke desde o segundo ano.

— Anna Banana, ninguém vai tomar o seu lugar — falo.

Ela torce o nariz.

— Vocês tinham mesmo que ficar amigas da garota com um nome de quatro letras que começa com A?

— Mas ela não é você — diz Morgan, dando um abraço em Anna.

E é verdade. Abby jamais faria parte de nosso grupo. Talvez um dia eu tenha cogitado a possibilidade. É o seguinte: logo depois que ela se mudou para cá, nós duas não nos desgradávamos. Tipo, *mesmo*. A ponto de os olhinhos da minha mãe começarem a brilhar e ela me encher de perguntas. E ela estava redondamente enganada. Antes de mais nada, Abby é hétero até dizer chega. É bem constrangedor. Ela assistiu a todos os episódios de *Sailor Moon* e jurava que Haruka e Michiru eram apenas boas amigas. Provavelmente acha que as músicas do Troye Sivan são sobre garotas também.

Enfim. Abby é a última coisa em que preciso pensar agora.

— Então, o que vamos fazer depois daqui? — pergunto, encarando o pote de amendoim.

— Bem, tenho um projeto — diz Bram.

— Que tipo de projeto?

Ele fica vermelho e dá um sorrisinho.

— Estou meio que bolando um convite especial para o baile.

Uma hora e meia depois, estamos na casa de Morgan, e ela, Anna e Garrett estão vendo anime na sala enquanto eu e Bram comemos marshmallow com calda de chocolate na mesa da cozinha.

— Então, você me inspirou — diz ele.

— Eu?

Ele indica meu celular com a cabeça.

— Por causa daquela foto que me mostrou.

— Por acaso você vai fazer um convite com o tema “Bat Mitzvah da Morgan”? Porque seria épico.

— Boa ideia. — Ele sorri. — Mas não. Quer dizer, não sei. Acho que preciso alugar seu cérebro por um instante.

— Para fazer o quê?

— Preciso que você me conte todas as histórias constrangedoras do Simon.

Ele morde um marshmallow, e um pedacinho gruda em seu lábio.

— Você sabe que posso ficar a noite toda aqui falando, né?

Ele ri.

— Estou aqui para isso.

— Vou pegar mais marshmallows — diz Bram. — Quer?

— Precisa nem perguntar. — Apoio o queixo nas mãos. — Muito bem. Então, sobre Simon.

— Simon.

Sinto um aperto no peito, porque Bram pronuncia o nome de Simon com todo o cuidado, como se fosse algo precioso. É muito fofo, mas... uau. Às vezes isso me dá uma invejinha, sabe? Não de Simon e Bram especificamente, mas de casais em geral, e não só por causa dos beijos e da pegação. Estou me referindo a... se coloque no lugar de Simon. Imagine passar cada minuto do dia com a certeza de que alguém está pensando em você. Essa deve ser a melhor parte de estar apaixonado — a sensação de ter um lar na mente de outra pessoa.

Enfim.

— Você já viu a foto dele de short jeans, certo? — pergunto.

— A que fica em cima da lareira? — retruca ele, sorrindo para mim do outro lado da cozinha.

— Isso. Você já ouviu a história de quando ele vomitou na mão de cera?

— Ele já me contou essa.

— É, acho que ele tem orgulho dessa. — Franzo a testa. — Hummm... Gente, não devia ser tão difícil lembrar de histórias constrangedoras do Simon.

— Pois é — concorda Bram.

O micro-ondas apita, e espero um pouco até ele pegar o chocolate derretido e passar no marshmallow, o que faz com toda a paciência do mundo. Só Bram mesmo para ser tão metódico até com

marshmallows. Depois ele os coloca na mesa, e estou prestes a pegar um quando de repente me lembro de algo.

— Vem cá, você sabe do lance dele com *Simplemente Amor*?

— Sei que os pais dele o obrigam a ver esse filme todo Natal, e ele odeia.

— Então. Ele *não* odeia.

Dou uma mordida gigante no marshmallow e faço meu olhar mais inocente.

— Acho que tem uma história aí — diz Bram, rindo.

— Ah, com certeza. E Simon escreveu a história, para ser mais exata.

Bram está prestes a comentar algo, mas Garrett o interrompe.

— Ei, Burke. Uma pergunta. Estou organizando o esquema de amanhã.

— Amanhã?

— A peça — grita Morgan, sentada na poltrona.

— Ah, é mesmo.

— Você vai? — pergunta Garrett.

— Estou querendo.

Bram e Garrett se entreolham, seja lá o que isso significa.

— Quer ir com a gente? — pergunta Bram. — Vamos chegar lá cedo para pegar bons lugares.

— Ou seja, Bram quer ter uma visão privilegiada da bunda do namorado — brinca Garrett.

Bram balança a cabeça, sorrindo.

— A gente pode sair para comer alguma coisa antes — acrescenta Garrett.

— Pode ser.

— Pode ser? Leah. *Leah*.

Garrett balança a cabeça. Forço um sorriso gigante.

— Ai, meu Deus, mal posso esperar!

— Melhor assim — diz ele, e afunda no sofá.

* * *

Já em casa, a peça é a menor das minhas preocupações. Desabo no sofá com uma Coca, me sentindo inquieta, agitada. Não consigo parar de pensar no que Morgan disse mais cedo: Abby quer ir à visita guiada na Universidade da Geórgia com a gente. Não é algo tão absurdo assim. Tecnicamente, somos amigas, mas devem ter umas cem pessoas da escola inscritas na Universidade da Geórgia, e Abby é amiga de todas elas. Ela é amiga de todo mundo, por isso é meio surpreendente que queira ir com a gente.

Meu celular vibra em cima da mesa, e meu coração dá um pulo.

Garrett. Ah.

Oi que bom que você vai à peça amanhã, vai ser bem divertido.

Eu me jogo de volta no sofá e fico encarando a tela. Garrett às vezes faz isso, manda mensagens do nada, sem dar muita abertura para conversa, só uma declaração e pronto, e nunca sei como responder. Sendo bem honesta, às vezes acho que o Garrett gosta de mim, mas deve ser coisa da minha cabeça — ele só deve ser esquisito mesmo. Mesmo assim...

Eu também!, começo a digitar, mas desisto, porque ficou parecendo que na verdade eu quis dizer AI MEU DEUS GARRETT AMO VC POR FAVOR ME BEIJA. Encaro a tela mais um pouco, digito a mesma coisa sem o ponto de exclamação e apago mais uma vez, até finalmente desistir e começar a assistir *Fruits Basket*. Pois é. Caos ambulante, seu nome é Leah Burke. Não consigo nem escrever uma mensagem de duas palavras sem surtar. E olha que nem gosto do garoto. Se gostasse, a esta altura já estaria morta. *Motivo: esquisitice aguda*.

Preciso de uma distração. Só ver TV não está dando conta, então abro uma fanfic aleatória no celular e vou para o quarto. Nunca leio fanfic Drarry na sala, nem mesmo quando minha mãe não está em casa. Sei que isso pode soar pervertido, mas Drarry pertence ao meu quarto.

Ainda assim, não consigo me concentrar. Não é culpa da fanfic — ela é bem escrita, e Draco Malfoy é mordaz e malicioso, o que é revigorante. Odeio quando os autores fazem um Draco fofo. Desculpa, gente, mas Draco é difícil. Eu sei, ele é uma manteiga derretida por dentro, mas a pessoa precisa *conquistar* o direito de conhecer esse lado dele.

Acho que, de certa forma, sou assim também.

Fecho a fanfic e coloco o celular para carregar, não sem antes dar uma sacudida nele, porque meu telefone é uma bosta. Abro o Spotify e entro na minha página no Tumblr para dar uma olhada em meus desenhos. Seria bom postar um novo, ou até mesmo um antigo que não seja muito ruim. Tenho fotos de vários salvos no celular, em sua maioria de personagens que eu shippo se beijando: Inej e Nina, Percabeth, uns poucos personagens originais, e alguns de meus amigos — não que eu planeje mostrar isso para alguém. Só fiz isso uma vez. Um erro gigantesco.

Dou uma olhada rápida nas fotos e paro em um esboço a lápis de Bellatrix Lestrange. Não é a ilustração mais bem-acabada que já fiz, mas por algum motivo amo a expressão da personagem. E não estou nem aí para a qualidade do desenho, já que minha página no Tumblr é anônima. Se as pessoas me consideram uma artista de merda, tudo bem. Pelo menos não sabem quem está atrás da tela.



NÃO VEJO MORGAN na escola no dia seguinte, e ela não responde às minhas mensagens.

— Que coisa estranha — comento com Anna no almoço. Somos as primeiras a sentar à mesa. — Aconteceu alguma coisa?

Ela morde o lábio, sem jeito, e tenho quase certeza de que está evitando olhar para mim.

— O que foi? Ela está chateada comigo?

— Não, não é isso — diz Anna, hesitante. — Acho que ela ainda está processando o que aconteceu.

— Como assim?

Anna finalmente me encara.

— Ela não te contou?

— Ela não responde às minhas mensagens...

Anna se recosta na cadeira.

— Então... Ela recebeu a resposta ontem.

— Da Universidade da Geórgia?

Anna faz que sim, e algo em sua expressão faz meu coração se despedaçar.

— Ela não entrou — deduzo.

— Não.

— Está na lista de espera?

— Não.

— Não é possível — falo, perplexa.

Anna balança a cabeça.

— Mas todo mundo da família dela foi para lá — continuo.

— Eu sei.

— Ai, ela deve estar arrasada. Como ela pode não ter entrado?

— Não sei. Ninguém entendeu nada. — Anna suspira e puxa as pontas do cabelo. — Talvez as notas dela nas provas de admissão não tenham sido muito boas? Essa notícia acabou com o meu dia... Morgan deve estar em choque. Sem contar que os pais dela simplesmente surtaram. Tipo, estão ligando para a faculdade e tudo, ameaçando retirar as doações, essas coisas.

— Nossa.

— Vou passar na casa dela depois da escola — diz Anna.

— Vou com você.

— É... — diz ela, reticente. — Não sei se é a melhor ideia...

— Ela não quer me ver? — Anna não responde. Fico vermelha. — Ela disse isso?

— Não sei. Ai, desculpa, Leah. Essa situação é horrível!

— Deixa pra lá. Está tudo bem. — Eu me levanto em um rompante. — Vou comer no pátio.

— Ela está muito chateada agora, mas vai passar. Não leva para o lado pessoal.

Só eu odeio quando as pessoas dizem isso? *Não leva para o lado pessoal, Leah.* Morgan faltou à aula para evitar você, mas é claro que não é pessoal. Sério. Sei que sou uma imbecil e deveria ter um pouco de empatia pela dor da minha amiga, mas esse tipo de atitude me magoa.

— Leah, não tem nada a ver com você. Ela só está decepcionada — diz Anna. — E provavelmente constrangida.

— Eu sei. — Falo mais alto do que pretendia, e um casal do primeiro ano se vira para ver o que está acontecendo. Baixo a voz. — Sei que não tem nada a ver comigo.

— Que bom que você sabe.

— Só queria dar uma força para a Morgan, entende?

Anna se inclina para a frente.

— Eu entendo, Leah, mas acho que sua presença não vai fazer a Morgan se sentir melhor. É claro que você não tem culpa por ter sido aceita, e ela, não. Tenho certeza de que Morgan sabe disso, mas ainda assim vai parecer que você está esfregando sua conquista na cara dela.

— Não vou esfregar nada na cara dela.

— Sei que não vai — continua Anna. — Não de propósito. Mas ia ficar parecendo que foi isso, entende?

Meu rosto está ardendo.

— Tudo bem. Vou dar espaço a ela, então.

Anna dá um empurrãozinho em meu pé.

— Sei que você está preocupada com ela. Vou fazer de tudo para que Morgan fique bem.

Dou de ombros.

— Faz o que você quiser.

* * *

É isso. Agora está tudo esquisito. Eu me sinto a pior pessoa do mundo por não falar com a Morgan — embora Anna tenha deixado claro que eu não deveria fazer isso. Só que não paro de imaginá-la enfurnada em casa, cercada por desenhos de buldogues e por objetos vermelhos e pretos. Ela deve estar à beira de um ataque de nervos, o que compreendo perfeitamente. Quero dizer, nunca fui rejeitada por uma universidade, mas sei muito bem como é não se sentir boa o bastante.

Não me entendam mal. Sei que o foco aqui não sou eu, tanto que ignorei por completo o papo sobre a visita iminente à universidade, e nem sei se Abby ainda vai querer ir comigo, agora que Morgan não vai.

— Leah — sussurra Simon, me cutucando.

Volto subitamente à Terra. A sra. Livingstone está me fuzilando com o olhar.

— Presumo que você esteja profundamente concentrada pensando na Revolução Francesa, srta. Burke. Pode aproveitar e nos falar um pouco a respeito?

Sinto o rosto queimar.

— Claro. Eu... Hã...

Ai, meu Deus. A mulher sabe que sou uma farsa. *Nossa, sim, é claro que eu posso falar horas sobre a Revolução Francesa, e não sobre a viagem com Abby Suso. Não que eu esteja pensando em viajar com Abby Suso.*

— Thomas Jefferson ajudou o Marquês de La Fayette a rascunhar uma declaração — diz Simon em um rompante.

— Sr. Spier, decorar a trilha sonora de *Hamilton* não vai ajudá-lo a se sair bem na prova.

Ouçó vários alunos abafando o riso. A professora balança a cabeça, decepcionada, e chama outra pessoa. Chuto o pé de Simon e, quando ele levanta a cabeça, sorrio e digo:

— Obrigada.

— Sem problemas — responde ele, sorrindo também.



— ENTÃO VAMOS FALAR sobre *Simplemente Amor* — diz Bram.

Garrett finalmente desgrudou um pouco da gente e foi dar uma olhada no balcão de sobremesas, que na verdade é o único balcão do lugar, porque estamos no Henri's, uma confeitaria. Apenas aceitem: cupcake se come no jantar e ponto final!

Olho de relance para trás, para me certificar de que Garrett está entretido o suficiente com as tortas e os donuts cheios de cobertura.

— É o seguinte — falo para Bram. — Há chances reais de Simon me matar se souber que te contei isso.

— Realmente, ele é muito reservado — diz Bram, e abrimos um sorriso, porque Simon Spier deve ser a pessoa menos reservada do planeta.

— Enfim. Eu só fui saber disso no ano passado, e, *ao que parece...* — Faço uma pausa para dar uma mordida no cupcake. — Ao que parece, nosso querido Simon Spier escreveu uma fanfic de *Simplemente Amor*.

Os olhos de Bram se iluminam.

— Uau.

— E tenho muitas razões para acreditar que ela foi publicada no fanfiction.net.

— Sério? — pergunta, chocado.

— Mas ele não contou que pseudônimo usou.

— Aposto que é fácil descobrir. — Bram já está pegando o celular.

— Fanfiction.org?

— Fanfiction.net.

— Vamos lá.

Ele fica em silêncio por um momento, rolando a tela.

— Acho que tinham umas cem fanfics sobre isso no site. Abby e eu conseguimos reduzir esse número a quinze.

— Ah, então você já vem trabalhando nisso.

— Passei semanas pesquisando, Bram. *Semanas*.

* * *

Penúltimo ano. Abby tinha chegado à cidade fazia pouco tempo.

Fizemos uma festa do pijama na casa de Morgan, e a mãe dela havia enxotado os meninos para o quarto de hóspedes, depois de uma rodada reveladora de Verdade ou Consequência. Morgan e Anna logo

pegaram no sono, mas Abby se deitou ao meu lado no chão e sussurrou:

— Leah, temos que descobrir.

Ela estava meio bêbada, e de certa forma eu também, por osmose. Peguei o celular e abri a lista de histórias baseadas em *Simplemente Amor*.

— Começamos pela primeira mesmo?

— Ou podíamos buscar as fanfics eróticas protagonizadas pela personagem da Keira Knightley — disse Abby.

Eu ri.

— As eróticas?

— É.

— As não eróticas não servem?

— Eu leria todas — disse ela. — Essa aqui, por exemplo.

E, assim, iniciamos nossa busca desenfreada. Descartamos na mesma hora as fanfics cheias de erros gramaticais ou que mostrassem um conhecimento muito técnico sobre sexo.

— Sem chance — insisti. — Aposto um milhão de dólares que Simon Spier não faz ideia do que é um períneo.

— Concordo — disse Abby, passando para a seguinte.

Sempre achei algo tão íntimo tocar a tela do celular de outra pessoa. Ela abriu a próxima história. Era esquisito. Depois que descobrimos que Simon tinha escrito uma delas, comecei a achar que ele poderia ter escrito *qualquer* uma. Ou todas. Usando noventa pseudônimos diferentes. Talvez fosse isso que ele estava fazendo quando dizia que precisava checar seus e-mails: fanfics eróticas.

Abby se mexeu um pouco, e o corpo dela encostou no meu. E de repente perdi o dom da fala.

* * *

— É essa — diz Bram, me trazendo subitamente de volta ao presente. Ele me entrega o celular.

— Não, você não achou a fanfic secreta de Simon Spier em cinco minutos.

— Achei. — Ele sorri. — Tenho cem por cento de certeza.

— “All I Want for Christmas is You”, escrita por youwontbutyoumight. Como você sabe que é ele?

— Bem, antes de mais nada, por causa do pseudônimo.

— Não entendi.

— *You won't, but you might*. É uma letra do Elliot Smith. Essa é a primeira pista.

Puxo o celular de Bram e leio a sinopse.

— “Sam/Joaquim (personagem semioriginal)”. Hum.

— Continua lendo.

— Personagem masculino original em grande parte baseado em Joanna. Só uma história de amor boba entre dois homens que reconta a cena do show de talentos na escola. Emoji sorrindo. — Olho para Bram e abro um sorriso. — Ai, meu Deus, que fofa! Simon ainda engatinhado como gay e já escrevendo a fanfic mais gay do mundo. Amo.

Bram sorri.

— É perfeito.

— Como Abby e eu deixamos isso escapar?

— Vocês já sabiam que ele era gay nessa época?

— Não. É verdade... Isso foi antes de toda a história com o Martin. Acho que não estávamos atrás da fanfic mais gay da lista.

— E essa nem é a mais gay — retruca Bram.

— Voltei, senhoras e senhores — anuncia Garrett, e Bram e eu erguemos os olhos, pegos de surpresa. Garrett se senta conosco e coloca uma caixa de bolo na mesa. — Deem uma olhada.

Bram abre a embalagem, e o que encontramos é um bolo extravagante, com bolinhas e flores decorativas, exibindo uma mensagem cuidadosamente desenhada no centro:

*love
R*

— Você comprou um bolo para Simon e Nick? — pergunta Bram.

— Comprei! Adoro os dois.

— Que bonitinho, Garrett — falo.

— Obrigado, Burke. Que bom que você gostou.

— Então, nada de *parabéns* ou algo parecido. Só, tipo... os nomes deles.

— Isso, mas reparem só o R — diz Garrett, olhando com expectativa para mim e para Bram. — É incrível, não é? Eu que pensei em tudo.

— É incrível mesmo — concordo.

Bram só ergue as sobrancelhas e sorri.

* * *

Acrescente isto à lista de coisas que nunca mais vou fazer: me sentar na primeira fila de uma peça.

Contato visual. Muito contato visual.

Simon diz que, assim que as cortinas se abrem, a plateia se torna um borrão escuro e indefinido, mas talvez a primeira fila seja exceção à regra, porque juro que Taylor acaba de passar quarenta e cinco

minutos me encarando.

Ainda assim, a peça foi incrível, mesmo com Martin Addison de volta ao elenco. Ou talvez porque Martin Addison estava de volta ao elenco, por mais que eu odeie admitir isso. Detesto quando canalhas têm talento. Quero viver em um mundo onde pessoas boas se dão bem e os babacas se dão mal. Ou seja: quero que Martin Addison esqueça as falas e que desafine em todas as músicas.

A peça termina e vamos para o saguão esperar por nossos amigos. Garrett se aproxima, hesitante, com o bolo nas mãos, o cabelo louro amassado embaixo do boné.

— Nossa, o Eisner canta muito mesmo, hein?

Por alguma razão, isso me deixa sem graça.

— Pois é.

O lugar está lotado de pais e mães, buquês de flores à espera dos rebentos. Avisto a família de Simon um pouco mais à frente, com dois buquês.

— Até a Alice veio! — falo.

— Ela está no recesso de primavera — explica Bram.

Quero ser exatamente igual a Alice Spier quando estiver na faculdade. Ela é inteligente e fofa, com seus óculos hipster e seu ar maduro e intelectual. *Talvez* eu tenha tido uma quedinha por ela no sexto ano, antes de desenvolver uma crush mais intensa pelo irmão fofo e pateta da família.

Garrett me dá uma cutucadinha.

— Burke, então... Acho que você vai precisar de uma carona para casa, né?

— Hã... Acho que sim.

— Tranquilo. Deixa comigo.

De repente sinto o corpo pesado, a língua presa, uma sensação estranha.

— Obrigada — falo, com dificuldade.

Ontem, foi o moleto. Hoje, ele vai me levar em casa. É como se o universo estivesse tentando transformá-lo em meu namorado, o que é uma péssima ideia, ainda que uma parte bem pequena e confusa de mim se pergunte como seria beijá-lo. Provavelmente não seria horrível. E todo mundo acha os atletas gatos. Garrett é gato?

É possível que sim. Mas eu não lido bem com o conceito objetivo de “ser gato/a”, de que certas feições, quando combinadas, são automaticamente superiores. É como se alguém acordasse um dia atraído somente por pessoas com olhos grandes, lábios carnudos e maçãs do rosto proeminentes, e todos nós simplesmente concordássemos com isso sem questionamentos.

O elenco e a equipe chegam ao saguão, e Garrett pousa a mão em meu braço e fala:

— Me diz uma coisa: o que a pessoa precisa fazer para entrar na Universidade da Geórgia?

— Menor ideia.

— Basta um bom papo.

— Buldogue. Papo. Haha.

— Você está sorrindo.

Reviro os olhos e observo os Spier. Os pais de Nick também vieram e estão conversando com a mãe de Abby, enquanto o pai e o irmão dela se concentram em seus celulares. Embora eu nunca tenha visto o pai de Abby antes, não há dúvida: ele é a versão masculina e de meia-idade da filha. Até os cílios deles são iguais. Pensando bem, isso é bem perturbador.

Um pouco desorientada, me viro e vejo minha mãe, que provavelmente veio direto do trabalho e que parece meio deslocada naquele ambiente. Não pensei que ela viria, acho até que entrou pelos fundos. Ela está um pouco isolada, distante dos outros adultos. Minha mãe sempre age dessa forma quando está perto dos pais de meus amigos, talvez porque seja bem mais nova que eles. Acho que ela fica paranoica, achando que eles vão julgá-la ou criticá-la.

Ela me dá um aceno constrangido, e estou indo falar com ela quando... Alice Spier vem falar comigo.

— Leah! Adorei suas botas.

Olho para baixo meio sem jeito e sorrio.

— Há quanto tempo você está na cidade? — pergunto.

— Não muito. Na verdade, vou embora amanhã e vou passar em Nova Jersey para pegar meu namorado. — Ela checa o relógio. — E então, Simon, cadê você?

— Ele acabou de me mandar uma mensagem — diz Bram. — Estão saindo agora.

Instantes depois, Simon, Nick e Abby entram por uma porta lateral, já sem o figurino, mas ainda com a maquiagem. Milagrosamente, Nick e Abby não estão de mãos dadas. Na verdade, Abby está de mãos dadas com Simon, e Nick vem logo atrás. As pessoas param o pobre coitado o tempo todo para conversar, o que claramente o deixa morto de vergonha. Nick Eisner é mesmo um protagonista muito fofo e modesto.

O bolo é a primeira coisa que Simon vê.

— Isso é um bolo? Vocês compraram bolo para mim?

Garrett faz que sim e abre a caixa, mas Simon só tem olhos para Bram e mal percebe o que está acontecendo.

— Na verdade... — começa Bram, mas Simon lhe dá um beijo na bochecha antes que ele consiga dizer alguma coisa.

— Cara, fui eu que comprei o bolo. Cadê meu beijo? — pergunta Garrett.

— Menos, Garrett — falo.

— Tá bom, Burke. Parei — diz ele, sorrindo e pegando as chaves do carro. — Pronta pra partir?

Aponto para a minha mãe e ele fica visivelmente decepcionado.

— Então você não vai precisar mais de carona, né?

— Pois é, acho que não.

Ainda com as chaves na mão, ele não dá um pio pelo que parece uma hora inteira. Sinto minha mãe nos observando.

— Então... — falo, por fim.

— É isso... Ei. — Ele pigarreia. — Vem cá... eu estava pensando aqui... Quer ir ao jogo amanhã?

— Ao jogo? — pergunto, meio surpresa.

— Você já foi a algum?

Faço que sim. É engraçado... Futebol é o único esporte na escola pelo qual me interessei. Cheguei até a gostar bastante por um tempo, no segundo ano, quando estava a fim de Nick, e não só porque eu ficava admirando a bunda dele. Foi estranho. Passei a acompanhar de verdade os jogos, tanto que Simon brincou dizendo que só faltava eu andar pelos corredores com a jaqueta do time.

— Vamos enfrentar a North Creek — acrescenta Garrett. — Vai ser moleza.

— Hã... ok.

Eu *realmente* não queria conversar com Garrett neste momento, bem na frente da minha mãe.

Ele continua falando.

— Mas tudo bem, você já deve ter alguma coisa para fazer. Você deve ir à apresentação de sábado, né? Da peça. Tudo bem, não tem problema mesmo.

— Não, não, eu vou, sim — falo, meio sem pensar.

— Ao jogo? — pergunta ele, perplexo.

— Aham.

— Ah. Então tá. Maravilha.

Ele sorri, e sinto um friozinho na barriga.

* * *

— Então, me conta! — diz minha mãe, animada, no caminho até o carro, com um sorriso no rosto.

— Não tem nada para contar.

— Nada? Temos certeza disso?

— Mãe. Para.

Afundo no banco do carro e me viro para a janela. Por um momento, ficamos em silêncio. O estacionamento está lotado de automóveis e pedestres.

— A peça foi incrível — diz ela, tamborilando no volante.

Sorrio.

— Foi show.

— Eu fiquei muito surpresa com a voz do Nick. Que talento! E sabe quem é uma graça?

— Quem?

— Abby Suso.

Quase engasgo.

— Ela tem muito carisma — continua. — E acho que daria uma namorada muito fofa. Tipo, eu realmente gostaria de ver você com alguém como ela.

— Mãe.

— Você não acha que ela é fofa?

— Ela é namorada do Nick.

— Eu *sei*. Só estou comentando. Hipoteticamente.

— Chega desse assunto.

Ela ergue as sobrancelhas.

— Mas então... — Seu tom se torna subitamente cauteloso. — Tenho uma pergunta para você.

— Pode falar.

— Então, amanhã é aniversário do Wells.

— Essa é a pergunta?

— Não. — Minha mãe ri. — Então, pensei em nós três tomarmos um brunch juntos. Ele vai a um evento qualquer de golfe à tarde, então podíamos marcar no finalzinho da manhã.

Eu a encaro, boquiaberta. Brunch de aniversário. Com o namorado da minha mãe. Não sei, talvez isso seja normal para algumas famílias, mas minha mãe nunca me faz sair com ela e os namorados. E agora, aqui está ela, sugerindo isso casualmente, como se fosse só mais um sábado divertido em família. Com *Wells*.

— Não sei... Eu marquei de ir ao jogo do Bram e do Garrett, então...

— Dou de ombros. — Desculpa.

Observo as ruas lá fora, praticamente vazias, e por alguma razão isso faz com que o carro pareça menor. Embora não esteja virada para ela, sei que minha mãe está me olhando.

— Queria muito que você desse uma chance a ele.

— A quem? Garrett? — pergunto, minha voz um tom mais alto.

— Wells.

Sinto o rosto queimar.

— Ah.

Olho de relance para minha mãe, que parece desconfortável e um pouco chateada, e não sei muito bem como agir.

Ela suspira.

— Ok, e se...

— Não vou tomar brunch com o seu namorado.

— Leah, não faz isso.

— Não fazer o quê? — Estreito os olhos. — Como chegamos ao estágio do brunch em família? Você está namorando esse cara há quanto tempo? Três meses?

— Seis meses.

— Você está namorando Wells a menos tempo do que Simon e Bram estão juntos. Conheço pessoas que tiveram relacionamentos mais longos do que esse no ensino fundamental. Simon e *Anna* namoraram mais tempo do que isso.

Minha mãe balança a cabeça lentamente.

— Sabe, você nunca falaria com um dos seus amigos do jeito que fala comigo. Consegue se imaginar falando assim do Bram para o Simon?

— Isso não tem...

— Você não falaria. Nunca faria isso. Então, por que acha certo me tratar desse jeito?

Reviro os olhos com tanta força que minhas sobrancelhas doem.

— Ah, tá, agora vamos discutir o relacionamento deles?

— Foi você quem mencionou os dois!

— Tá bom, então. — Jogo as mãos para cima, resignada. — Simon e Bram estão apaixonados, o que eles têm é real. Como você pode comparar isso com seu namoro com Wells?

— Sabe de uma coisa? Para de falar, chega — retruca, irritada.

Fico desorientada, sem saber o que dizer. Minha mãe geralmente é tão doce.

— Mas você... — começo a balbuciar.

— Chega. Só fica quieta, tudo bem? Fim de papo.

Ficamos em silêncio ao longo do trajeto. Encosto a cabeça na janela e fecho os olhos com força.



ACORDO COM UMA explosão de luz cegante.

— Que dia é hoje? — murmuro.

— Sábado — responde ela, puxando o travesseiro que cobria meu rosto. — Vamos. Wells já está chegando.

— Como assim? — Eu me sento na mesma hora, e o travesseiro cai no chão. — Eu já falei que não vou.

— Eu sei. Mas chequei o horário do jogo, e já estaremos de volta quando começar. Wells tem *tee time* às duas.

— *Tee time*? — Esfrego o rosto e arranco o celular do carregador. — Não são nem dez horas.

Minha mãe se senta na beirada da cama. Eu dobro as pernas e abraço os joelhos.

— Não vou — repeti.

— Leah, não estou pedindo. Quero que você faça isso. Vai significar muito para ele.

— Paciência.

— Vai significar muito para mim também.

Eu a encaro, irritada.

— Olha, Wells está vindo — diz ela. — É aniversário dele, e já fiz a reserva. Então trate de se levantar e se vestir.

Eu me jogo na cama e puxo o travesseiro para cobrir o rosto novamente.

* * *

Uma hora depois, estou sentada em uma churrascaria em Buckhead, ao lado de minha mãe e de frente para Wells. Uma *churrascaria*. E ainda não é nem meio-dia.

Pedimos as bebidas, e Wells decide que é o momento para conversinha fiada.

— Então, sua mãe me disse que você toca em uma banda.

— Isso.

— Legal. Eu tocava clarinete — diz ele, nostálgico. — Bons tempos, bons tempos.

O que dizer diante de uma afirmação dessas? Faço parte de uma banda *de verdade*, Wells. Não estou dizendo que somos os Beatles, mas não ficamos tocando a música dos dedinhos no auditório da escola.

— Wells ama música — comenta minha mãe, dando uma palmadinha no braço dele. Eu me encolho toda vez que ela o toca. — Qual é o nome daquele cantor que você adora? — pergunta. — O do *American Idol*?

— Ah, o Daughtry?

Daughtry. Sério. Não consigo nem ficar surpresa. Mas uau... Minha mãe deveria saber que era melhor ter omitido esse detalhe se quisesse que eu tivesse o mínimo de respeito pelo namoradinho dela.

— Já ouviu falar de Oh Wonder? — pergunto, embora saiba que ele não ouviu.

É física e quimicamente impossível que uma pessoa que goste de Daughtry tenha ouvido Oh Wonder, mas quero ver se ele vai admitir. Talvez eu seja um monstro, mas é assim que testo as pessoas. Nunca julgo ninguém por não conhecer uma banda. Só julgo quem tenta fingir que conhece.

— Não, nunca. É uma banda ou um cantor? — Ele pega o celular.

— Vou anotar. Oh Wonder... duas palavras?

Ele é honesto. Já é alguma coisa.

— É uma banda.

— Eles têm algo a ver com Stevie Wonder?

Sufoco uma risada.

— Na verdade, não — respondo.

Quando olho para minha mãe, ela está sorrindo.

Uma confissão: sou apaixonada por Stevie Wonder. Provavelmente não é muito descolado da minha parte admitir isso, mas não ligo. Reza a lenda que meus pais botavam “Signed, Sealed, Delivered (I’m Yours)” no velho CD player deles, antes mesmo de eu nascer. Acho que minha mãe leu em algum lugar que a criança conseguia ouvir mesmo no útero. E deve ter funcionado, porque eu vivia cantarolando essa música, em todos os lugares, em todos os momentos. Até hoje ela me acalma de um jeito que não consigo explicar. Minha mãe diz que ela e meu pai escolheram essa música porque os dois concordaram que essa seria a única que teriam vontade de ouvir, sem parar, todo dia, por toda a eternidade.

Por toda a eternidade. Essa eternidade chegou ao fim bem rápido. Só de pensar nisso meu coração dói de um jeito inexplicável.

* * *

Pedimos uns nachos chiques, com espinafre e queijo, e tudo fica mais ou menos bem por um minuto. Minha mãe e Wells estão falando sobre trabalho, por isso aproveito para checar o celular. Perdi algumas mensagens.

De Anna: Morgan está BEM chateada.

De Garrett: Você com certeza tem que usar isso hoje. Emoji chorando de rir. Ele enviou uma foto de uma garota usando o que parece um capacete feito a partir de uma bola de futebol. Com buracos nos lados. E ela está de maria-chiquinha, cada uma saindo por um buraco no capacete.

Vou usar com certeza, respondo.

Volto para a mensagem de Anna. Estou meio confusa com essa situação toda. Não quero ser uma amiga negligente, mas não sei como ajudar Morgan se não posso nem falar com ela. Odeio o conceito de *precisar de espaço*. O que isso realmente quer dizer é que a pessoa está magoada com você, ou odeia você, ou não dá a mínima para você, só não quer admitir. Como meu pai. Foi exatamente isso que ele disse a minha mãe quando saiu de casa. *Precisava de espaço*. E agora aqui estamos nós, quase sete anos depois, em uma churrascaria, com o idiota do Wells.

Mostra pra ela o vídeo do cara e do cachorro vestidos de Salsicha e Scooby-Doo, respondo, finalmente.

GENIAL, responde Anna.

— Lele, nada de celular, por favor. Não é o momento.

— Sério? — Aponto para Wells com o queixo. — Mais alguém aqui não sai do celular.

— Ele está confirmando o *tee time* — explica minha mãe, contrariada.

— Ah, claro. Realmente o horário do golfe é muito importante.

— Leah.

— É muito urgente mesmo, ou ele não estaria... *nossa...* usando o celular em um restaurante.

— Para de ser desagradável — sussurra minha mãe. — É aniversário dele.

Dou de ombros e cerro os lábios, como se eu não desse a mínima para nada disso, mas sinto um aperto no peito. Porque aniversários são meio que sagrados, e talvez eu esteja mesmo sendo desagradável. Para mim Wells era um chato intrometido, estragando o brunch da minha mãe com suas orelhinhas minúsculas e seu amor por Daughtry. Mas talvez seja eu a estraga-prazeres.

Wells termina a ligação e começa a tagarelar com minha mãe sobre alguma bobagem relacionada a golfe. Deixo meus olhos se fecharem por um momento.

Pois é, pais e mães à vezes namoram. Sei disso. Minha mãe tecnicamente é um ser humano, e seres humanos têm permissão para namorar. Mas, de repente, sinto como se estivesse em uma esteira descontrolada — como se tudo ao meu redor estivesse indo rápido demais e em algum momento eu fosse escorregar e cair de cara. Nunca imaginei que seria uma estranha em minha própria família. Parece

que eu levei um soco. Estou atordoada.

Me sinto *rebaixada*.

E todos esses sentimentos me deixam tão cansada que mal consigo me sentar com o corpo ereto. Até a ideia de andar até o carro parece o treino para uma maratona. E mal passou do meio-dia. Tudo que eu quero é desabar na minha cama. De preferência ouvindo música. E certamente sem essa calça jeans.

Não posso ir ao jogo, não neste estado. Vai ser impossível lidar com Garrett e aquele seu jeito forçado e exageradamente masculino. Todos sabemos que no fundo você é só um garotinho tímido e inseguro que gosta de tocar piano, então pare de fingir que é o dono do pedaço. E pare de confundir a minha cabeça. Ou está dando em cima de mim, ou não está. Ou é fofo, ou não é.

Sei lá. Não tenho forças para interagir com Garrett. Isso provavelmente faz de mim uma pessoa horrível, e eu pelo menos deveria mandar uma mensagem para ele inventando uma desculpa, mas nem sei o que diria. *Não vou poder ir ao jogo, Garrett, desculpa. Mas é que você me confunde e me irrita e meio que não consigo lidar com a sua cara.* Só não consigo. Não hoje.

Minha mãe me pergunta, horas mais tarde, se preciso de uma carona para o jogo.

Digo que não.

Então, ignoro seis mensagens seguidas, todas de Garrett.



SONHO QUE ESTOU destruindo coisas.

Grito e discuto até todo mundo me odiar. Acordo aos prantos, porque o sonho foi real demais. Nada como uma bela manhã de domingo. Eu me sento na cama, me sentindo arrasada e solitária, e a primeira coisa que vejo são as seis mensagens de Garrett.

Ei, cadê vc? Não estou te vendo!

Está no estacionamento e tal?

Cadê você?

Tudo bem Greenfeld e eu estamos indo para a Waffle House com Spier e todo mundo. Vem logo!

Não te vi hoje, entendi nada. Que saco.

Mas espero que você tenha gostado do jogo. Da próxima vez vou grudar em você, tá? hahaha. Vai à peça amanhã?

Merda. Sou a pior pessoa do mundo mesmo.

Garrett acha que eu estava lá. No jogo, nas arquibancadas, provavelmente usando uma bola como capacete. Nem imagina que fiquei vagando por meu quarto, ignorando as mensagens dele.

Sou uma bosta. Na verdade, sou uma bosta mole e fedorenta.

Tudo que quero agora é passar mais um dia trancada no quarto, mas não posso perder a última apresentação da peça. Sou babaca, mas nem tanto. Não me incomodo em estar no mesmo ambiente que Garrett, acho, mas não queria ficar frente a frente com ele. Se tem uma coisa que odeio, são pedidos de desculpa. Não gosto de recebê-los. E menos ainda de fazê-los. Mas acho que é inevitável.

Escolho com cautela o que vou vestir, como se estivesse escolhendo um traje para uma batalha. Eu me sinto mais forte quando estou bonita. Uso meu vestido com estampa de universo — o maior achado de brechó que fiz na vida. É de algodão, azul e preto, salpicado de estrelas e galáxias na parte de cima. Eu diria que quando estou com ele meus peitos ficam uma coisa de outro mundo mesmo. Dou uma bagunçada no cabelo para que ele fique um pouquinho ondulado e passo vinte minutos tentando fazer um delineado gatinho perfeito, porque deixa meus olhos superverdes de um jeito que quase me surpreende.

Minha mãe vai precisar do carro, então me dá uma carona até a escola. Cheguei cedo. Chegar cedo é bom. Eu me sento nas fileiras da frente, mas não consigo tirar os olhos da entrada, e toda vez que as portas do auditório se abrem, meu coração quase salta pela boca.

Tenho a sensação de que, assim que Garrett me vir, vai saber que eu sou uma farsa. Então, ele e os garotos vão me odiar, e a história vai ganhar proporções gigantes, e nosso grupo de amigos vai se separar. Tudo por minha causa.

Alguém dá um tapinha em meu ombro, e quase caio da cadeira.

Mas é só Anna.

— A gente pode sentar aqui? — pergunta ela.

— A gente?

— Morgan está no banheiro.

Outra conversa para a qual não estou preparada. *Ah, oi, Morgan! Que chato você não ter entrado na universidade dos seus sonhos. Espero que você não se importe por eu ir para lá.* Meu pânico deve ser visível, porque Anna diz:

— Você sabe que ela não está chateada com você, né?

— Hum.

— Acho que Morgan está com medo de você ficar sem jeito perto dela.

— Nós nem nos falamos ainda.

— Eu sei, eu sei, mas ela está meio paranoica com isso. Vou mandar uma mensagem para ela e dizer onde estamos.

Mas antes que Anna aperte o botão de enviar, Morgan aparece, atrás de um bando de garotas do fundamental, que não param de rir.

Ela está péssima. Parece que acabou de levar um pé na bunda. Está de calça de moletom e óculos, o cabelo com mechas azuis preso em um coque bagunçado. Anna acena para ela, que corta caminho por uma fileira de assentos.

— Oi — diz ela, baixinho.

— Como você está? — pergunto.

Minha voz soa tão dolorosamente gentil que me encolho um pouco.

— Bem. Estou bem — responde ela, dando de ombros.

Anna observa nossa interação, tensa.

— Muito chato isso da universidade — falo, finalmente. — Que merda...

— Pois é.

Ela parece derrotada.

— É uma merda mesmo — acrescento.

Ela afunda na cadeira.

— Deixa pra lá. Não estou com raiva de você, juro. É só que... argh! É tão injusto — diz Morgan, se recostando no banco e cobrindo o rosto.

— É...

— Não no seu caso. Você merece muito entrar. É uma gênia. Mas outras pessoas...

Engulo em seco.

— Não sei como eles tomam essas decisões — falo.

Morgan dá um sorriso apático.

— Bem, eu sei como tomam algumas delas.

— Como assim?

— É muito estranho. Sou a décima primeira da turma. E algumas pessoas que *entraram* na Universidade da Geórgia... não.

Ela dá de ombros. Ao meu lado, Anna parece inquieta, desconfortável.

— Acha que alguém mentiu no formulário de inscrição? — pergunto, confusa.

— Acho que sou branca, só isso — retruca Morgan.

De repente, é como se o mundo tivesse parado. Sinto o rosto muito quente.

— Está falando da Abby? — pergunto, baixinho.

Morgan dá de ombros.

— Não acredito que você está falando isso — falo, perplexa.

— Nossa, desculpa.

Agora é ela quem fica vermelha.

— Isso é ridículo, Morgan.

— Ah, então agora você está defendendo a Abby. Que bonito.

Eu me inclino para a frente, com um aperto no peito.

— Não estou defendendo ninguém. Você está sendo racista.

Não consigo acreditar que acabei de ouvir isso... e vindo de *Morgan*. Morgan, que leu *All American Boys* três vezes e dirigiu até Decatur para pegar um autógrafo dos autores do livro. Morgan, que um dia discutiu com um estranho no mercado por ele estar usando um boné do Trump.

— Só estou sendo honesta — retruca Morgan.

— Não, tenho certeza de que você só está sendo racista.

— Quem é racista? — pergunta Garrett, surgindo ao nosso lado.

Ergo os olhos e vejo Bram. Morgan afunda na cadeira, como se quisesse desaparecer.

Eu a encaro.

— Bem, de acordo com a Morgan, Abby só conseguiu entrar na Universidade da Geórgia porque é negra.

Bram franze a testa, constrangido.

O rosto de Morgan está ainda mais vermelho.

— Não foi isso que eu quis dizer.

Ela segura o braço do assento com força, os olhos marejados.

— Mas foi o que você disse.

Eu me levanto abruptamente, furiosa até o último fio de cabelo. Empurro os meninos e passo correndo, as pessoas se virando para me olhar. Com certeza perceberam que estou revoltada. Nunca consigo disfarçar. Vou para uma fileira quase vazia no fundo e fecho os olhos,

respirando fundo.

— Ei — diz Garrett, acomodando-se a meu lado. Bram se senta ao lado dele.

— Estou com tanta raiva — falo.

— Da Morgan? — pergunta Garrett.

Faço que sim, pressionando os lábios com força.

Garrett e Bram se entreolham.

— Morgan acha que a Abby pegou o lugar dela na Universidade da Geórgia? — pergunta Garrett.

— Não sei. Mas ela acha que a Abby só conseguiu entrar porque é negra, e isso é uma imbecilidade.

— Muita gente pensa assim — comenta Bram, baixinho.

— Que idiotice — diz Garrett.

— Aham.

— Bem, eu não sabia que você e a Suso eram tão amigas.

Sinto um calor subir pelo peito.

— Não somos. Mas isso não importa. Só estou dizendo que isso é racismo.

Ele levanta as mãos, na defensiva.

— Ok, ok.

— Ok, então — falo, bufando.

Bram só nos observa e não dá um pio, o que me deixa ainda mais constrangida. Ajeito o vestido e fico encarando meus joelhos. Seria ótimo se eu conseguisse mandar uma mensagem telepática para o pessoal da peça. *Querido Deus e/ou Cal Price: por favor, já está na hora de começar. Diminua logo essas luzes para eu poder desaparecer aqui no meu cantinho.*

Garrett me cutuca.

— E aí, recebeu as minhas mensagens?

E... é oficial. Eu odeio minha vida.

— Hã? Ah. Recebi, sim, desculpa. Meu celular é meio...

Não consigo pensar em nenhuma justificativa decente.

— Ah, tranquilo! Eu só queria saber mesmo o que você achou do jogo.

Não dá, gente, desculpa. Sei que eu deveria ser sincera e contar tudo, mas não consigo. Sou tipo um fusível — quando sobrecarregada, simplesmente queimo. Acho que Garrett é o secador de cabelo que causou uma pane geral no meu sistema.

— Foi legal — minto.

— É, tirando o primeiro tempo, né?

— Pois é — respondo, assentindo vagamente.

— Para onde você foi depois? — pergunta Bram. — Sentimos sua falta.

— É que minha mãe precisava do carro, aí...

Engulo em seco.

— Que merda — diz ele.

— Nem me fale.

As luzes se apagam. Graças a Deus graças a Deus graças a Deus.

A peça enfim começa, e meu corpo enfim relaxa.



HORAS MAIS TARDE, estou no banco de trás do carro de Simon, indo para — quem diria — a casa de Martin Addison.

— Quem deixou isso acontecer? — pergunto, soltando um grunhido.

É impossível não fazer isso quando o assunto é Martin. Não consigo evitar. Abby, sentada ao meu lado, revira os olhos e balança a cabeça.

— Sei lá — responde Simon. — Ele ofereceu e foi isso.

— Tínhamos que ter organizado nossa própria festa — diz Abby.

— A gente não pode só aceitar e pronto? Por favor, gente. É a última festa do elenco.

A voz de Simon vacila na palavra “última”; ele nunca foi muito fã de encerramentos.

— Está tudo bem? — pergunta Bram, baixinho.

Simon demora um pouco a responder.

— Está.

Martin mora no fim de uma rua sem saída, em um bairro cheio de parques e árvores. Só fui à casa dele uma vez, no primeiro ano, para fazer um trabalho de história. Eu, Martin e Morgan. E pensar que montamos o grupo por livre e espontânea vontade. Que piada.

Ficamos em silêncio pelo restante do caminho. Bram mexe no rádio enquanto Abby olha pela janela, contrariada. Não consigo me lembrar da última vez em que a vi tão chateada. Sei que ela odeia Martin, mas algo me diz que não é só isso. Talvez Morgan tenha dito alguma coisa a ela.

A rua de Martin está lotada de carros, e já está quase escuro quando enfim achamos uma vaga. Estacionamos atrás do carro de Garrett, que ainda está com o motor ligado. Ele foi para lá com Nick. Quando nos vê, desliga o carro e os dois saem. Nossa, está frio demais do lado de fora, ainda mais para quem está usando apenas um vestidinho fino e um cardigã. Meus peitos de outro mundo estão mais para fora de órbita hoje.

Acabamos andando em pares. Nick e Garrett, Abby e Bram, Simon e eu. Só eu acho estranho Nick e Abby não estarem juntos? Chego bem pertinho de Simon e pergunto:

— Ei, está acontecendo alguma coisa entre Nick e Abby?

Simon faz uma careta e dá de ombros.

— Está. Não sei muito bem. Conversei com Nick rapidinho mais

cedo. Acho que eles brigaram.

— Por quê?

— Bem, ontem Nick soube que foi aceito na Tufts.

— Caramba.

— Pois é, ele está superanimado, mas acho que ele e Abby tiveram a conversa.

— A conversa?

— A conversa *vamos-namorar-a-distância-ou-o-quê?*

— Ah. — Sinto um aperto no peito. — Entendi.

— Aí as coisas não acabaram muito bem.

Olho de relance para Abby, que está alguns passos a nossa frente, embrulhada em um cardigã gigante. Está andando tão colada a Bram que um desavisado concluiria que os dois são um casal.

— Tá, explica isso direito — sussurro.

— Explicar o quê?

— *As coisas não acabaram muito bem.* Como assim?

Simon franze a testa.

— Ah, Nick não quer terminar, mas Abby não quer namorar a distância.

— Que merda.

— Pois é.

Caminhamos em silêncio por algum tempo, quase até a casa de Martin. Dá para ouvir a música do lado de fora — a trilha sonora de *José e o deslumbrante manto de mil cores*. Um pouco óbvio demais para uma festa do elenco da peça, mas quem sou eu para dizer alguma coisa?

— Estou com medo de eles terminarem — diz Simon finalmente, a voz tão baixa que quase não escuto. — Acho que isso pode destruir a gente.

— Você e Bram?

— Não. Claro que não. Entre a gente tá tudo ótimo. — Simon sorri.

— Quis dizer *nós*. — Ele faz um gesto vago com as mãos, acenando para o nada. — Nosso grupo. Nossa galera.

Eu dou uma risadinha.

— Nossa galera.

— É sério, Leah. E se rolar todo um drama, e as coisas ficarem esquisitas, e tivermos que ir ao baile em limusines separadas?

— Ai, meu Deus! Nem fala uma coisa dessas — brinco, tentando não rir.

— Para. Ia ser muito triste, você sabe.

— Awn, Spier. Por que você está triste? — Garrett se mete entre a gente e nos abraça. — Não fica triste, cara. Estamos indo para uma festaaaaa!

— Você já está bêbado? — pergunto.

— Não — zomba ele. — Sou assim sempre.
— O pior é que acredito nisso.
— Engraçadinha — diz Garrett. Ele dá um cutucão em Simon. — Ela é *tão* engraçadinha, não é? E me ama. Sabia que ela foi ao jogo no sábado?

Sinto meu estômago revirar.

— É verdade, Spier. Leah Andrômeda Burke foi ao meu jogo, e não à sua peça. E ela não estava lá por causa do Greenfeld. Só digo isso.

— Andrômeda?

— Não é o seu nome do meio?

— Não.

— Agora é. — Ele aperta meu ombro. — Leah. Andrômeda. Burke.

É, ele já está bêbado. Não sei como Garrett conseguiu essa proeza no caminho entre o carro e a casa de Martin, mas o fato é que conseguiu. Sua voz, seu sorriso e seu hálito só comprovam isso. Tiro a mão dele do meu ombro e disparo até a porta, onde Abby e Bram nos esperam na entrada.

— Buuuuuuuuurke. Calma aí!

— Como ele já está bêbado? — pergunto a Bram.

— Ele tinha uma garrafinha no carro.

— Garrett dirigiu bêbado?

— Não, ele não faria isso. Pelo que entendi, ele e Nick começaram a beber depois que estacionaram.

— Típico — diz Abby, revirando os olhos.

— Isso é tão ridículo — falo. — Como eles vão voltar para casa?

Bram suspira.

— Provavelmente comigo.

Em um bilhete colado na porta da casa, garranchos anunciavam: *Sejam bem-vindos, egípcios e cananeus! Venham se aventurar no porão!* O olhar de Abby encontra o meu, e ela abre um sorrisinho resignado. Na mesma hora eu olho para baixo, sem jeito. Simon, Garrett e Nick chegam segundos depois.

Entramos e vamos direto para o porão, que é surreal de tão grande, assim como o restante da casa. E olha que a família de Martin nem é rica. Quer dizer, eles não são ricos do tipo Alfred-os-conduzirá-até-a-sala-de-estar, é mais uma coisa três andares, TVs de tela plana e uma máquina de pinball no porão, o básico de uma família rica da cidade.

Pelos canapés e pratos de cerâmica, acho que os pais de Martin deram uma mãozinha na preparação da festa. Há alunos do segundo ano jogados nos sofás, braços e pernas enroscados. Um casal canta e dança ao som da trilha sonora da peça. Cal e Nora estão espremidos em uma poltrona, checando o celular dele. Acho que Bram, Garrett e eu somos as únicas pessoas da festa que não são da galera do teatro.

— Vocês vieram! — grita Martin, saltitando em nossa direção.

Parece um Golden Retriever, por mais ofensivo que isso seja ao Golden mais fofo que existe, Bieber Spier, o cachorrinho de Simon. — Então, é isso, as pessoas estão só largadas por aí e... hã.... Podem falar comigo se quiserem alguma coisa. Minha mãe pode dar um pulo no mercado. — Ele abaixa a voz e aponta discretamente para o banheiro. — E temos vodca. Bem ali.

— No banheiro? — pergunta Simon, intrigado.

— Isso. Então, é... Meus pais não podem saber. Está embaixo da pia, atrás do desinfetante. A vodca está na garrafa de vodca. Não bebam o desinfetante.

— Vodca na garrafa de vodca. Anotado.

— Legal — diz Martin, e fica parado ao nosso lado, sem dizer nada, apenas assentindo. — Ok, então... Eu vou... Isso.

Ele sai andando de costas e quase derruba um garoto. Então finge que está atirando em Simon e quase esbarra em outra pessoa. Sério, deviam enrolar esse garoto em plástico-bolha.

Eu me viro para falar com Simon, mas ele já está acomodado em um canto do sofá com Bram.

— Você não bebe, né? — pergunta Abby.

— Não — respondo.

— Certo. Tudo bem. Mas você pode ir comigo? Ao banheiro? Para eu não acabar bebendo desinfetante?

Neste momento, Garrett está descendo até o chão, e Nick, encostado na parede, é todo sorrisos e bochechas coradas. Está conversando com Taylor Metternich.

Abby revira os olhos.

— Que babaca. Vamos. — Ela segura minha mão e me puxa. Abby. Isso é bem esquisito. — Eu nem ligo, sabe? — diz ela, enquanto andamos pelo corredor. — Tipo, não estou nem chateada. Ele pode fazer o que quiser. Aqui é o banheiro?

— Acho que sim?

Ela tenta abrir a porta, mas está trancada.

— Está ocupado. Só Martin mesmo para guardar a bebida no banheiro. Vamos sentar e esperar.

Ela desliza pela parede e cruza as pernas, e eu me sento ao seu lado, com as pernas esticadas para a frente, bem juntas. Eu devia ter colocado uma calça jeans.

Abby suspira e chega mais para perto.

— Não consigo acreditar que ele está conversando com ela. Taylor? Sério?

O que posso dizer? *Lamento que você e Nick não sejam tão perfeitos quanto todo mundo acha.*

— Taylor é irritante — respondo.

— Muito. — Ela abraça os joelhos e olha para mim. — Mas, enfim,

soube que você me defendeu hoje.

— A história com Morgan?

— Aham. Bram me contou o que aconteceu. — Ela sorri. — Você não precisava ter feito aquilo.

— Como assim? O que ela falou foi muito racista.

— Foi. Mas nem todo mundo teria batido de frente com ela. — Abby dá de ombros. — Obrigada.

Sinto meu estômago ficar embrulhado. Não é bem vontade de vomitar, mas também não é vontade de *não* vomitar. É por isso que sempre fico a uma distância segura de Abby Suso. Do contrário, dá nisso: náusea. Me afasto um pouquinho.

— Ela chegou a mencionar a história da visita guiada ao campus? — pergunta Abby.

— Aham. Acho que não vai mais rolar — falo, dando um suspiro.

— Ah, nós duas podíamos ir.

Então a porta do banheiro se abre de repente, e de lá saem dois alunos do penúltimo ano, cambaleantes. Estão corados e agarrados um ao outro, e algo me diz que vodca e desinfetante não são os únicos líquidos que vamos encontrar no banheiro.

— Eles estão com cabelo de quem acabou de transar — sussurra Abby.

— Com certeza.

— Não se faz isso no banheiro de Martin Addison. Sem condições. Estou chocada. Perturbada. Incomodada. Ei, Morgan, adivinha quem tirou dez em gramática?

Abby tranca a porta do banheiro e se ajoelha diante da pia, e eu me sento na tampa do vaso.

— Tirou mesmo? — pergunto.

Ela morde o lábio.

— Tirei. Ai, desculpa, parece que estou me exibindo.

— Claro que não.

Ela sorri.

— Enfim, aqui está a vodca. E também tem Coca. Por que inventaram que dá certo misturar Coca com vodca?

— Não faço ideia.

— Obviamente, Martin também não. — Ela revira os olhos. — Tem certeza de que não quer nada?

— Tenho.

— Tudo bem. Vou só... — Abby coloca um pouco de vodca em um copo de plástico vermelho e depois um pouco de Coca. Ela toma um gole e faz uma careta. — Nossa. Isso é nojento.

— Força, você consegue.

Ela dá de ombros.

— Será que posso sair com o copo? Não tenho que beber isso aqui,

né?

— Seria bem estranho.

— Mas é o Martin, né? Tudo é possível.

— É verdade — falo, rindo.

Mexo os pés e encaro o chão, constrangida e sem graça. Isso é tão inesperado: eu e Abby Suso, juntas no banheiro de Martin Addison. Ela está recostada na banheira, de pernas cruzadas, e toda vez que dá um gole na bebida, franze um pouquinho o nariz. Nunca entendi por que as pessoas gostam tanto de beber. O gosto nem é bom, sabe? Ok, sei que não tem a ver com gosto, e sim com a sensação de se perder, de se sentir livre, leve e solto. Simon me explicou como era uma vez. Disse que o álcool permite que você aja com mais liberdade, sem ter que pensar demais antes de fazer ou dizer alguma coisa. Só que não entra na minha cabeça como isso pode ser algo bom.

Abby boceja.

— É que, tipo... tudo bem. Ele não se inscreveu em nenhuma universidade na Geórgia. Tudo bem. Mas eu vou ficar aqui, e ele podia pelo menos tentar algo na Carolina do Norte, que não é tão longe. E, sabe, não quero deixar de ir às festas e sair com o pessoal porque tenho que esperar meu namorado me ligar. Não quero perder *nada* na faculdade, entende?

Com certeza, Abby. Entendo perfeitamente. Meu namorado está *sempre* tentando me ligar enquanto me divirto horrores nas festas. E vou a muitas, muitas mesmo, porque realmente adoro me trancar em banheiros e ver outras pessoas beberem.

Eu devia estar odiando isso.

Por que não estou?

Alguém bate à porta, e Abby se levanta um pulo.

— Um minuto! — Ela toma o resto da bebida. — Ai, meu Deus, que coisa nojenta. Vou vomitar.

Eu fico de pé na mesma hora e levanto a tampa do vaso.

— Não, não *literalmente*. Vamos.

Saímos do banheiro e damos de cara com Garrett, que está com o brilho da insanidade no olhar, o chapeuzinho de festa em sua cabeça tão torto quanto ele. Seus olhos vão direto para nossas mãos entrelaçadas.

— Ai, meu Deus. AI, MEU DEUS! — diz ele, boquiaberto.

— Deixa de ser bobo, Garrett.

— Senhoritas, uau. Uau. Ok. Tive uma ideia. Vamos *nós três* para o banheiro, e o que tiver que acontecer...

— Não — falo.

Abby solta minha mão e segura as de Garrett, encarando-o com malícia.

— Garrett, meu bem, eu nunca, jamais, faria isso. — Ela dá uma

palmada no braço dele. — Na sua frente — acrescenta baixinho, e o empurra para dentro do banheiro.

Meu estômago dá uma cambalhota.

— O QUÊ? — grita ele, olhando para a gente, impressionado. — Você deveria. Fazer isso na minha frente. Por favor? Merda, tenho que mijar.

— Então vai mijar.

Acho que meu cérebro derreteu e virou gelatina. Estou completamente perdida. *Ela nunca faria isso.* Na frente de Garrett. E se ele não estivesse vendo?

Como devo interpretar isso?

* * *

Vamos embora por volta das onze. Garrett está muito bêbado, por isso Bram assume a direção do carro dele, e nós vamos logo atrás, com Simon. Ao chegarmos à casa de Garrett, Bram vai para o banco do carona, ao lado do namorado, enquanto o restante de nós se empilha no de trás. Estou praticamente sentada no colo de Nora, porque nós duas acabamos ficando espremidas entre Nick e Abby, que não estão se falando. Um silêncio desconfortável toma conta do carro. Parece que tem a própria gravidade. Vagar anos-luz por um buraco negro seria mais animado. Simon tenta melhorar o clima jorrando suas tagarelices de sempre, mas, depois de alguns minutos, até ele desiste.

Paramos para deixar Bram, e os dois se despedem com um beijo rápido e delicado. Bram murmura alguma coisa para Simon, que balança a cabeça, sorrindo. Abby pula para o banco da frente assim que ele se levanta.

— Tem certeza de que não quer ir lá para casa? — pergunta Simon pela quinta vez naquela noite.

Em outras circunstâncias, eu toparia na mesma hora dormir na casa dele, mesmo num domingo. Na verdade, Simon mora tão perto da escola que passar a noite lá seria até mais fácil para mim. Só que Abby também vai hoje, e já passamos por muitos momentos estranhos esta noite. Melhor dar um tempo.

Penso nos acontecimentos das últimas horas: Morgan espumando de raiva. Eu mentindo para Garrett. Abby ajoelhada na frente da pia do banheiro. Abby segurando as mãos de Garrett. Abby dizendo *nunca*. Mas nunca *na frente de Garrett*.

E não faço a menor ideia se isso é verdade ou não.



ABBY É A primeira coisa que vejo quando desço do ônibus.

— Oi — diz ela, em um tom despreocupado, e começa a caminhar do meu lado. — Então, ontem foi estranho...

— É, foi.

Minha resposta soa meio grossa, mas não é minha intenção, juro. Tenho esse problema às vezes e quando converso com Abby essa minha característica fica ainda mais evidente. Simon certa vez me perguntou na lata por que eu não gostava dela. Mas o negócio é o seguinte: não é que eu não goste dela, é só que meu cérebro não funciona direito quando Abby está por perto.

Não ajuda o fato de ela estar tão irritantemente linda hoje: blusa listrada, saia vermelha e meia-calça, com o cabelo preso para trás com grampos. Ela boceja e abre um sorriso.

— Então... tenho uma proposta para você — diz.

— Ah, é?

— Aham.

Ela está com um olhar divertido, como se estivesse prestes a fazer uma brincadeira. Abby é uns cinco centímetros mais baixa do que eu e provavelmente tem metade do meu peso. Ou não. Não sei. Na verdade não é tão magra assim. Ela só tem o corpo bem torneado e proporcional, ou corpo “ampulheta”, como explicam as revistas que minha mãe deixa no banheiro.

— Então, aquela visita ao campus... — continua. — Não vou com meus pais. Não mesmo.

— Todo mundo vai com os pais.

Ela balança a cabeça.

— Não eu. Não mesmo.

— Não está mais aqui quem falou — respondo, e percebo que estou sorrindo.

— Quer ir comigo? — pergunta Abby. — No recesso de primavera. Eu pego o carro da minha mãe e vamos até lá. É só escolhermos o dia. E podemos ficar com uma amiga da minha prima. Vamos fazer nossa própria road trip.

— Como Simon e Nick?

— Só que muito mais legal! Eles vão *morrer* de inveja da nossa viagem, porque vamos a várias festas e fazer um monte de coisas divertidas. Vai ser incrível! E ainda vai dar para ter uma ideia de

como é estudar lá.

Não sei o que dizer, de verdade. A não ser pelo tempo que passamos dentro do banheiro de Martin Addison, acho que não ficamos sozinhas no mesmo cômodo há mais de um ano. E agora, de uma hora para outra, Abby está falando como se fôssemos melhores amigas, do tipo que vão a festas, tiram selfies e viajam juntas. O que está acontecendo?

— Ou não — acrescenta ela depressa. — Não precisamos ir a festas nem nada. Nem ligo. Você que decide.

— Então você quer que eu vá com você para Athens — falo, lentamente, ainda tentando entender a situação, e percebo que estou tamborilando no armário. Paro na hora.

— Isso.

— Por quê?

— Como assim?

Fico olhando para baixo, sem jeito.

— É que não somos...

Não sou amiga de Abby Suso. Não sou nada de Abby Suso. Sendo bem sincera, essa história toda está me enlouquecendo.

— Sei que você ainda tem que conversar com a sua mãe e tudo o mais — diz ela.

— Eu só...

Ergo os olhos e vejo Taylor vindo em minha direção, com uma expressão séria.

— A gente conversa mais tarde — diz Abby, alisando meu braço. Então, desaparece pela escada, como se nunca tivesse estado ali.

— E então? — pergunta Taylor, abrindo um sorriso ansioso.

Não consigo tirar os olhos da escada.

— O quê? — pergunto, meio aérea.

— O que você achou?

— Do quê?

— Da peça!

— Ah — falo. — Foi incrível. Parabéns!

— É claro que algumas pessoas precisam ensaiar bastante ainda, mas de um modo geral foi bom, não foi? E Nick foi simplesmente maravilhoso. — Ela sorri. — Aliás, por falar no Nick...

Taylor. Sério. Acho que ela desconhece o significado da palavra *sutileza*. Sabe, se você menciona uma pessoa e segue falando sobre ela sem parar, suas intenções ficam bem claras.

— Eu tive uma ideia muito legal — continua Taylor. — Então, todo mundo... tipo, todo mundo *mesmo* veio me dizer que nossas vozes casavam perfeitamente. Teve gente que ficou até *arrepiada* quando nos ouviu cantar. — Ela ri. — Olha que coisa.

— Realmente.

— Enfim. — Ela sorri, de novo. — Eu estava pensando... E se Nick entrasse para a nossa banda?

Arregalo os olhos.

— Oi?

— Podemos acrescentar uma progressão harmônica aos vocais principais, ou talvez até rever nosso setlist para incluir alguns duetos. E ele também pode tocar guitarra, claro.

— Nora já faz isso.

— Eu sei! Mas e se tivéssemos dois guitarristas? Acho que daria uma dimensão extra ao som, entende? Sem contar que um garoto na banda aumentaria muito a extensão vocal.

— Aham, mas somos uma banda só de garotas. Esse é meio que o nosso objetivo.

Taylor assente, enfática.

— Com certeza! Entendo perfeitamente. Mas também pensei que talvez fosse legal ter, sei lá, uma banda só de garotas com um garoto cantando. Isso quase não existe. A gente sempre vê bandas só de garotos com uma vocalista, então faríamos o inverso, entende?

Não acredito no que estou ouvindo. Ela está falando sério. Ela quer mesmo que Nick entre para nossa banda só de garotas. E neste exato momento estou me perguntando se é possível olhar para alguém com desgosto extremo e acabar ficando com essa expressão para sempre. Olhar de desgosto permanente. Vai ficar incrível no meu rosto de feições já tão simpáticas.

— Que tal discutirmos isso melhor no ensaio? Hoje vai rolar, não vai?

Merda. Eu tinha me esquecido completamente disso. E não estou com a mínima disposição para passar uma tarde inteira com Morgan. Na verdade, minha disposição é nula, negativa, inexistente.

* * *

Mas não sou tão babaca assim. Então, quando as aulas terminam, encontro Anna e vou para a sala de música sem reclamar.

Todas já estão lá ao chegarmos. Nora e Taylor estão sentadas no chão, uma afinando a guitarra e outra se alongando, fazendo pose de borboleta. Morgan está sentada em uma cadeira de plástico azul, visivelmente desconfortável, com o corpo empertigado. Ela desvia o olhar ao me ver.

— Bem... — diz Anna lentamente. — Estamos todas aqui.

Fico agachada perto do piano. Nora morde o lábio, nervosa, olhando ora para mim, ora para Morgan. Ninguém dá um pio.

Anna balança a cabeça.

— Sério, vocês vão ficar fazendo esse joguinho mesmo? Nada disso.

Botem tudo pra fora agora. — Ela pega o celular. — Cinco minutos. Vão.

— A gente precisa disso mesmo?

— Quatro minutos e quarenta e oito segundos — anuncia Anna, mostrando o cronômetro.

— Isso é ridículo — murmura Morgan.

Anna assente.

— Também acho. Vocês duas estão sendo ridículas.

— Está falando sério? — pergunto.

— Quatro minutos e dezenove segundos.

Eu a encaro, indignada.

— Peraí. Então Morgan faz uma declaração claramente racista, eu chamo a atenção dela, e por isso sou ridícula também? Estou fazendo drama, é isso?

— Leah, você está exagerando, sabe disso. Foi só um comentário idiota da Morgan — argumenta Anna.

— Um comentário racista.

Pelo canto do olho, vejo Morgan se encolher.

— Eu sei. Não precisa me explicar o que é racista ou não — diz Anna.

Meu corpo todo fica tenso.

— Sabe de uma coisa? Nem sei se quero continuar na banda.

— Ah, para com isso. — Anna revira os olhos. — Por causa da Morgan?

Dou de ombros, o rosto pegando fogo.

— Então você está me dizendo — retruca Anna — que vai jogar fora um ano de trabalho por causa de um comentário?

Ela fala com tanto desprezo que parece que eu acabei de chutar um cachorrinho na rua. Nora e Taylor continuam quietas, e não ousa olhar para Morgan. Em vez disso, encaro o chão.

— Eu só...

— Tudo bem, você está chateada. Entendo isso. Mas que história é essa de sair da banda?

— Até parece que a banda ia durar para sempre — falo, e solto uma risada apática. — Vamos nos formar em menos de três meses.

E, neste momento, por uma fração de segundo, eu *sinto*. Como falta pouco. Como logo tudo vai mudar. É estranho, porque na teoria sei que despedidas são normais e fazem parte da vida, mas não é tão fácil assim lidar com elas na vida real. E isso complica bastante as coisas. Não sei como dar adeus a pessoas que estão paradas bem na minha frente.

— Olha só, foi legal enquanto durou. — Sinto um nó na garganta. — Mas não dá para forçar a barra. Não me sinto confortável em estar na mesma banda...

De repente, o alarme do celular de Anna toca, e todas nos sobressaltamos.

Morgan se levanta.

— Sabe de uma coisa? Vamos resolver isso de uma vez. Fui eu que fiz merda. Eu arruinei a banda. — A voz dela vacila. — Então, obviamente, sou eu que tenho que ir embora.

Anna suspira.

— Morgan, para com isso.

— Não, está tudo bem. Sei quando não sou bem-vinda. Estou bastante acostumada com isso.

Ela limpa as lágrimas que começam a escorrer e sai correndo da sala, batendo a porta com força.

— Satisfeita, Leah? — pergunta Anna.

— Chega, Anna! — diz Nora. — O que aconteceu não foi culpa da Leah.

Anna abre a boca para retrucar, mas Taylor a interrompe.

— Gente, alguém pode, por favor, me explicar o que está acontecendo?

Todas olhamos para ela.

— Morgan simplesmente acabou de sair da banda? — pergunta, perplexa.

— É o que parece... — diz Anna.

— Hum. Entendi. — Ela franze a testa, e quase dá para ver as engrenagens rodando em seu cérebro. — Bom, então acho que vamos precisar chamar outra pessoa.

Meu Deus.

— Taylor, o Nick não vai entrar na banda.

— Tudo bem, mas...

— Nem tocar teclado ele toca — diz Nora.

— Não toca mesmo — confirma Nick, e levo um susto.

Ele, Bram, Garrett e Abby estão parados à porta, embora nenhuma de nós tenha visto ou ouvido os quatro chegando.

Taylor abre um sorriso.

— O que vocês estão fazendo aqui?

— Bem — diz Bram —, tenho um favor...

— Vem cá — intromete-se Garrett, sorrindo de um jeito quase envergonhado. — Vocês acabaram de dizer que precisam de um tecladista?

— Você é tecladista? — pergunta Taylor.

— Bem, eu toco piano.

— Piano? — pergunta Nora, boquiaberta.

Garrett ri.

— É, piano — repete ele, entrando na sala. Garrett se senta ao meu lado e sorri. — Aquele instrumento grande...

— Tá, a gente entendeu — falo.

— Precisamos mesmo de um pianista — diz Taylor. — Morgan acabou de sair da banda.

— Sério? — diz Garrett.

— É, porque Leah resolveu arrumar encrenca de novo — resmunga Anna.

— Ah. — Garrett olha para mim e para Anna, nervoso. — Tem a ver com o lance da universidade?

— Está perguntando se elas brigaram porque Morgan acha que só entrei por ser negra? — comenta Abby.

— Ela não acredita nisso de verdade. — Anna está muito vermelha. — Ninguém acredita.

Abby bufa.

— Você que pensa.

Todos ficamos quietos pelo que parece uma hora. Finalmente, Taylor se vira para Bram.

— Que favor você queria pedir?

— Então. — Bram dá um sorrisinho e fecha a porta. — Acho que já sei como vou convidar o Simon para o baile de formatura.

— O quê? Ai, meu Deus! — exclama Taylor. — Você está pensando em fazer um pedido especial?

Ele faz que sim, e ela dá um gritinho de alegria.

— Mas preciso de vocês... principalmente de você, Nora. Ele vai te dar carona amanhã, certo?

— Para a escola? Vai.

— Acha que consegue vir com ele aqui para baixo exatamente às oito e quinze?

— Você vai fazer o convite na sala de música? — pergunto.

— Vou. Espero que sim. Leah, na verdade, tenho um pedido para você também.

— Manda — falo, e olho de relance para Nick e Taylor sentados juntos no chão.

Não sei o que pensar disso. Talvez signifique que ele e Abby não se entenderam. Não que eu ligue para isso. Só é esquisito.

Bram morde o lábio.

— Será que posso usar sua bateria?



O MAIS COMPLICADO é seguir o tempo exato. Fazer com que Simon esteja na escola *por volta* das 8h15 é fácil. Fazer com que ele esteja lá *exatamente* às 8h15 requer um pouco mais de astúcia. Nora me convenceu a dormir na casa deles na noite anterior, porque Simon Spier é extremamente pontual pela manhã, de um jeito agressivo, até. Por isso usamos todos os artifícios possíveis para atrasá-lo.

— Vocês duas! — chama Simon lá de baixo, às 7h44. — Vamos logo!

— Um minutinho! — grita Nora.

— Não é possível! O que vocês estão fazendo aí em cima?

— Cara. Relaxa — diz a irmã.

— Ele adora tanto assim ir para a escola? — resmungo.

Nora revira os olhos.

— Pois é. Ele gosta de fazer o dever de casa pela manhã, com o Bram.

— “Dever de casa” — repito, fazendo aspas no ar.

— Exatamente.

Simon sobe a escada e entra no quarto de Nora.

— A gente vai se atrasar, tô falando!

— Vamos nada — retruca Nora, fechando calmamente o estojo da guitarra. — Você só quer chegar lá cedo para ver seu namorado.

Simon bufa.

— Tenho dever de casa para fazer, é sério. Estou indo para o carro.

Ele pega a mochila de Nora e está prestes a sair do cômodo, quando Nora grita:

— Espera!

— O que foi agora? — diz Simon, irritado, mas a irmã ignora.

— Acho que estou usando duas meias de pé esquerdo.

— Hein? Claro que não. E isso não existe — retruca Simon. — Vamos.

Ele coloca a mochila no ombro e pega as chaves no bolso. Simon é ou não é a coisa mais fofa e tonta que existe? Parece que ele está determinado a estragar a surpresa romântica do namorado.

Nora e eu nos entreolhamos, tensas.

— Tudo bem, a gente inventa alguma desculpa no estacionamento — diz ela, pegando o estojo da guitarra.

Os Spier moram a cinco minutos da escola (podiam até ir andando,

na verdade), então chegamos num piscar de olhos. Simon checa o celular assim que desliga o carro: 7h57.

— Na verdade, preciso de um conselho — falo, de repente.

Esta manobra é infalível: Simon adora que precisem dele. Na mesma hora, o rosto dele se ilumina.

— Ah, é? Claro! Agora! Deixa só eu mandar uma mensagem para o Bram... Pronto. O que houve?

Ele se vira no banco para me olhar.

— É sobre o Garrett — falo, chegando para a frente.

* * *

Dez minutos mais tarde, Simon ainda está falando, falando, falando, sem chegar a lugar algum.

— Então você simplesmente não apareceu? — pergunta ele.

— Isso — respondo, envergonhada.

— Mas Garrett acha que você foi.

Faço que sim.

— Leah!

— Sou a pior pessoa do mundo, não sou?

— Não, também não é pra tanto — diz Simon. — A pior é o Voldemort.

— Mas estou quase lá, né? Tipo, Voldemort está aqui — ergo a mão, quase encostando no teto do carro —, e eu estou aqui — falo, descendo a mão um pouquinho. — E a pior pessoa seguinte está aqui embaixo. Aquele dentista que matou o leão, por exemplo.

— Pegou pesado, Leah — brinca Nora, rindo.

— Você tem que contar a ele — decreta Simon.

Meu estômago se contorce.

— Ai, você acha?

— Acho. Você tem que ser honesta. Só explica o que aconteceu e pronto. Garrett é um cara legal, vai levar na boa. — Simon coça a cabeça, refletindo. — Ou... você pode dizer que ficou doente. É, acho que isso é melhor, soa mais plausível. Você chega e diz: “Sabe, eu estava quase saindo de casa, mas de repente fiquei muito, muito enjoada e não consegui nem olhar o celular.”

Abro um sorriso. É inevitável.

— Então, tenho que contar a verdade... mas com um toque de mentira.

— Isso — diz ele.

— Simon.

— Eu posso falar com ele, se você quiser. Deixo escapar que você teve uma diarreia fortíssima, mas que ficou com vergonha de contar. Garrett *com certeza* vai entender, acredita em mim. — Simon dá um

risinho abafado.

— Não vou dizer para ele que tive diarreia!

— Eu digo, então.

— Vou bater em você.

— Eu também — acrescenta Nora.

— Por que garotas são tão violentas? — pergunta Simon.

Nem me dou ao trabalho de responder. Só faço meu melhor olhar de desprezo para ele.

— E se você não tocar mais no assunto? — diz ele um instante depois. — Ele nem deve se lembrar mais disso.

— Então agora você está dizendo que é melhor ela não contar nada? — pergunta Nora.

— Exatamente.

Então eu com certeza tenho que contar a verdade, mas também com certeza tenho que mentir, e com certeza tenho que nunca mais tocar no assunto. Muito obrigada por essa pérola de sabedoria, Simon. Ajudou muito.

— Mas, vem cá, o que você acha do Garrett? — pergunta Simon, com malícia.

— Ih! Viu a hora? São quase oito e quinze — falo, a mão já na maçaneta do carro.

Agora só preciso levar Simon até a sala de música. Posso chamá-lo para me ver tocando bateria, talvez. Será que cola? Acho que ele não desconfiaria, mas e se não estiver a fim de ir até lá comigo? Aí todo o plano vai por água abaixo, a menos que eu queira parecer meio louca e obcecada. Bom, não posso decepcionar Bram, então...

— Tô muito apertada para ir ao banheiro. Segura aqui rapidinho — diz Nora, despejando o estojo da guitarra no irmão e disparando escola adentro.

— Diarreia é fogo — diz Simon, assentindo, com um ar de sabedoria. Ele olha para a guitarra. — O que eu faço com isso?

Nora, você é minha heroína.

— Ah, podemos deixar na sala de música — falo, com o dar de ombros mais casual que consigo fazer.

* * *

A sala de música está toda iluminada com piscas-piscas. Em março. E Simon nem se dá conta.

— Ih, alguém pegou sua bateria e não guardou — comenta ele, colocando a guitarra de Nora ao lado.

— Na verdade, essa bateria não é minha. — Olho de relance para o armário — Qualquer um pode usar.

— Sério? — pergunta Simon, maravilhado.

— Sério. Por que você não tenta?

Simon sorri e se acomoda no banco. Parece um garotinho prestes a andar de avião pela primeira vez. Entrego as baquetas a ele, e seus olhos brilham.

— Sempre quis fazer isso.

— Jura?

Ele assente.

— O que eu faço? É só...?

Olho mais uma vez para o armário fechado, sufocando uma risada.

— Manda ver. É só bater.

Assim que ele começa, dou play na câmera do celular. Um farfalhar alto emana do armário, seguido pelo som distante de uma música.

— O que foi isso? — pergunta Simon.

O volume da música aumenta, e a porta do armário se abre de repente, revelando Bram, com uma escova de cabelo na mão.

— *Ohhhh I... don't want a lot for Christmas...*

Eu me afasto rapidamente para capturar o momento. Simon está sem ação, boquiaberto, com os olhos arregalados. A música acelera, e Bram dá um passo à frente, e Garrett, Nick e Abby surgem logo atrás.

E essa é a grande surpresa. Abby e os garotos balançam os dedos e erguem os braços, que vão abaixando lentamente no ritmo da música, enquanto Bram dubla a música usando a escova como microfone, uma única palavra estampada em seu peito, com letras pretas feitas de fita adesiva.

Joaquim.

Simon ainda está perplexo demais para dizer alguma coisa, mas parece cada vez mais empolgado.

São tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo que não sei para onde olhar. É tudo muito incrível! A fanfic de Simon tornada realidade. Não acredito que Bram fez isso. E não acredito que o plano todo deu certo.

É claro que Abby é a melhor entre os quatro dançarinos, acertando cada deixa e sorrindo e dançando como se estivesse num musical da Broadway. Nick está claramente achando graça da situação, sorrindo um pouco constrangido. É engraçado observar os dois juntos, porque o clima entre eles não parece pesado. Olhando de fora, qualquer um pensaria que nunca brigaram na vida.

Mas Garrett... Tadinho. Ele é um desastre completo. Pernas e braços para todo lado, pulando em um pé só. E quase caiu de verdade duas vezes.

Quando a música termina, Bram aponta para Simon, sorrindo, ofegante.

— Simon Spier, quer ir ao baile comigo?

Simon faz que sim e corre para abraçar o namorado, rindo tanto

que mal consegue falar.

— Te odeio muito! Ai, meu Deus. Quero — diz, e tasca um beijão em Bram.

Garrett dá um grito, e Simon mostra o dedo do meio para ele, ainda beijando seu par para o baile.

— Ainda não consigo acreditar, gente — diz Simon, quando volta à superfície. Ele cutuca o peito de Bram e sorri. — Joaquim.

Bram sorri.

— Como você descobriu a fanfic? — pergunta Simon.

— Foi um trabalho em equipe — responde Bram.

— Odeio muito todos vocês.

Abby aparece ao meu lado, saída do nada.

— Isso foi muito épico — murmura.

— Não estou conseguindo lidar.

Ela dá um sorrisinho.

— Eu sei.

Então minha boca se desconecta do meu cérebro. Essa é a única explicação, porque, quando dou por mim, já estou falando. Sem parar.

— Então... você provavelmente já deve ter outros planos ou algo do tipo, mas...

A frase morre na minha garganta. Por que é tão difícil?

— Está me convidando para o baile de formatura, Leah Burke?

— Claro — respondo, em um tom neutro. — Estamos a um metro e meio do seu namorado e estou convidando você para o baile de formatura.

Abby arqueia uma das sobrancelhas, como se não conseguisse decidir se estou brincando ou não. Sério, nota doze em constrangimento em uma escala de um a dez. Preciso mesmo deixar claro que não estou convidando Abby para o baile?

— Não estou convidando você para o baile, Abby.

— Ah, tá...

Fico vermelha, e, por um instante, nenhuma de nós abre a boca.

— Tudo bem, agora falando sério... — falo, por fim. — Aquela história de road trip...

Abby deixa escapar um arquejo.

— Está dizendo que quer ir comigo para Athens?

Dou de ombros.

— Se seu convite ainda estiver de pé...

— SE MEU CONVITE AINDA ESTIVER DE PÉ? — grita ela, me abraçando.

Sinto uma aflição na barriga, como se tivesse engolindo um celular minúsculo e ele estivesse vibrando.



ENTÃO É ISSO: o baile de formatura é uma obsessão real entre os jovens americanos.

Perdi a conta de quantas vezes Simon já assistiu ao vídeo da surpresa de Bram. É dia e noite nisso. Sem parar. Mandou até para a mãe. Por falar em felicidade, Nick e Abby voltaram a ser os pombinhos apaixonados e insuportáveis de sempre, ou seja, mãos dadas na aula de inglês, discussões sobre trajes de gala no almoço e por aí vai. É basicamente o apocalipse se aproximando, mas com muita pompa e elegância.

E não nos esqueçamos de Garrett, que não para de me olhar de um jeito esquisito e sorridente. Na quinta-feira, encurralo Bram em frente ao armário assim que chego.

— Então: Garrett vai me convidar para o baile? — pergunto, sem rodeios.

— Hum... — diz Bram, enfático.

— Por favor, me diz que ele não planeja fazer nada em público.

Sério, vou morrer. Não dá pra mim. Simplesmente não dá. Não tenho nada contra o Garrett. Na verdade, iria ao baile com ele tranquilamente. Só que convites em público são meu pior pesadelo. A situação toda já é constrangedora demais sem plateia.

— Sério, Bram, eu preciso saber.

— Então... — Ele morde o lábio.

— Entendi. — Faço uma careta. — Quando vai acontecer?

— No almoço — responde ele. — Quer que eu...

Dou um tapinha no ombro dele.

— Eu cuido disso.

Veja bem: sim, eu vou ao baile com Garrett. Sem problemas. Iremos como amigos. Como camaradas. Vai ser divertido. Vamos tirar algumas fotos tenebrosas e, com sorte, não vou enfiar o alfinete do corsage na jugular dele. Não de propósito, pelo menos.

Encontro Garrett acampado na biblioteca.

— Ei, posso falar com você rapidinho?

— Claro — responde ele, surpreso. — O que aconteceu?

— Em particular. — Decidida, vou até o suporte de revistas, e ele me segue, sem questionar. — Então, o negócio é o seguinte: sei o que você está planejando.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Como assim?

— Escuta. Eu vou ao baile com você, tudo bem?

Ele fica boquiaberto, e eu, vermelha.

— Se você quiser — acrescento, sem jeito. — Quer dizer, a gente não precisa...

— Sim... Burke. Sim, eu quero — confirma. — Mas... É... Você meio que estragou meu show.

— Eu sei. — Reviro os olhos. — Era o objetivo.

— Não quer nadinha dele?

— Nem um pedacinho.

— Mas... — Ele coça a cabeça e abre um sorriso. — Você vai ao baile comigo? De verdade?

— Claro.

— Cara.

Ele abre um sorriso e me abraça com força, e, ok, tenho que admitir que é fofinho. Esse garoto, gente. Esse garoto de olhos azuis que me chama pelo sobrenome e nunca cala a boca. Meu par no baile. Isso realmente está acontecendo. Acabo de chamar um garoto para sair. Ou ele me chamou. Acho que nos chamamos.

Está feito. Eu fiz. Pois é, acho que vou ao baile, então. Acompanhada. Sou um verdadeiro clichê adolescente. Parte de mim quer contar isso para todo mundo. Bem, as pessoas realmente anunciam essas baboseiras no Tumblr da escola. Tem até uma lista com os casais que vão ao baile, constantemente atualizada, talvez para não criar confusões do tipo Harry-convida-Cho-para-o-baile-de-inverno. Embora, sejamos sinceros: se Katie Leung rejeitando Daniel Radcliffe daquele jeitinho doce, com sotaque escocês, não foi seu despertar sexual, nem fala mais comigo.

Eu só queria realmente saber como me sinto em relação a Garrett. Não deveria ser tão complicado, sabe? Deve ser tão mais fácil quando se tem um pênis. Essa pessoa deixa você de pau duro? Sim? Tá decidido. Por muito tempo eu pensei que o pinto literalmente apontava na direção da pessoa que o deixava excitado, como uma bússola. Isso seria útil. Constrangedor demais, realmente, mas ao menos simplificaria as coisas.

* * *

Chego em casa antes da minha mãe, e tem um bilhete preso na geladeira pedindo que eu ligue para o trabalho dela. Do nada, me lembro de algo que Abby me contou pouco depois de ter se mudado para cá: o pai dela ainda morava em Washington na época, e acho que na cabeça dele a cidade era um antro movido a sexo e drogas, tanto que não queria que Abby fosse *a lugar algum* depois que escurecesse.

Por isso, ele sempre ligava para o telefone fixo, para se certificar de que Abby estava mesmo em casa. Uma manobra muito esperta, se a filha não tivesse descoberto como encaminhar todas as ligações para o celular dela. Enfim, foi só algo que me ocorreu, não estou pensando aleatoriamente em Abby Suso nem nada.

Eu me jogo no sofá e ligo para o escritório da minha mãe, que atende no primeiro toque.

— Como você não me contou que tinha um vídeo da surpresa que o Bram fez para o Simon?

— Como você sabe? — pergunto, rindo.

— Alice Spier compartilhou o vídeo que Simon postou no Facebook.

Repare que minha mãe é amiga não dos pais dos meus amigos, mas dos *irmãos* deles. Tem como não amar?

— Preciso de detalhes — diz ela.

Conto tudo. Ou tento contar. Não sei muito bem se é possível colocar em palavras o que é Garrett dançando.

É... também tem isso. Acho que uma hora vou ter que comentar com ela que vou ao baile com Garrett. Tenho até medo da reação dela, porque a mulher simplesmente ama bailes de formatura. Ela foi a todos, até quando estava no primeiro ano — até no do penúltimo, na verdade, quanto estava com quatro meses e meio de gravidez. Minha mãe acredita piamente que todo filme adolescente tem que terminar com uma cena no baile de formatura.

— Acho que todo filme adolescente *termina* com uma cena no baile de formatura — eu dissera a ela certa vez.

Ela acha tudo muito romântico.

— O baile é aquela noite em que os dramas cotidianos ficam em segundo plano — explicara ela uma vez. — Todo mundo bonito e arrumado, com um ar diferente... E parecia que todo mundo estava mais disposto a se doar ao outro, sabe? — Lembro que ela fez uma pausa depois de dizer isso e, por um instante terrível, achei que talvez fosse um eufemismo para outras coisas. Mas ela logo acrescentou, com delicadeza: — Não sei, acho que a gente sentia que não tinha problema *gostar*, se importar. Que não precisávamos ser blasé o tempo todo. Enfim, tem uma sinceridade muito poderosa nesse tipo de situação.

Nunca soube muito como reagir quando ela falava essas coisas. *Nossa, mãe, que legal. Fico feliz que tenha sido um momento tão especial para você.* Sei lá, talvez algumas pessoas gostem de ser blasé.

É agora. Respiro fundo e falo:

— Então, convidei Garrett para o baile.

Do outro lado da linha, ela solta um arquejo.

— Leah.

— Não é nada de mais, ok? É só o Garrett. E vamos só como amigos.

— Aham — diz ela, e, pelo tom de sua voz, sei que está sorrindo.

— Mãe.

— Estou só pensando numa coisa aqui... Garrett sabe que vocês vão só como amigos?

— Mãe. Ele sabe.

Quer dizer... merda. Será que ele sabe? Bem, sei que *eu* tenho certeza de que nós vamos só como amigos. Em nenhum momento eu disse que seria algo romântico. Mas talvez um baile de formatura seja algo romântico por natureza? Eu deveria ter deixado claro, é isso? Será que as situações sociais ambíguas poderiam fazer a gentileza de me deixar em paz?

É claro que, assim que desligo o telefone, há uma mensagem de Garrett esperando por mim. Então vou falar com o Greenfeld e aí a gente combina limusine, jantar, essas coisas! O baile vai ser demais esse ano, estou ansioso.

Vai, sim, Garrett. Vai, sim.

* * *

Na sexta-feira, a febre coletiva não girava mais em torno do baile, e sim das universidades. Juro, não existe nada mais tóxico e competitivo do que adolescentes de classe média prestes a se formar. Parece que estou em um programa de auditório, com camisetas pretensamente autodepreciativas atingindo você de todas as direções. É como se todo mundo tivesse se transformado na Taylor da noite para o dia.

Anna entrou na Duke. Morgan vai para a Georgia Southern. Simon e Nick foram aceitos tanto na Wesleylan quanto na Harverford, e os dois foram rejeitados pela Universidade da Virgínia. Quando soube disso, Abby ficou chocada.

— Vocês são literalmente a mesma pessoa?

— Eles sabem que somos um pacote. Se quiser um, tem que levar o outro — disse Simon.

— Isso é muito esquisito.

Nossa mesa de almoço também é uma zona de guerra, só que uma coisa meio Guerra Fria. Morgan e eu estamos em extremos opostos da mesa, nos comunicando apenas por olhares furiosos. Mas não somos as únicas. O clima entre Abby e Nick é bem hostil, embora os dois tentem fingir que está tudo bem. Simon fica no meio do tiroteio, olhando para um amigo e depois para outro, como se estivesse atravessando uma rua prestando muita atenção. Acho que nunca conheci uma pessoa que dá tanta importância aos dramas do grupo.

Garrett, por outro lado, está totalmente alheio às tretas. Ele afunda

na cadeira a minha frente, ao lado de Abby, e sorri.

— Muito bem, senhoritas, preciso da ajuda de vocês. É o seguinte: fiquei encarregado de fazer a reserva do restaurante em que todas essas pessoas lindas aqui vão jantar. Alguma sugestão?

— Algum lugar perto do baile, talvez? — propõe Abby, sem muito entusiasmo.

— Um lugar barato — acrescento.

Garrett abre um sorriso.

— Não precisa se preocupar com isso, Burke. Acho que alguém vai cuidar da sua parte na conta.

— Tá bem. — Fico vermelha. — Obrigada.

Abby se vira para mim.

— Espera aí, vocês dois vão ao baile juntos?

— Vamos — confirma Garrett.

Faço que sim, desviando o olhar.

— Estão falando sério? Como eu não fiquei sabendo disso?

Garrett finge indignação.

— Ela não te contou!?

— Não — diz Abby, que ainda está me encarando.

Ué, eu devia ter contado para ela? Em que momento ficou estabelecido que eu faria isso? Não entendo Abby. Não mesmo. Todo mundo acha que ela é divertida, fofa e animada, mas na verdade é a garota mais enigmática do universo.

Quando finalmente olho para ela, não sou capaz de decifrar sua expressão.

— Aliás — diz Abby —, temos que organizar nosso recesso de primavera.

— O que vai acontecer no recesso de primavera? — pergunta Garrett.

Abby abre um sorrisinho malicioso.

— Nada, não. Só a viagem mais legal da história das viagens.

É esquisito. Abby fala isso com a maior calma do mundo, mas seus olhos de alguma forma estão cintilando, como se ela estivesse lançando um desafio.

Para Garrett. Ou para mim. Não tenho a menor ideia.

— Sou bem flexível — falo.

— Nossa, eu também. Estou louca para viajar. Louca para começar a universidade logo.

— Ah, vocês vão visitar a Universidade da Geórgia? — pergunta Garrett.

— Aham — responde ela, deslizando a mão pela mesa para fazer um *high-five*.

Bato na mão dela. E Abby entrelaça nossos dedos. Bem ali, na mesa de almoço. Realmente não tenho a menor ideia do que está

acontecendo.

— É o que dizem — murmura Abby, abrindo um sorrisinho para Garrett. — O que acontece em Athens fica em Athens.

Garrett arqueia as sobancelhas, extasiado.

— Não precisa dizer mais nada.

E, por alguma razão, aquilo me irrita. Não, na verdade, aquilo me faz espumar de ódio. Eu me levanto da cadeira num pulo.

— Gente, o que foi agora? — pergunta Simon.

Quando estou furiosa, eu fujo. É sempre assim. Saio de refeitórios, passo por salas, disparo por corredores, desapareço em banheiros. Porque, se eu não fugir, vou acabar descontando em alguém. Sei que vou. Juro que vou. Nem sei de quem tenho mais raiva. De Abby, por me provocar, ou de Garrett, por achar que o mundo gira ao redor dele. Porque é para isso que garotas bissexuais existem, Garrett. Para suas fantasias masturbatórias. Tenho vontade de gritar isso na cara dele. Amigo, se você gosta de mim — se realmente gosta de mim —, então sinta ciúmes. Fique preocupado. Demonstre *alguma coisa*. Se fosse Nick flertando comigo, Garrett teria pensado *Epa: competição*. Mas porque é Abby, não tem importância. É como se não contasse, só porque ela é mulher.

Não que Abby estivesse flertando comigo. Provavelmente não estava.

Com certeza não estava. E eu com certeza não estou nem aí para isso.



ACHO QUE VOCÊ está brava comigo, escreve Garrett em uma mensagem, depois da escola. Por causa do negócio com a Abby. Desculpa, Burke, eu estava brincando, juro, mas vou parar. Desculpa mesmo.

Fico olhando para a tela, sem reação. Não sei nem por onde começar. Como vou reclamar com ele se o garoto nem sabe que sou bi?

Afundo no sofá, subitamente exausta.

Tá tudo bem. Só me promete que vai parar de ser babaca, por favor

Prometo!, responde Garrett imediatamente, com emoji de sorriso. Então tá tudo bem entre a gente?

Tá, sim.

Eu é que não estou nada bem. Passei o final de semana todo inquieta. Porque Garrett realmente se desculpou, mas Abby, não. Não que ela tivesse que fazer isso nem nada, mas é que realmente não entendo essa garota. Não entendo o que ela está fazendo. E o que me deixou mais incomodada nem foi aquela história de *o que acontece em Athens*, sabe? Porque aquilo poderia significar qualquer coisa: caras de fraternidades e bebedeiras e lixo hétero por dias.

Mas a expressão dela quando eu disse que ia ao baile com Garrett, a surpresa por eu não ter contado antes... Mas por que eu contaria? Ela tem namorado. E daí se eles andam brigando? Ela. Tem. Namorado. Portanto, nada disso importa, então dane-se o baile de formatura.

É claro que minha mãe não para de falar e pensar nisso por um segundo. Ela tira duas horas de folga na quarta-feira e vai me buscar na escola.

— Vamos comprar um vestido.

— Precisamos mesmo? — pergunto, desolada.

— Sim, senhora. Porque você vai ao BAI-LE — responde, enfatizando bem as duas sílabas. — Ai, estou tão empolgada!

Parece que somos de dois planetas diferentes. De vez em quando me dou conta de uma coisa: se eu tivesse conhecido minha mãe no ensino médio, acho que não teríamos sido amigas. Não que ela fosse babaca. Na verdade, era parecida com Abby — sociável e popular, sempre participando das peças, indo a todas as festas, tirando notas altas. Vivia com um namorado a tiracolo — geralmente um jogador de futebol com barriga tanquinho, mas às vezes também saía com caras nerds, ou músicos, como meu pai, que, ao que parece, fumava bastante maconha, embora isso não tenha afetado seus

espermatozoides. E cá estou eu.

— Sabe, na última vez em que saímos juntas e compramos um vestido para ir a um baile de formatura, você estava dentro de mim.

— Haha.

— Meu pequeno feto de formatura.

— Que nojo.

— É lindo. Você é linda. — Ela entra no estacionamento do shopping e encontra uma vaga perto do elevador. Minha mãe dá muita sorte com vagas, é basicamente um superpoder. — E você tem um par!

— Sim, *Garrett*.

— Mas *Garrett* é um amor. — Ela sorri para mim. — Bem, aqui estamos. Onde ficam os vestidos chiques?

Ir a lojas de departamento é como ir a essas lanchonetes enormes. É impossível se concentrar em uma coisa só. Opções demais. Fico agoniada só por estar aqui. Minha mãe dá uma olhada no mapa da loja.

— Arrá! Lá em cima. — Entramos no elevador. — Então, o que está se usando hoje em dia? Na minha época todo mundo usava longo, mas ouvi dizer que não é mais assim.

— Não? — pergunto, um pouco perdida.

— Ou talvez só seja assim em outros bailes, não no de formatura. Não sei. Ah, chegamos.

Araras e mais araras lotadas de vestidos. Acho que nunca vi tanto cetim na vida. São todos de cores fortes, sem alça e cheios de brilho, ou seja, diferentes de tudo que tenho no armário. Na verdade, não tenho nada que possa ser minimamente apropriado para um baile de formatura. Venho escapando de todos os eventos do tipo desde que a fase dos Bar Mitzvahs chegou ao fim, o que claramente foi uma decisão acertada, porque esses vestidos são ridículos, assim como os bailes.

Só que não me sinto ridícula.

Me dói admitir isso, mas quero ir ao baile com tudo a que tenho direito: o vestido, a limusine, a experiência completa. Na verdade, não consigo nem imaginar o baile acontecendo sem mim. Eu, em casa, sozinha, de pijama, passando a noite toda no Instagram e no Facebook, vendo tudo se desenrolar a distância, comprovando de uma vez por todas que não estão nem aí para mim.

Minha mãe começa a empurrar cabides, avaliar tecidos e espiar etiquetas de preços.

— Esses são bem legais, Lele. Estou tentando achar os de duas peças.

— Hein?

— É uma saia longa e uma blusa. É diferente. Eu gosto. — Ela

inclina a cabeça. — Para de fazer essa cara.

Olho alguns vestidos e por algum motivo paro em um cuja parte de cima é um bordado com aplicações delicadas de pedras, e a de baixo, uma saia de tafetá volumosa. É um exagero só. Mas, por incrível que pareça, também é bonito. Não consigo tirar os olhos dele nem parar de tocá-lo.

Então, eu sei que é um desejo bobo, mas eu sempre quis um daqueles momentos *Uau!* dos filmes adolescentes. Como quando a garota nerd magricela desce a escada usando um vestido vermelho deslumbrante. Ou Hermione, no Baile de Inverno. Ou até mesmo Sandy, com sua calça justa no final de *Grease*.

Quero surpreender todo mundo. Quero que todos de que já gostei se arrependam de não terem aproveitado a chance que tiveram.

— Esse é bonitinho — diz minha mãe, com cuidado, sem olhar para mim, como se eu fosse uma gazela que ela estivesse tentando não assustar. É muito irritante.

— Não muito.

— Por que não experimenta? Não custa nada, né?

A não ser minha dignidade. E meu recorde imbatível de dezoito anos sem usar vestidos horrorosos.

Aí vai uma informação sobre mim: sou teimosa. Admito. Mas sempre esqueço que minha mãe também é. A teimosia dela não tem meu toque de cretinice, mas minha mãe pode ser bem persistente. Por isso, vinte minutos mais tarde, estou no provador, usando um vestido de tafetá ridículo. Peguei o maior tamanho, mas o zíper nem fecha. Quando me olho no espelho, tenho vontade de vomitar. A saia parece um balão ao redor dos meus quadris e vai até meus tornozelos. Essa deve ter sido a pior ideia que minha mãe já teve na vida.

— Como estão indo as coisas aí dentro? — pergunta ela do lado de fora. — Quero ver como ficou!

Bem, isso não vai acontecer.

— É normal achar meio estranho na primeira vez — continua. — Mas a cor combina demais com seu cabelo. Vai ficar ótimo. Acredita em mim.

— Está horrível.

— Claro que não!

— Sério, está um desastre completo. Minha vontade é jogar gasolina e queimar esse vestido todinho.

— Nossa, tudo bem. Você realmente não gostou. Entendi. — Ela ri. — Próximo!

Já estou revirando os olhos enquanto me enfito em um pesadelo de chiffon roxo. É de um tamanho maior, então pelo menos consigo fechar o zíper. O vestido fica bem justo nos quadris e marca bastante a barriga. Sei que isso soa horrível, mas não é. É algo maravilhosamente

honesto. Mas, apesar disso, o vestido é careta e sisudo, e não quero ir ao baile parecendo a avó de um aluno.

— Teve mais sorte? — pergunta minha mãe.

Dou uma risadinha amarga.

Alguém arqueja na cabine ao lado.

— Ai, meu Deus, amei!

— Não acha que deixa meus braços gordos?

— O quê? Para com isso, Jenna. Você não está nada gorda. Está maravilhoso.

Meu corpo todo fica tenso na mesma hora. A única coisa pior do que experimentar vestidos é ouvir um monte de garotas magrelas experimentando vestidos no provador ao lado. Ouvi-las procurando defeitos em si mesmas. É como se nem adiantasse eu gostar de meu corpo, porque sempre tem alguém para me lembrar de que eu não deveria gostar.

Você não está nada gorda. Está maravilhoso.

Porque gorda é o contrário de maravilhoso. Entendi. Obrigada, amiga da Jenna!

— Será que experimento o 38, ou vai ficar enorme? — pergunta Jenna.

Sério, gente. Não dá.

Minha mãe se manifesta do lado de fora, e volto rapidamente à Terra.

— Você experimentou o amarelo?

Na verdade, o vestido mal pode ser chamado de amarelo — é mais um dourado clarinho. E tem uma estampa chamativa, com flores coloridas minúsculas que vão ficando maiores na direção da barra da saia.

Odeio amarelo. Odeio estampa floral.

Deveria odiar muito esse vestido.

Mas não consigo explicar... Ele é tão cheio de personalidade. Ninguém usa um vestido floral nesses eventos. Ele é um pouco justo, com um decote em formato de coração, e acho que a saia tem um formato de A, mas há uma camada de tule branca por baixo.

Não sei. Adorei esse vestido odiável. Tenho certeza de que ele não combina comigo. Tenho certeza de que ele foi feito para uma garota como Jenna, que na minha cabeça é a Zoey Deutch, a atriz. Tenho certeza de que esse vestido ficaria incrível na Zoey, mas acho que vou experimentar de qualquer jeito.

Abro o zíper, entro com cuidado na saia e puxo até os quadris. É estranho usar um vestido desses em uma quarta-feira à tarde, com as minhas meias da TARDIS aparecendo.

É estranho usar esse vestido e ponto.

O zíper fecha. É um começo. Mas não adianta, sei que vou parecer

um saco de cocô com as alças do sutiã à mostra. Olho para baixo, não quero me ver no espelho. É melhor só imaginar que o vestido ficou fantástico.

— Ficou bom? — pergunta minha mãe.

Respiro fundo. E levanto a cabeça.

Demoro um tempo para assimilar a imagem diante de mim. Eu de amarelo. Não está horrível. As alças do sutiã aparecendo estão ridículas, mas meio que gosto do caimento da saia, que desliza por meu quadril e flutua até o chão. Acho que realmente usaria isso. Não sei se consigo atingir o nível *uau* de deixar as pessoas deslumbradas, mas ainda assim nunca me senti tão bonita.

Abro uma frestinha da porta e espio lá fora. Minha mãe levanta a cabeça.

— Esse eu vou poder ver?

Dou de ombros e saio devagar do provador, como se estivesse entrando em um palco. Minha mãe não diz uma palavra. Talvez esteja contendo as lágrimas de emoção. Talvez esteja chocada com minha transformação. Talvez o vestido tenha me deixado com uma aparência diferente, mais velha. Meu cabelo nunca esteve tão ruivo quanto hoje. Brinco com o cetim da saia.

Minha mãe inclina a cabeça.

— É... — diz, finalmente. — Ai, não gostei desse, não.

Eu me sinto esvaziar como um balão.

— Ah.

— Acho que ele engole você. É extravagante demais.

— Nossa. Tá bom, então. Só que eu gostei desse, na verdade.

— Sério? — Ela franze a testa. — Olha, ele não é feio, mas acho que conseguimos coisa melhor, Lele.

— É claro que você acha.

Sinto um aperto no peito.

— Como assim? — pergunta ela, intrigada.

Fecho a cara, furiosa, tentando não chorar. Não tenho a menor ideia do que dizer. Não sei explicar por que isso me deixou tão mal e por que odeio todo mundo, só sei que é assim que estou me sentindo.

Balanço a cabeça.

— Pra mim já deu.

— Leah, para com isso. De onde veio essa raiva toda?

Rio sem sorrir. Nem sabia que era possível.

— Já deu dessa palhaçada, só isso.

Volto para o provador.

— Sério? — diz ela, com um suspiro alto.

Tiro o vestido e o penduro no gancho da parede. O maldito fica me encarando, juro. Visto a calça jeans o mais rápido que consigo.

Enquanto isso, minha mãe tenta conversar comigo.

— Leah, se você amou esse, vamos levar. Eu também amei.

Abro a porta e a encaro.

— Você não amou.

— Amei, sim. Ele é bonito. E, sabe de uma coisa, acho sinceramente que vai ficar perfeito depois de arrumarmos seu cabelo. Estou falando sério.

— Não, deixa pra lá.

— Posso ver de novo?

— Já estou vestida.

— Tá certo. Então vamos levar logo. Vou pagar agora mesmo.

E, assim que minha mãe diz isso, percebo que não tenho ideia do valor do vestido. Nem passou pela minha cabeça checar o preço — o que *realmente* é estranho, porque isso é sempre a primeira coisa que faço. Vejo a etiqueta e sinto meu rosto ficar muito vermelho.

— Ele custa duzentos e cinquenta dólares.

Minha mãe fica em silêncio por um instante.

— Tudo bem.

— O quê? — pergunto, respirando fundo. — Não temos esse dinheiro.

— Tudo bem, querida. Não tem problema.

— Por acaso você vai roubar um banco ou algo do tipo? Ou vamos pedir emprestado ao Wells?

Só de pensar nisso já fico enjoada.

— Leah, não ouse me olhar assim.

— Estou só dizendo...

— Não quero ouvir — retruca, irritada. Sua voz parece ecoar no teto.

Parece que há um buraco enorme em meu estômago. Ninguém dá um pio.

— Você nem gostou do vestido — falo, por fim.

— Leah, eu gosto do vestido. — Minha mãe fecha os olhos e respira fundo. — E eu queria muito te dar esse presente. Não precisa ser tão complicado.

— Ah, jura?

— Sabe, estou curiosa, Leah. Como você planejava pagar por um vestido para o baile? Explica para mim.

Não tem o que explicar. É claro que eu não tinha a menor ideia de como arranjar uma roupa para o baile. Não tenho dinheiro para comprar um vestido de duzentos e cinquenta dólares. Mal tenho dinheiro para comprar um de cinquenta. Talvez eu achasse alguma coisa de segunda mão, mas as roupas desses lugares vão no máximo até 36 e geralmente só cabem em uma das minhas pernas.

Por um minuto excruciante, o ambiente mergulha no mais completo silêncio. Até Jenna e a amiga, na cabine ao lado, se calaram.

— Não estou nem aí para vestido nenhum — falo, baixinho.

Minha mãe suspira.

— Leah.

— Só quero ir para casa.

— Tudo bem.

Não trocamos uma palavra sequer no caminho até o carro, mas minha cabeça está fervilhando. *Não precisa ser tão complicado. É verdade. Não precisa ser tão complicado. Não seria nem um pouco complicado se eu fosse igual a Jenna — a Jenna-ai-meu-Deus-meus-braços-estão-gordos.* Garotas como Jenna saem de provadores e as pessoas arquejam e aplaudem. E tenho certeza de que ela anda com um cartão de crédito dos pais — que são casados, têm uns quarenta e cinco anos e não saem namorando caras aleatórios com nomes no plural.

— Meu amor, me desculpe — diz minha mãe ao entrar no estacionamento. — Gostei mesmo do vestido. Não sabia que você havia se apaixonado por ele.

— Não me apaixonei — falo, com a voz trêmula.

Ela fica em silêncio por um instante.

— Tudo bem.

— Eu nem quero ir ao baile.

— Leah. — Ela balança a cabeça. — Você precisa parar de fazer isso.

— De fazer o quê?

— De desistir das coisas quando algo dá errado.

A frase paira no ar. Não sei o que dizer. Eu não desisto das coisas. Bem, *acho* que não desisto.

— Sabe o que eu desejo para você? — pergunta ela, por fim. E abre um sorriso quase melancólico. — Desejo que deixe as coisas serem imperfeitas.

— Mas eu deixo — falo, franzindo a testa.

— Não, não deixa. Um exemplo? Só porque não deu certo com o vestido que escolheu, você já pensa em desistir do baile. Não tentou fazer um teste para a peça porque não é a melhor atriz do universo.

— Sou a pior atriz do universo.

Ela ri.

— Mas você não é! De jeito nenhum. Só que você quer ser a melhor. E tem que parar com isso. Tem que abraçar o fracasso e deixar suas entranhas se acostumarem um pouco com ele.

Que piada. *Deixar suas entranhas se acostumarem com o fracasso.* Qual o sentido disso? Por que alguém iria querer viver assim? Como se já não fosse ruim o bastante eu estar sempre a um sopro de desmoronar, tenho que fazer isso sob a luz de um holofote?

Não dá. Eu não quero abraçar o fracasso. Quero que as coisas não

deem errado. E não acho que isso seja pedir muito.



PASSO A QUINTA-FEIRA vagando de aula em aula envolta numa espécie de névoa. Mal digo uma palavra no almoço e vou embora assim que o sinal toca. Na sexta, chego e vou direto para a biblioteca, onde tomo conta de um dos computadores e começo a digitar milhões de coisas, sem prestar atenção a nada do que estou escrevendo.

Mesmo assim, Simon consegue me achar.

— Oi! Tá fazendo o quê? — pergunta ele, sentando-se em uma cadeira ao lado.

— Um trabalho sobre o Tratado de Viena.

— Fantástico! — diz ele, com um sorriso no rosto.

— Por que você está todo animadinho? — Eu me viro para ele e... fico de queixo caído. — Simon.

A camiseta dele. É novinha, de um roxo bem vivo, com três letras brancas no meio: NYU. Universidade de Nova York.

— Não é pegadinha de primeiro de abril, né? Você entrou mesmo?

— Entrei!

— Simon! — Dou um soquinho no braço dele. — Por que não me mandou uma mensagem contando?

— Eu queria fazer uma surpresa.

— Bram já sabe?

Ele faz que sim.

— Ai, meu Deus! Vocês vão para Nova York juntos!

— Sim!

— Você vai morar em Nova York!

— Isso é tão esquisito, né?

Ele puxa a cadeira mais para perto. Então suspira e ri ao mesmo tempo, os olhos brilhando de felicidade.

— Simon estudando em Manhattan... Ainda não consigo acreditar.

— Nem eu!

— Você tem noção de que morar em Nova York é tipo estar a um passo da fama, né? — falo.

— É...

— Estou falando sério! Vê se não esquece de mim quando ficar famoso.

— Que nada! Vou stalkear você o dia todo, invadir todas as suas redes sociais.

— Esse é mesmo o melhor jeito de aproveitar Nova York.

Ele ri.

— Você sabe que com certeza vamos visitar você e Abby na Geórgia, não sabe?

— Aham.

— Gente, ainda não consigo acreditar que vocês duas vão viajar juntas. Se ainda por cima vocês forem colegas de quarto na faculdade, juro por Deus...

Franzo a testa.

— Jura por Deus o quê?

— Sei lá. Juro por Deus que vou ficar muito feliz.

— Isso é uma ameaça?

Ele sorri.

— Eu só gosto da ideia de vocês duas serem amigas.

Sinto um aperto no peito. E me sinto estranha, fora de sintonia. Tento afastar essa sensação.

— Vem cá, você ainda vai visitar as outras faculdades, ou agora é meio inútil? — pergunto.

O sinal toca, e Simon se levanta.

— Não, eu vou. Minha mãe quer que eu conheça todas antes de fazer a minha escolha. — Ele dá de ombros. — Mas tanto faz. Vai ser divertido. Bem, vou lá. Ainda preciso encontrar Abby e pegar meu celular.

— Por que seu celular está com ela? — pergunto, adiantando o passo para encontrá-lo.

— Nós trocamos rapidinho. Ela está mandando fotos do meu para o dela. Está vendo?

Ele levanta o celular de Abby, que tem uma capinha floral, e há mesmo um monte de fotos enviadas. A maior parte dos dois juntos, mas também estou em algumas delas. Para ser honesta, eu nem sabia que algumas dessas fotos existiam. Como uma em que estamos eu, Abby e Bram, esparramados e exaustos no sofá do sr. Wise, depois de uma prova importante, no ano passado. Estamos todos descalços, de camiseta e calça de pijama. Depois dos testes nós basicamente desistimos de nos arrumarmos para ir à escola. Eu até que gostei de mim na foto. Meu cabelo está solto e bagunçado, e estou bocejando, mas nós três estamos com um olhar relaxado, sonolento e feliz.

— Ela vai fazer uma colagem para colocar no futuro quarto no dormitório da faculdade — explica Simon. — Eu devia fazer o mesmo.

Ele abre a galeria de fotos de Abby.

— Pareço tão bêbado nessa aqui — diz. — E Nick tem que aprender a abrir os olhos nas fotos.

Dou uma olhada rápida e sinto o estômago revirar um pouquinho. É só uma selfie comum de casal — e nem é nova, porque claramente foi tirada em um ensaio da peça. É só uma foto clássica de Nick e Abby:

ela com um sorriso doce e Nick com uma cara de quem tinha acabado de levar um soco.

— Estou preocupado com eles — confessa Simon.

— Ah, é?

— É, eles não estão... Uau — diz ele de repente, levantando o celular. — Você que desenhou isso?

Fico em choque.

— É lindo — acrescenta Simon, e meu coração dispara.

Porque... ok. Merda.

Não consigo sequer formar uma frase e me limito a olhar para a tela.

Abby ainda tem a foto, um ano e meio depois. Está no álbum de favoritos. Não sei o que isso significa. Ou mesmo se significa alguma coisa. Minha cabeça deu um nó.

— Quando você desenhou isso? — pergunta Simon.

Sinto o rosto queimar.

— No ano passado.

* * *

Penúltimo ano. Depois da festa do pijama na casa de Morgan, me senti estranha, como se eu fosse grande demais para minha pele. E, por mais que eu tentasse, não conseguia relaxar. Então peguei meu bloco e comecei a desenhar o que me vinha à mente. Duas garotas deitadas de bruços, olhando para o celular. Só linhas suaves, curvas e braços e pernas entrelaçados. Depois inseri um pouco de cor — o marrom da pele de Abby, o rosa das minhas bochechas, o vermelho-escuro do meu cabelo. Parecia que eu estava em transe, como se estivesse colocando meu coração naquela folha de papel.

Eu devia ter jogado o desenho fora, mas acho que me senti corajosa naquele dia. Estávamos no pátio quando mostrei a ela. Costumávamos esperar ali quando o ônibus de Abby atrasava. Era dia 19 de setembro — uma sexta-feira, véspera do meu aniversário —, e o ar estava fresco e revigorante. Eu nem tinha levado meu caderno, mas havia tirado uma foto do desenho.

— Você não pode rir — disse a ela.

E Abby riu assim que eu disse isso. Eu mal conseguia ficar parada no banco, de tão rápido que meu coração batia. Passei meu celular para ela e baixei os olhos. Abby ficou em silêncio por alguns minutos desesperadores, até que finalmente se virou para mim e disse:

— Leah.

Ergui a cabeça e a encontrei me encarando, em silêncio. Havia um sorriso afetuoso em seus lábios.

— É um esboço, obviamente.

— Não acredito que você desenhou isso. É... nossa.

— É só um desenho qualquer.

Mas não era um desenho qualquer. Parecia uma carta de amor. Parecia uma pergunta.

— Eu só... — Abby suspirou. — Amei demais. Leah. Vou chorar.

— Não chore — falei. Eu me sentia um balão superinflado, cheia de ar e de tensão, ancorada e flutuando ao mesmo tempo. — Que bom que você gostou, fico feliz.

— Eu amei.

Ela chegou mais perto. Não havia mais ninguém no pátio. Abby cheirava a baunilha, e seus cílios eram como parênteses grossos e negros. E foi isso. Meu cérebro só tinha espaço para esses dois fatos.

* * *

Abby está esperando do lado de fora da sala da sra. Livingstone, com o celular de Simon na mão. Não consigo olhar para ela sem ficar vermelha.

Abby ainda tem meu desenho. Ela o guardou.

— Então, me responde uma coisa — diz Abby. — Como você arranja tempo para tirar literalmente trezentas e dezesseis selfies com o Bieber?

— Eu crio tempo — responde ele, zombando.

— É o que parece.

— Como você arranjou tempo para contar as minhas selfies?

— Também não sei. — Ela sorri e olha para mim. — Ah, Leah...

Ela me cutuca.

— Sim?

— Precisamos organizar as coisas para a viagem. Você vai voltar de ônibus para casa hoje?

Faço que sim, hesitante.

Ela sorri.

— Então, estou com o carro da minha mãe. Pensei em irmos à WaHo depois da escola. O que acha? Aí podemos planejar tudo, e depois eu deixo você em casa.

— Hum... tá. — Engulo em seco. — Claro.

— Eba! Vou para a aula de cálculo agora, mas... tudo certo, ótimo! Nos encontramos na entrada, então?

Faço que sim, meio zonha. Simon olha para mim, intrigado, como se estivesse prestes a perguntar alguma coisa. Ai. Não quero falar sobre o desenho. Ou sobre Abby. Ou sobre a crush mais sem propósito que já tive. Nossa, Simon nem sabe que sou bissexual. Mas ele continua me olhando com aquela sua cara de *O pensador*, o nariz franzido como o de um coelho farejando algo.

O estranho é que deveria ser fácil contar isso para ele. Para ele, entre todas as pessoas. Só que meu coração e meus pulmões não parecem ter a mesma opinião.

— Leah? — chama ele, baixinho.

Engulo o nó que parece ter se formado em minha garganta.

Ele fica em silêncio por um momento. Então me encara bem nos olhos.

— Eu tiro muitas selfies com meu cachorro mesmo?

É... agora não sei se devo rir ou engasgar.

* * *

Sete horas mais tarde, estou no carro de Abby Suso.

No carro da mãe dela. Enfim. Estou em um espaço minúsculo e fechado com Abby, que ainda por cima está usando a droga de um vestido soltinho fofo e brincos de pedra-da-lua. Ela cantarola baixinho enquanto sai da vaga.

Estou tensa, sem fôlego.

— Então, temos o apartamento liberado só para a gente. Podemos ficar lá quanto tempo quisermos. Minha amiga vai para a casa do namorado.

— Nossa, que legal da parte dela.

— Não é? Na verdade, a gente só se viu uma vez. Ela é irmã do amigo da namorada da minha prima.

Eu rio, confusa.

— Hein?

— Eu sei, é complicado. — Abby faz uma pausa para ajeitar o ar-condicionado. — Ela é irmã mais velha do Max, que é amigo da Mina, que é namorada da minha prima Cassie. O nome dela é Caitlin.

— E ela está apenas deixando o apartamento dela nas nossas mãos pela próxima semana.

Abby assente e vira à direita.

— Se a gente quiser, podemos pegar a estrada amanhã mesmo.

— Caramba.

— Mas acho melhor ficarmos de segunda a quarta lá, mais ou menos, para não pegarmos muita loucura. A menos que você queira ver como é o campus num sábado à noite.

— Não, está ótimo assim. — Eu me recosto no banco. — Podemos ir na segunda mesmo. É dia quatro, certo? Hoje é dia primeiro...

Meu celular vibra com uma mensagem de Simon.

Ah! Minha deusa interior tem uma pergunta para você

Fico encarando a tela, intrigada. Ele ainda está digitando.

ESPERA

Simon digita de novo.

Nosso objetivo é lhe dar prazer, srta. Steele

E de novo. O QUE TÁ ACONTECENDO???

— Acho que o Simon está me mandando trechos de *Cinquenta tons de cinza*.

— Hummm — diz Abby.

Um ruguinha se forma perto dos olhos dela às vezes, mas Abby faz com que elas pareçam algo jovial. Abby Suso sozinha está reivindicando rugas nos olhos para nossa geração.

Simon me manda outra mensagem. Acho que alguém hackeou o meu virgindade.

*c-e-l-u-l-a-r não virgindade!!!

Por que ele escreve virgindade quando digito virgindade??????

Quero dizer c-e-l-u-l-a-r.

— Espera. — Olho para Abby. — Isso tem alguma coisa a ver com você ter ficado com o celular do Simon hoje de manhã?

Abby dá de ombros e arregala os olhos.

— Não sei. Tem?

Não. Acredito.

— Você é uma gênia, Suso.

Meu celular vibra insistentemente. LEAH, POR QUE ISSO ESTÁ ACONTECENDO??? Juro que não sou eu, é o meu subconsciente

NÃO É ISSO, PARA, acrescenta ele. É meu c-o-r-r-e-t-o-r Nosso objetivo é lhe dar prazer, srta. Steele COMO EU CONSERTO ISSO

Caio na gargalhada.

— Vou tirar um print disso.

— É por isso que não se deve emprestar o celular a ninguém no Primeiro de Abril, Simon — diz Abby, rindo.

Quem poderia imaginar que ela fosse tão má?

— Estou muito impressionada.

— Obrigada.

— Mande o print da conversa para você — falo, quando entramos no estacionamento da Waffle House.

— BOA! — Ela desliga o carro e checa as mensagens. — E... alguém hackeou a virgindade dele. Estou morta.

— Não sei nem o que dizer para ele — falo, ainda rindo.

— Porque a pegadinha foi perfeita demais.

— Quero emoldurar essas mensagens e colocar num museu.

Abby sorri. Eu sorrio. Parece que meus músculos faciais têm vida própria. E agora meu coração bate desgovernado, como um pássaro bêbado e cego dentro da gaiola.

É. Não sei o que deu em mim para achar que uma viagem com Abby seria uma ideia razoável, já que mal consigo ficar sentada no carro com ela. Eu devia ter arranjado uma dispensa médica. *A quem interessar possa: em minha opinião profissional, Leah Catherine Burke deve ser impedida de toda e qualquer interação prolongada com Abigail Nicole*

Suso, cujo nome do meio ela não tem absolutamente nenhuma razão para saber, mas sabe assim mesmo.

É claro que eu sei.

Estou a alguns passos dela enquanto andamos até a Waffle House, me sentindo novamente envolta naquela névoa paralisante. Que bom que Abby é capaz de conversar até com uma pedra, porque meu cérebro pifou. Parou de funcionar do nada, como um carro que enguiça na estrada.

Abby está procurando alguma coisa no celular, mas continua falando, e sempre gesticulando muito. Mesmo agora, enquanto pesquisa algo no Google, ela acena com o celular para enfatizar o que está dizendo.

— Pronto, achei — diz Abby, virando o aparelho para mim. — Gostei tanto desses.

Acho que ela está se referindo aos sapatos para o baile.

— São sandálias de plástico? — pergunto.

Ela abre um sorriso.

— São!

São sandálias de plástico bem clássicas — sapatilhas de balé clarinhas, com tiras entrelaçadas e decoradas com glitter. O tipo de sapato que Cinderela usaria se fosse uma menina de seis anos numa festinha na piscina com as amigas.

— São lindas — comento.

— Odeio usar salto. Não vou fazer isso comigo. Quero dançar muito.

Um garçom aparece e fica instantaneamente hipnotizado por Abby. É só ela sorrir e pronto, ele já esqueceu o próprio nome. É meio chocante observar como tudo acontece em questão de segundos. Nós duas pedimos waffles, mas tenho cinquenta por cento de certeza de que ele só vai trazer o dela. Acho que tenho que me acostumar com isso de uma vez por todas.

O engraçado é que Abby nem parece se dar conta do seu efeito nas outras pessoas.

— Então, você e Garrett... — diz ela, com um sorrisinho maroto.

— Não tem nada rolando entre a gente.

— Por que não? — Ela estreita os olhos. — Ele com certeza gosta de você.

O que dizer? Ok, talvez Garrett realmente goste de mim. Talvez esteja rolando alguma coisa entre a gente. Eu provavelmente gostaria de beijá-lo. E gosto de ser desejada. Gosto de ser a crush de alguém.

Ah, ele é fofo. E bonitinho. E sim, é um pouco irritante, mas tem um bom coração. Eu deveria gostar dele. Eu quero gostar dele.

Mudo de assunto.

— Então, você e Nick...

— Eu e Nick.

Ela suspira.

Espero para ver se vai falar mais alguma coisa, mas ela só fica sentada ali, olhando para o nada. Então, um minuto depois, abre um sorriso e parece voltar a si.

— De qualquer modo, estou animada com a nossa viagem.

— Tenho que te dar o dinheiro do combustível.

— Não precisa. Meus pais querem arcar com os custos.

— Eles não têm que fazer isso.

— Estou falando sério, eles querem.

Sinto o rosto quente.

— Tenho que pagar por alguma coisa.

Sério, eu odeio não ter dinheiro para pagar pelas minhas coisas. Não vou pagar o transporte nem a estadia. Podia pelo menos ajudar com o combustível. É assim que se faz quando você viaja com alguém. Mas acontece que não posso mesmo ajudar com o combustível. Porque não vou ganhar dinheiro se não tiver um emprego. E não tenho como conseguir um emprego por aqui se não tiver um carro, o que, aliás, é o motivo para eu precisar de uma carona.

Odeio não ter grana. Odeio.

— Você fica responsável pela música — diz Abby. — Mas você tem que me prometer que vai fazer a playlist mais épica de todos os tempos.

— Não sei. Eu estava planejando fazer a segunda playlist mais épica de todos os tempos.

— Não quero a segunda mais épica. Isso não basta, Leah.

Parece que alguém está apertando meu coração, só um pouquinho. Um beliscãozinho. O modo como ela diz meu nome... Nossa. A pronúncia correta é “Lia”. Algumas pessoas me chamam de Leia, como a de *Star Wars*, mas Abby fala algo que fica entre os dois.

E sou pega desprevenida toda santa vez.



A SALA DE música fica trancada durante as férias, o que não seria um problema para mim, já que não estou com a menor vontade de olhar na cara de Anna e Morgan. Só que cometi o erro de contar a Taylor sobre a bateria que Nick tem em casa — a que ele nem sabe tocar —, e agora ela decidiu que ensaiar no porão de Nick é seu grande propósito na vida.

Por isso, hoje, em pleno sábado, estou esperando Garrett, nosso mais novo tecladista, para irmos até lá. Isso está me deixando bem nervosa. Antes de mais nada, porque Garrett e eu não ficamos sozinhos desde que o convidei para o baile, e ele tem me mandado muitas mensagens, mais do que o normal. Algo me diz que Garrett se tornou uma pergunta que logo, logo vou ter que responder, como se houvesse um asterisco perto de seu nome e eu tivesse que decidir o que escrever na nota de rodapé.

O dia está frio e ensolarado, por isso espero por ele na varanda mesmo, enquanto tento me tranquilizar um pouco. Mas acho que vai ser difícil, porque sei que Morgan saiu da banda. Por minha causa. E Anna nunca vai me deixar esquecer isso. Jamais. Como vamos voltar a nos falar e tocar juntas depois de tudo que Morgan falou? O que Abby pensaria de mim?

Garrett chega na minivan da mãe e já vai saindo do carro para abrir a porta do passageiro.

— O que aconteceu? Você não sabe desativar a trava para crianças? — pergunto, porque adoro implicar com ele. De verdade. É o Garrett, né?

— O quê? Cara. Estou sendo um cavalheiro.

Um cavalheiro. Que me chama de *cara*. Eu não deveria achar isso muito fofo, mas acho. Prendo o cinto de segurança.

— O que é isso aí? — pergunta ele, olhando para o envelope em meu colo.

— É um desenho, presente de aniversário para a Taylor.

— Eu nem sabia que era aniversário dela — diz Garrett.

Pois é, uma salva de palmas para Taylor. Taí uma garota que corre atrás do que quer. Não sei o que ela combinou com Nick, mas obviamente é na casa dele que ela planejou passar o aniversário. E pronto. Aqui estamos nós.

— Então Morgan realmente saiu da banda, é? — pergunta depois

de algum tempo.

— Saiu.

— Que estranho. Mas por que ela saiu do nada?

— Porque ela não me suporta, simples.

— Como alguém não suportaria você, Burke?

Ele cutuca meu braço, e meu estômago meio que dá um pulo. Como reagir a um comentário desses?

— Ela não gostou de ser criticada, só isso — falo, por fim.

Garrett para em um sinal vermelho.

— Por causa da história da Abby?

— Não por causa da Abby. Por causa do racismo dela.

— Você acha que ela é racista?

— Você estava lá.

— Olha, ela não devia ter dito aquilo, mas você não acha que Morgan só estava chateada? A garota tinha acabado de ser rejeitada pela universidade dos sonhos dela.

— Você não entendeu nada, então — falo, revirando os olhos.

— Tá, então me explica.

— Morgan insinuou cem por cento que Abby só foi aceita na Universidade da Geórgia porque é negra.

— Eu sei, e o que ela falou foi uma estupidez.

— Uma estupidez gigante. Você sabe que Abby tirou ótimas notas nas provas de admissão, né? E na escola ela só tira A.

— Sério?

— Sério. Ela só não está entre os dez primeiros porque foi transferida, e as matérias na escola antiga dela não têm o mesmo peso da nossa.

— Caramba.

— E você já viu o tanto de atividades extracurriculares que ela faz? Aí vem a Morgan e diz que ela não merecia entrar na Geórgia? Isso é muito escroto.

Garrett só volta a falar quando estacionamos na rua de Nick. O bairro em que ele e Simon moram parece coisa de filme, com gramados muito bem aparados, casas coloridas e árvores frondosas.

— Então, alguém já disse que você xinga bastante? — pergunta, por fim.

— Vai à merda — falo, com um sorrisinho.

— Olha, você está certa, Morgan foi muito babaca mesmo — diz ele, se virando para me encarar. — Mas vem cá, como você sabe tanta coisa sobre a Suso?

— Oi? Não sei *tanta* coisa assim — respondo, com o coração acelerado, e Garrett me olha de um jeito estranho.

— Hum. Entendi.

Descemos do carro, e lá está Taylor, sentada perto de dois estojos

de guitarra.

— Oi, aniversariante — chamo, e vou até ela.

Taylor abre um sorriso radiante, embora seus olhos digam que não está tão feliz assim. Eu me acomodo ao lado dela e dou um soquinho carinhoso em seu braço.

— Você está bem?

— Claro! — responde ela. — Ei, vocês sabem do Nick?

— Bem, não, mas, hã... A gente está na casa dele.

— Claro, mas é que... não tem ninguém em casa.

— Será que os pais dele têm plantão hoje?

Afinal, os dois são médicos. Acontece.

— É, pode ser — diz Taylor, não muito convencida. — Mas Nick devia estar aqui. Nos falamos hoje de manhã.

— Que estranho... — diz Garrett.

— Será que está tudo bem com ele? — pergunta ela.

— Nick deve estar no porão jogando videogame e não ouviu a campainha, tenho certeza — comento.

— Talvez — diz Taylor. — Anna e Nora foram lá dar uma olhada.

— Ele pode ter pegado no sono. Mas deve estar tudo bem, fica tranquila.

Taylor assente e enrola uma mecha de cabelo no dedo. Instantes depois, Nora e Anna aparecem.

— O porão está trancado — diz Anna. — O que a gente faz? Deixa pra outro dia?

— Não sei — diz Taylor.

— Vou mandar uma mensagem para ele — diz Garrett.

Taylor suspira.

— Já mandamos milhões de mensagens, mas ele não responde. Isso está muito estranho.

— Nick está bem. Daqui a pouco ele responde, você vai ver — afirma Garrett. — Burke, por que não vamos almoçar?

— Vamos só esperar mais um pouquinho... — diz Taylor, mas não chega a terminar a frase, porque de repente o portão da garagem se abre e o carro de Nick chega.

O rosto de Taylor se ilumina. Mas Nick não sai do carro. Fica só parado lá dentro, paralisado, como se estivesse em transe.

— Vou lá ver o que está acontecendo — falo.

Eu me levanto e corro até o carro, mas ele nem parece notar que estou lá. Bato na janela, e Nick a abre bem devagar.

— Oi — diz ele, sem ânimo.

Seus olhos estão vermelhos e inchados.

— Caraca. Você está bem? — pergunto.

Ele dá de ombros e continua olhando para a frente, sem me encarar.

— Nick?

— Não quero falar sobre isso.

Ok, estou ligeiramente em pânico. Talvez um pouco mais do que ligeiramente. Acho que nunca vi Nick desse jeito. Bom, com certeza nunca o vi chorando. O pior é que nunca sei como agir nesses momentos, não consigo intuir o que fazer. Não sei se ele quer que eu vá embora, ou que eu me jogue dentro do carro e o abraçe e diga que vai ficar tudo bem. Por isso, decido fazer algo no meio do caminho e apenas... fico por ali.

— Você não precisa falar.

Ele suspira e cobre o rosto com as mãos.

— Por que está todo mundo aqui? — pergunta Nick, a voz abafada.

— Para o ensaio... — respondo.

Ele não fala nada.

— Para a Emoji? A banda?

— Merda — diz Nick, por fim.

— Escolhemos o pior momento possível?

Nick olha para mim.

— Aham.

— Tá, vou dar um jeito neles. Vai pra casa. — Engulo em seco. — É sério que você está bem?

— Não sei. Só... quero ficar sozinho. — Ele suspira. — Mas... enfim. Obrigado.

— Sem problema — falo, e então, antes que possa pensar demais a respeito, enfio a mão pela janela e bagunço o cabelo de Nick, porque é o tipo de coisa constrangedora e aleatória que eu faço. Mas Nick dá um sorrisinho, então valeu a pena.

Ele fecha a janela assim que me afasto e entra na garagem.

Volto para a frente da casa, e Taylor se levanta de um pulo na mesma hora.

— O que houve? Ele está bem?

— Ele vai ficar bem. — Mordo o lábio. — Mas me disse que quer ficar sozinho.

— Ah. — Taylor parece arrasada.

Anna dá de ombros.

— Beleza.

Garrett balança as chaves do carro.

— Está pronta, Burke?

Nora aperta meu braço.

— Espera. Simon está dizendo que vai me matar se eu não voltar com você para casa. — Ela levanta o celular. — Ele disse que é uma emergência.

— Uma emergência? — pergunto, preocupada.

— Com certeza não é uma emergência *emergência*. É só o Simon

sendo Simon.

Simon é assim mesmo, mas agora não tiro da cabeça os olhos vermelhos e a expressão desolada de Nick. Estou com uma sensação ruim — a mesma que tive segundos antes de minha mãe me contar que meu pai tinha ido embora. É como se meu corpo tivesse percebido o que aconteceu antes de meu cérebro. Então, talvez Simon realmente precise de mim, talvez tenha mesmo acontecido alguma coisa ruim.

Vou embora com Nora, deixando Garrett bem decepcionado, mas não é com ele que devo me preocupar nesse momento. Eu me pergunto se seria melhor tentar falar com Nick mais uma vez, ver se ele está bem, mas então me lembro da rapidez com que ele entrou na garagem. E Nick disse que queria ficar sozinho, e não quero ser inconveniente.

Amizade, que coisa mais difícil. Era de se imaginar que, a essa altura, eu já soubesse lidar com isso.

Simon está esperando por nós na entrada da garagem, sentado todo encolhido no capô do carro. Ele desce assim que me vê.

— Até que enfim você chegou — diz ele, me abraçando com força.
— Ai, Leah, deu tudo errado.

Meu coração dispara.

— O que aconteceu?

— Entra — diz ele, já abrindo a porta do carro e dispensando a irmã com um aceno. — Conto para você mais tarde.

Nora revira os olhos.

— O que está acontecendo? — pergunto, me acomodando no banco do passageiro, angustiada. — Si, você está quase chorando.

— Estou mesmo. — Ele suspira e liga o carro. — Nick te contou?

— Me contou o quê?

— Abby terminou com ele.

O mundo para de girar. Estou chocada.

— Abby terminou com Nick?

Ele assente e dá a ré.

— Quando?

— Agora de manhã. Tipo... há meia hora. Acabei de falar com ela.

— Que merda.

— Aham — diz ele, com um suspiro arrasado.

Então fico em silêncio, sem saber o que dizer. Juro, às vezes parece que tem um botão do lado do meu coração e do nada alguém resolve girá-lo um pouquinho para acelerar meus batimentos.

— Entendi — falo, por fim. — Que tenso. Você sabe por que ela fez isso?

— Ah, mais ou menos — responde Simon. — Ainda não conversei com o Nick, mas, pelo que Abby me disse, ela não quer de jeito nenhum ter um relacionamento a distância.

— Ok.

— E, sabe, isso é um absurdo, não acha? — comenta ele, com a voz embargada. — Sério que você não vai dar nem uma chance ao relacionamento? Parece que ela acordou e decidiu: “Então, eu tenho esse namoro incrível, mas surgiu um pequeno contratempo e por isso vamos simplesmente terminar, ok?” — diz, aflito.

Olho pela janela, com o coração na boca.

— Talvez o namoro deles não seja tão incrível assim — falo.

— Como assim? São Abby e Nick.

— Eu sei.

— Eles são uma lenda. — Simon funga. — São perfeitos.

— Não são — retruco, baixinho.

E talvez isso seja estranho, mas me pego pensando em Taylor. No modo como ela e Nick flertaram descaradamente na festa na casa de Martin. Na insistência dela para que Nick se juntasse à banda. Talvez algo realmente esteja acontecendo. Só que... não sei. Não acho que Nick trairia uma namorada. E muito menos Abby. Nossa, os olhos dele brilham quando ela está por perto. Nunca vou esquecer o jeito dele nas primeiras semanas do namoro — um andar meio desajeitado, algo entre o maravilhado e o exibido.

— E é claro que tinha que ser bem antes do baile.

— E mais essa!

Simon balança a cabeça.

— Sério, Leah. O que a gente vai fazer?

— Bem... Como estão as coisas entre eles?

— Ah, Abby está mais tranquila, com aquele papo de “ah, ainda somos amigos etc”, você sabe — responde Simon. — Mas Nick? Não sei.

— É... Ele não parecia muito bem.

— Será que é melhor eu ligar para ele? Na verdade, acho que vou deixar você em casa e dar uma passada lá.

— Acho uma boa.

— Vai dar tudo certo. — Ele assente várias vezes, quase como se forçando a acreditar no que está dizendo, e me olha com uma expressão séria. — Mas preciso de um favorzinho.

— Como assim, “favorzinho”?

— Ok, tá mais para favorzão. Você tem que falar com a Abby.

Meu estômago dá uma cambalhota.

— Vocês vão viajar na segunda agora, não vão?

Faço que sim.

— Leah, você tem que conversar com ela. Isso é só... sei lá. — Simon balança a cabeça. — Não estou tentando me meter nem nada, mas não tem necessidade de eles fazerem isso. Não há literalmente razão nenhuma para eles terminarem. Abby está só presumindo que o

namoro não vai funcionar a distância. — Ele entra na minha rua, apertando o volante com força. — Por que eles não podem simplesmente tentar e ver o que acontece?

— Simon, a gente não pode decidir isso por eles.

— Eu sei.

Ele para o carro.

— Só estou dizendo que você podia conversar com ela — continua ele, depois de um instante. — Aposto que ela ouviria você.

— Claro...

— É sério! Abby respeita você pra caramba. Embora se sinta um pouco intimidada.

Franzo a testa.

— Por quê?

— Não sei. Por que você é intimidadora? — Ele ri quando dou um soquinho em seu braço. — Mas falando sério: ela acha você superdescolada, por causa da banda e tal. Então acho que prestaria atenção ao que você tem a dizer.

— Isso não é...

Hesito, o rosto muito vermelho.

— Só fala com ela, tá bem? — Simon se recosta no banco e olha para mim. — Talvez... Talvez você possa lembrar a Abby como o Nick é incrível, e como os dois são incríveis juntos. Enquanto isso eu cuido do outro membro do casal. A gente vai se falando, ok?

— Olha, eu *realmente* acho que a gente não devia se meter nessa história.

— Não é se meter! Estamos só cuidando dos nossos amigos. Você quer que os dois continuem juntos, não quer?

A pergunta me atinge como um soco — meu corpo todo se encolhe por dentro. Quer dizer, é obvio que quero que os dois continuem juntos. Quero que sejam felizes. Não quero nenhum clima ruim no baile. Mas a ideia de tocar nesse assunto com Abby me dá ânsia de vômito.

— Por favor. Só fala com ela.

— Vou tentar — falo, baixinho, olhando para todos os lados, menos para Simon.



— O CARREGADOR ESTÁ aí? Tem certeza?

— Tenho.

— E o carregador para usar no carro?

— Peguei.

— Promete que vai me ligar quando chegar lá?

— Mãe. Prometo.

Ela está andando de um lado para o outro na cozinha, passando a mão pelo cabelo, aflita. Não entendo essa preocupação toda. Parece que eu vou para a Lua, e não para uma cidade aqui perto.

— Mãe, Athens fica a uma hora e meia daqui. É tipo dirigir até o centro da cidade na hora do rush.

— Eu sei. Mas é esquisito... É sua visita guiada à universidade. Sinto que eu deveria ir também. — Ela afunda na cadeira e apoia o queixo na mala. — Não gosto de perder essas coisas.

— Mas vou ficar bem. Vou estar com a Abby.

— Juízo, hein! Não quero saber de pegação e bebedeira — adverte minha mãe, séria.

— Mãe.

— Só estou tomando conta de você. — Ela belisca meu nariz. — Por Garrett.

— Ai, meu Deus. Nunca mais vou te contar nada, sério.

— Tá, tá. Me liga assim que chegar, ok? — Ela para e alisa a saia.

— Estou falando sério. Assim que você chegar lá. E divirta-se, tudo bem?

Eu me recosto na cadeira e fico olhando para o teto, refletindo. Abby chega em duas horas, e não tenho a menor ideia do que esperar. Não sei se ela vai estar triste por causa de Nick, ou se vai querer pegar qualquer um que passar pela sua frente. É claro que Simon acha que vou encontrar as palavras mágicas que vão consertar tudo. Como se de algum modo eu fosse convencer Abby a reatar o namoro e viver feliz para sempre. Com Nick.

Algo me diz que essa foi a pior ideia da galáxia. Do universo.

Sei lá, estou muito inquieta e tensa, e não sei dizer exatamente por quê. É como quando uma música muda de tom, ou começa fora do tom, ou muda a métrica no meio do caminho. É aquele soluço no peito. Aquele momento muito breve de *hã?*, como se talvez alguma coisa estivesse errada.

Ou talvez como se alguma coisa estivesse prestes a mudar.

* * *

Abby chega quinze minutos adiantada. E não manda mensagem avisando. Quando ouço a campainha, sei que é ela. E eu *sabia* que ela faria isso, então passei o fim de semana todo recolhendo pilhas de roupas e de papéis da sala, enfiando tudo no meu armário, em uma torre de tralhas que vai desabar a qualquer momento. Da porta, a sala parece quase normal, ainda que o sofá esteja meio remendado e desbotado, e que o papel de parede tenha uns trinta anos. Bom, pelo menos agora dá para ver o chão.

Dou uma espiada em Abby pela janela antes de abrir a porta e vejo que ela não está chorando. Na verdade, parece bem alegre. A ponto de me fazer pensar que havia reatado com Nick, embora Simon tenha me informado do contrário horas antes. Acho que Abby é dessas pessoas que estão sempre de bem com a vida, mesmo quando algo ruim acontece. É bem capaz de ela estar um caco.

Eu me esgueiro pela porta antes que ela decida entrar. Está frio e nublado do lado de fora, e achei que era hora de usar meu cardigã de Hogwarts.

— Finalmente estou lendo — diz Abby, apontando para o brasão da Sonserina. — Fui praticamente obrigada.

— Pelo Simon?

— E pela minha prima, Molly. Ela encheu a minha caixa de mensagens com citações dos livros por uma semana inteira.

— Minha heroína.

Abby sorri.

— Até agora estou achando legal. Estou na metade do terceiro livro.

— Você está achando *legal*? — pergunto, quase cuspiendo as palavras.

Abby acha Harry Potter *legal*. Isso é como dizer que a Oprah é *legal*. Que o Kendrick Lamar é *legal*. Não se pode achar Harry Potter legal. A pessoa tem que ser completamente obcecada por Harry Potter.

A brisa sopra o cabelo de Abby enquanto ela procura as chaves. Hoje ela está casual — cachos soltos, jeans skinny e um suéter azul largo. O carro da mãe de Abby é meio velho, e o porta-malas está cheio de livros e de pilhas de papel. É estranhamente tranquilizador ver aquela bagunça. Eu sempre acho que a vida de todo mundo é perfeita.

— Só vou colocar o endereço da Caitlin no GPS, e aí a gente bota pra tocar a segunda playlist mais épica, horrenda e preguiçosa do mundo. — Ela abre um sorriso.

— Ai. Essa doeu, Suso — falo, me acomodando no banco do passageiro.

Ela dá de ombros de um jeito muito animado, levantando as mãos e tudo. Faço meu clássico olhar de desgosto, mas estou sorrindo também.

— Na verdade, eu fiz duas playlists. Você escolhe.

— Ah, é? — Ela liga o carro. — Você está me testando?

— Com certeza. Minha opinião sobre você depende dessa resposta.

Abby ri.

— Sabia!

— Música animada ou música depressiva. Escolhe.

Ela dá uma risadinha zombeteira.

— Como se você já não soubesse minha resposta.

— Presumo que esse seja o código para “sou Abby Suso e quero ouvir músicas felizes”.

— Ao contrário de Leah Burke, que quer chorar no caminho todo até Athens.

— Rá. Eu não choro.

— Isso é um desafio?

Sorrio.

— Acho que sim.

Nossa, isso é muito estranho. Abby não parece nem um pouco triste por causa do término. Não está com cara de choro nem nada. Aliás, está agindo como se nunca tivesse chorado na vida. E essas brincadeirinhas e provocações... Nem quando éramos amigas tínhamos esse tipo de relação. Nunca tive coragem para falar com ela como uma pessoa normal; fazer piada, então, nem se fala, estava fora do reino das possibilidades. Mas agora é como se uma portinha minúscula acabasse de se abrir em meu cérebro. Eu me sinto zonza. Ao menos uma vez, estou conseguindo acompanhar o ritmo dela.

E isso é maravilhoso.

Pegamos a estrada e mergulhamos em um silêncio tranquilo e relaxante. Fico observando a paisagem, escutando Vampire Weekend, a voz de Ezra Koenig em um decrescendo. Então, a música muda para Rilo Kiley. Abby começa a rir.

— O que foi? — pergunto.

— Músicas sobre fim de namoro. Nossa. Timing perfeito.

— Ai, merda. — Sinto um aperto no peito, como se estivesse em um elevador descendo rápido demais. — Não percebi. Desculpa.

— Por quê?

— Porque sim. — Engulo em seco. — Não queria te deixar mal.

— Não deixou.

— Quer conversar sobre isso?

— Sobre o Nick?

Ela cerra os lábios.

— Não precisa falar, se não quiser — respondo.

— Não, está tudo bem. Eu só... — Ela assente, olhando para a estrada. — Tá, isso fica entre nós, tudo bem?

— Claro. — Sorrio. — É o que dizem: o que acontece em Athens fica em Athens.

— Ainda não estamos em Athens.

Olho para uma placa.

— Tudo bem, o que acontece em Lawrenceville...

— Promete?

Ela estende o dedo mindinho.

Faço o mesmo, e selamos nossa promessa.

— Prometo.

Acho que não faço juramentos cruzando o mindinho desde que tinha dez anos.

— Não sei o que fazer, Leah.

— Em relação ao Nick?

Ela coloca um cacho de cabelo atrás da orelha e respira fundo.

— Sim. Mais ou menos. Quer dizer, conversei com Simon, e ele obviamente acha que estou cometendo um erro gigantesco, mas... não sei. Tipo, eu estou me sentindo uma bosta no momento? Com certeza. Mas não porque quero voltar com Nick.

Olho para ela, sem saber o que dizer. Sei que Simon me pediu para dar um jeito nessa situação, ou pelo menos entender mais a fundo o que aconteceu entre eles, mas estou completamente no escuro, como se tivessem me colocado num palco para recitar falas que nunca ensaiei. Como vou saber qual é a sensação de terminar um namoro? Nunca nem sequer beijei alguém.

Abby finalmente quebra o silêncio.

— Eu me sinto um monstro, sabe? Estamos namorando há mais de um ano. Amo o Nick. De verdade. É só que... — Ela bate no volante. — Não quero namorar a distância. Tipo... de jeito nenhum. Mas uma parte de mim sente que deve isso a ele, já que não estou indo para a mesma faculdade que ele, o que é ridículo, eu sei, mas me sinto tão culpada...

— Você se sente culpada porque não desistiu da sua bolsa de estudos para se endividar toda para pagar uma faculdade que seja perto da dele?

— Exatamente. — Abby suspira. — Pois é, isso não deveria ser um problema.

— Olha, é o seguinte: se ele quisesse resolver essa questão de uma vez, poderia ter se candidato à Universidade da Geórgia.

— Sim. — Abby morde o lábio. — Embora eu esteja feliz por ele não ter feito isso.

Ah.

— Certo.

— Eu sou muito babaca, não sou? Nick é um cara incrível. Tem sido um namorado maravilhoso. Nossa, é o Nick. Só não consigo... — Ela dá uma risadinha irônica. — Sabe, fiquei torcendo para realmente ter rolado algo entre ele e a Taylor, porque assim eu teria um motivo para terminar.

— Por que você precisaria de um motivo?

— Porque é horrível não ter um. Eu só não estava *sentindo*, sabe? Pelo menos não tanto quanto deveria. É claro que fiquei triste por causa do término, mas não fiquei *arrasada*, e realmente pensei que fosse ficar.

Olho para ela, séria.

— Você queria ter ficado arrasada?

— Se queria amar tanto Nick a ponto de ficar completamente arrasada se terminar com ele? Sim.

E, por algum motivo, aquela palavra se expande como um balão. E preenche todo o carro. *Sim*.

— Então acho que você fez a coisa certa — falo.

Eu me sinto elétrica, agitada, como se fosse dar choque caso alguém encostasse em mim.

— Eu sei — diz ela, baixinho.

Depois de um tempo, ela diz:

— Nossa, eu me sinto tão mal. O aniversário dele está chegando. O baile é daqui a duas semanas. Tenho certeza que vai ficar um clima péssimo e que isso vai estragar o baile de formatura. — Ela dá uma risada seca. — Imagina a maravilha que vai ser no jantar, na limusine...

— Você não pode ficar com alguém só para não causar climão no baile de formatura.

Abby sorri.

— É... falando desse jeito parece ridículo mesmo.

Dou de ombros, e ela continua:

— Mas é uma sensação tão esquisita... Nunca terminei com ninguém antes.

— Ah, é?

— Eu só tive um namorado de verdade antes do Nick, e foi ele que me deu um pé na bunda. — Ela passa a mão no cabelo, com um sorriso triste. — Então não sei muito bem como funciona quando você termina. Por exemplo: eu posso me sentir bem?

— Acho que sim... mas talvez não na frente do Nick. Ou do Simon.

— É verdade. — Ela ri alto. — Nossa, garotos são tão... argh. Nunca mais vou namorar um.

— Talvez você deva namorar meninas — falo.

Ela sorri.

— Talvez eu deva mesmo.

Eu me viro para a janela na mesma hora, com o rosto pegando fogo.

Merda. Eu realmente disse isso.

Não planejei. Nem sei de onde veio. Mas eu disse. E agora está pairando entre nós, deixando o ar mais denso. Visualizo o carro se enchendo de fumaça. Mas talvez seja apenas coisa da minha cabeça, porque de repente Abby está cantarolando uma música do Wham! como se nada tivesse acontecido.

Com certeza nada aconteceu. Assim como o desenho não representou nada para ela, embora ela tenha guardado, e não consigo imaginar por quê. Eu me pergunto o que ela acha dele — ou se pensa nele de vez em quando. Provavelmente ela só gostou das cores. Ou se esqueceu de apagar mesmo.

Mas aí vai algo que Simon não sabe: eu também guardei a foto.

* * *

O trânsito na Rota 29 de repente se torna uma atração fascinante. Há uma minivan na nossa frente, com um adesivo de uma família no canto do para-brisa traseiro. A família hétero dos sonhos: pai, mãe, duas meninas e um menino. Se fizessem um adesivo da minha, eu e minha mãe estaríamos juntinhas no canto esquerdo, meu pai no topo direito, quase fora do vidro, e, é claro, Wells, se esgueirando do lado. Só mais uma clássica história de amor.

A música muda para Passion Pit. Um pouco animada demais. Eu deveria ter escolhido a playlist depressiva. Dirigimos e dirigimos, e me sinto cambaleante, prestes a perder o equilíbrio e cair em algo que não sei o que é. Agora já faz dez minutos desde que nos falamos. A música parece ao mesmo tempo muito alta e muito suave, e, sob o som do baixo, ouço a respiração de Abby.



ENTÃO, CHEGAMOS A Athens. Abby cruza a Prince Avenue, e vejo um amontoado colorido de lojas e cafés. Há uma pequena livraria alternativa com enormes janelas em arco, um mercado de orgânicos na esquina e dois caras andando na calçada de mãos dadas. Acho que ainda não caiu a ficha de que em pouco tempo vou morar aqui. De que não estou só visitando, só observando a paisagem pela janela do carro. Parece um sonho.

A amiga de Abby mora em um prédio perto do centro — discreto e moderno, com uma garagem de vários andares.

— Caitlin disse que podemos parar em qualquer vaga — explica Abby. — Ela me emprestou o passe do estacionamento.

— Que maneiro.

— Pois é.

Observo os carros enquanto passamos pelos andares. É uma mistura divertida — alguns automóveis caros e reluzentes, outros amassados e em péssimo estado, e, claro, milhares de adesivos da Universidade da Geórgia. Ao que parece, todo mundo que mora aqui estuda lá.

Encontramos uma vaga no terceiro andar, descemos de elevador até a portaria e assinamos nossos nomes em um livro de visitantes na recepção. Então subimos até o sexto andar, onde fica o apartamento de Caitlin, no meio de um longo corredor revestido de carpete.

Quando ela e Abby se veem, dão gritinhos e se abraçam, embora eu tenha certeza de que só se encontraram uma vez antes. Sério, que tanta intimidade é essa com a irmã do amigo da namorada da prima? Mas é a Abby, então nunca se sabe...

— E você deve ser a Leah — diz Caitlin. — Entrem, entrem. Vou ajudar vocês com as malas.

Nós a seguimos até uma cozinha aberta e ensolarada, com bancadas de mármore, eletrodomésticos cromados e pratos de cerâmica colorida que dão um ar divertido ao ambiente. Tudo é tão adulto. Eu sabia que Caitlin morava fora do campus, então não esperava exatamente um dormitório, mas esse apartamento parece saído de um programa de decoração. Não imaginava que universitários podiam morar em lugares assim.

— Então, é isso. Quarto, banheiro. Anotei a senha do Wi-Fi, e você tem meu celular. Vocês vão fazer a visita guiada amanhã, certo?

Abby assente.

— À tarde.

— Legal. Bem, se estiverem a fim, Eva, daqui do prédio, vai reunir uma galera amanhã à noite. É bem aqui embaixo. O apartamento é igualzinho a esse, mas no quinto andar. Leah, você vai *adorar* Eva, que, ainda por cima, toca bateria.

Já adoro o jeito casual como ela não usou pronomes para definir o gênero. Eu não falo assim, mas me sinto abraçada. Porque se Caitlin usa tão tranquilamente uma linguagem não binária com Eva, provavelmente não vai achar nada de mais eu ser bi.

— Mas amanhã eu posso mandar tudo direitinho para vocês por mensagem.

— Então é uma festa? — pergunta Abby.

Caitlin dá de ombros.

— Talvez? Mas, na verdade, não. Vai ser uma reuniãozinha mesmo, algo simples e sossegado. — Ela enrola o cabelo num coque e depois solta. — Vai ser muito legal se vocês derem uma passadinha lá. Ah, o passe do estacionamento. Aqui. É só colocar no para-brisa.

— É melhor eu fazer isso logo — diz Abby.

— Perfeito. Vou descer com você até a garagem. Acho que isso é tudo.

— Obrigada — falo. — De verdade.

— Que isso! É um prazer ter vocês aqui.

Ela me abraça, e é como abraçar uma flor. É desse jeito com pessoas muito magras. Sempre morro de medo de esmagá-las.

Elas saem e, de repente, estou sozinha neste apartamento estranho. Escuto o riso de Abby no corredor.

* * *

Ligo para o trabalho da minha mãe.

— Finalmente! Já estava começando a ficar preocupada. Como foi a viagem?

— Ótima.

— É só isso que tem para me contar? Ótima?

— Foi incrível — falo. — Como unicórnios vomitando raios de sol.

Afasto duas almofadas muito brancas e afundo no sofá.

— Abby está bem?

— Aham.

— Já paqueraram muitas belezuras?

— Mãe.

— Estou só perguntando, ué.

— Olha, antes de mais nada, estamos aqui há cinco minutos. Depois, ninguém diz *paquerar* nem *belezuras*. — Reviro os olhos. — E também não vou ficar com ninguém.

— Tudo bem, mas já sabe a regra: camisinha e protetor bucal sempre!

É a regra de ouro da minha mãe. Não tão relevante assim se considerarmos que as chances de eu precisar de algumas dessas coisas são praticamente nulas. E, mesmo se precisasse, com certeza absoluta não seria nesta viagem. Não no apartamento de Caitlin, e definitivamente não na frente de Abby. Não consigo me imaginar trazendo uma garota aqui. Abby não entenderia nada, porque tenho 99% de certeza de que ela acha que sou hétero. Até Simon acha que sou.

Isso me deixa meio incomodada às vezes, Simon me contou que era gay e eu não fiz o mesmo com ele. É como quando Leia diz *Eu te amo* e Han Solo responde *Eu sei*. Como se tudo estivesse ligeiramente desequilibrado. É uma sensação estranha, mas a ideia de contar a ele agora me dá ânsia de vômito. Eu tinha que ter feito isso um ano atrás. Não acho que teria sido grande coisa na época, mas agora virou um obstáculo que não consigo ultrapassar. É como se eu tivesse perdido uma batida em algum momento e agora toda a música estivesse fora de ritmo.

E é exatamente assim que me sinto quando termino de falar com minha mãe. Fico sentada no braço do sofá, mas sinto um formigamento no corpo, estou inquieta. Quero explorar o apartamento, mas isso parece errado. Talvez porque eu morreria antes de deixar alguém ficar sozinho no meu espaço. Fico enjoada só de imaginar. Todas as minhas roupas sujas e minhas fan arts inacabadas. Não sei como as pessoas conseguem ser livros abertos e se expor tanto.

Escuto a maçaneta girar — Abby voltou da garagem. Ela afunda no sofá ao meu lado.

— Esse lugar é incrível.

— É mesmo.

— E é um quarto e sala. Como ela consegue pagar? — Abby tira as sapatilhas e apoia os pés no sofá. — Acho que eu não ia querer morar aqui.

— Por causa da grana?

— Não, porque só dá para uma pessoa. Eu quero dividir um apartamento. Ou um quarto.

— É verdade, dividir com alguém sairia mais barato mesmo.

— Mais barato é bom — concorda ela. Então, se senta reta e me encara. — Já pensou sobre isso?

— Sobre onde vou morar?

Ela assente e diz, hesitante:

— A gente pode morar juntas.

— É o sonho do Simon.

— Eu sei, ele comentou comigo também. Até que não é má ideia,

nê?

Ela só pode estar brincando. *Até que não é má ideia?* Eu e Abby morando juntas. Eu surtaria em uma semana.

— Bem, não sei — ela se apressa em dizer. — É só uma possibilidade. Não precisamos decidir agora.

Faço que sim e não falo mais nada.

— Então, perguntei a Caitlin sobre a festa — diz Abby.

— Ok... — falo, a testa franzida.

— Acho que vai ser uma social bem pequena mesmo. Só uma reuniãozinha de terça à noite. — Ela morde o lábio. — Nem é uma festa de verdade.

— Vou adivinhar. Você quer ir.

— Só se você for.

— Ah, não sei.

— A gente pode dar só uma passadinha. — Ela chega mais perto, as mãos unidas em súplica. — Só para eu ficar um pouquinho mais animada depois do término do meu namoro?

Dou uma risadinha debochada.

— *Você terminou com ele!*

— Mas mesmo assim estou mal.

— E uma festa vai mudar isso?

— Com certeza.

Suspiro.

— Está vendo? É por isso que não podemos morar juntas.

— O quê? Por quê?

— Porque você me faria ir a festas e me olharia com essa cara de cachorro abandonado até eu concordar.

— É, isso provavelmente aconteceria mesmo — Abby concorda e sorri.

— É amanhã, certo?

— Isso.

Reviro os olhos.

— Tudo bem, mas não vou beber nada.

— Ahhhhh! — Ela leva as mãos ao rosto. — Não estou acreditando! Leah, a gente vai a uma festa de faculdade de verdade!

— Aham.

— Não, é sério... Vai ser muito incrível. E isso é só o começo.

— O começo do quê?

Ela volta a afundar no sofá, com um sorriso sonhador.

— Da vida de verdade. Da vida adulta.

— Isso é assustador.

— É incrível.

Faço cara de desgosto, mas quando ela sorri para mim, não dá para não sorrir também.



PASSAMOS A TARDE andando sem rumo pelo centro de Athens, com seus milhares de casas de shows e lojas de roupas vintage, onde Abby gasta seu dinheiro do almoço em um par de botas de couro falso. Há folhetos por toda parte nas ruas, anunciando apresentações de DJs, peças na universidade e uma banda chamada Motel/Hotel, que vai tocar neste fim de semana. E, para onde quer que eu olhe, há restaurantes. Abby anuncia que está faminta e, por sorte, está com o cartão de débito dos pais, por isso paramos para tirar dinheiro.

— Quando eu era pequena, achava que o caixa eletrônico era uma máquina de jogo — comenta ela. — E que minha mãe era a *melhor* jogadora do mundo, porque sempre ganhava dinheiro.

— Eu adorava quando as notas saíam estalando de tão novinhas — comento.

— Ainda adoro isso.

— Acho que agora eu só adoro por causa do dinheiro mesmo.

Abby sorri.

— Que bonitinho, Leah. Você gosta dele pelo que ele é.

Vamos a uma lanchonete para comer queijo quente com muita manteiga e sorvete de sobremesa, e depois voltamos para a casa de Caitlin. E, ao longo de todo o caminho, sinto um friozinho gostoso na barriga. Talvez seja assim. Talvez a faculdade seja assim.

De volta ao apartamento, nos acomodamos cada uma em um lado do sofá com nossos celulares — Abby mandando mensagens para as primas, e eu, para Simon.

Como está indo???, pergunta ele.

Ela parece bem.

Sério? Droga. Nick está péssimo.

Abby me cutuca.

— Quer ver uma foto das minhas primas? — Ela chega mais perto para me mostrar. Na foto, Abby está espremida entre duas garotas brancas, e elas estão felizes, sorridentes e lindas. — Molly é a morena. E Cassie, a loura — explica. — A gente tirou essa foto no casamento das mães delas.

Ela passa mais algumas fotos e para em uma de cores vivas, de duas mulheres sorrindo uma para a outra embaixo de um arco de flores. Uma tem cabelo cor de mel e uma vibe hippie, mesmo com um vestido de noiva. A outra está usando calça e é a cara de Abby. Sério,

ela é literalmente uma versão mais velha de Abby, sem tirar nem pôr. A semelhança chega a me deixar desorientada.

— Eu não sabia que você tinha tias gays — comento.

— É, a tia Nadine é lésbica. Acho que a tia Patty é bi.

Olho de novo para a foto.

— Nadine é a irmã do seu pai?

— Aham. Ele tem duas irmãs, ela é a mais nova.

— Ele reagiu mal quando descobriu que a irmã era lésbica?

— De jeito nenhum.

— Estou meio surpresa.

— Sério?

Abby dá um sorrisinho, e sinto o rosto quente.

— Não sei. — falo. — Você sempre diz que seu pai é tão rígido e tradicional.

— Ele é, mas levou isso na boa. Quer dizer, não sei como ele reagiria se meu irmão ou eu chegássemos em casa e anunciássemos que somos gays... — Ela hesita, constrangida.

E não falamos mais nada. Eu fico brincando com o controle remoto, e Abby olhando fixamente para ele, sendo interrompida apenas quando seu celular começa a vibrar.

— É o Simon — diz.

Os olhos de Abby encontram os meus enquanto ela atende a ligação e vai para o quarto de Caitlin.

Eu me concentro no ventilador de teto por alguns minutos, meu celular vibrando ao meu lado. De vez em quando acho que as mensagens de texto foram o pior avanço tecnológico da história. Sim, é conveniente, mas em geral é como se alguém ficasse cutucando você sem parar, chamando *ei, ei, ei*.

É claro que esse alguém é o Nick, sempre tão sutil. Oi como estão as coisas por aí? Já fizeram coisas legais? O que estão pensando em fazer?

Deve ter um monte de universitários aí, né? Abby provavelmente não vai sentir muito a minha falta

Ela falou de mim? haha

Fico encarando a tela do celular sem saber o que responder. Que merda. Eu me sinto mal por ele, de verdade, mas realmente não há nada que eu possa fazer no momento. Por isso, resolvo ignorar a mensagem e desenhar. Preciso me fechar um pouco no meu mundinho, e desenhar às vezes me possibilita isso. É como se tudo ao redor parasse de existir, desaparecesse por completo, e a única coisa que importa é a ponta do lápis deslizando pelo papel. É difícil explicar como funciona, mas basicamente tenho uma imagem na cabeça e tudo que preciso fazer é traduzir essa imagem em curvas e sombras. Em muitos casos não sei o que estou desenhando até desenhar.

Eu me recosto no sofá e começo o esboço — na mesma hora, meu corpo se acalma. Costumo desenhar coisas bem específicas sobre

livros, filmes e séries, coisas que só quem é do fandom vai entender. O pessoal do Tumblr parece gostar.

Mas hoje desenho uma caixa.

Não uma caixa — um caixa eletrônico.

No desenho, ele é só mais uma máquina de fliperama, em meio a máquinas de pinball e àquelas com ganchos que pescam pelúcias. O caixa eletrônico está cuspidando dinheiro, as notas se espalhando pelo ar. Abby está em êxtase, como se houvesse acabado de ganhar um prêmio em um cassino. Estou ao lado dela, boquiaberta. É a primeira vez que desenho Abby em um ano e meio. E também é a primeira vez que me desenho desde então.

— O que você está escrevendo aí? — pergunta Abby. Ergo os olhos e a vejo sorrindo, curiosa. Ela afunda no sofá e coloca o celular na mesa de centro. — É tão fofo você sentada aí, rindo consigo mesma.

— Estou desenhando.

— Posso ver? — E chega mais perto.

Mostro para ela, que cai na gargalhada.

— Ai, meu Deus. Somos nós.

Faço que sim.

— Estamos jogando no caixa eletrônico!

— E ganhando.

— É claro que estamos ganhando. Somos as melhores jogadoras de caixa eletrônico do mundo. — Ela dá um sorrisinho. — Você é talentosa, Leah! Tenho inveja.

— Não é nada de mais.

Desvio o olhar e abaixo a cabeça, deixando o cabelo esconder meu sorriso.

— Estou falando sério. Você tinha que aceitar umas encomendas, coisas assim. Todo mundo compraria seus desenhos, com certeza.

— Que nada.

— Por quê?

— Porque não. — Dou de ombros.

Porque não sou boa o bastante. Porque há algo *desarmônico* em tudo que desenho. Sempre há uma orelha maior do que a outra, ou dedos curtos demais, ou marcas da borracha que usei para apagar. Nunca é perfeito.

— Juro que você é muito mais talentosa do que acha. Eu pagaria pelo seu trabalho sem pensar duas vezes.

Fico vermelha.

— Pode ficar com o desenho.

— Jura? — diz ela, surpresa.

— Claro.

Arranco a folha com cuidado e entrego a ela.

Ela examina o desenho por um momento, então o pressiona contra

o peito.

— Sabe, ainda tenho o outro desenho que você fez da gente — diz Abby.

Tudo parece congelar dentro de mim: meu coração, meus pulmões, meu cérebro.

— Posso fazer uma pergunta?

— Claro.

Ela hesita, cerra os lábios, depois abre a boca. Então pergunta, baixinho:

— Por que deixamos de ser amigas?

Meu estômago dá uma cambalhota.

— Ainda somos amigas.

— Somos, mas no ano passado... Não sei. — Ela morde o lábio. — Fico tentando descobrir o que fiz, se disse alguma coisa que chateou você. Sabe, você foi minha melhor amiga aqui por algum tempo, e aí do nada parou de falar comigo.

Ai. Com certeza tem um cretino minúsculo e invisível socando meus pulmões. E fazendo meu coração bater em uma velocidade louca, e usando meu estômago de trampolim. Não consigo raciocinar direito. Só sei que não quero conversar sobre isso. Preferia falar sobre qualquer outra coisa. Qualquer coisa mesmo.

Depois de um tempo, respondo:

— Não fiz de propósito.

— Então, o que aconteceu? Eu fiz alguma coisa?

— Não, é só que... — começo, mas a frase morre na minha garganta.

* * *

É só que Abby era divertida. E linda. E eu me sentia mais desperta quando estava perto dela. Tudo ganhava proporções fantásticas. Às vezes, quando estávamos esperando o ônibus, ou quando ela estava contando alguma coisa sobre a escola antiga, eu me pegava sorrindo sem motivo. Sonhei que ela me dava um beijinho no pescoço. Um beijo rápido e delicado... mal deu para sentir. Acordei agoniada e não consegui olhar para ela o dia todo.

E o jeito como ela falou quando mostrei meu desenho.

Adorei. Leah. Acho que vou chorar.

Ela me olhou com tanta intensidade. Se eu tivesse sido só um pouco mais corajosa, juro que a teria beijado. Teria sido fácil. Bastaria ter me inclinado um pouquinho para a frente.

Mas então ela dobrou as pernas e juntou as mãos.

— Posso contar um segredo para você? — Ela me encarou bem nos olhos e levou as mãos ao rosto, envergonhada. — Nossa, estou nervosa

de verdade.

Foi estranho. Ela parecia ofegante.

— Por que está tão nervosa?

— Porque estou. Não sei. — Então ela encostou a ponta do dedo no meu desenho. — Nossa, amei de verdade. Sei *exatamente* que momento foi esse.

— É... — falei, baixinho.

Então a mão dela roçou na minha, e meus órgãos se rearranjaram dentro do corpo. Era assim mesmo que eu me sentia. Como se alguém estivesse me esticando por dentro. Dobrei os joelhos, me sentindo incomodada e constrangida. Abby me olhou de relance por uma fração de segundo, tocou a boca e piscou.

— Sabe, meu ônibus já deve estar chegando. — Ela parecia tensa. — É melhor eu ir para o ponto logo.

— Então você vai simplesmente me deixar aqui, com esse segredo desconhecido pairando no ar, Suso?

Abby deu um sorrisinho.

— Talvez eu conte amanhã.

Mas ela não contou. Me mandou uma mensagem. Feliz aniversário, com um emoji de balão. Respondi com um obrigada e um emoji de sorriso. E foi isso. Fim de papo.

Na segunda-feira, tudo estava dolorosamente normal. Sem olhares nervosos. Sem constrangimentos. Abby e Nick passaram a aula de inglês toda dando tapinhas um no outro e brincando de brigar. No almoço, Abby e Simon reclamaram do ensaio da peça. Foi como se o segredo tivesse evaporado.

* * *

E agora Abby está me encarando como se eu fosse um filme estrangeiro incompreensível. Como se estivesse procurando as legendas.

— É só o quê? — pergunta ela, finalmente.

— Oi?

— Você parou de falar do nada.

— Ah.

Encaro minhas mãos.

— Se não quiser conversar... — diz ela.

— Ok — respondo, de pronto.

— Ok o quê?

— Ok, não quero conversar sobre isso.

Abby revira os olhos.

Passamos a primeira noite em Athens comendo batatas chips e assistindo ao programa *Tiny House Hunters*. O casal em busca de uma casa pequenina, naquele episódio, era branco e hipster — embora eu ache que é assim em todos os episódios. Eles se chamam Alicia e Lyon, e Lyon não para de usar palavras como *reutilizar*, *sustentável* e *coliving*.

— Isso não pode ser real — comenta Abby.

— Pior que é.

— Como isso vai dar certo? Onde eles vão deixar o carro?

— Na casa antiga, acho. E vão colocar a casinha minúscula no quintal.

— Meu Deus — diz Abby, chocada, balançando a cabeça. — Ei, vamos ligar e pedir uns cookies daquela loja que a gente viu?

— Gênia.

— Sou mesmo — diz Abby.

Talvez isso possa dar certo. Essa amizade. Talvez pudéssemos mesmo morar juntas. Andaríamos pela casa de pijama, falaríamos com Simon pelo Skype, comeríamos cookies toda noite e só tiraríamos notas altas. Teríamos namorados também, e eu me apaixonaria perdidamente por algum veterano, e nós duas seríamos melhores amigas de verdade. E aí eu não teria que morar com uma completa estranha.

Mas então, por volta das onze da noite, Abby boceja e se espreguiça.

— Acho que vou dormir.

E, de repente, só consigo pensar que há apenas uma cama no apartamento.

— Posso dormir no sofá — falo.

— Oi? — Abby me olha como se eu tivesse falado algo completamente absurdo. — Claro que não. É uma cama king-size. É literalmente do tamanho da casa de Lyon e Alicia.

— É verdade.

E, tudo bem... Estou sendo ridícula. Abby e eu já dormimos juntas no chão dezenas de vezes: na casa de Simon, na casa de Nick, na casa de várias pessoas do grupo. Até mesmo na viagem de carro até aqui ficamos a uma distância ridícula uma da outra. A cama de Caitlin é tão gigante que seria capaz de nem nos vermos.

E, afinal de contas, é só Abby.

Mas, por alguma razão, a ideia de dormir com ela na mesma cama me deixa aflita. Ela me encara, intrigada.

— Posso ficar no sofá também, sem problemas.

— De jeito nenhum. Caitlin é sua amiga.

— Também não é assim. Ela é irmã do amigo da namorada da

minha prima.

— Ok. — Dou um sorrisinho. — Tudo bem, então.

É claro que está tudo bem.



ACORDO COM O barulho da chuva caindo na varanda. Abby já está acordada, apoiada na cabeceira da cama com as pernas dobradas e lendo *Harry Potter*.

Uma onda de pânico me atinge. É difícil explicar, mas a ideia de Abby me observando dormir me deixa apavorada. Não que ela estivesse me *observando*, porque parecia bem concentrada no livro, mas, neste momento, meu cérebro só consegue imaginar como eu devo ser nojenta dormindo: a baba escorrendo, o ronco constrangedor.

— Ah, finalmente acordou! — diz Abby, dobrando o cantinho da página para marcar onde parou.

Eu a encaro, perplexa.

— Você acabou de dobrar a página de um *Harry Potter*? Foi isso mesmo que eu vi?

— Ah, não. — Ela sorri. — Eu devia ter imaginado que você era uma dessas pessoas.

— Uma dessas pessoas? Está querendo dizer que não sou um monstro, né?

Balanço a cabeça lentamente, em desaprovação. Aquela menina de rosto angelical, com lindos cachos caindo pelo rosto e short cor de lavanda é a imagem perfeita da inocência. Só que não.

— Tudo bem, talvez isso te assuste um pouco — falo —, mas você já ouviu falar de...

— Marcadores de livro. Sim. Eu sei. — Abby revira os olhos. — Nick me enchia tanto o saco com isso. Acho que ele me comprou uns cem durante o namoro.

— E onde estão esses cem marcadores agora?

— No lixo, é claro.

— Porque...

— Porque eu e Nick terminamos? — Ela dá de ombros. — Não sei. As coisas do Nick me deixam triste. Isso é esquisito?

— Por que seria?

Ela dá um sorriso melancólico.

— Sei lá, fui eu que terminei com ele. Não tenho direito de ficar triste.

— Você pode sentir o que quiser.

— É, eu sei. Mas é complicado.

E, de repente, ela parece prestes a cair no choro. Talvez Simon

estivesse certo. Talvez Abby e Nick não deversem ter terminado.

— Então, está chovendo — diz Abby.

— Tô sabendo.

— Será que vão cancelar a visita ao campus?

— Não sei.

— Acho que não, né? E talvez o tempo dê uma melhorada. — Ela suspira e olha para o celular. — Os garotos estão indo para Boston. Acabei de falar com o Simon. Parece que Nick acabou de descobrir que conseguiu uma bolsa para a Tufts, e ele gosta mesmo de lá, então...

— E para onde eles vão depois?

— Para Wesleyan. Vão ficar com a Alice. Aí amanhã vão na Universidade de Nova York.

— Simon vai adorar.

— Vai. — Ela se espreguiça. — Ele é tão engraçado. Fica dizendo que não ligaria se tivesse que namorar a distância, mas coincidentemente escolheu fazer faculdade na mesma cidade que Bram.

— Pois é — falo, e Abby dá um sorrisinho desanimado.

Sinto que estou começando a me acalmar, que meus batimentos cardíacos estão voltando ao normal. Passamos da cama para o sofá e, por volta do meio-dia, estamos vestidas e alimentadas. A chuva virou só um chuvisco, e acho que até agora estamos indo bem. É claro que Abby trouxe galochas verde-limão com bolinhas.

— Você sabia que ia chover?

— Não. Só gosto delas com essa roupa. Está esquisito?

— Muito.

Ela me dá um empurrãozinho.

Mas ela não está nada esquisita. Parece uma universitária descolada. Sempre invejei muito o estilo de Abby. Ela sabe montar camadas perfeitas. Por exemplo: hoje está de calça skinny com uma camisa xadrez azul-marinho, e por cima um suéter cinza justo, com as mangas enroladas até o cotovelo. E de galochas. Quando tento usar várias camadas, só fica parecendo que estou escondendo alguma coisa.

— Tudo pronto? — pergunto.

— Sim!

Ela tira um guarda-chuva da mala. É claro que trouxe um guarda-chuva.

Chegamos bem rápido lá e vamos direto ao departamento de admissões, para nos inscrevermos na visita guiada, e lá nos indicam o auditório no fim do corredor. Estamos alguns minutos adiantadas, mas os lugares já estão sendo ocupados.

Praticamente todo mundo está com pelo menos um dos pais. A não ser Abby e eu.

— Nossa, a gente tinha que ter arranjado umas identidades falsas — sussurra ela, sentando-se ao meu lado em uma fileira na parte de trás.

— Por quê?

— Por que não? Ninguém conhece a gente aqui, somos completas anônimas.

— Você sabe que daqui a cinco meses esse pessoal todo vai estudar com a gente, né?

— E daí? — retruca ela, sorrindo e olhando para a frente.

— E daí que você é uma ridícula.

Ela me ignora.

— Leah, olha só, de agora em diante você tem que me chamar de Bubo Yass.

Eu solto uma gargalhada.

— Hein?

Abby dá um sorrisinho.

— É um anagrama do meu nome.

— Isso é muito voldemórtico da sua parte.

— Ah, li essa parte semana passada! Ok, então. Seu novo nome é Bue Harkle.

— Como você faz isso tão rápido? — pergunto, chocada.

— Não sei.

— Abby “arrasei nas provas de admissão” contra-ataca. — Balanço a cabeça. — Ainda bem que você dobra as pontas das páginas.

— Por quê?

— Porque senão você seria perfeita demais. É nojento.

Ela dá uma risadinha debochada.

— Como assim?

— É verdade. — Conto nos dedos. — Você é cheerleader, faz dança, teatro, participa dos eventos da escola, do grêmio estudantil, tira notas altas nas provas de admissão.

— Eu só tirei nota alta em leitura crítica.

— Aham, claro, porque você foi reprovada em matemática e redação.

— É... não.

— Como eu disse. Perfeita — falo, sorrindo.

— Bem, tenho que ser — diz ela, dando de ombros.

— Por quê?

— Porque essa é a minha vida. Porque garotas negras precisam se esforçar em dobro. E mesmo quando fazemos isso... Bem, você ouviu o que a Morgan disse.

— Ai, nem me fale. — Massageio a testa. — Morgan perdeu a noção...

— Mas não é só a Morgan, entende? Não é um ponto de vista isolado, uma exceção. Passo por isso o tempo TODO.

— Que merda.

— Pois é. Sei lá. Às vezes sinto que não tenho como vencer.

Ela olha para mim, e não tenho ideia do que dizer. Não consigo interpretar direito sua expressão.

Então ela sorri, de um jeito quase melancólico.

— As coisas são o que são.

— Acho que sim.

— Só não fica falando que eu sou perfeita, tudo bem?

— Combinado.

Um homem da idade da minha mãe sobe ao palco para fazer um discurso de boas-vindas. Ele apresenta os guias que vão nos acompanhar na visita: três garotas e um garoto, todos veteranos. Somos divididos em dois grupos e vamos até o estacionamento, onde ônibus nos esperam.

— Queria muito que fosse aquele ônibus de dois andares com a parte de cima descoberta — falo.

— Ou um ônibus-anfíbio.

Olho para ela, intrigada.

— Ônibus-anfíbio?

— São aqueles ônibus que andam na terra e na água. — Ela acha graça da minha expressão. — Estou falando sério, juro, pode jogar no Google. Tem muitos em Washington.

Estou prestes a contestá-la, mas então percebo que uma das guias — Fátima — está dizendo alguma coisa importante.

— Vocês vão ver logo à sua esquerda — diz ela —, e é parte do plano de refeição.

Na mesma hora, um pai dispara uma sucessão de perguntas sobre as restrições alimentares do filho, mas Fátima não se abala.

— Os refeitórios atendem perfeitamente alunos com alergias alimentares — responde.

— Bem, minha filha é vegana — diz uma mãe de voz fina, encarando Fátima com certa hostilidade.

— Isso não será um problema. Temos muitas opções veganas...

A mãe a interrompe.

— Gostaria de algo um pouco mais específico do que “muitas opções veganas” — retruca a mulher, fazendo aspas no ar.

A filha vegana em questão se encolhe no banco, como se estivesse tentando desaparecer.

— Viu só? Por isso não quis que meus pais viessem — murmura Abby.

— Não brinca.

— Neste exato momento meu pai estaria perguntando como é a separação dos dormitórios por gênero, juro pra você.

— Ele sabe que... não vão separar? — falo, sorrindo. — Porque isso

aqui é uma universidade?

— Pois é, ele deve viver em outro planeta.

Sim, é claro que é assim que se evita que os alunos fiquem se pegando nos dormitórios, sr. Suso. Não tem como dar errado, a não ser pelo fato de que existem pessoas gays. Como o pai de Abby não percebe isso? Sério, como uma pessoa com uma irmã lésbica nem sequer considera essa possibilidade?

Não que *seja* uma possibilidade. Ao menos não para Abby. Porque Abby é a mais hétero das héteros.

* * *

Horas mais tarde, estou no banheiro de Caitlin, tentando passar o delineador. Já desisti do meu cabelo. Ele me odeia.

— Merda.

— Tudo bem? — pergunta Abby, espiando da porta.

— Acidente com delineador.

— Sei bem como é. — Ela faz uma careta. — Ei, tem um espacinho aí na pia para mim?

— Claro. — Eu me afasto um pouco para abrir espaço. Abby coloca um frasco de um negócio branco grudento em cima da pia e começa a umedecer o cabelo. — O que é isso? — pergunto.

— Ativador de cachos — diz ela, colocando um pouco do produto na mão. — Mantém os cachos definidos.

Adoro demais seu cabelo, Suso.

— Entendi — falo.

— O que você está pensando em usar? — pergunta ela, massageando o cabelo.

— Hum... isso aqui mesmo? Com meu coturno? Trouxe pouca roupa.

— Essa está ótima.

Ela sorri para mim do espelho.

— Olha só pra você, toda arrumada — falo.

Tiro a tampa da máscara de cílios, e ela me observa por um momento.

— Seus olhos são tão verdes.

Fico vermelha.

— É a luz.

— Que nada. Eles são bem bonitos.

Sinto um frio na barriga. Tento me concentrar nos meus cílios. Que não se parecem em nada com os de Abby. Os cílios de Abby deveriam ter seu próprio CEP, de tão grandes e lindos.

Ela sai do banheiro e logo volta com a bolsa de maquiagem, o que me surpreende um pouco. Pelo que sei, ela não é muito de usar, ao

menos não na escola, mas leva jeito, e em segundos sua pele está cintilante e seus olhos, grandes e suaves.

— Vai ser divertido, tá? — diz ela, olhando para mim.

— Se você está dizendo.

Nossos olhares se cruzam no espelho e ela sorri, antes de voltar ao quarto para se trocar.

* * *

A festa começa às oito e meia, mas Abby decide que só vamos descer depois das nove.

— *Nem pensar* vamos ser as primeiras a chegar — diz ela.

Tiramos selfies enquanto esperamos — são necessárias aproximadamente mil tentativas até conseguirmos uma que satisfaça Abby. Isso é estranhamente tranquilizador. Sempre achei que garotas lindas como ela conseguissem selfies perfeitas de primeira. Ela manda a foto para Simon, que responde na mesma hora.

Uau.

Com um ponto final. E é esquisito, porque o ponto dá a sensação de que ele está falando sério, de que realmente estamos bonitas na foto. Olho para baixo, envergonhada.

Abby me cutuca, sorrindo.

— Vamos descer?

— Vamos.

Ao entrarmos no elevador, Abby segura minha mão e a aperta bem de leve. É estranho e surreal estar aqui, nesta minúscula viagem no tempo. Talvez ano que vem estejamos fazendo a mesma coisa, indo a uma festa terça à noite fora do campus.

Não estou cem por cento certa de como me sinto em relação a isso. Ou de como me sinto sobre Abby ainda estar segurando minha mão. Por que garotas hétero fazem essas coisas? Como eu interpreto isso? Abby checa o número do apartamento mais uma vez e bate à porta, que se abre mesma hora.

— Abby! — diz Caitlin. Ela está com uma bebida na mão, alguma coisa rosa em um copo de plástico transparente. — Pessoal, essas são Abby e Leah! São amigas do meu irmão.

— Eu nunca nem vi o irmão da Caitlin — murmura Abby, bem pertinho do meu ouvido.

Eu a sigo para dentro do apartamento, o coração latejando.

O lugar é idêntico ao de Caitlin — mesma planta baixa, mesmos eletrodomésticos cromados —, mas a decoração é diferente, o que é quase desorientador. A única fonte de luz da sala são algumas luminárias e uma confusão de piscas-piscas. Há uma enorme tapeçaria batique vermelha e roxa pendurada em uma parede e almofadas por

todos os lados. Tenho quase certeza de que não há TV na casa.

Só tem umas oito ou nove pessoas aqui além da gente, sentadas no sofá e ao redor da mesa da cozinha. Um cara de barba toca violão, enquanto duas garotas cantam. Conhecemos Eva, que é deslumbrante, tem um ar meio andrógino, pele negra e cabelo bem curtinho.

Caitlin pergunta se queremos beber alguma coisa. Abby aceita, e isso me deixa um pouco incomodada. Às vezes, acho que sou a única pessoa no mundo que não bebe.

— Abby, adorei suas botas! — diz ela, voltando instantes depois com um copo de plástico, e nos sentamos no chão.

Abby está usando as botas que comprou ontem e uma saia estampada curta; é impossível ficar indiferente. Ela tem uma beleza tão natural que quase dá raiva.

— Ei. — Abby me cutuca. — Que cara é essa?

— Cara de quê?

Merda. Minhas bochechas ardem.

— De quem quer me matar.

Fico sem fala por um momento. Nunca me senti tão grata pela minha cara de desgosto inata.

Eva se senta ao meu lado.

— Então, Caitlin disse que você toca bateria.

— Mais ou menos.

— Mais ou menos? — Abby me dá um empurrãozinho. — Ela é uma baterista incrível. Tipo, *incrível* mesmo.

— Tom! — diz Eva, e se volta para o guitarrista no sofá. — A amiga da Caitlin é baterista.

— Não brinca — diz o cara de barba.

— Sério — confirma Eva. — Então, não sei se a Cait mencionou, mas vamos precisar de uma nova baterista depois que eu me formar. Você começa no semestre que vem, certo?

Faço que sim.

— Interessante — diz Eva.

Nesse meio-tempo, Tom e as garotas que estavam cantando se aproximam. Elas se apresentam, Victoria e Nodoka, e me abraçam como se isso não fosse nada de mais. Como se estivéssemos trocando um aperto de mãos. Elas fazem o mesmo com Abby.

É como se alguém tivesse desatarraxado meu cérebro de meu corpo. Estou aqui, mas não estou aqui. Sorrindo por reflexo. Assentindo sem saber por quê.

— Mas sem pressão — diz Nodoka.

Olho ao redor e percebo que está todo mundo me encarando.

— Eu...

— Já usou bateria eletrônica antes? — pergunta Eva. — Demora algum tempo para se acostumar, mas agora só uso ela.

— A do Nick é eletrônica, não é? — comenta Abby.

Faço que sim.

— Se estiver a fim, vamos adorar ouvir você tocar — diz Tom.

— Agora? — pergunto.

— Claro.

— Tudo bem.

Eu me sinto zozza. Merda. Estou em uma festa de universitários, cheia de gente linda, e acho que acabo de ser convidada para fazer um teste para uma banda.

— Vou pegar meus fones de ouvido — diz Eva.

Cinco minutos mais tarde, estou sentada no banco da bateria, no quarto de Eva, enquanto Abby se acomoda na cadeira diante da escrivaninha, os braços envolvendo os joelhos, enquanto Eva, Nodoka, Tom e Victoria estão jogados na cama. Meu coração dispara. Não sei nem por que vou me dar ao trabalho de tocar bateria. Era só colocar um microfone no meu peito.

Ajusto os fones de ouvido de Eva e dou umas batidas para testar a caixa da bateria. Kits eletrônicos sempre me confundem no começo. Isso sem contar que eu estava sendo observada por um bando de músicos de verdade.

E por Abby.

A presença dela sempre me deixa *muito* desnorteada.

Mas isso é uma bateria, e sei tocar bateria. Se consegui mandar bem no show de talentos da escola dois anos seguidos, consigo mandar bem agora. Na verdade, é até mais fácil com fones de ouvido. Eles me dão a sensação de que meus ritmos são um segredo, como se agora só morassem dentro dos meus ouvidos. Embora eu saiba que isso não é verdade. O som não é ensurdecedor, como acontece com um kit acústico, mas dá para ouvir cada batida e cada toque no pad. Só preciso parar de pensar demais no que estou fazendo.

Tenho que entrar no clima. Preciso encontrar a vibração da música e me entregar a ela. Deixo meus olhos se fecharem enquanto minhas baquetas encontram os pads. Vou fingir que estou só tocando sem compromisso no porão de Nick. Nem tenho que tocar uma música de verdade. Basta ir aonde minhas mãos me levarem.

Quando abro os olhos, Tom está assentindo, tocando uma guitarra invisível, do jeito que Nick faz, Nodoka está de olhos fechados, sentindo a música, enquanto Eva solta um *uau* sem som para Victoria.

Dou um sorriso, o rosto pegando fogo. E Abby sorri também.

* * *

Eu não diria que ela está bêbada, mas Abby está bem animada e sorridente, se apoiando em mim enquanto voltamos para o

apartamento de Caitlin.

— Foi incrível — diz ela. — Não está feliz por termos ido?

— Estou — admito.

— Você foi incrível. Eu fiquei, tipo, caramba, essa garota está tocando bateria na frente desses universitários como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Dou uma risada.

— Até parece.

— Você vai ligar para eles, não vai? E vai entrar para a banda, e eu vou a todos os seus shows e, quando você ficar famosa, vou contar para todo mundo que conheço você. — Ela afunda no sofá e arranca as botas. — Qual vai ser nome artístico?

— Acho melhor a gente ir com calma.

Tiro as botas também e me aconchego no canto oposto do sofá. Estamos aqui há menos de dois dias e já reivindicamos nossos territórios no sofá. Eu no lado esquerdo, Abby no direito. E um oceano de espaço entre nós.

Ela se recosta e suspira, feliz.

— Está vendo? Por isso estou tão feliz de estar solteira. Porque posso só ficar largada aqui com você e não tenho que sair correndo e ligar para o meu namorado. — Ela estica o pé para encostar com ele no meu. — Posso só curtir o momento. Adoro isso.

— Que bom.

Ela me olha fixamente.

— Mas você precisa parar de ser tão talentosa. Não consigo lidar com isso.

— Desculpa.

Ela sorri.

— Não se desculpe.

Meu coração acelera um pouquinho. Ela está tão perto.

— Na verdade, você tem que se desculpar, sim.

Dou uma risada nervosa.

— Por quê? — pergunto.

— Por me fazer questionar coisas.

— Questionar o quê?

— Coisas.

— Não entendi.

— Digamos que gostei de verdade de ver você tocar.

Ela dá um sorrisinho.

— Me ver tocar fez você questionar coisas? — pergunto.

— Aham. — Ela abaixa os olhos. — Então, posso fazer uma pergunta?

E, de repente, meu coração está disparado. Alguma coisa acabou de mudar. Não consigo explicar, mas sei que mudou.

— Tudo bem — falo.

— Quero saber de quem você gosta.

— Pergunta difícil. Odeio todo mundo.

Ela ri.

— Tá, então quem você odeia menos?

— Não quero responder a essa pergunta.

Vejo a sombra de um sorriso no rosto dela.

— Então vai ter que escolher consequência.

— Não percebi que estávamos brincando de Verdade ou Consequência.

— É claro que estamos.

Abby cruza as pernas e me encara com uma expressão de quem está prestes a cair na gargalhada. Mas isso não acontece.

Estou ofegante.

— Eu te desafio a me beijar — diz ela.



MEU CÉREBRO ENTRA em curto-circuito. Olho para ela, perplexa, incapaz de dizer qualquer coisa.

— Se você quiser, claro — acrescenta Abby.

— Você quer?

Ela assente, com um sorrisinho.

— Mesmo? — pergunto.

— Você não tem curiosidade?

— Não sei.

Meu coração está quase saindo pela boca. Nunca beijei ninguém na vida, e isso sempre me causou muita aflição. Por isso sei que vou acabar estragando tudo, apenas sei. Tenho certeza de que meu beijo deve ser horrível: desajeitado, cheio de baba, sem pegada, afobado demais.

Abby ri baixinho.

— Leah, relaxa.

— Estou relaxada. Eu só...

De repente, os lábios dela estão grudados aos meus. E fico paralisada.

Porque.

Uau.

Está acontecendo. Estou beijando uma pessoa, e essa pessoa é Abby. Isso não estava programado.

Os dedos dela tocam meu rosto com delicadeza, o polegar em meu queixo. Eu me dou conta de um milhão de detalhes ao mesmo tempo. Nossos joelhos se tocando. Nossos lábios se movendo, unidos. Abby tem gosto de sangria e vodca. Não consigo acreditar que isso está acontecendo. Minhas mãos encontram o rosto dela e...

Meu Deus. O que estou fazendo? Não gosto da Abby. Não posso gostar da Abby e definitivamente não posso beijar a Abby. Nem quero beijá-la. Tudo bem, já tive vontade. Mas nada de mais. Foi séculos atrás. Está enterrado. Fim. E não posso.

Nossa. Meu coração não desacelera. Merda. Merda. Merda. Talvez não tenha sido há tanto tempo assim. Talvez seja agora. Talvez desde sempre.

Parece que uma lâmpada se acendeu em meu peito. Em minha garganta. Em minha barriga. E mais abaixo. No corpo todo. Não sei como explicar. Acho que meu cérebro pifou.

Abby se afasta e se joga para trás, nas almofadas. Está agitada, quase ofegante. Por um momento, nos encaramos e nada mais.

Então ela ri e diz:

— Para duas garotas héteros, até que somos muito boas nisso.

— Eu não sou hétero.

Ela fica em choque.

— Sério? — O ar escapa dos meus pulmões. — Leah.

Abby tenta pegar minha mão, mas me afasto depressa.

— Não.

— Desculpa — murmura ela, mortificada. — Eu... não fazia ideia.

— Pois é.

Dou de ombros. Deixa pra lá. Não estou nem aí. Só que, de repente, estou tão furiosa que chego a tremer.

— Sério, Abby, como você pode ser tão cega? Faça um desenho em que estamos praticamente uma em cima da outra, e não lhe ocorre que talvez, só talvez, eu pudesse estar a fim de você?

— Eu não... — diz ela, balançando a cabeça.

— Aí você começa com aquela história de *Ah, tenho um segredo, estou tão nervosa*. Como eu deveria interpretar isso? Mas isso não tem importância, porque tã-nã! Aparece o Nick. E você passa a flertar com ele. E então começam a namorar. E no minuto em que você fica solteira, aqui está você, me dando mole descaradamente. Mas é claro que isso não significa nada, porque você é tão hétero, claro. E então me beija? — Minha voz falha. — Foi o meu primeiro beijo, Abby.

Ela engole em seco.

— Desculpa mesmo. De verdade.

— Dane-se. — Fecho os olhos com força. — Só para de me fazer de otária. Por favor.

— Não foi minha intenção fazer isso.

— Então por que acabou de me beijar?

— Porque tive vontade — responde ela. — E também tive vontade na casa da Morgan.

O ar praticamente jorra de meus pulmões.

— O quê?

— Esse é o segredo. É isso. Eu quis beijar você, mas fiquei assustada. — Agora é a voz dela que falha. — E tentei te contar um milhão de vezes, mas não consegui.

— Por que não?

— Porque você é aterrorizante, Leah. Eu nunca sei se você me odeia ou não.

Eu mal consigo olhar para ela, de tanta raiva.

Abby está prestes a chorar.

— Eu só me sinto tão... não sei o que fazer. Minha prima Cassie outro dia mesmo estava comentando como é escroto e egoísta garotas

héteros ficarem flertando com lésbicas só porque estão curiosas ou entediadas...

— Ou porque acabaram de terminar com os namorados.

— Ou isso. — Abby se encolhe. — Mas achei que você fosse hétero. Juro.

— E me beijou? Isso não faz nenhum sentido.

— Pensei que fôssemos duas garotas hétero experimentando.

Sinto um aperto no coração.

— Bem, não somos.

— Eu sei. — Ela funga. — Desculpa. Mesmo. Não quero ser a garota hétero que está usando você. Sei lá... Talvez eu não seja totalmente hétero. Não sei. Já tive umas crushes antes, mas nunca...

— Crushes por garotas?

Abby dá de ombros.

— Agora você é bi, então?

— Você me faz considerar essa possibilidade.

Meu coração para por um instante. Abby cobre o rosto com as mãos.

— Não sei. É só. — Ela respira fundo. — Quer mesmo ouvir sobre as minhas crushes? Quer saber por que falo tanto com a Caitlin?

Meu coração afunda de novo no peito.

— Na verdade, não.

— Leah, não é... Para. Ela é hétero, ok? Eu tinha namorado, ela tem namorado, e ela é hétero, e eu estou estragando tudo. Só isso. — Abby suspira. — Não gosto da Caitlin, ok? Nem a conheço direito.

— Aham. Ela é bonita.

— Você também — sussurra Abby. Olho de relance para ela, que está abraçando os joelhos, nervosa, chorando. — E quero ser sua amiga. Ou mais do que isso. Não sei. Odeio esta situação.

Ela esfrega os olhos, e é isso. Meu cérebro não aguenta mais. Não consigo lidar com essa garota. Simplesmente não consigo.

Ela me faz querer rasgar meu peito e arrancar meu coração.

Abby passa metade da noite tentando me convencer a não dormir no sofá.

— Estou me sentindo uma idiota — diz ela. — É sério, fica com a cama, você merece.

— Ai, meu Deus. — Pego um travesseiro e uma manta e vou para a sala. — Está tudo bem, ok? Para.

— Vou dormir na poltrona — declara ela.

Reviro os olhos.

— Você que sabe.

E acho que nós duas somos teimosas, porque a cama fica vazia a noite toda. Acordo e vejo Abby dormindo na poltrona, a cabeça

ligeiramente inclinada para o lado, como se estivesse num assento de avião. Por um momento, eu a observo dormir. Talvez isso faça de mim uma vampira pálida e psicopata, mas não consigo evitar.

Abby está abraçando um travesseiro, as mãos pressionadas contra ele, que se ergue e abaixa junto com a respiração dela. Seus lábios estão levemente entreabertos. Em minha mente surge uma súbita imagem dela criança, o que me dá um aperto no peito que não consigo explicar direito. Não é atração, porque obviamente não me sinto atraída por crianças. É mais como um anseio. Só um desejo esquisito de ter conhecido Abby criança.

Ela acorda um pouco depois, e arrumamos nossas coisas em silêncio. Mal consigo respirar, de tão tensa e constrangida. Tenho a sensação de que minha pele vai rachar se alguém tocar nela. Não sei como vamos sobreviver à viagem de volta.

Caitlin chega dez e pouquinho para pegar as chaves e se despedir, e, quando olho para ela, só consigo pensar no que Abby disse na noite passada. *Quer saber por que falo tanto com a Caitlin?*

Mas não consigo sentir ciúmes dela. Não sou tão babaca assim. A garota me emprestou um apartamento, um passe de estacionamento e, provavelmente, me conseguiu uma nova *banda*.

— Estou tão animada para sair com vocês no ano que vem — diz ela, abraçando a gente.

Meu estômago se agita um pouco. Ainda fico surpresa ao me dar conta de que esse fim de semana não foi só uma anomalia aleatória. Esses dias foram uma prévia da vida real. Esses lugares, essas pessoas, essa dose estranha de liberdade.

Chegamos ao carro de Abby, e Caitlin nos abraça de novo.

— Me deem notícias, tudo bem?

Ela nos ajuda a colocar a bagagem no carro e vai embora. Estou sozinha com Abby de novo. Fico parada, nervosa.

— Quer que eu dirija?

— Não, não precisa — responde, mas então hesita. — A menos que você queira, claro.

— Não me importo.

Ela olha para mim.

— Abby, eu realmente não me importo.

Ela assente.

— Tudo bem. — Ela dá um sorrisinho. — Eu dirijo, então. Você relaxa.

Coloco minha playlist para tocar enquanto Abby pega a estrada. Dessa vez é a depressiva, sem dúvida: Nick Drake, Driftwood Scarecrow e Sufjan Stevens. Por quase vinte minutos, nenhuma de nós dá um pio. Abby está angustiada, dá para ver. Ela fica abrindo e fechando a boca, toda hora olhando para mim. Acho que Abby Suso

não é capaz de ficar quieta.

E, como era de esperar, ela quebra o silêncio antes mesmo de sairmos de Athens.

— Então, você acha que vai entrar na banda?

— Provavelmente não.

Abby franze a testa.

— Por que não?

— Porque sou uma baterista medíocre.

— Está falando sério?

Dou de ombros.

— Nem tenho bateria.

— Então arranja uma.

— Não tenho dinheiro para isso.

Abby aperta o volante com força.

— Quanto custa?

— Não sei. Uns duzentos dólares.

— Por que você não arruma um emprego, então? — Ela se encolhe assim que acaba de falar. — Ai, isso soou tão condescendente. Desculpa, não foi o quis dizer.

Balanço a cabeça.

— Tudo bem. Mas é que não tenho carro, então...

— No ano que vem, talvez. Vamos estar muito perto do centro de Athens, ou talvez você consiga alguma coisa no próprio campus.

— Talvez.

Eu me viro para a janela.

— Ou... — diz ela, e há uma ligeira mudança em seu tom de voz. — Você pode tentar ganhar dinheiro com os seus desenhos?

— Hummm. Acho que não.

— Estou falando sério. Já pensou em colocar alguns deles à venda na internet? Só para ver o que acontece?

— Abby, eu estou na internet.

— Você tem um blog com os seus desenhos?

— Te mando o link, se você quiser.

— Eu quero. — Ela sorri. — Leah, isso é perfeito.

— São desenhos bobos. Não dá para ganhar dinheiro com eles.

Ela para por um momento.

— E se você fizesse sob encomenda?

É engraçado, porque... eu já tinha cogitado essa possibilidade. Às vezes, até recebo mensagens perguntando a respeito, mas nunca levei a ideia muito a sério. É difícil imaginar que alguém realmente queira me pagar por desenhos tão ridículos e malfeitos.

— Hummm.

— Não sei, acho que você pode ganhar um dinheirinho com eles, e aí conseguiria comprar uma bateria. Seria perfeito.

— Não sei por que você se importa tanto com isso.

Ela parece chateada.

— Porque sim, ué.

Nossa, eu sou muito babaca mesmo. Sei que sou. Abby só está tentando ajudar, e as sugestões dela nem são tão ruins. Afinal, não seria legal pra caramba ganhar dinheiro com minha arte? Conseguir comprar algo uma vez na vida? Talvez eu até pudesse ajudar minha mãe depois que me formasse. Eu não discordo de Abby, só não consigo ser legal com ela.

Sou patética, eu sei. Mas a vida tem dessas coisas.



QUANDO CHEGO EM casa, há uma sacola em cima da minha cama. O vestido amarelo. Nem preciso abrir para saber. Meu estômago dá uma cambalhota.

Ligo para minha mãe pelo FaceTime.

— Que porcaria é essa?

— Nossa, não era bem essa a reação que eu esperava.

— Não temos dinheiro para comprar esse vestido — falo, nervosa.

— Vou devolver.

— Leah.

— Não vamos gastar duzentos e cinquenta dólares num...

Ela me interrompe.

— Muito bem. Para começar, ele não custou duzentos e cinquenta dólares. Estava em promoção.

— Mentira.

Ela dá de ombros.

— Bem, mas é verdade. Estava com dez por cento de desconto, e consegui mais quinze por cento cadastrando meu e-mail na loja.

— Ainda dá quase duzentos dólares.

— Lele, não é você que tem que se preocupar com isso.

— Como não vou me preocupar? — retruco, com um nó na garganta.

Ah, não, isso de novo não. Sou tão ridícula. Nunca fui de chorar, mas agora estou sempre a um passo de me desmanchar em lágrimas.

— Leah, está tudo bem, ok? Recebi todas aquelas horas-extras do mês passado, e logo vamos receber outro cheque do seu pai...

— Não quero que ele pague o vestido.

— Mas tudo bem ele ter pagado seu celular? Seus cadernos de desenho? Lele, é assim que a pensão funciona.

— Bem, é nojento.

— Olha, quer saber? Ele só vai pagar por mais dois meses, então você vai poder ser independente e comprar suas coisas. Mas, por enquanto, podemos só dizer “obrigada” e seguir em frente? Está pago. Ele tem condições de comprar um vestido. — Minha mãe balança a cabeça. — Você tem mesmo que tornar tudo tão difícil?

— Como? — pergunto.

Ela solta um suspiro cansado, os ombros afundando.

— Olha, a gente conversa sobre isso quando eu chegar em casa,

tudo bem?

— Tá. Como quiser.

— Ok, então. Ótimo. Meu bem, por favor, não se preocupe com dinheiro. Estamos bem, eu prometo.

Cerro os lábios.

— Leah, é verdade — insiste ela. — Estamos bem. Eu não teria comprado o vestido se não tivéssemos como pagar por ele. Você sabe disso, não sabe?

— Está certo.

Eu me sinto amolecer.

— Amo você, viu? Chego às seis. Mal posso esperar para saber sobre a sua viagem.

— Também amo você — murmuro. — E obrigada pelo vestido. Acho.

Ela bufa.

— Relaxa, Leah. E seja bem-vinda de volta.

* * *

É claro que relaxar não é uma possibilidade. Nem um pouco. Praticamente rasgo a sacola da loja assim que desligo o telefone.

O vestido é tão perfeito quanto eu me lembrava. Talvez mais. Eu tinha esquecido como as flores eram incríveis.

Tiro a calça e experimento. Vou até o banheiro para me olhar no espelho, e a saia arrasta no chão. Estamos falando de um arrastar nível *A Bela e a Fera*. Adoro isso.

Olho para meu reflexo e presencio uma espécie de milagre: não estou horrível. O amarelo do vestido faz minha pele parecer macia, e meu cabelo cai em ondas suaves por meus ombros. Até minhas bochechas parecem mais coradas e salientes. Quero ficar olhando para o espelho até essa imagem grudar em minha cabeça. Quero invocar essa versão de mim mesma em cada devaneio que tiver. Essa é a Leah que está pronta para arrasar em qualquer situação. A Leah que poderia se agarrar com alguém por *dias*.

Quando volto para meu quarto, a tela do celular se ilumina com uma mensagem. Me jogo na cama, ainda com o vestido.

É Anna. Você voltou?

Quero responder que não. Talvez eu possa sumir do mapa só até o recesso acabar. Posso ficar enfurnada em meu quarto e não falar com ninguém, passar os próximos quatro dias vagando por meu repertório cada vez mais amplo de devaneios. Como aquele em que estou tocando bateria banhada por uma luz estroboscópica, usando meu vestido amarelo e deixando todo mundo boquiaberto com meu talento, e então meu olhar encontra o de Abby na plateia, e a música

fica mais lenta, e ela está dando aquele meio sorriso, e tudo me leva a crer que ela está tentando me destruir.

Estou com saudades, acrescenta Anna. Quer ir à Starbucks na sexta?

Pronto. Agora me sinto um monstro, porque não penso em Anna há dias. Mal lembrei da existência dela. E, embora eu esteja magoada com Morgan, Anna não fez nada de errado. Sou uma amiga de merda mesmo.

Claro. Só a gente?

Ela responde com um emoji sorrindo.

* * *

Por sorte, Anna acorda cedo, então posso deixar minha mãe no trabalho e ir direto para a Starbucks. Só me esqueço de um pequeno detalhe: lá é um inferno às sextas de manhã. Conseguir uma vaga é impossível, então acabo parando no estacionamento do clube ao lado. Estou cinco minutos adiantada, mas o carro de Anna já está ali. Eu a vejo assim que entro, o cabelo preto preso em um rabo de cavalo bem-feito, de costas para a porta.

Sentada de frente para Morgan.

Fico tão furiosa que tenho vontade de vomitar. Meu estômago está se revirando de verdade. Morgan olha para mim e murmura alguma coisa para Anna, que se vira e sorri, acenando.

Não consigo me mover.

Anna se levanta e vem até mim.

— Sério, Anna? — falo.

— Leah, deixa disso. Vocês duas precisam conversar.

— Não acredito que você mentiu para mim.

Anna se encolhe.

— Eu não menti.

— Eu perguntei se seríamos só nós duas.

— E eu coloquei um emoji muito ambíguo. Poderia significar muitas coisas.

— Era um emoji sorrindo! Isso não é ambíguo. — Olho de relance para Morgan, que dá um sorriso hesitante. Ah, não. Desvio o olhar na mesma hora. — Você sabia que eu não queria falar com ela.

Anna revira os olhos.

— Você já se deu conta de como está sendo ridícula? É o último ano da escola. Só temos mais dois meses. E acabou para sempre. E vocês duas são amigas desde o fundamental. Você vai jogar essa amizade fora? É tão teimosa assim mesmo?

— Nem vem, Anna. Nem pense em colocar a culpa em mim.

— Caramba, Leah. — Anna suspira. — Ela sabe que errou, ok? Ela estava chateada, falou uma bobagem. Será que você pode, por favor,

só deixar a Morgan se desculpar?

— Era com Abby que ela devia se desculpar.

— Ué, foi você que ficou chateada com o que ela disse.

— E acha que Abby não ficou chateada?

Subitamente, sinto meu rosto arder. Nem consigo dizer o nome dela sem ficar vermelha.

— Pois é, tem esse detalhe. Como Abby ficou sabendo o que Morgan disse? — pergunta Anna, estreitando os olhos.

— Está perguntando se eu contei a ela?

Anna dá de ombros.

— Ai, meu Deus! — falo. — Sério que é com isso que vocês estão preocupadas?

— Leah, dá um tempo. — Ela suspira. — Você pode só conversar um pouquinho com a Morgan, por favor? — A voz dela se suaviza. — Já estou cansada de verdade de ficar no meio dessa história.

— Então para de se colocar no meio.

— Leah, chega, tudo bem? Pode ser? Eu só quero que as coisas voltem ao normal. Não temos muito tempo.

Olho para ela e, de repente, tenho onze anos de idade. Uma garota cheia de sardas do sexto ano, sem amigos. Literalmente nenhum amigo. Eu ia para a escola, voltava para casa e via TV com minha mãe. Passava o recreio lendo mangá no banheiro. Foi logo depois que meu pai foi embora, por isso minha mãe estava sempre irritada ou deprimida, e Morgan e Anna foram as primeiras pessoas que me deram o mínimo de atenção. Somos amigas antes de eu sequer sonhar em conhecer Simon e Nick. Então, talvez eu esteja mesmo sendo babaca. Talvez esteja exagerando.

Juro, acho que alguém deu um nó no meu estômago.

Anna balança a cabeça lentamente.

— E agora, qual é o próximo passo? — pergunta ela. — Você vai arrumar um motivo para me odiar também? E odiar o Nick? E quanto ao Simon? Vai simplesmente excluir todos nós da sua vida só porque não consegue lidar com despedidas?

— Você está falando bobagem e sabe disso.

— Estou?

— Não sou eu a errada na história — retruco, irritada. — Morgan falou uma coisa racista. E não se desculpou com Abby. Pronto. É isso. Fim de papo.

Eu me viro e saio pisando forte, deixando Anna, parada no balcão, boquiaberta.



AINDA NEM ENTREI no carro quando chega uma mensagem de Simon: Pode vir para a Waffle House? Tipo, agora?

Respondo na mesma hora: Timing assustadoramente perfeito. Estou saindo da Starbucks. Será que ele sabia que eu estava aqui? A Waffle House é tão perto que dá para ir andando até lá.

Ai, que bom! Estamos no fundo, vem encontrar a gente!

Engulo em seco. A gente?

Eu e Nick, responde ele.

Merda.

Fico enjoada só de pensar em ver Nick. Como vou olhar nos olhos dele? E se ele souber o que aconteceu? E se ele deduzir só de olhar para mim? *Adivinha só, Nick! Adivinha o que eu fiz! Com a sua ex-namorada! Por quem você ainda está apaixonado!*

Sabe, isso não é algo bobo. Não mesmo. É o crime capital da amizade.

Fico encarando a tela do celular, me perguntando como vou escapar disso. Talvez agora seja a hora perfeita para uma daquelas diarreias fictícias de que Simon, por alguma razão, tanto gosta.

Ou não. Sei lá. Uma hora ou outra terei que ficar frente a frente com Nick.

Chego aí em cinco minutos, escrevo.

Você é incrível, responde Simon.

Está tão agradável e fresco do lado de fora que resolvo deixar o carro no clube e ir andando. Não seria o primeiro veículo a ficar ali por horas.

Quando chego lá, encontro meus dois amigos sentados um de cada lado da mesa, desanimados, beliscando o waffle que estão dividindo. É uma cena bem deprimente.

— Oi — falo, e me sento no banco ao lado de Simon.

Nick levanta a cabeça.

— Oi! Bem-vinda de volta! Como foi em Athens?

Meu coração se aperta quando ele pergunta isso. Talvez um dia a palavra “Athens” não me faça lembrar de Abby. Eu apoio as pernas no banco à frente e pressiono os lábios.

— Foi ótimo.

— Que bom — diz ele, assentindo freneticamente. — Então... Eu estava pensando aqui...

— Lá vamos nós — murmura Simon.

Uma garçonete aparece, e peço um waffle e um café, muito objetiva. Assim que ela se afasta, Nick manda ver.

— Como a Abby estava? Bem, ou... sei lá, não sei. Ela estava agindo de um jeito estranho?

Merda.

— Ela parecia... — continua ele. — Tipo, ela estava chorando e tal?

— Hã... Um pouquinho?

Bem, é verdade. Ela chorou um pouquinho. Logo depois do meu surto. O que aconteceu logo depois de ela ter me beijado.

— Nossa. Ok. — Nick arregala os olhos. — Isso é... Bem, bom saber. Tento mudar de assunto.

— Então, como foi a viagem de vocês?

— Foi ótima — responde Simon, mas há algo estranho na voz dele.

Antes que eu consiga perguntar o que aconteceu, Nick ataca novamente.

— É que eu estou morrendo de saudade dela. Tipo, a gente não se fala há uma semana. Quase liguei para ela. No automático. Quase. Argh. — Ele esfrega a testa. — Foi um erro, sabe? A gente não devia ter terminado.

— Bem — diz Simon, cauteloso. — Ela terminou com você.

Nick não parece ter escutado.

— Eu devia ter lutado por ela — continua ele, a voz trêmula. — Ela foi a melhor coisa que já me aconteceu, e fiquei parado olhando ela ir embora. O que eu tinha na cabeça?

Simon me lança um olhar.

— Mas, Nick, você não fez nada de errado — comento.

— Mas não lutei o bastante por ela. — Ele balança a cabeça. — Eu devia ter tentado entrar na Universidade da Geórgia.

— Mas você ama a Tufts — diz Simon, hesitante.

— Eu amo a Abby.

Estou quase zozza. Não consigo organizar direito meus pensamentos. Tudo que sei é: Nick ama Abby. Eu beijei Abby. E, se ele souber disso, vai pirar. Nick jamais se recuperaria desse golpe.

— Espera. — Ele me encara de repente. — Ela ficou com alguém?

— Oi?

— Ficou, não ficou?

— Nick... — diz Simon, com um suspiro.

— Eu preciso saber. — Ele se inclina para a frente. — Quem foi? Algum desses caras de fraternidade?

— Hã...

— Merda. Eu sabia. — Ele se recosta no banco. — Merda. Não consigo acreditar.

Juro, acho que vou morrer. Meu estômago está se retorcendo em

vinte direções diferentes. Acho que não conseguiria falar nem se tentasse.

— Não, calma. — Simon se vira para mim. — Abby não faria isso. Ela não ficou com ninguém. Não é, Leah?

Assinto bem devagar.

— Está vendo? Vai ficar tudo bem. — Simon ergue o rosto de Nick.

— As coisas só estão meio confusas agora. Bem confusas.

— Como assim? — pergunto.

Ele não responde. Só fica fazendo que sim, enquanto Nick encara o nada.

— Simon? — chamo.

— Hein?

Nunca sei o que fazer quando Simon age dessa maneira. Às vezes, tenho a sensação de que ele quer que eu leia a mente dele. E cá estou eu, tentando criar alguma espécie de conexão telepática entre a gente, para que ele não tenha que dizer seus pensamentos em voz alta.

Aponto o garfo para ele.

— Ei!

— Que foi? — pergunta ele.

— Desembucha.

Ele dá uma risadinha.

— Tudo bem. — Ele engole em seco. — Acho que estou apaixonado por uma universidade — diz, finalmente.

— Hum.

— E não é a Universidade de Nova York.

— Tá. Entendi. — Pouso o garfo no prato. — E qual é?

— Haverford. É minúscula.

— Fica perto da Filadélfia, não fica?

Ele assente e morde o lábio.

— Mas Bram vai para Nova York — diz Nick.

Simon suspira.

— Pois é.

— Ah.

Simon brinca com os saquinhos de açúcar.

— Já conversou com Bram sobre isso? — pergunto.

— Não.

— Devia fazer isso.

— Eu sei. — Ele hesita. — Ou não. Não sei. A Universidade de Nova York também é incrível. Estou sendo ridículo, não estou?

— Como assim?

— Estou complicando as coisas sem necessidade.

— Está — concorda Nick.

— Bem, depende — falo. — Por que você achou Haverford tão incrível?

— Ai, não sei. — Pela careta que Simon faz, parece que pedi a ele para explicar o que tem de tão legal em cálculo. — Só gostei dela, simples assim.

— Simples assim.

— Vou mijar — diz Nick, se levantando abruptamente. — Me espera voltar para continuar a conversa.

Simon se vira para mim.

— Você não tem noção de quantos gays têm lá, homens e mulheres. A gente esbarrava neles o tempo todo, sem brincadeira. Tipo, uma garota organiza um Bingo do Orgulho Gay toda quinta-feira à noite no próprio quarto. Sério, é capaz de eu só ter amigos gays lá.

— Ah, legal.

— Queria saber como é ter amigos gays.

Meu coração se contorce quando ele diz isso. É difícil explicar. Os garotos acham que sou hétero, e isso me deixa bem incomodada, mas também me dá certo alívio. É complicado.

— Acho que seria bem legal — acrescenta ele.

— Mas você sabe que Nova York também é cheia de gays, né? — falo. — Tenho certeza de que a Universidade de Nova York é supergay.

— Eu sei, mas são gays hipsters. Preciso de gays nerds.

— E Haverford tem gays nerds?

— É tipo 95% dos alunos gays. É uma estatística real.

Disfarço um sorriso.

— Acho que você encontrou sua turma.

Simon geme baixinho e cobre o rosto.

— Sei lá, a experiência toda foi muito intensa para mim. Pisei no campus e me senti bem. Como se o lugar tivesse me escolhido, sabe?

A pergunta me pega desprevenida, e deixo minha mente voltar aos últimos dias. É engraçado como a visita guiada pelo campus já parece tão nebulosa e distante. Minha lembrança mais vívida é a expressão de Abby quando ela disse *talvez eu não seja totalmente hétero*. E, bem... ela não me pareceu mesmo totalmente hétero quando me beijou.

— Não sei — falo. — Acho que comigo foi diferente. Eu já sabia que iria para lá quando fui visitar a Universidade da Geórgia, então não estava buscando nenhum tipo de revelação.

— Eu também não estava buscando nada — murmura ele. — O que estou fazendo com a minha vida? Estava tudo perfeito, e eu tinha que estragar tudo.

— Você não estragou nada, Simon. — Meu café e meu waffle chegam ao mesmo tempo. Começo com a calda... uma gotinha mínima de cada lado. — Qual é a pior coisa que pode acontecer?

Ele respira fundo, angustiado.

— A gente terminar.

— Você quer terminar?

Simon me olha como se eu tivesse dado um soco na cara dele.

— Está brincando? Não!

— Bram quer?

— Não. É claro que não. Não.

— Então, qual a dificuldade? — pergunto, e como um pedaço do waffle. — Vocês dois vão ficar bem.

— Isso é um absurdo. Tenho que ir para a Universidade de Nova York. Esse é o plano. Não sei nem por que estou cogitando minimamente outra possibilidade. — Simon balança a cabeça, aflito.

— Tenho que ir para a Universidade de Nova York, não tenho?

— A menos que prefira a terra encantada dos gays nerds.

Ele geme.

— Você não está ajudando, Leah.

— Vamos lá, qual é a distância entre a Filadélfia e Nova York?

— Mais ou menos uma hora e meia de trem — diz ele na mesma hora. Obviamente já havia pesquisado. — Um pouco menos se eu pegar o trem mais rápido.

— Isso não é tão ruim, Simon.

— Eu sei. Mas... — Ele franze o cenho. — Ainda é bem longe.

— E você não quer namorar a distância.

— Sei lá, na teoria eu não vejo problema. Só não sei se esses relacionamentos funcionam.

— Milhões de pessoas fazem funcionar.

— Tá, mas olha só Nick e Abby. — Ele gesticula na direção do banheiro. — Olha no que deu. Esse caos generalizado.

Meu coração quase para. As pessoas precisam me avisar antes de mencionar Abby assim do nada. Ainda mais se forem descrever a relação dela e de Nick como um caos generalizado.

Só sei que preciso parar com isso. Cravo o garfo em um pedaço de waffle e levo à boca. Isso é ridículo. Simplesmente ridículo. Como se Abby Suso, uma princesa Disney da vida real, fosse correr direto para os meus braços. Mesmo se isso acontecesse, eu jamais trairia Nick dessa forma. Não que Abby fosse fazer isso. Afinal, ela nem é bi de verdade.

Mas está questionando coisas. Eu a *faço* questionar coisas.

— Está tudo... bem? — pergunta Simon, intrigado, me olhando com nervosismo.

— Hein? — Levanto a cabeça rapidamente. — Está tudo bem, sim. Por quê? Está tudo bem com *você*?

— Sei lá, você está meio estranha.

— Não estou nada.

Ele arqueia as sobrancelhas, e ficamos nos encarando.

— *Você* é que está meio estranho — murmuro, finalmente dando

fim àquele “jogo do sério”.

— Ai, eu sei. — Ele cobre o rosto. — Preciso pensar melhor sobre essa história de faculdade.

— Acho que antes de tudo você tem que conversar com o Bram. Quando vocês vão se ver?

— Só amanhã, no jogo.

— De futebol?

Simon faz que sim.

— Então conversa com ele assim que acabar.

Ele suspira.

— Não sei.

— Simon, você vai se sentir melhor se falar, juro.

É assim que se faz, Simon. Abra o jogo com ele e diga tudo que está afligindo seu coração. Certo? Você com certeza deveria seguir meu conselho, porque eu realmente sou ótima nessa coisa de sinceridade e de demonstrar sentimentos, não é mesmo? Sentimentos são definitivamente minha praia.

— Você está certa, vou fazer isso mesmo. Mas você tem que ir comigo ao jogo, para me dar força.

— Vocês vão ao jogo? — pergunta Nick, reaparecendo no outro lado do banco. — Que legal.

— Hummm. — Olho de relance para Simon. — Acho que sim.

— Que bom. Isso é bom. Muito bom — diz Simon, assentindo sem parar.

Então, enfia um pedaço enorme de waffle na boca e mastiga lentamente, as bochechas estufadas como as de um hamster.



O JOGO DE sábado é no campo de futebol atrás do ginásio. Vejo Simon assim que chego, sentado na arquibancada, pensativo.

Subo correndo até ele.

— Como estão as coisas? — pergunto.

— Não quero contar para ele — diz Simon, em um rompante.

Nossa, eu realmente não entendo casais. Desculpa, mas todo esse drama por causa de uma viagem de trem de uma hora? Não é o melhor cenário, eu sei, mas Simon está agindo como se fosse o fim do mundo.

Ele suspira.

— É só que... Estou meio que entrando em pânico. Foi exatamente por isso que Nick e Abby terminaram, não foi?

— É diferente.

— Diferente como? — pergunta ele, quase suplicando.

— É bem diferente. — Minha cabeça está fervilhando. Preciso me acalmar e me concentrar. — Não é nem de perto a mesma situação. Nick vai para Boston.

— Isso é um saco — diz Simon, olhando para a frente.

Sigo seu olhar e reparo nos gramados recém-aparados dos campos, nas traves dos gols e nos garotos. Muitos garotos. Há literalmente centenas de garotos nessa escola, e até mesmo na Universidade da Geórgia. Seria tão fácil me apaixonar por um deles.

Mais fácil — e muito mais seguro — do que me apaixonar por Abby Suso.

— Nick está bem? — pergunto, depois de um momento.

— Acho que sim — responde Simon.

Ele aperta minha mão com força. É estranho, mas adoro ficar assim, de mãos dadas com Simon. Nem um pingo de romance, só essa sensação aconchegante de estar em casa.

— Agora ele veio com esse papo de que não quer criar nenhum clima — explica Simon. — Não quer que a gente mude os planos para o baile nem nada.

— Ai, o baile. — É daqui a uma semana. Daqui a exatamente uma semana. — Eu tinha me esquecido disso.

— Eu sei.

— Eles ainda... não vão juntos?

Simon balança a cabeça.

— Os dois vão ao jantar e ao baile, mas não como namorados. Vão estar na pista.

— *Na pista*. As pessoas ainda falam isso?

Ele ri.

— Não sei.

Eu me viro para o campo a tempo de ver Nick dar um chute tão forte na bola que chego a me encolher um pouco. O rosto dele está muito vermelho, os olhos fervilhando com uma intensidade que nunca vi antes. O técnico assente e bate palmas, satisfeito.

Eu me viro para Simon e arqueio as sobrancelhas.

— Temos certeza de que ele está bem?

— Isso não é bom — murmura Simon, preocupado, mas, um minuto depois, abre um sorriso meigo e carinhoso. O sorriso reservado a Bram. E, como era de se imaginar, Bram entra no campo, o olhar vidrado no namorado enquanto corre.

— OLHO NA BOLA, GREENFELD — grita o técnico. — LAUGHLIN TAMBÉM. CONCENTRAÇÃO, GENTE. É PEDIR MUITO?

Ergo os olhos e vejo Garrett acenando freneticamente para mim, com as duas mãos.

— Oi, Garrett — murmuro, revirando os olhos.

Simon ri. Tenho que admitir que gosto de ter alguém tão dedicado a me conquistar, mesmo que essa pessoa seja Garrett. É uma sensação boa. E talvez eu precise de coisas assim, *boas*. É revigorante. Abby Suso me causa muitas sensações, mas nenhuma pode ser descrita como *boa*.

Para. De. Pensar. Na. Abby. *Chega*.

— Isso é tão esquisito — diz Simon, com um suspiro.

E é mesmo.

É realmente surpreendente. Eu vou ao baile de formatura acompanhada, e Abby Suso vai sozinha.

* * *

Não sei se mando ou não uma mensagem para ela.

Nós nem estamos brigadas, na verdade, então não precisa ser esquisito. Foi só um beijo. E tenho certeza de que só aconteceu porque ela estava meio bêbada. Eu devia ter mandado uma mensagem engraadinha e casual, porque somos amigas casuais, que trocam mensagens casuais. Mas toda vez que tento digitar alguma coisa, meu cérebro apaga completamente. Não consigo nem digitar “oi” para essa garota sem ficar prestes a explodir.

Tenho certeza de que um dia essa paixão ainda vai me matar.

Tento me distrair olhando meu próprio Tumblr, repassando todos os meus posts. Quanto mais eu volto, piores ficam meus desenhos —

proporções completamente erradas, sombreamento equivocado. Acho que eu deveria ficar feliz por ter melhorado, mas tenho muita vergonha de meus trabalhos antigos. Queria ter aquele tipo de talento que já nasce pronto, perfeito. Não gosto de saber que meu progresso está sendo acompanhado pelas pessoas. É como sair do palco e descobrir que sua calcinha estava à mostra o tempo todo. Não que minha calcinha metafórica esteja particularmente bem escondida agora. Ainda vejo muitos defeitos em meu trabalho, e isso é exaustivo, humilhante e quase insuportável.

A não ser...

Tudo bem.

Recebi outra mensagem anônima no Tumblr perguntando se aceito encomendas. gosto tanto dos seus desenhos, estou apaixonada, diz a mensagem.

Alguém está tão apaixonado pelo meu trabalho que pagaria por ele. Está me *pedindo* para pagar por ele. Penso na bateria que não tenho. No carro que não tivemos dinheiro para consertar. Nos duzentos e cinquenta dólares do vestido para o baile.

Penso em Abby.

Mas não posso aceitar encomendas, porque vai que o desenho sai uma grande bosta? E se me pedirem o dinheiro de volta? E se eu divulgar os preços e as pessoas caírem na gargalhada? E se nunca fizerem uma encomenda? Talvez esse anônimo só esteja de zoação. Talvez ele seja igual aos caras populares dos filmes adolescentes que fingem que estão interessados na garota nerd.

Sinto a boca seca. É difícil explicar. Talvez seja melhor deletar logo minha conta no Tumblr. Só que... Não sei.

Estou curiosa para ver como seria receber pelo meu trabalho.

O que não quer dizer que vou mesmo fazer isso. Não quer dizer absolutamente nada.



DESÇO DO ÔNIBUS na segunda-feira, e Garrett surge de repente ao meu lado, como um boneco saltando de dentro de uma caixa.

— Burke!

Dou um pulo.

— Meu Deus, Garrett!

— Então, adivinha só o que aconteceu — diz ele.

— O que foi? — pergunto, intrigada.

— Estou bravo com você.

— Por quê?

Ele sorri e bagunça o cabelo.

— Você desapareceu do nada antes do fim do jogo. De novo. Por que sempre faz isso?

— Porque...

Não consigo pensar em nenhuma desculpa. Minha mente está vazia. Quer dizer, não *vazia*, exatamente, mas com certeza não vai me dar nada útil para esta conversa.

Porque...

Porque Abby me beijou. Porque ela talvez não seja hétero. O que significa que tive que atualizar essa informação em todos os meus devaneios. Estou falando de uma grande revisão geral, Garrett. Acho que você não tem ideia de quantas fantasias protagonizadas pela Abby moram dentro do meu cérebro.

— Esse foi o recesso de primavera mais chato de todos os tempos — diz Garrett. — Você tinha que ter ficado em casa para me distrair.

— Para distrair você? — pergunto, indignada.

— Não, Burke, não foi isso que eu quis dizer — explica Garrett, me cutucando. — Mas já que você tocou nesse assunto...

Ele pisca para mim e... É. Não dá.

— A gente se fala no almoço, Garrett — falo, e dou um tapinha no ombro dele antes de sumir em um corredor.

— Fiz reservas para o jantar! — grita ele. — Para o dia do baile!

Já me afastando, de costas, faço sinal de positivo para ele. Que garoto irritante e adorável.

* * *

Não falei com Abby desde que saí do carro dela na quarta-feira, e,

quando me lembro disso, percebo que não faz tanto tempo assim. Mas eu penso nela uns dez bilhões de vezes por dia, então parece um século.

Passo a manhã com a sensação de que meu corpo está vibrando em silêncio. Só temos uma aula juntas hoje, à tarde. Mas antes tem o almoço. Ao meio-dia. Daqui a seis minutos e meio. Não consigo parar de checar o relógio.

Bram já está na mesa quando chego, e me sento ao lado dele, de frente para a porta, me perguntando se Simon já conversou com ele ou não. Que situação constrangedora. *Ei, Bram, seu namorado talvez se mude para a Filadélfia, e eu fui a primeira a saber.*

E só então me dou conta desse fato. Fui a primeira saber. E, sendo bem honesta, isso me deixou feliz. Nunca sou a primeira a saber de nada. Nunca sou a escolhida para guardar o segredo de alguém. Mas Simon me escolheu. Sinto uma súbita onda de carinho por ele. Acho que ele deve ser o melhor amigo que já tive.

E talvez eu devesse mesmo sair do armário e contar a ele que sou bissexual. Já estou imaginando a cena. Acho que ele vai rir quando eu contar, mas não de um jeito desrespeitoso ou perverso. Só acho que vai ficar feliz.

— Tá rindo do quê? — pergunta Bram.

Dou de ombros e desvio os olhos.

Então, eu a vejo próximo à porta do refeitório. Abby, a menina discreta, deusa da moderação. Jeans, um cardigã comprido e óculos. Acabei de passar duas noites com ela e não fazia ideia de que usava óculos. E é claro que fica incrível com eles.

Abby me dá um sorrisinho, e mal consigo olhar para ela, muito menos lembrar se deveria odiá-la ou não. Abby faz um gesto de “vem até aqui”, e minha primeira reação é olhar ao redor para ver com quem ela está falando. *Sim, você*, diz ela, sem som, sorrindo.

Eu me levanto da mesa bem no momento em que Simon chega. Abby está esperando no corredor, do lado de fora.

— Oi — diz ela, com um sorriso hesitante.

— Oi.

— Não posso sentar lá.

— Por causa do Nick?

Ela dá de ombros.

— É meio cruel.

Ficamos em silêncio, encostadas na parede, observando o fluxo de alunos abarrotando o refeitório. Abby dá chutinhos no rodapé, e está com um olhar impossível de decifrar.

— Então, a gente realmente precisa conversar — diz ela, por fim.

— Você e Nick?

— Não. — Ela revira os olhos e sorri. — Você e eu.

Meu coração dá uma cambalhota.

— Ok.

— Vamos nos encontrar depois da aula, que tal?

— Que dia?

— Qualquer dia. Sexta-feira, talvez? — Abby hesita. — Eu só tenho que...

Ela para de falar abruptamente e se afasta um milímetro imperceptível de mim. Garrett se aproxima e nos abraça.

— Oi, bonecas.

Garrett Laughlin, senhoras e senhores, nossa dose diária de vergonha alheia. No episódio de hoje: Garrett não viu o comunicado sobre não chamar mulheres de “bonecas” nem abraçá-las do nada.

— Passando só para avisar todo mundo dos planos para o jantar antes do baile. Temos reserva às seis no bistrô do shopping. Fica a uns vinte minutos da reserva natural.

— Acho o máximo o baile ser na reserva — diz Abby. — Combina com a gente.

— Porque somos naturalmente incríveis? — pergunta Garrett.

— Porque nossos colegas são praticamente selvagens mesmo — retruca ela.

Garrett solta uma gargalhada, e eu sorrio.

— Bom, vou lá — diz Abby, olhando para mim. Ela chuta meu pé de leve. — Sexta à tarde, então. Combinado.

Ela abre um sorrisinho e se afasta, desaparecendo pelo corredor logo depois.



E É CLARO que eu fico completamente surtada pelo resto do dia. Estou tão perdida que nem chega a ser engraçado. Minha cabeça virou um mingau, sério. E se isso só acontecesse na frente de Abby, seria compreensível, mas não. É o tempo todo, em todo e qualquer lugar, com todo mundo. As pessoas tentam conversar comigo e eu não escuto uma sílaba do que elas dizem.

Estou a caminho do ônibus quando Simon se aproxima.

— Vem comigo, deixo você em casa.

— Não precisa, Simon.

— Não foi uma pergunta. Vamos.

Ele me abraça e me conduz até o estacionamento, como se eu fosse uma velhinha frágil e debilitada.

— Você é ridículo — falo.

Simon abre a porta do passageiro.

— Também vai prender o cinto para mim? — pergunto.

— Boba.

— Cadê a Nora? — pergunto, quando ele se acomoda no banco do motorista.

— Engraçado você ter perguntado isso.

— Engraçado por quê?

— Ah, só engraçado mesmo — explica. — E quando digo “engraçado”, quero dizer “nem um pouco engraçado”.

— Ah.

Ele dá ré bem devagar, visivelmente tenso.

— Está tudo bem? — pergunto.

— Hein? Tá, sim. Estou só... — Ele balança a cabeça. — Você sabia que ela vai ao baile de formatura?

— Vai?

Simon assente.

— Ah. Com o Cal? — cogito.

Ele para no sinal e se vira para mim, incrédulo.

— Você sabia disso?

— Não, mas eles estavam um grude na época da peça.

— Não estavam nada! Eu teria percebido. Sempre percebo essas coisas.

Bufo alto e reviro os olhos.

— O que foi? — pergunta ele, intrigado.

— Nada.

— Tá...

— Eles estão namorando, então? — pergunto.

Simon suspira.

— Não sei.

— Quer que eu pergunte a ela? Posso perguntar. Não me importo, de verdade.

— É tão esquisito, sabe? — diz ele, tenso. — Ele gostava de *mim*.

— E você tem namorado. Aliás, falando nisso... Você já conversou com o Bram?

— Não. Mas vou conversar. Ai, Leah, que situação. Você sabe que eu não sou ciumento, né? Mas isso é muito... estranho.

— Não acho nada estranho. Você e Nora são bem parecidos.

Simon bate no volante.

— Por isso é estranho!

— O cara tem um tipo bem específico, ué.

— Não gosto disso.

— Acho que você só não gosta de pensar que sua irmãzinha querida está ficando com alguém.

— ELES NÃO ESTÃO FICANDO.

Balanço a cabeça, sorrindo.

— Se bem que os dois ficam na escola até tarde por causa dessa história de anuário, e agora Cal deixa minha irmã em casa todo santo dia.

— Ou seja, eles estão ficando.

Simon bufa.

— Não estão nada — retruca ele, contrariado.

Ele entra numa rua e, durante os cinco minutos seguintes, ninguém dá um pio. Só volto a falar quando Simon para em frente à minha casa.

— Está tudo bem mesmo? — pergunto.

— Está, sim.

— Você tem que conversar com o Bram logo.

— Eu sei.

— Tipo agora. Hoje.

Ele assente, meio desnortado.

— Isso é ridículo. É melhor eu me inscrever na Universidade de Nova York logo e acabar com essa agonia, não é?

— Simon, não posso tomar essa decisão por você. — Seguro a mão dele. — Muito bem. Vamos lá — falo, já abrindo a porta.

— Você quer que eu entre? — pergunta ele, franzindo a testa.

— Quero.

— Então tá — responde ele. — Nossa, acho que não vou à sua casa há anos.

— Pois é — falo, me sentindo estúpida e constrangida.

Não é segredo para ninguém que não sou rica. Simon não vai deixar de ser meu amigo porque minha casa é pequena, ou zoneada, ou porque os móveis são meio velhos e de segunda mão. Mesmo assim, é estranho para mim levar meus amigos lá, porque inevitavelmente fico paranoica, reparando em cada mancha no carpete, em cada coisa fora do lugar, nas roupas de cama que não combinam, e até mesmo no tamanho ínfimo do meu quarto, que deve ser um terço do quarto de Simon.

Entramos em casa pela garagem e seguimos pelo corredor.

— Nem lembro mais como é seu quarto — diz ele.

— É bem pequeno mesmo. Só avisando.

Ele fica parado na porta, impressionado.

— Que incrível... — murmura.

Não sei se ele está falando sério ou não.

— Você desenhou tudo isso? — pergunta ele, indo até a parede e examinando com atenção meus desenhos.

— Alguns. Outros peguei na internet.

As paredes do meu quarto são cobertas de desenhos — esboços a lápis e retratos de personagens cuidadosamente preenchidos a tinta, além de chibis e yaois. Se eu me apaixono por alguma coisa no DevianArt, imprimo. Ou, às vezes, Morgan e Anna imprimem e me dão. Acho que nos últimos tempos mais e mais desenhos na parede são meus: esboços de Harry e Draco, Haruka e Michiry, personagens originais. E o desenho que fiz de Abby e de mim na casa da Morgan. Torço com todas as forças para Simon não reparar nesse.

— Esse quarto é tão você — diz ele, sorrindo.

— Acho que sim.

Simon se joga na minha cama. Ele sempre foi assim: se sente totalmente em casa aonde quer que vá. Eu me deito ao lado dele, e ficamos encarando o ventilador de teto. Simon cobre o rosto e suspira.

— Oi — falo.

— Oi.

— Sei que você está preocupado.

Ele funga e se vira para mim, enxugando a lágrima que escorre por seu rosto.

— É que não gosto de despedidas.

— Eu sei.

— Não quero me separar do Bram, ou de você, da Abby, ou de qualquer um dos meus amigos. — A voz dele sai engasgada. — Não conheço ninguém na Filadélfia. Não sei como as pessoas conseguem começar uma nova vida sozinhas.

Sinto um nó na garganta.

— Acho que até da Taylor vou sentir saudade.

— Ok, sai do meu quarto agora.

Ele ri e funga de novo.

— Para com isso. Você sabe que também vai sentir saudade. Como vamos saber se o metabolismo dela continua acelerado como sempre?

— Provavelmente pelos posts diários dela no Instagram.

— É verdade.

— E isso se ela for discreta.

— Realmente.

Simon chega mais perto, tão perto que nossas cabeças se tocam, e sinto a respiração dele no meu ouvido, o suspiro fazendo meu cabelo se esvoaçar um pouco. Acho que nunca o amei tanto como agora. Ficamos ali, naquela mesma posição, deitados na cama, vendo o ventilador fazer círculos no ar.

Eu deveria contar a ele.

Agora mesmo. Acho que nunca vai haver um momento na história mais perfeito para sair do armário.

Mas não conto.

É tão estranho. Estou deitada em meu quarto, com meu melhor amigo, que é gay, o que significa que é cem por cento provável que ele vai encarar minha revelação da forma mais natural e tranquila possível. Zero risco.

Mas, por alguma razão, as palavras não saem.



E AINDA TEM toda essa situação com Nick. Apesar do surto recente na Waffle House, na segunda e na terça ele age como se nada tivesse acontecido, com um comportamento tão normal que chega a ser preocupante. Mas, na quarta à tarde, Nick chega ao limite.

Estou a caminho do ponto de ônibus quando escuto — sem a menor sombra de dúvida — a voz de Nick emanando do alto-falante.

— Simon Spier e Leah Burke, por favor, compareçam imediatamente ao saguão de entrada.

Paro na mesma hora e me viro para o alto-falante.

— Repito: Simon e Leah, compareçam imediatamente ao saguão de entrada.

Não tenho a menor ideia do que ele está aprontando, mas vou para lá de qualquer jeito e encontro Simon.

— O que está acontecendo? — pergunta ele.

— Também não sei.

O saguão está lotado de alunos — rindo, se empurrando e saindo em bandos para o estacionamento, mas nada de Nick. Talvez ele até já tivesse sido suspenso, porque com certeza não tinha permissão para usar o sistema de comunicação interno da escola.

— Será que ele armou alguma pegadinha para a gente? — pergunta Simon.

— Olha, se armou, não entendi qual foi.

Mas, momentos depois, vemos Nick saindo em disparada da secretaria, todo afobado e desganhado.

— Ei, vocês estão aqui. Legal, legal.

— Você está bem? — pergunta Simon, desconfiado.

— O quê? Claro! — Ele assente, inquieto. — Claro.

Silêncio.

— Então, o que está acontecendo? — pergunto, finalmente.

Nick olha ao redor e então nos encara.

— Vocês dois estão livres agora?

— Eu estou — responde Simon.

— Ótimo. Porque queria chamar você — ele aponta para mim — e você — aponta para Simon — para irem lá para casa comer um monte de porcaria e jogar videogame. Como nos velhos tempos. Sem Abby, sem Bram, sem Garrett.

— Então, eu e Garrett não estamos...

— Só a gente — diz ele, me cortando. — O trio original.

— Só a gente — repete Simon. — Beleza, só vou avisar a Nora rapidinho. Se a gente for no seu carro, deixo o meu aqui para ela.

— Perfeito — diz Nick, nos abraçando, eu de um lado e Simon de outro. Nós nos entreolhamos, nervosos.

Atravessamos o estacionamento em silêncio. O céu está escuro e triste, com nuvens cinzentas. Sinto uma pontada de medo quando me sento no banco do passageiro. A sorte é que a casa de Nick fica a poucos minutos da escola, e Simon preenche esse tempo com uma tagarelice frenética — sobre Nora e Cal, sobre aluguel de smokings. Nick não dá um pio, entrando na garagem e parando na vaga onde a mãe normalmente estaciona.

— Os dois estão de plantão hoje — avisa ele. — E temos cerveja.

Então é assim que a noite vai ser.

Nick pega um pack de cerveja, o violão e desce para o porão. Eu me enrosco em uma das cadeiras para jogar videogame, e Simon se joga no sofá. Nick, por outro lado, dispensa qualquer opção confortável e prefere se sentar no chão, cruzando as pernas e afinando o violão. Ele toma um gole de cerveja e tira algumas notas, os ombros finalmente relaxando.

— Hum... Nick? — chama Simon depois de um momento. — Por que estamos aqui?

— Está falando em termos evolutivos ou existencialistas?

Simon franze a testa.

— Estou perguntando por que estamos no seu porão.

— Porque somos amigos, e é isso que os amigos fazem. Fazemos coisas divertidas em porões. — Ele toca um acorde e dá um longo gole na cerveja. — Além do mais, o resto do pessoal é um saaaaaco. — Ele realmente cantarola essa última palavra.

Então pausa a cerveja no chão, reposiciona o violão e começa a tocar uma melodia tão intrincada que meus olhos não conseguem acompanhar suas mãos.

Simon escorrega do sofá e se acomoda ao lado de Nick.

— Nossa, isso é realmente muito bom.

— É uma merda, isso sim — diz Nick, ainda dedilhando as cordas, mas sorri.

Simon hesita um pouco e então pergunta:

— Você está bem mesmo?

— Não.

— Quer conversar?

— Não.

— Tudo bem — diz Simon. Ele olha para mim, desesperado e sem saber como agir.

Eu me inclino para a frente na cadeira.

— Nick, você está assustando a gente.

— Por quê?

— Porque está agindo de um jeito superestranho.

— Não estou, não. — Ele toca um acorde alto. — Estou só... — outro acorde — ... fazendo música... — acorde — ... com meus dois melhores... — acorde — ... amigos. — As mãos dele param de repente. — Sabem o que é mais incrível nisso tudo?

Simon parece esperançoso.

— O quê?

— Saber que, de agora em diante, pelo *resto da minha vida*, vou poder contar às pessoas que levei um pé na bunda duas semanas antes do baile de formatura.

Merda. Olho para Simon, nervosa. Ele arregala os olhos e suspira alto, atônito.

— Isso não é hilário? — diz Nick.

— Na verdade, não — respondo.

— Eu estava apaixonado por ela — diz ele, a voz assustadoramente calma. — E agora ela nem lembra mais que eu existo. De uma hora para a outra.

— Não acho que... — começa a dizer Simon.

— É sério: vocês por acaso já sentiram isso por alguém?

Quase engasgo.

— Cara, estou preocupado de verdade com você agora — diz Simon, me olhando de relance, aflito.

— Por quê? Estou bem. — Nick abre um sorriso cintilante. — Estou superbem. Sabem do que eu preciso?

— Do quê?

Ele coloca o violão no chão e vira o resto da cerveja. Então pega outra latinha e vira também.

— Disso — diz, sorrindo. — Já estou me sentindo tão melhor.

— Entendi — fala Simon, hesitante. — Ótimo.

Nick arqueja.

— Acabei de ter uma ideia.

— Qual?

— Vamos jogar futebol!

— Hã...

— Isso! Melhor ideia! Vamos jogar agora! — diz Nick, assentindo freneticamente, entusiasmado. — Vou pegar minhas bolas. Opa! Minha bola.

Simon olha para mim e balança a cabeça, apreensivo. Não sabemos o que fazer, então apenas ficamos sentados ouvindo Nick cantarolar enquanto procura a bola no armário e entorna a terceira cerveja. É claro que já vi Nick bêbado antes, mas nunca o vi tão insano.

— Achei! — anuncia ele, emergindo triunfante do armário com

uma bola de futebol. — Isso vai ser incrível.

— Mas está chovendo — argumenta Simon.

Nick sorri.

— Melhor ainda.

Ele se esgueira pela porta e vai para o quintal, onde começa a chutar a bola de um pé para o outro, e, embora não esteja chovendo, o ar está pesado e úmido.

— Vem, gente! — diz Nick. — Leah, vou passar para você.

— Por que estamos fazendo isso mesmo? — pergunto.

— Porque sim — responde ele.

Então dá um chute firme na bola, na minha direção. Desanimada, tento alcançar a bola, mas falho miseravelmente.

— Muito bem, muito bem. Bela tentativa — diz Nick, dando soquinhos na mão.

Corro para pegar a bola e a levo até ele. Nick ri.

— Você tem que chutar a bola para mim, Leah.

— Olha, acho melhor não.

Ele coloca a bola no chão.

— Abby e eu fazíamos isso o tempo todo, sabiam? Ela joga muito bem. — Nick não espera pela nossa reação. — É sério. Muito, muito bem. Mas sabem de outra coisa?

Eu e Simon não respondemos. Ele abre um sorriso.

— Ela terminou comigo!

Ele chuta a bola com tanta força que ela bate na cerca do vizinho.

— Nick... — diz Simon, dando um passo na direção do amigo, que se afasta de repente e sai correndo para pegar a bola, dando um chute nela logo depois.

— Mas foi melhor assim, sabe? Até porque relacionamentos a distância nunca dão certo. Não é verdade?

— Pois é — diz Simon, se encolhendo.

— Não, é claro que não é verdade — me apresso a dizer.

— É, sim — insiste Nick. E chuta a bola para Simon. — Estão condenados a dar errado antes mesmo de começarem.

— Não necessariamente. — Lanço um olhar caloroso para Simon, torcendo para que ele capte a mensagem. — Se as pessoas estiverem determinadas a fazer dar certo, pode dar certo.

Simon franze a testa e encara o horizonte, estupefato.

— Cara, você tem que chutar de volta — diz Nick.

— Ah. — Ele olha para a bola e dá um chute sem ânimo. A bola rola não mais que meio metro e para. — Mas vem cá: você chegou a falar com a Abby?

— Não. E nem vou falar. — Nick sorri. — Não quero mais saber dela.

— Você não quer mais saber dela — repete Simon, ressabiado.

— Sabe quantas garotas tem na Tufts? — pergunta Nick, com a maior calma do mundo.

— Muitas?

— Milhões. Bilhões. Trilhões. — Ele dá um empurrãozinho na bola com o dedão do pé. — Na verdade, Abby me fez um favor.

Simon olha para mim.

Realmente, Nick, você parece *mesmo* ter seguido em frente e superado sua ex. Você não está nem um pouquinho desequilibrado, nem um pouquinho prestes a ter um surto psicótico. Não sou idiota a ponto de acreditar nele, mas, nossa, como eu queria que a história deles fosse passado. Porque se Nick tivesse superado Abby de verdade, eu não seria uma ridícula por nutrir alguma esperança de que algo rolasse entre nós duas. Não agora, é claro. Talvez mais para a frente, daqui a um ou dois meses, quando as feridas já estivessem mais cicatrizadas. Então eu poderia beijá-la de verdade.

Nick chuta a bola mais uma vez, arremessando-a em direção à casa.

Talvez demore mais um pouquinho para as feridas cicatrizarem.

Dessa vez, é Simon que corre para pegá-la.

— Então, Leah, ouvi dizer que você tem arrasado corações lá na escola — diz Nick, e parece que alguém está esmurrando um piano dentro da minha cabeça.

— Como assim? — pergunto, quase num sussurro.

— Ah, qual é. — Ele esfrega o nariz. — Você sabe que Garrett está caidinho por você. Mas não diz para ele que te contei — acrescenta, de repente. — Não era para eu contar, acho.

— Hã... tudo bem.

Meu estômago se contorce, e algo me diz que estou prestes a cair no choro, o que é bem louco, porque eu deveria estar feliz. Ou lisonjeada. Ou alguma coisa.

— Vocês têm que ficar de uma vez, no baile. É a grande conquista do ensino médio, não é?

— Você quis dizer o grande clichê, né? — retruco, sem rodeios.

— Bom, você tinha que ficar com ele — diz Nick.

— Não quero.

— Não quer o quê? — pergunta Simon, voltando com a bola embaixo do braço.

— Gente, quantas vezes vou ter que dizer? Parem de carregar a droga da bola por aí.

— Não quero ficar com o Garrett — falo, com mais ênfase do que eu pretendia. É uma espécie de declaração. E, de repente, tenho tanta certeza disso que quase perco o ar. Levo a mão ao peito. — Não quero beijar o Garrett.

— Tudo bem, então não beija — diz Simon, rindo.

Nick chuta a bola mais uma vez, que rola silenciosamente em

minha direção. Também sinto minha cabeça girar, cheia de pensamentos.

Não quero beijar Garrett. Não quero beijar ninguém.

Só ela.

E isso seria a ideia mais insana, irresponsável e insensata do mundo. Seria como pisar no coração de Nick, e depois no meu. Não posso me apaixonar por uma garota hétero. Não posso me apaixonar pela ex-namorada do meu melhor amigo.

Respiro fundo... e desconto tudo na bola. Chuto como se estivesse tocando bateria. Chuto tão forte que a bola quase chega na lua.

— SIMON ESTÁ AGINDO de um jeito estranho — diz Bram, aflito, na quinta-feira. Ele, Garrett e eu pegamos uma mesa na biblioteca. — Sinto que ele está escondendo alguma coisa de mim.

— Talvez ele seja gay — sussurra Garrett.

— É... talvez seja isso mesmo.

Bram diz isso com uma cara de pau tão grande que é impossível não sorrir. Mas sério: não acredito que Simon ainda não conversou com o namorado. Ele realmente acha que a distância entre a Filadélfia e Nova York pode acabar com o relacionamento deles? Não estamos falando de Paris ou Tóquio. Uma cidade fica literalmente a uma hora e meia de distância da outra.

— Não sei — diz Bram, depois de algum tempo.

Garrett olha para mim e dá de ombros. E então me dou conta de como é estranho passar a manhã na biblioteca com esses dois. Não estou com Simon e Nick. Nem com Morgan e Anna. Somos só Bram, Garrett e eu. Isso não teria acontecido um ano atrás. Aliás, acho que não teria acontecido nem seis meses atrás.

— Burke, não sei dizer se você está encarando o nada ou a bunda da Taylor.

— Com certeza a bunda da Taylor — respondo na mesma hora.

E lá está ela, agachada, ao que parece ajudando um calouro qualquer a recolher um monte de papéis espalhados no chão. Às vezes esqueço que ela é a Miss Simpatia da escola.

— Acho que ela está a fim do Eisner — murmura Garrett.

— Também acho — falo.

— Mas e a Abby? — pergunta Bram.

Garrett dá de ombros.

— Ah, ela deu o fora nele. Nick é um cara livre.

— É verdade. — Bram morde o lábio. — O baile de formatura vai ser interessante...

— Pois é. Eisner e Suso na mesma limusine. Climão garantido.

— Você acha que vai ser estranho? — pergunto.

— Para eles? Com certeza. Mas a gente vai se divertir bastante no baile, Burke, prometo.

Ele sorri com ternura.

Fico paralisada, sem reação.

Então, o sinal toca. Ufa.

Eu me levanto num pulo e quase derrubo a cadeira.

— Preciso ir para a aula.

Porque, nossa. Não consigo fazer isso. Não consigo lidar com o olhar apaixonado de Garrett nem com o sofrimento de Nick. E realmente não posso deixar uma garota hétero me afetar tanto. Preciso organizar minha cabeça e meu coração.

Preciso deixar pra lá todo esse rolo com Abby.

Na verdade, esse rolo com Abby nem era para *existir*.

* * *

Mas não consigo parar de pensar na tarde de amanhã, no misterioso encontro que Abby inventou. Ela não disse uma palavra a respeito ao longo da semana, e estou começando a achar que talvez tenha esquecido completamente que marcou comigo.

Porém, quando estou saindo da aula de inglês, ela puxa a manga do meu cardigã e pergunta:

— Ei, vai voltar para casa de ônibus amanhã?

Meu estômago dá uma cambalhota.

Sério, que frio na barriga ridículo é esse? Corpo da Leah, pare de agir como se isso fosse uma cena de comédia romântica. *Sim, vou pegar o ônibus*. Isso é quase tão banal quanto falar sobre o tempo, mas, por alguma razão, meu corpo decidiu tratar isso como um pedido de casamento.

Faço que sim e solto o ar bem devagar.

— Legal. Posso te dar carona. — Ela sorri. — Estou animada.

Sinto como se minhas entranhas estivessem sendo trituradas num liquidificador. Em determinado momento, acho que finalmente me recompus, mas então a ansiedade volta com tudo, chegando a me deixar meio zozza. Amanhã, vou ficar sozinha com Abby. Isso não significa que vai acontecer alguma coisa. Sei que sou uma idiota só por *querer* que alguma coisa aconteça.

Talvez eu esteja mesmo enlouquecendo. Meu humor está esquisitíssimo. Estou muito perto de sair girando de braços abertos por uma colina, no melhor estilo *A Noviça Rebelde*.

Estou me sentindo impetuosa. E quero *fazer* alguma coisa.

Assim que chego em casa, entro em minha página no Tumblr. Nem penso duas vezes. Digito um textinho básico, subo umas imagens, prendo a respiração e clico em *postar*. Pronto.

Provavelmente ninguém vai dar a mínima, mas, neste momento, não estou nem aí para isso. De verdade. Porque fiz o post, publiquei e agora me sinto como o Abominável Homem das Neves. Cada passo que dou deixa uma pegada.

E está lá em meu Tumblr, para quem quiser ver: estou oficialmente

aceitando encomendas de desenhos.



MAS A SENSÇÃO de Abominável Homem das Neves desaparece assim que chego à escola na sexta-feira. Nick está diante do meu armário, claramente esperando por mim. Ele se anima assim que me vê.

— Oi! Ouvi dizer que você vai sair com a Abby hoje.

— Hã... — hesito. — Vou. Tudo bem?

Ele assente.

— Claro, problema nenhum. Não quero me meter na amizade de vocês. — Ele dá uma risada esquisita e tensa. — Que engraçado, eu nem sabia que vocês eram amigas. Mas agora são. Legal. Sem problema nenhum.

— Tem certeza?

— Absoluta. Certeza total.

Ele passa alguns segundos assentindo e olhando para o nada. Merda.

Nick claramente não está conseguindo lidar com essa situação — e isso porque acha que Abby e eu somos amigas. Amigas platônicas, héteros, que se encontram depois da escola para fofocar. Ele morreria se soubesse a verdade. Ele literalmente morreria. Ótimo.

— Ei, então... — começa ele, meio sem jeito, desviando o olhar. — Você vai me contar se ela falar alguma coisa de mim?

— Claro.

— Legal. Perfeito. Ah, cara. Obrigado mesmo.

Meu estômago se revira de culpa.

* * *

É claro que esse é o dia mais longo da história dos dias longos. O tempo está mesmo se esticando ao máximo.

Abby me encontra em frente ao meu armário, exatamente onde falei com Nick mais cedo.

— Está pronta? — pergunta, sorrindo.

Reservo alguns segundos para observá-la.

Está com o cabelo preso para trás, o rosto praticamente cintilando. Acho que talvez tenha usado delineador, mas é difícil saber — os cílios dela são tão cheios e longos que confundem. E ela está usando um vestidinho curto, com cinto, meia-calça e botas na altura do tornozelo.

— São aquelas botas que comprei em Athens — comenta, ao me pegar olhando, e quase me fazendo engasgar.

— Eu sei.

— Eu realmente adoro esse seu vestido — diz.

Estou com meu vestido de universo e, sendo bem sincera: tirando a que vou usar no baile, essa é a roupa mais bonita que tenho.

— Então, o tempo está perfeito. Sei exatamente aonde vou levar você.

Uau. Então tá. Aonde ela vai me levar? Não quero surtar nem nada, mas isso realmente está parecendo um encontro.

— Por mim qualquer lugar serve — consigo dizer.

— Desde quando você é fofa assim?

— Sou sempre fofa. Não sei do que você está falando, Suso.

— Toda vez que você me chama de Suso, parece que na verdade é o Garrett usando uma máscara de Leah.

— Existe uma máscara de Leah?

— Devia existir — diz Abby.

Então ela entra em um corredor e desce a escada dos fundos. Passamos pela sala de música e chegamos a duas portas vaivém no fim do corredor — e é engraçado, porque estou sempre por ali, mas nunca havia reparado nelas. Abby empurra uma das portas e a segura com o corpo, para me deixar passar, e sou envolvida pelo calor suave da tarde. Estamos no pátio atrás da escola, onde há um caminho que dá no estádio de futebol americano.

— Vai me fazer jogar futebol americano mesmo? — pergunto.

Era só o que me faltava: outro jogo de futebol esquisito e tenso. É um ritual universal pós-término?

— Óbvio. Você joga como cornerback, certo?

— Vem cá, posso perguntar uma coisa?

— Claro — responde ela.

— Cornerback e quarterback são mesmo duas coisas diferentes?

— Isso é uma dúvida real? — diz ela, parecendo achar graça.

— Achei que talvez fosse só um jeito diferente de dizer a mesma coisa.

— Então tá. Que loucura. Você é fofa demais.

— Não sou, não.

— É, sim.

Meu rosto está pegando fogo num nível nunca antes visto. Acho que dá para fritar um ovo nas minhas bochechas. E não só isso: estourar termômetros, alisar cabelos e provocar queimaduras de segundo grau.

— Sério, por que você está me levando para o campo de futebol americano?

— Porque você claramente nunca viu um.

Disfarço um sorriso.

— Que mentira deslavada. Fui a um único jogo na Universidade da Geórgia, há cinco anos.

— Deixe-me adivinhar... com a Morgan?

— Aham.

Reviro os olhos.

— Ah, eu te contei que ela veio me pedir desculpas? — comenta Abby.

— É mesmo?

— Uns dias atrás. Parecia bem chateada.

Abby vira à esquerda, então corta caminho por uma brecha nas arquibancadas que dá para a pista ao redor do campo.

— E tem que estar mesmo. Ela falou merda.

— Falou, sim. — Abby assente. — Mas estou feliz por ela ter se desculpado.

De repente, Abby sai correndo, vai para o meio do campo e se joga na grama. Quando finalmente a alcanço, ela está deitada de costas, apoiada nos cotovelos.

Eu me sento ao lado dela.

— Então está tudo bem entre vocês agora?

— Acho que sim? — Abby dá de ombros. — Quer dizer, não vou mentir: aquele comentário foi péssimo. Esse tipo de coisa magoa demais. E passo por isso *o tempo todo*. Então acabo ficando meio obcecada, tentando a todo minuto provar que as pessoas estão erradas e ser impecavelmente perfeita, o que talvez não seja muito saudável, além de ser bem exaustivo. Odeio isso. — Ela suspira. — Mas também odeio treta, ainda mais tão perto assim da formatura. Então... sei lá.

— Entendo.

— Então é uma coisa meio “eu perdoei a Morgan, mas não sei se um dia vou voltar a confiar nela”, sabe? Isso faz sentido?

— Claro que faz. Faz todo o sentido.

— Mas acho legal você ter me defendido.

— Eu não estava defendendo você, estava defendendo o bom senso.

— Tá, bom senso é legal também — diz ela, com um sorrisinho.

Não consigo tirar os olhos das pernas dela, o modo como o vestido desliza pelos joelhos e roça suavemente na grama.

Controle-se, Leah.

Ela olha para mim e dá uma franzidinha com o nariz, o que me faz franzir o nariz também e sorrir.

— Não faz isso — diz Abby, cobrindo os olhos.

— O quê?

— Isso. — Ela acena com a mão para mim. — Essa coisa com o nariz, essas sardinhas. Ai, meu Deus.

— Não entendi.

Encosto o dedo no nariz.

Abby balança a cabeça, as mãos ainda cobrindo o rosto, mas ainda assim me espiando entre os dedos.

— Você é fofa demais, só isso — murmura.

— Ah.

— E agora está ficando vermelha.

— Claro que não.

— Está, sim — diz Abby. — O que também é fofo, portanto, para.

Não acredito que ela está fazendo isso. Ou está de brincadeira com a minha cara, o que faria dela uma idiota ou... sei lá.

Eu também me deito na grama, com os joelhos dobrados. Abby me encara por um momento, então chega mais perto, quase sem deixar espaço entre a gente. Como naquela noite no quarto de Morgan. Está soprando uma brisa fresca e suave, e fico observando a franja dela balançar ao vento. Abby é tão linda que faz meu estômago doer. Viro a cabeça rapidamente, os olhos fixos nas nuvens.

— Ainda não entendi por que você me trouxe aqui — falo.

Ela ri.

— Eu sei. — Ela respira fundo. Acho que está nervosa. — Quis me matar por ter escolhido sexta-feira.

— Por quê?

— Porque estou querendo contar uma coisa para você desde o fim de semana passado, e está sendo uma tortura esperar.

Olho para ela, que está observando o céu com um sorrisinho nos lábios.

— Você quer me contar uma coisa?

— Aham.

— Entendi. — Espero Abby continuar, mas ela só morde o lábio, sem falar nada. — E então, vai me contar ou não?

— Rapidinho. Só preciso de um segundo.

Assinto, meu coração disparando no peito.

— Tudo bem. Então... — Ela respira fundo. — Saí do armário esse fim de semana.

— Saiu do armário, tipo... saiu do armário?

— Não para todo mundo — Abby se apressa em dizer. — Não para os meus pais, nem para ninguém daqui. Só para as minhas primas. As gêmeas. — Ela se vira para mim. — Fiquei tão nervosa. Não é esquisito?

— Por que seria?

— Não sei. Porque elas são a família mais gay de todas? — Abby dá de ombros. — Elas levaram super na boa, claro. Ficaram bem empolgadas.

— Que incrível. Sério, parabéns.

Ela sorri, e, por um momento, ficamos apenas deitadas ali.

— Espera aí — falo, depois de algum tempo. — Posso perguntar

uma coisa?

— Aham.

— Você saiu do armário e disse para elas que era o quê?

Abby ri.

— Como assim?

— Bem, até onde eu sei, você era hétero, portanto...

— Acho que não sou hétero — diz ela.

Meu coração quase para.

— Não sei... — acrescenta Abby, depois de refletir um pouco. — Acho que sou uma bissexual moderada.

— Acho que isso não existe.

— O quê? Claro que existe. — Ela cutuca meu braço. — Bi moderada. Está acontecendo.

— Ou você é bi, ou não é. Isso é como estar só um pouco grávida.

— Isso também existe. Por que não se pode estar só um pouco grávida?

— Acho que nesses casos a pessoa só está grávida e pronto.

— Eu sou um pouquinho bi, sim, e ninguém vai me dizer o contrário.

Eu me sento.

— Não entendo você — falo.

— Por quê?

Balanço a cabeça.

— Bi moderada, só um pouquinho bi. Seja bissexual e pronto. Sério, qual o problema?

— Ei! — Ela também se senta. — Não cabe a você decidir o que sou ou deixo de ser.

— Você quer ser algo que não existe, ué.

— Mas para mim existe. — Ela bufa. — Sei lá, sabe, realmente não sei...

— Não sabe o quê? — pergunto, tensa.

— O que você quer de mim. — Ela suspira. — Você não pode só... não sei. Isso é esquisito pra mim, ok?

— O que eu quero de você? — pergunto.

Ela assente, engolindo em seco.

— Pelo amor de Deus, Abby — falo, cobrindo o rosto, irritada. — Quero que você pare com esses joguinhos.

— Não estou...

— Sério? Bi moderada? — Dou uma risada seca. — Também conhecido como... você é bi mas não quer admitir? Não estou dizendo que você precisa participar da Parada Gay. Não precisa sair do armário. Mas *caramba*. Pelo menos admita para si mesma. — Dou de ombros. — Ou não. Dane-se.

— Leah.

Não consigo nem olhar para ela. Sério, essa história toda é tão desnecessária. Para começar, não há a mínima chance de rolar alguma coisa entre a gente. Que merda de amiga eu seria se sequer pensasse em beijar a ex-namorada do meu melhor amigo? Duas semanas depois de eles terminarem. *Na véspera do baile de formatura.* E ainda tem o coitado do Garrett, que eu nem tive a decência de rejeitar. Não posso me envolver nessa confusão agora. Nem saí do armário direito.

Eu me levanto abruptamente e limpo a saia.

— Sério, já deu para mim. Vou embora.

— Oi? — pergunta Abby, confusa.

— Vou para casa.

— Eu levo você.

— Não precisa. Vou pegar o último ônibus.

Abby abraça os joelhos.

— Eu estou tentando, tudo bem? — A voz dela sai trêmula.

— Está falando sério? — Cerro os punhos. — Você está *tentando*?

Tentando fazer o quê?

— Não sei.

— Sabe de uma coisa? Quer ser “bi moderada”? Vai lá. Divirta-se. Mas se você não está disposta a se aceitar de verdade, não vem me envolver nos seus dramas. Nem pense em bater na minha porta com essa sua crisezinha de identidade pós-término. — Eu a encaro. — Você foi a primeira pessoa que eu beije, Abby. Você roubou meu primeiro beijo.

— Leah...

— E sabe? Todo mundo acha que você é tão equilibrada e sensata — falo, ofegante. — Mas a verdade é que você só faz o que quer e todo mundo acha lindo. Você não está nem aí se vai magoar as pessoas ou não.

Abby parece arrasada.

— Você acha que eu não estou nem aí?

— Não sei mais o que pensar de você.

— Olha, eu não sou perfeita, ok? — retruca ela, com os olhos marejados. — Estou fazendo tudo errado, eu sei. Mas não sou como você. Não sou decidida e bem resolvida. Não tenho ideia do que estou fazendo e, neste momento, estou com muito medo.

— Do quê?

— Não sei. De pisar na bola. De você me odiar.

— Não odeio você.

— De acabar magoando você. Não quero que isso aconteça.

O tempo para. Por um momento, nos encaramos, e não existe mais nada ao nosso redor. Estou sem ar, zozna.

— Olha, eu estou bem, ok? Você vai resolver isso dentro de si mesma. Vai conseguir. Fico feliz por você. E você não me deve nada,

de verdade.

Suspiro e dou de ombros.

— Isso não é...

— Está tudo bem. Somos amigas. A gente se vê no baile.

— Tudo bem — sussurra Abby.

Não me dou ao trabalho de responder. E vou embora sem olhar para trás.

— VAMOS CONSEGUIR. JURO que vamos. — Minha mãe confere o celular e olha para mim pelo espelho. — Assisti ao tutorial umas cinquenta vezes.

— Eu acredito — falo, com um sorriso desanimado.

— Mas não está funcionando. Por que sou tão ruim nisso?

— Você não é ruim.

Há um cachinho desconjuntado pendendo de um jeito estranho perto da minha orelha. Dou um puxão nele, e agora há uma mecha desconjuntada e lisa de cabelo que mais parece uma costeleta gigante. Eba.

Minha mãe solta um gemido aflito.

Passei a última hora no quarto dela, testemunhando sua luta para usar todos os equipamentos para cabelo já inventados. Ainda estou de pijama, e Garrett só vai chegar daqui a umas cinco horas, mas minha mãe checa a hora no celular de minuto em minuto, como se o garoto fosse se materializar aqui a qualquer momento.

— Muito bem. Começando de novo. — Ela tira uns dez mil grampos do meu cabelo, então umedece os fios e os escova pela milésima vez, deixando-os bem esticados. — Se dessa vez não funcionar, olha...

Estou tão entorpecida que não consigo reunir forças para me importar com penteado ou qualquer coisa relacionada ao baile. Sei que supostamente é um momento importante... mas por quê? Para que tanto esforço? Não estou nem aí se vou impressionar ou não meu acompanhante. Talvez uma parte ínfima e idiota minha quisesse impressionar *alguém* — mas se esse alguém está fora do meu alcance, então para que esse estardalhaço todo?

— Vou secar de novo.

— Manda ver.

E lá vai ela.

Nunca achei que um dia botaria os pés num baile de formatura, e aqui estou eu, seguindo todo o ritual que antecede o evento. Vamos tirar fotos na casa do Simon e depois entrar numa limusine em direção a um restaurante cheio de frescura. É a realização do sonho de todo adolescente americano de classe média.

Minha mãe desliga o secador.

— Me deixa tão triste saber que você está brigada com as meninas — diz ela, do nada, referindo-se a Morgan e Anna.

— Por quê?
— Não gosto dessa tensão no ar. Quero que você tenha uma noite perfeita.

— Isso é um mito.
— O que é um mito?
— O baile de formatura perfeito.

Minha mãe ri.

— Como assim?
— É só mais um clichê de filme adolescente: todo mundo fazendo uma dancinha coreografada, o contato visual intenso e esquisito e, no fim, o beijo apaixonado e demorado.

— Achei esse baile ótimo — comenta ela.

— É uma piada, isso sim.

— Caramba, Leah. — Minha mãe passa a mão por meu cabelo e enrola uma mecha no dedo. — Como você ficou tão cínica?

— Não consigo evitar. Sou Sonserina.

E sou o pior tipo de Sonserina, aquele que está tão perdidamente apaixonado por uma Grifinória que nem consegue raciocinar direito. Sou o Draco de alguma fanfic Drarry bosta que o autor abandonou depois de quatro capítulos.

— Ah, meu baile de formatura foi tão lindo... — diz minha mãe. — Foi uma das noites mais românticas da minha vida.

— Você não estava grávida?

— E daí? Mesmo assim foi maravilhoso. — Ela sorri. — Você sabia que eu fiz uma ultrassonografia na véspera?

— Que... legal?

— Foi legal! E foi uma ultrassonografia importante também. Foi quando descobri seu sexo.

— Isso é uma construção social.

— Eu sei, eu sei. — Ela cutuca minha bochecha. — Mas é que eu estava tão animada para fazer o exame que o sexo do bebê era o que menos importava para mim. Eu só queria saber tudo sobre você.

Eu bufo.

— Faz sentido.

— Eu me lembro claramente de ficar deitada na mesa de exames, vendo você na tela pequenininha do monitor. Você estava tão...

— Fetal?

— Isso. — Ela sorri. — Mas também... sei lá. Você era uma verdadeira guerreirinha lá dentro. Isso me deixou tão comovida, sabe? Lá estava eu, com um monte de coisas acontecendo, escola, baile, seu pai, mas você continuava ali, fazendo a sua parte. Crescendo e crescendo. Era imbatível.

— Acho que isso é o mínimo que se espera de um feto.

— Sei lá. Só achei muito incrível. Ainda acho. Olha só para você. —

Nos encaramos pelo espelho, em silêncio. Quando minha mãe finalmente volta a falar, sua voz é quase um sussurro. — Todo mundo sempre me dizia como passava rápido. Isso me deixava furiosa.

— Imagino.

— Era sempre alguma mulher aleatória no mercado. Você começava a fazer pirraça, a se jogar no chão, e *toda santa vez* uma idiota qualquer aparecia para dizer que eu sentiria falta daquilo algum dia. *Ah, antes que você se dê conta, ela vai estar saindo de casa e indo para a faculdade. Aproveite esses momentos agora.* E eu pensando: *ótima história, vai se ferrar.* — Ela enrola um cacho de cabelo meu no babyliss. — Pior é que elas estavam certas.

— Acontece.

— Ainda não consigo acreditar que você vai embora.

Minha mãe suspira, emotiva.

— Você sabe que vou morar a uma hora e meia daqui, né?

— Eu sei, eu sei. — Ela dá um sorriso triste. — Mas você entendeu o que eu quis dizer.

Franzo o nariz.

— Nem pense em chorar — ordeno.

— Por quê? Senão você vai chorar também?

— De jeito nenhum. Jamais.

Minha mãe ri baixinho.

— Vai ser tão esquisito aqui sem você, Leah.

— Mãe.

— Ok, vou parar. Não quero você chorando por minha causa e estragando essa produção magnífica para o baile.

— Produção magnífica para o baile... — repito, revirando os olhos e sorrindo.

Minha mãe sorri também.

— Você vai se divertir tanto essa noite, Leah.

— Não sei, vai ser esquisito.

— Mesmo se for esquisito. Eu amei meu baile esquisito e caótico. — Ela dá de ombros. — Só se divirta. Foi o que fiz. Eu lembro que me olhei no espelho e decidi que nada ia me deixar pra baixo naquele dia, ainda que a noite não fosse do jeito que eu tinha imaginado.

— A minha vai ser péssima — falo, fazendo uma careta.

— Mas por quê? Não precisa ser. — Ela apoia o queixo na minha cabeça. — Só me prometa que vai se soltar e se divertir.

Então, me dou conta de um detalhe desesperador.

— Merda.

Minha mãe olha para mim pelo espelho, as sobrancelhas erguidas.

— O que foi?

— Sou muito idiota.

— Duvido muito.

— Não tenho nenhum sutiã para usar com o vestido.
— Hummm. — Minha mãe ajeita uma última mecha de cabelo e sorri. — Nada mau, hein?

Nossa, ela arrebentou mesmo. Não sei como fez isso, mas meu cabelo está sedoso e ondulado, com a parte da frente presa e alguns fios emoldurando delicadamente meu rosto. É claro que, como ainda estou de pijama, parece que meu corpo e minha cabeça pertencem a pessoas diferentes, mas acho que, quando eu colocar o vestido, vai ficar ótimo.

Isso se eu arranjar a droga de um sutiã.

— Preciso de um sutiã sem alça.

— Você não tem?

— Por que eu teria?

Minha mãe dá um sorrisinho.

— Porque o seu vestido é tomara que caia?

— Para, isso não tem graça. Estou em pânico.

— Lele. — Ela pousa a mão em meus ombros. — Ainda temos um tempinho antes do Garrett chegar. A gente pode passar em algum lugar e comprar um sutiã para você.

— Onde?

— Em qualquer lugar. Que tal na Target? Vai lá se vestir. — Ela pega a bolsa. — A gente resolve isso em cinco minutos.

* * *

Só que o carro não pega.

— Nada — diz minha mãe, virando a chave mais uma vez, sem sucesso. — Vamos lá, lata-velha.

— Não tô acreditando.

— Espera. — Ela aperta o volante bem de leve e abre e fecha a porta. — Vou tentar de novo.

Nada.

Minha mãe está aflita.

— Será que assopro a chave?

— Não vai adiantar, né?

— Vamos lá — murmura ela, dando um tapa no volante. — Logo hoje, caceta.

— Por favor, nada de *caceta*.

Ela me lança um olhar constrangido.

— Achei que gostássemos de falar palavrão.

— Adoramos falar palavrão, mas usando os palavrões certos. Dizemos cacete, com *e*. *Caceta* é coisa de velho.

— Não acredito que isso está acontecendo — diz ela.

Assinto.

— É um sinal.

— De quê?

— De que é melhor eu ficar em casa.

Ela revira os olhos.

— Sério que você vai deixar de ir ao baile de formatura por causa de um sutiã?

— Por causa da *ausência* de um sutiã — corrijo. — E porque não tenho como arranjar um sutiã.

Minha mãe não responde, apenas abre a bolsa e pega o celular.

— Para quem você está ligando?

Ela me ignora.

— Não, nada disso, nem pensar. — Tento arrancar o celular da mão dela, mas minha mãe não deixa. — Está ligando para o Wells?

Ela não responde.

— Por favor, me diz que você não está pedindo ao Wells para comprar a droga de um sutiã para mim.

— Qual é o problema?

Está chamando.

— Porque é um sutiã.

— E daí?

— E daí que é nojento.

— O quê? Um mísero sutiã te dá tanto nojo assim? — Abro a boca para responder, mas ela continua falando. — Se você tem nojo de sutiãs, não quero nem ver quando você souber dos peitos... Oi, meu bem.

A voz dela muda completamente. Imagino Wells do outro lado da linha, o celular colado à orelha minúscula.

Bato no braço da minha mãe, e ela se vira para mim e dá uma piscadinha.

— Leah e eu precisamos de um favor.

Balanço freneticamente a cabeça, mas minha mãe vira para o lado e me ignora.

— Então, o carro simplesmente morreu, e *acabamos* de perceber que Leah não tem...

Cruzo os braços.

— ... algo de que precisa — continua ela. Então faz uma pausa. Mal dá para ouvir a voz de Wells. — Isso. Só às cinco. — Ela faz outra pausa, então ri. — Sim, mortinho da silva. — Então ela assente e olha para mim, sorrindo. — Obrigada, meu bem. Te amo.

Bem, antes de mais nada: eca. Depois: que horror. Então minha mãe e Wells estão no estágio do *eu te amo*. Isso dá muita vontade de vomitar.

A ligação termina.

— Ele chega em quinze minutos para fazer uma chupeta na bateria.

— Ótimo.

— Ah, de nada.

Ela ergue as sobrancelhas.

Fico vermelha.

— Obrigada.

E é estranho: não saímos do carro. Nem mesmo tiramos os cintos de segurança. É como se alguém tivesse pausado o universo. Tudo cheira a spray de cabelo, e de repente sou acometida novamente por aquela sensação de mudança de nota, de estar fora de sintonia. Aquele nó na garganta. Minha mãe fica tamborilando no volante e cantarolando.

— Então, você e Wells ficaram noivos em segredo ou algo do tipo?

As mãos dela ficam imóveis.

— O quê? De onde você tirou isso?

— É só uma pergunta.

Minha mãe suspira.

— Não, Leah. Nós não ficamos noivos em segredo.

— Vão ficar em breve?

— Hummm. — Ela sorri. — Não que eu saiba.

— Você aceitaria, se ele pedisse?

— Leah, calma aí. Que suposições são essas?

— É só uma pergunta hipotética.

Apoio os pés no banco e me viro para a janela. Está tudo verde, banhado pelo sol. Um dia perfeito e idiota.

— Se ele me pedisse em casamento hoje? Não sei — diz minha mãe. — Casamento é uma coisa importante. Só sei que o amo muito.

— Por quê? — pergunto.

— Por que eu amo o Wells?

— Entendo a parte do dinheiro, é óbvio.

— Oi? — Ela se vira para me encarar. — Entende o quê? Isso foi muito ofensivo e não é verdade.

— Então eu não entendo.

— Não entende o quê?

— Ué, não é por causa da beleza que você se casaria com o Wells — respondo.

E, antes mesmo de terminar a frase, já estou arrependida do que falei. Não sei por que sou tão cruel, às vezes.

— Você está falando sério?

— Desculpa — murmuro.

— Sabe, para sua informação, acho Wells muito bonito.

— Eu sei. Entendo. Sou uma idiota.

— Você não acha que ele se parece um pouco com o príncipe William?

— Humm... O Wells não tem uns cinquenta anos?

— Quarenta e dois.

— Então.

— Imagina um príncipe William um pouco mais velho e um pouco mais careca. — Ela cutuca meu joelho. — Viu? Você também acha!

Merda. Pior que acho mesmo. E até o nome dele combina.

— Então quer dizer que você só está com o Wells por causa da sua obsessão louca pelo príncipe William?

— Ah, não é bem uma *obsessão*. Só acho o príncipe William gostoso.

— Não acredito que você acabou de chamar o príncipe William de gostoso.

— Foi isso mesmo que você ouviu. Alguém tinha que dizer. — Ela dá um sorriso melancólico. — Sabe, você provavelmente gostaria muito do Wells se desse ao menos uma chancezinha a ele.

— Não tenho que gostar dele. Daqui a pouco vou sair de casa, lembra?

— Eu me lembro, sim. Pode ter certeza.

Algo na forma como ela diz isso me faz sentir um aperto no peito. Fico olhando para o porta-luvas, abraçando os joelhos.

— Desculpa — murmuro.

— Meu amor, está tudo bem, ok? É só...

Ela não conclui o pensamento, porque o carro de Wells para ao nosso lado bem na hora. Ele parece ter saído de uma partida de golfe, com uma camisa polo por dentro da calça e tênis brancos... e agora é impossível olhar para ele e não ver o príncipe William, um pouco mais velho, um pouco mais careca. É meio perturbador. Wells levanta o capô do carro dele e minha mãe faz o mesmo com o nosso. Apenas preliminares para essa rapidinha automobilística. Ela pega alguns cabos no porta-malas. Observo tudo de dentro do carro: os dois prendendo as boquinhas de jacaré na ponta dos fios em algum lugar naquela confusão de motor e bateria. Um instante depois, Wells liga o carro dele.

— Leah, liga o carro — pede minha mãe.

O motor volta à vida na mesma hora.

— Então é isso? — pergunto. — O carro voltou a funcionar?

— Bem, ele ligou, o que é bom, mas temos que deixar a bateria ligada por um tempo. Por que não passa para o banco de trás?

— Por quê?

— Porque Wells vai levar a gente até a Target, aí ele fica no carro ligado enquanto compramos suas coisas.

— Ah. Tudo bem.

Nossa, compras para o baile com Wells, que maravilha. Mas tecnicamente ele veio aqui às pressas só para nos salvar, então, tecnicamente, eu deveria estar grata. Ou algo do tipo.

No caminho, minha mãe atualiza Wells de todas as fofocas do colégio, nos mínimos detalhes.

— Então, a Abby deu o fora no Nick, e esse é o assunto principal, mas a Morgan também fez uns comentários idiotas — explica ela. — E o Garrett está a fim da Leah.

Eu me inclino para a frente.

— Isso é boato.

— Mas... — continua ela, sorrindo para mim — ... acho que a Leah gosta de outra pessoa.

— Mãe!

Merda. É melhor ela não estar insinuando o que eu acho que está.

— Só estou comentando. Vai ser uma noite interessante.

* * *

Assim que estacionamos, o celular da minha mãe toca.

— Ai, droga, vou ter que atender. — Ela franze a testa e diz, sem som: — *Trabalho*.

Que timing perfeito, mãe.

Então Wells e eu ficamos sentados ali, em silêncio, enquanto minha mãe assente e diz:

— Aham. Tudo bem. Certo. Aham. — Ela pega uma caneta na bolsa e anota algumas coisas no verso de um recibo. — Bem, na verdade eu... ah. Ah. Tudo bem. Não, não. — Ela me lança um olhar que é um misto de culpa e inquietação. — Aham — murmura.

Então, ela solta o cinto de segurança e se vira para mim.

Eu me limito a encará-la e arquear as sobrancelhas.

— Sim. Está certo. Com certeza — diz ela ao celular, assentindo para mim e me passando o cartão de crédito.

— Vou ter que ir sozinha, então? — pergunto, baixinho.

Ela suspira e aponta para o relógio no painel do carro, que está quebrado há anos, mas entendi o recado. Garrett vai passar lá em casa para me pegar daqui a duas horas, e ainda estou de calça jeans e sem um traço de maquiagem no rosto.

— Vou com você — diz Wells.

— Não, não precisa.

— Tenho que comprar um cartão de aniversário mesmo.

Lanço um olhar furioso para minha mãe, como se dizendo *você só pode estar de brincadeira com a minha cara*. Ela suspira e levanta as mãos, aflita.

Que momento mágico, não é mesmo? Comprando sutiã com Wells.

— Então, do que você precisa? — pergunta ele, com as mãos nos bolsos, enquanto atravessamos o estacionamento.

— De uma peça de roupa.

— Uma peça de roupa? — pergunta ele, confuso. — É para eu adivinhar?

— Não — respondo na hora. Que vida. — É só... um sutiã.

Para os meus peitos, Wells.

— Ah.

Mal consigo raciocinar. Talvez meu cérebro esteja evaporando. Talvez seja isso que aconteça quando seu grau de humilhação chega ao máximo.

Assim que entramos na loja, dou de cara com a seção de bolsas: grandes, pequenas, com zíper, de lona, de plástico, de couro falso e até de praia.

Bato na testa.

— Ah, não.

— Está tudo bem? — pergunta Wells.

— Não tenho bolsa para usar no baile.

Quer dizer, tecnicamente eu tenho. Mas é uma de lona e foi comprada há três anos. Não posso ir com aquela porcaria.

— Muito bem. Vamos resolver isso — Ele assente, tenso. — Gostou de alguma dessas?

— E sapatos. Não tenho sapatos.

Ok, estou realmente ficando em pânico, porque parece que venho recebendo sinais o dia inteiro. Não tenho sutiã, nem sapatos, nem bolsa, a bateria do carro morreu, minha mãe está ocupada. Universo, já entendi o recado. Eu não deveria nem ter considerado a hipótese de ir a esse baile. É melhor eu voltar logo para casa, passar o resto do dia vendo programas de decoração e devolver o vestido assim que o shopping abrir amanhã.

Eu só queria... Sei lá. Queria ser o tipo de garota que se lembra de coisas como sutiãs, bolsas e sapatos. É como se existisse um gene de bailes de formatura, e eu não o tivesse. E acho que faz sentido: nem no dia a dia eu consigo me vestir bem, imagina no baile.

— Essa é legal — diz Wells, me mostrando uma clutch pequena.

É de couro falso dourado, no formato da carinha de um gato, e até eu tenho que admitir que é muito fofa.

Mordo o lábio.

— Hã... Quanto custa?

Ele checa a etiqueta.

— Ah, só sessenta dólares.

— Tudo bem, deixa pra lá.

— Leah, deixa que eu pago.

Eu rio.

— Não mesmo.

— Estou falando sério. Por favor, não tem problema nenhum.

Sério, que ódio. A última pessoa que eu quero que compre alguma coisa para mim é o Wells. Ele não é meu padrasto e definitivamente não é meu pai. Tudo isso é muito esquisito e desconfortável, e eu me

sinto uma vendida.

Mas... Não sei. Também não quero ir com uma bolsa de lona para o baile.

— Vou procurar um sutiã — falo, e disparo à frente, os olhos começando a arder.

Essa situação é tão absurda. Para falar a verdade, não tenho a mínima ideia de como vou comprar esse sutiã maldito sem a ajuda da minha mãe. Não sei nada sobre sutiãs sem alça. Não sei qual é o melhor modelo para mim. Não sei nem se devo experimentar algum. Pareço uma barata tonta, dando voltas e mais voltas na seção de lingerie. Depois de muito ponderar, pego o sutiã mais barato do meu tamanho, mas até o mais barato custa quase cinquenta dólares. Por uma peça que provavelmente vou usar uma única vez. E se eu gastar esse dinheiro todo num sutiã, não vai sobrar nada para os sapatos. É isso, vou ter que usar meus tênis grotescos e ridículos. Agora sim minha produção para o baile está perfeita.

Talvez eu esteja à beira de um ataque de nervos. Talvez.

Wells está com uma sacola da Target quando o encontro no caixa. Ele sorri e coça o nariz.

— Então, eu sei que você falou que não precisava, mas comprei a bolsa de gatinho.

— Sério?

— É só que... provavelmente você me diria para não comprar, eu insistiria, e ficaríamos nessa por um tempo, e sei que você está com um pouco de pressa, então... — ele morde o lábio — ... se você não quiser usar, tudo bem.

Olho para a sacola.

— Ah. Hummm...

— Eu pensei em comprar um sapato também, mas não sei seu número.

— Hummm... Tudo bem. Isso foi muito legal da sua parte, Wells.

Estou tão acostumada a me referir a Wells com uma ênfase sarcástica, um revirar de olhos vocal, que dizer o nome dele sem esse toque parece estranho e incompleto.

Pago pelo sutiã e voltamos para o carro. Minha mãe ainda está no celular, então Wells e eu nos recostamos na mala do carro e esperamos.

— Então, está animada? — pergunta ele.

— Para o baile?

— É. — Ele dá de ombros. — Não fui ao meu.

— Nunca achei que iria ao meu.

— Só não se esqueça de levar uma câmera. Sua mãe vai querer fotos.

— Uma câmera?

É claro que Wells sugeriria isso, como se eu fosse chegar num baile de formatura com uma câmera antiquada gigante e um tripé. Pensando bem, em vez de uma câmera, posso levar logo umas tintas e uma tela.

— Se bem que... você deve tirar fotos no celular mesmo, né? — corrige-se ele.

— Isso — falo, e dou um sorrisinho.

Ele sorri também, e ficamos ali, sem saber o que dizer.

— Aliás, obrigada pela bolsa — falo, finalmente, sem jeito. — Não precisava mesmo.

— Fiquei feliz em ajudar.

— Bem, obrigada — falo, levemente ruborizada.

Pois é, ao que parece, não sou capaz de agradecer as pessoas sem transformar esse gesto num momento constrangedor. Wells deve me achar uma ridícula, fazendo essa cena patética por causa de uma bolsa de sessenta dólares insignificante. Provavelmente ele usa notas de cinquenta dólares como papel higiênico.

— Sei que essas situações são um pouco desconfortáveis mesmo — comenta ele. — Eu detestava receber presentes.

— Também detesto.

— Ainda que eu soubesse que a pessoa tinha condições de me dar um. Não queria que ficasse parecendo que eu estava aceitando esmola. — Ele olha para mim, como se estivesse lendo minha mente. — Eu tive uma infância difícil.

— Sério?

Ele assente.

— Sério. Eu era o garoto pobre no bairro rico. Todos os meus amigos moravam em casas enormes, e eu morava em um apartamento minúsculo. Acho que algumas pessoas nem sabem que há apartamentos nos subúrbios.

— Nossa.

— Nossa?

— Eu só... Não sei. Jurava que você tinha crescido em algum country club da vida.

— Bem, eu cresci, de certo modo. — Ele sorri. — Eu era *caddy*.

— Isso é... um termo de golfe, não é?

— Exatamente — responde Wells.

Por alguma razão, eu me sinto mais leve, como se a ideia de conviver com esse cara nerd e arrumadinho não fosse tão ruim assim. Talvez seja uma boa minha mãe ter um príncipe William para lhe fazer companhia. Acho que é isso, ou ficar vagando por corredores de supermercado, repetindo para mães de bebês que o tempo voa.

Mas a questão é a seguinte: ninguém avisa isso aos bebês.



GARRETT CHEGA EXATAMENTE no horário combinado. Quando abro a porta, ele olha para mim e fica boquiaberto. Acho que é a primeira vez que o vejo sem fala.

— Caramba, Burke — diz Garrett, finalmente.

— Caramba, Laughlin — falo, puxando a pontinha do cabelo.

Até que estou me sentindo bonita mesmo, agora que a produção para o baile está completa: o vestido caiu como uma luva, deixando à mostra minhas sardinhas nos ombros; o cabelo está devidamente cacheado, as bochechas, devidamente rosadas, os olhos, devidamente esfumados, tudo funcionou. E, no fim das contas, minhas botas são do mesmíssimo tom de dourado da bolsa de gatinho. Portanto, isso está mesmo acontecendo: vou ao baile de formatura usando um coturno.

Garrett não para de olhar para minha boca, o que é bom, porque ele poderia estar encarando meus peitos.

Ele me dá um corsage marfim para eu colocar no pulso, e minha mãe me ajuda a prender uma boutonnière na lapela do smoking dele. Então, ela nos leva para o lado de fora, para a maldita sessão de fotos. Garrett está completamente perdido, não tem a menor ideia de onde colocar as mãos. Primeiro, abraça minha cintura, então meus ombros, então de novo minha cintura. Eu quase torço para ele pegar o celular e ver o que o Google tem a dizer sobre o assunto.

Quando finalmente chega a hora de irmos para o baile, ele abre a porta do carro para mim, e, sinceramente, é bem estranho eu estar toda arrumada e de vestido longo na minivan da mãe de Garrett. Aliás, nunca o vi tão calado quanto esta noite. Vez ou outra dou uma olhadinha para ele, é inevitável.

— Você está muito elegante, Garrett — comento.

E é verdade. Garrett é tão irritante na maior parte do tempo que é difícil lembrar que também é bonito. Mas ele é. Tem feições marcantes, cabelo volumoso e olhos azuis bem claros.

— Você também — diz ele. — De verdade. — Então volta a ficar em silêncio. — Está animada para o baile?

— Acho que sim?

— Acha? Adoro sua animação, Burke.

— Espera, deixa eu tentar de novo. — Pigarreio. — Acho que sim, ponto de exclamação!

Ele ri.

— Muito melhor.

Olho para ele e sorrio, mas sinto uma pontada silenciosa de culpa, porque Garrett é mesmo um cara divertido e legal, e provavelmente seria um ótimo namorado. Só que não para mim.

Sei que eu deveria contar a verdade para ele logo. *Ei, Garrett, só um toque! Sabe todas aquelas cenas de filme que você está imaginando? Não vão acontecer. Nada de dançar agarradinho. Nada de olhares apaixonados. E com certeza nada de beijos cinematográficos.*

Ei, Garrett. Estou meio que dolorosamente apaixonada por outra pessoa.

* * *

Bom, pelo menos eu finalmente entendi o porquê de os smokings existirem. Eles deixam os garotos 75% mais bonitinhos. E não só Garrett — todos eles. Quase morro quando vejo Nick, Simon e Bram.

No momento, Simon, Bram, Nora e Cal estão sendo torturados pelos pais numa sessão de fotos maravilhosa. Nick está sentado sozinho nos degraus da varanda, tamborilando no chão. Anna corre até mim, com Morgan logo atrás, vindo mais devagar. E porque eu realmente me transformei num verdadeiro clichê, sigo à risca todo o roteiro da ocasião. *Ai, meu Deus, amei seu vestido! Ai, meu Deus, está animada?*

Anna está uma graça. Mesmo. Seu traje tem duas peças, deixando apenas um pedacinho da barriga à mostra, e seu cabelo está trançado e preso num coque no alto da cabeça. Anna e Morgan são muito pequenas e, às vezes, quando estou perto delas, me sinto o Hulk.

Mas hoje não.

Hoje meu cérebro vai calar a boca, pelo menos uma vez. Cérebro, por favor, *deixa eu me sentir linda*.

E acho que funciona. Eu me sinto linda.

Morgan me lança um sorriso cauteloso.

— Você está tão bonita, Leah.

Fico atônita, sem saber o que dizer. Deveria ter me preparado para isso. Sabia que iria encontrá-la, mas acabei ignorando esse fato. Morgan *realmente* se desculpou. E Abby a perdoou. Quer dizer, isso significa alguma coisa.

— Obrigada — falo. — Você também.

— Podemos conversar? — pergunta ela, baixinho.

Não paro de pensar no que Anna disse; que talvez eu tenha tornado aquela situação mais dramática do que realmente era para diminuir o peso da despedida. Tenho certeza de que isso é bobagem; foi Morgan quem causou isso tudo. Eu não a obriguei a ser racista para amenizar a saudade que sentiria dela.

— Tá bom — concordo. Olho para trás, para a árvore florida, onde

o pai de Simon está fazendo closes constrangedores dos rostos de Nora e Cal. Indico a rua com um gesto vago. — Ali?

— Pode ser.

Há um silêncio estranho e tenso enquanto caminhamos. Puxo um pouco o vestido e me sento no meio-fio. Os olhos de Morgan disparam o tempo todo em minha direção, como se ela estivesse esperando que eu falasse primeiro, mas não sei o que dizer — não sei nem o que sentir.

Ela se inclina para trás, apoiada nas mãos, e suspira.

— Então, eu pedi desculpas a Abby.

— Fiquei sabendo.

A conversa morre aí, e olhamos para qualquer lugar, menos uma para a outra.

— Eu sei que mandei muito mal — diz Morgan, finalmente. — Não acredito que eu disse aquelas coisas. Me sinto péssima.

— Deveria se sentir mesmo.

— Eu sei. — Ela fecha os olhos. — Eu sei. Eu só estava muito chateada. Estava tão... Nossa, nem consigo explicar como foi horrível... ser rejeitada.

— Mas isso não é desculpa, Morgan.

— Eu sei. Claro que não é. Não mesmo. Sabe, sempre me orgulhei de apoiar as minorias e tudo o mais. — Ela arqueja. — Mas aí, no instante em que acho que estou sendo prejudicada por elas, vai tudo pelo ralo. Nunca vou esquecer que disse aquilo.

— Pois é.

— E você não tem que me perdoar. Eu sei disso. Só queria que você soubesse que estou muito arrependida, muito mesmo. Vou me esforçar para ser uma pessoa melhor — diz, com os lábios pressionados e a testa franzida.

Dá para ver que ela está sendo sincera, que não está falando da boca para fora, mas perdoar algo que fizeram com outra pessoa e não com você é um negócio tão complicado. Nunca sei muito bem como agir. Se Abby superou essa história, eu deveria superar também? Se Simon perdoou Martin, eu também devo perdoar?

Abro a boca para falar, sem a mínima ideia do que dizer, mas Garrett aparece bem na hora.

— Gente, o cara da limusine já chegou, está ali na esquina. Alguém sabe da Abby?

— Ué, ela ainda não chegou?

Meu Deus. Sou pior do que a Taylor no quesito sutileza. *Abby ainda não chegou? Nossa, não tinha percebido mesmo! Eu nem estava obsessivamente procurando pelo carro dela desde que botei os pés aqui.*

E se Abby não for ao baile? E se ela não conseguiu lidar com todo o constrangimento da situação? É melhor eu mandar uma mensagem

para ela. Chego a pegar o celular na bolsa, mas sinto o coração doer só de pensar em fazer isso. O que eu diria a ela?

Simon aparece segundos depois e me abraça.

— Abby já está chegando. Ficou presa no trânsito. É melhor a gente se adiantar e já fazer algumas fotos do grupo. Vamos começar com umas só dos caras. — Ele chega um pouco mais perto e sussurra em meu ouvido. — Você está um arraso.

— Shhhh. Para.

— É verdade.

— Você também está.

Ele sorri e dá uma puxadinha em meu cabelo, depois leva Garrett para tirar fotos com os outros meninos. Cal e Nora já foram embora, mas o pai de Simon enfileira os garotos restantes embaixo de uma árvore florida. Eles formam um grupo e tanto, não vou mentir. Parecem uma boy band. Garrett é de longe o mais alto, por isso o sr. Spier o posiciona no meio, com Bram e Simon de um lado e Nick do outro. Estão todos fazendo a clássica pose masculina em bailes de formatura, mãos cruzadas para a frente, enquanto a mãe de Simon tira fotos freneticamente.

É uma cena bem fofa de se assistir, embora minha atenção esteja voltada para o movimento na rua. Toda vez que um carro se aproxima, meu coração dispara. Sei que ela vai chegar a qualquer momento, mas parece que vai levar uma eternidade para isso acontecer. O tempo se arrasta lentamente, e tudo paira numa espécie de bruma, como se num sonho. Tento me concentrar no sol batendo em meus ombros, qualquer coisa para manter minha cabeça no lugar. Sinto como se tivesse engolido um balão de gás.

Então, o carro de Abby para diante da casa, e tudo parece fazer sentido. Ela sai pelo lado do passageiro, segurando a saia com uma das mãos e levando uma clutch na outra.

Então solta a saia.

E minha vida nunca mais será a mesma.

Abby parece uma nuvem. Ou uma bailarina. O vestido é de um tule azul bem clarinho, leve como o ar, as alças se cruzando de forma elegante nas costas. O cabelo dela está preso em um coque frouxo, a franja penteada para o lado, e os lábios e as bochechas rosados e macios. Não estou conseguindo lidar. Sério. Não consigo lidar com essa garota, e não existe mais nada no mundo, só ela.

Abby olha para mim e arregala os olhos. *Uau*, diz, sem emitir som.

É impressionante. Vinte e quatro horas atrás, eu estava gritando com ela em um campo de futebol, e agora ela está sorrindo para mim como se fosse a coisa mais fácil do mundo. Não sei se isso me deixa aliviada ou angustiada. Tipo, pera aí, né? Você não vai ficar nem um pouquinho constrangida com essa situação? Nada mesmo?

Sou subitamente trazida de volta à Terra pela mãe de Simon, que aparece entre mim e Abby, batendo palmas e nos apressando.

— Seus paparazzi as aguardam.

Ela está usando uma camiseta vermelha gigante onde se lê em letras pretas enormes: *CUIDADO COM O ESQUILO*.

— Por que temos que ter cuidado com o esquilo? — pergunto.

— Porque sim — responde, se virando para mostrar as costas da camiseta, que tem a imagem de um esquilo e os dizeres *MÃE HAVERFORD*.

— O mascote deles é um esquilo? — pergunta Abby.

Ainda que um pouco distantes um do outro, eu e Simon nos entreolhamos na hora. *Bram sabe?*, pergunto, só movendo os lábios.

Ele inclina a cabeça, confuso.

Mando uma mensagem. Bram já sabe de Haverford?

Simon pega o celular no bolso de trás da calça, olha para a tela e sorri. E responde: Sabe. Emoji de sorriso.

Finalmente nos reunimos embaixo da árvore para tirar as fotos com o grupo todo. Alerta de constrangimento máximo: não sei se os pais de Simon não se tocaram ou se estão fazendo isso de propósito, mas os dois parecem determinados a me colocar entre Abby e Garrett em *todas as malditas fotos*. A não ser nas que eu supostamente tenho que ficar ao lado de Morgan.

— Cheguem mais perto, pessoal. Ajam como se gostassem uns dos outros.

Como os pais fazem isso? Como sempre conseguem dizer coisas verdadeiras sem saber que são verdades?

O sr. Spier está *prestes* a chamar Nick e Abby para uma foto de casal, mas Simon consegue impedi-lo a tempo, e é neste momento que a limusine chega. Eu me sento entre Garrett e Nick, enquanto a mãe de Simon enfia a cabeça no carro para tirar mais fotos.

O interior da limusine é basicamente um clube de strip. Não que eu já tenha ido a um. Mas há assentos nos dois lados, e uma faixa fina e fluorescente ao redor do teto, além de um minibar — com garrafas de água no lugar de bebida alcóolica, claro. Tenho a sensação de estar vivendo a vida de outra pessoa, de uma das Kardashian, ou da Beyoncé. Não quero olhar pela janela e lembrar que estamos em Shady Creek.

— Aposto que as pessoas acham que somos famosos — diz Simon.

— Claro. Eu pensaria exatamente isso se visse uma limusine cheia de adolescentes em uma rua do subúrbio — diz Abby. — Eles *só podem* estar indo para a estreia de algum filme.

— Ou para o Oscar — comenta Bram.

— De jeito nenhum eles estão indo para o baile de formatura.

— Ridículos — diz Simon, sorrindo e cutucando os dois.

Então, Garrett se espreguiça e — sim — apoia o braço no encosto,

bem atrás de mim. Um mestre da sutileza mesmo. Eu chego só um pouquinho para a frente, o bastante para deixar um espaço entre nós, mas não tanto que dê para perceber.

Mas Abby percebe. Ela ergue as sobrancelhas, quase imperceptivelmente, e me lança um sorrisinho malicioso.

E sim.

Merda.

Vai ser uma noite e tanto.



O MOTORISTA NÃO encontra o restaurante por nada nesse mundo. Ele abaixa o vidro que o separa do banco de trás e pergunta:

— Qual é o nome do lugar mesmo?

— American Grill Bistrô — diz Garrett.

— Tem certeza de que é nesse shopping mesmo?

— Tenho. — Garrett chega para a frente. — American Grill Bistrô, no shopping North Point.

Rodamos por mais alguns minutos, até o motorista desistir e nos deixar num ponto qualquer do estacionamento. Atravessar o shopping com roupas de gala é um acontecimento. Velhinhas sorriem para a gente e criancinhas ficam impressionadas. Um cara chega a tirar uma foto.

— Maluco — comenta Morgan.

Garrett vai na frente, nos guiando pelos corredores do lugar. Passamos por inúmeras lojas, inúmeros restaurantes, e nada do tal American Grill Bistrô.

— Tenho certeza absoluta que era por aqui, certeza — comenta Garrett, perplexo.

— Que tal darmos uma olhadinha no mapa? — pergunta Anna.

— Devia estar bem aqui.

Então é isso. Ficamos lá parados, com nossos vestidos chiques e smokings, sem a menor ideia do que fazer. É um pouco desorientador. Estou acostumada a ir a shoppings, mas não a shoppings como esse, então estar aqui é meio como ir parar num universo paralelo. Simon está visivelmente tenso, e Garrett ainda tenta se localizar no mapa.

— Sei lá, a gente pode comer na praça de alimentação mesmo — sugere Anna.

— Não, espera — diz Abby, levando a mão à boca.

— Está tudo bem?

Ela assente lentamente.

— Deixa eu só... já volto — diz, com a testa franzida, intrigada, desaparecendo por um corredor segundos depois.

Garrett está arrasado.

— Juro que fiz a reserva. Falei com uma pessoa. No *telefone* — diz.

— Garrett, tudo bem — falo.

— Mas eu fiz. Juro.

— Eu acredito — falo, tentando descobrir aonde Abby foi.

Vejo uma Starbucks, escadas rolantes e pessoas e mais pessoas. Nada de Abby.

— Quero uma cadeira de massagem — comenta Simon, olhando para uma exposta em uma loja.

— Posso ser sua cadeira de massagem — sugere Bram.

— Vou fingir que não ouvi isso — falo, balançando a cabeça.

Bram nem liga, puxando o namorado mais para perto e massageando os ombros dele. Simon sorri e se encosta nele.

— Ei! — chama Abby, sem fôlego. Ela é um raio de sol, com seu sorriso de orelha a orelha e olhar maroto. — Então, Garrett...

— Suso.

Ela segura as mãos dele.

— Nós temos uma reserva mesmo.

— Temos? Sabia! — Ele parece esperançoso. — E onde fica o restaurante?

— Não é um restaurante — revela Abby.

— O quê? — pergunto, intrigada.

— Quer dizer, é uma espécie de restaurante... — Ela não está se aguentando de empolgação. — Mas é lá.

Abby aponta para trás.

— Ali é a American Girl — diz Simon.

— Sim.

— Uma loja que vende bonecas.

— Sim.

Os olhos de Abby estão cintilando.

— Não estou entendendo. — Simon parece confuso.

— Bem, parece que Garrett reservou lugares para nosso jantar de gala no American Girl Bistrô — diz ela.

Garrett balança a cabeça.

— Não, foi no American *Grill* Bistrô.

— Bom — diz Abby —, o American Girl Bistrô tem uma reserva para um grupo de oito pessoas, e foi feita no seu nome, então...

— Ai, meu Deus. — Garrett arregala os olhos. — Merda.

Simon me abraça, quase soluçando de tanto rir.

* * *

O lugar é todo rosa: as paredes, as mesas, os jarros de flores. E um rosa bem intenso, quase ofuscante.

— Amei essa loja — sussurra Abby.

Sorrio para ela.

— É a sua cara.

O lugar tem uma máquina de refrigerante antiga, e o teto é salpicado de lâmpadas pequeninas, com lustres no formato de flores

cor-de-rosa gigantes. Há bonecas American Girl em todos os cantos. Acho que somos as únicas pessoas aqui que não trouxeram as suas. Elas estão sentadas em cadeirinhas, e os garçons lhes servem chá em minúsculas xícaras de boneca. É a coisa mais fofa do mundo.

— Eu lembro quando essa loja abriu — diz Morgan. — Eu era *obcecada* pelas bonecas daqui.

Anna ergue as sobrancelhas.

— Você ainda é obcecada.

— Não por todas elas — retruca Morgan. — Só pela Rebecca, mas ela é judia, então está tudo em casa.

— Acho que dá para alugar bonecas — comenta Bram. — Durante o jantar.

— Vou alugar uma — diz Simon.

— Pessoal, não estou acreditando. Mil desculpas, de verdade — diz Garrett, desolado.

Abby abre um sorriso.

— Está brincando? Esse é o jantar de formatura mais incrível que já existiu.

— Também acho! — diz Morgan, animada.

A recepcionista nos acomoda em uma longa mesa próxima ao balcão da máquina de refrigerante, com cadeiras de bolinhas cor-de-rosa e guardanapos brancos de tecido dobrados de um jeito todo especial. Simon aproveita para perguntar logo sobre o aluguel, então ele, Abby e Bram seguem a funcionária até a recepção para resolver isso, voltando minutos depois com cadeirinhas e um par de bonecas louras que são perturbadoramente parecidas com Taylor Metternich.

— Abby ainda está decidindo — explica Simon.

Olho de relance para o balcão da recepcionista, e Abby pisca para mim.

Ela aparece logo depois, abraçada a uma boneca negra de maria-chiquinhas.

— Conheçam Hermione — anuncia.

Simon arqueja.

— Finalmente está acontecendo. Abby está se tornando uma Potterhead.

Acabo sentada entre a boneca Hermione e Garrett, de frente para Simon e Bram, enquanto Nick avalia o cardápio, tenso e cabisbaixo. Olho para Abby, que abre um sorriso brincalhão e fala:

— Então quer dizer que o mascote da universidade do Simon é um esquilo.

— Um esquilo negro.

— Continua sendo um esquilo.

— Adoro esquilos. — Simon sorri. — Ah, sabe o melhor de tudo? Estudantes podem comprar passagem de ônibus com desconto.

— Isso vai ser bem útil — diz Abby.

— Acho que vamos nos visitar a cada duas semanas — comenta Bram.

— E vamos nos falar por Skype — acrescenta Simon. — E vamos reativar os e-mails do Jacques e do Blue.

— Awn, que fofo. É um ótimo plano.

— Também acho — diz Simon. — Namoros a distância podem funcio... — Simon não conclui a frase, olhando para Abby e Nick, sem saber onde enfiar a cara. — Podem funcionar muito bem para algumas pessoas — acrescenta.

— Ouvi dizer que namoros a distância são algo fora de cogitação — diz Nick, e todos ficam em silêncio.

É a primeira vez que ele abre a boca. Abby está sorrindo com vontade, mas piscando sem parar.

Nick dá de ombros.

— Mas talvez isso seja só uma desculpa para te darem um pé na bunda antes do baile de formatura.

Abby afasta a cadeira e se levanta.

— Com licença.

Simon suspira.

— Nick...

Os outros meninos parecem inquietos, e Morgan e Anna se entreolham, perplexas. Mil anos se passam, e ninguém diz uma palavra. Enfim me levanto e falo:

— Vou falar com ela.

Respiro fundo e vou atrás de Abby no banheiro.

* * *

Ela está sentada na pontinha da pia, os pés esticados como se fosse uma bailarina, as sapatilhas de plástico aparecendo por baixo do vestido. Ela olha para mim, surpresa.

— O que está fazendo aqui?

— Procurando por você — respondo, coçando a nuca. — Para ver se está tudo bem.

Abby dá de ombros.

— Estou bem.

— Que bom.

Ficamos em silêncio.

— Por que você está no banheiro? — pergunto, por fim.

— Sabia que tem suportes para as bonecas dentro das cabines? — comenta ela.

— Como assim? — pergunto, intrigada.

— Tipo, tem um ganchinho lá dentro para pendurar a boneca.

Estou falando sério. Vê só.

— Mas por quê?

— Para que a boneca tenha a chance de viver essa experiência enriquecedora no banheiro com você — diz Abby.

— Isso é... estranho.

— Não é? — Ela ri, mas logo o riso é engolido por um soluço.

— Tem certeza de que está bem? — pergunto.

— É melhor você perguntar isso ao Nick.

— Mas não vou. Estou perguntando a você.

Ela me lança um olhar curioso, com as sobrancelhas arqueadas. Sinto meu rosto, meu peito e minha nuca ficarem quentes.

— Bem — diz Abby, depois de algum tempo. — Sou oficialmente a pior pessoa do mundo.

— Claro que não.

— Causei esse climão desnecessário.

— Pode acreditar: garotos conseguem ser desnecessários por conta própria.

Ela ri.

— Mas não é só por causa dos meninos...

Meu coração dispara quando ela diz isso, não sei por quê. Só sei que estou com uma vontade louca de subir na bancada, de me espremer naquele espaço minúsculo ao lado dela. Eu me sentaria dentro da pia se fosse preciso. Quero olhar no espelho e ver nossos reflexos, lado a lado.

Mas não me movo.

— Não gosto disso.

— Nem eu. — Ela inclina a cabeça para trás e suspira. — O baile de formatura é um negócio tão estressante.

— Demais.

Na mesma hora me lembro de minha mãe e de sua decisão de que nada a deixaria pra baixo em seu baile. Mas acho que no caso dela foi diferente, porque, embora provavelmente tenha sido a única garota grávida da escola, ela pelo menos poderia beijar quem quisesse. Se eu beijar Abby Suso, vou detonar minhas amizades. Se ela retribuir o beijo, provocaremos o apocalipse.

Então, só fico parada ali, olhando para Abby, até um sorrisinho começar a se formar nos lábios dela, o que torna tudo ainda pior. Porque toda vez que Abby sorri para mim, tenho a sensação de estar sendo golpeada.



ASSIM QUE VOLTAMOS para a limusine, Nick pega uma garrafinha em algum bolso secreto no paletó, o que não me surpreende nem um pouco.

Ele dá um longo gole na bebida e passa a garrafa para Anna, e eu percebo que é por isso que não gosto dessa história de baile. Sei exatamente como vai ser a noite. Todo mundo vai ficar bêbado e vai começar a falar incessantemente que está muito bêbado, e aí vai começar a me implorar para beber também. Porque é o *baaaaile de formatura*. Porque eu deveria *só experimentar, só um golinho*. Bêbados são basicamente zumbis. Depois de infectados, querem arrastar você com eles. Até meus amigos são assim, e olha que teoricamente somos nerds. Que saco.

— Leah?

Garrett estende a garrafinha na minha direção, e passo direto para Bram, que passa para Simon, que passa para Abby, então para Morgan, e percebo, surpresa, que ninguém está bebendo. Então talvez eu esteja errada. Talvez só Nick esteja nessa onda.

Assim que pega a garrafa de volta, ele dá outro gole enorme, sorrindo para todo mundo, menos para Abby. Simon olha para mim e ergue as sobranceiras, e eu balanço ligeiramente a cabeça, constrangida. Adoro Nick, mas ele está passando vergonha. E ainda nem chegamos ao baile.

O sol está começando a se pôr quando paramos na reserva natural Chattahoochee, mas as pessoas já estão chegando em grupos de dois, três, dez. Há uma fila de limusines na rua, e isso é tão Shady Creek que meus olhos se reviram num nível preocupante.

E, claro, a primeira pessoa que vejo é Martin Addison — em um smoking azul-claro, o cabelo cheio de gel, parecendo um capacete. Ele veio com Maddie, que já foi do grêmio estudantil e atualmente é conhecida como Quebra-Nozes — desde que deu um soco no saco de David Silvera quando perdeu para ele nas eleições escolares. Nem se eu tivesse tentado conseguiria um par melhor para Martin. Estou prestes a comentar isso com Simon, mas então olho ao redor... e meu coração quase salta pela boca.

Tudo bem, tá certo: bailes de formatura são uma estupidez. Mas está tudo lindo e iluminado, a tenda branca praticamente reluzindo ao pôr do sol. Alto-falantes gigantes estão berrando uma música que não

conheço, mas que tem o baixo mais perfeito do mundo, como a batida de um coração, criando um efeito incrível. É difícil acreditar que está acontecendo um evento da escola aqui, mas há rostos conhecidos por toda parte — nas trilhas, perto do aviário, nas mesas de piquenique na grama.

Há uma escada que leva direto ao salão, mas escolho um caminho alternativo, pela lateral. Ainda acho estranho me locomover com esse vestido longo e esvoaçante; ele roça nos meus pés a cada passo que dou, mas pelo menos consegui não tropeçar. Viva os coturnos.

— Ei.

Alguém me cutuca, e é claro que é Abby, que chega tão perto que nossos braços quase se tocam. Sinto um golpe duplo no estômago: um tremor e um *plop*. Eu poderia facilmente pegar na mão dela. Poderia entrelaçar nossos dedos, e ninguém acharia nada de mais, porque garotas héteros andam de mãos dadas o tempo todo. Principalmente nos bailes. Elas se dão as mãos e tiram selfies dando beijinhos nas bochechas, e se sentam juntas e apoiam os pés no colo umas das outras. Então eu poderia só...

— Isso aqui está o máximo — diz Abby, me trazendo de volta à Terra.

Ela está embasbacada, atenta a todos os detalhes. Ao longo de todo o caminho que leva ao salão há espaços fechados com telas, que imagino serem habitats para aves, em sua maioria. Abby para na frente de um deles.

— Isso é uma coruja? Tem uma coruja de verdade no nosso baile de formatura?

É uma coruja mesmo, nos encarando, sem piscar e sem se mexer. Porque este nem é o baile de formatura mais esquisito já visto.

— Insira uma referência a Harry Potter aqui — comento.

Ela sorri.

— Era exatamente nisso que eu estava pensando.

Chegamos ao fim da trilha bem no momento em que Simon e Bram estão subindo a escada.

— Vocês estão aqui, eba! — diz Abby.

Percebo, surpresa, que os dois estão de mãos dadas, do tipo mãos-dadas-de-verdade, não o pronto-para-soltar-as-mãos-a-qualquer-momento, e que estão tensos de um jeito muito fofinho, mesmo que a gente consiga ver que estão tentando parecer super-relaxados.

— Então, a gente simplesmente entra? — pergunta Bram.

Abby dá de ombros.

— Acho que sim.

Uma multidão já está aglomerada ao redor da pista de dança, embora ninguém esteja dançando de verdade ainda. Mas há um DJ bem animado levantando a mão e berrando:

— TEM ALGUM ALUNO DO ÚLTIMO ANO AQUI?

— Este é literalmente o baile dos alunos do último ano — comenta Simon.

— Não estou escutando — insiste o DJ. — TEM ALGUM ALUNO DO ÚÚÚÚLTIMO ANO AQUIII?

— Esse cara sabe que é branco, né? — diz Abby.

Todo mundo urra a resposta, e o baile vai à loucura. A luz está baixa e num tom alaranjado, e por isso a pele das pessoas está brilhando. Um vislumbre branco passa por mim: é Taylor, em uma entrada triunfal. Evidentemente, ela decidiu aparecer com um vestido inspirado no que Kate Middleton usou em seu casamento.

— Ela está...? — pergunta Abby.

— Sim.

— Uau.

Trocamos um sorriso.

— Taylor, não mude nunca, por favor — comento.

Então Garrett aparece ao meu lado.

— Aqui está você! Estava te procurando, Burke.

É, tem isso. Meu acompanhante.

— Quer dançar? Estou pronto para dançar.

— Agora?

— Agora mesmo. — Ele segura minha mão. — Vamos, adoro essa música.

— Hummm. Mesmo?

O DJ está tocando uma música techno sem letra, que soa exatamente como robôs fazendo sexo.

— Aham! As letras são geniais! — retruca Garrett.

Olho para ele e só então percebo: Garrett está nervoso. Não sei por que não havia notado isso até agora, mas ele está sorrindo demais, coçando a nuca demais, e parte de mim só quer abraçar o coitadinho. Ou dar uma cerveja a ele. Garrett só precisa relaxar.

Vou com ele até a pista, e paramos bem pertinho do DJ.

— EI, EI, EI. TEM ALGUM ALUNO DO ÚLTIMO ANO AQUIII?

E do nada tem um microfone enfiado na minha cara.

— Tem... — respondo, sem ânimo.

— Acho que meus parças lá no fundão não ouviram. MAIS UMA VEZ: TEM ALGUM ALUNO DO ÚLTIMO ANO AQUI?!

— Sim, já concordamos que há alunos do último ano aqui — falo, e pelo canto do olho vejo Abby rindo.

— Vem, Burke, é o nosso momento!

Garrett me puxa mais para perto, e suas mãos vão parar em minha cintura.

— Vamos mesmo dançar juntinhos essa música techno aleatória sem sentido?

— Vamos.

Dou uma revirada básica de olhos, mas pouso as mãos em seus ombros. Então, nos balançamos. Não tem quase ninguém na pista — a maioria das pessoas só está pairando ao redor dela —, então não consigo tirar da cabeça a ideia de que está todo mundo me observando, o que me deixa constrangida até o último fio de cabelo.

Mas então uma música da Nicki Minaj começa a tocar, e isso liga um interruptor nas pessoas, que em segundos lotam a pista. Eu me desembaraço de Garrett, e quando dou por mim estou dançando entre Simon e Bram. E, por incrível que pareça, a não ser nos musicais da escola, acho que nunca vi Simon dançar. Mas ele é uma joia rara, basicamente saltitando para cima e para baixo e mexendo os pés. Por mais sem jeito que ele seja, Bram é ainda pior. Sorrio ao observar os dois, e Simon pega minha mão e me gira. Estou sem ar.

Acho que todos os filmes adolescentes estavam certos, no fim das contas. Há algo de especial em estar atochada em uma pista de dança com todos os seus amigos, cercados por luzes piscantes e vestidos de gala. Simon sorri e dá uma batidinha no meu quadril. Então, pega a mão de Abby, e os dois giram juntos. Bram e Garrett estão tentando fazer alguma dancinha envolvendo certa sacudida de ombros, e tenho certeza de que Martin está fingindo “pescar” a Quebra-Nozes, numa dança que só ele deve achar legal.

— TEM ALGUM ALUNO DO ÚÚÚÚÚLTIMO ANO AQUIIIIIIIII?

— SIM, SOMOS ALUNOS DO ÚLTIMO ANO! ACEITA! — grita Abby.

Nossos olhares se cruzam, e ela dá um sorrisinho acanhado.

Próxima música, agora uma mais suave, e todo mundo relaxa um pouco e se solta. Simon levanta minha mão, e de repente estou com os braços erguidos, de olhinhos fechados e um sorriso no rosto. A sensação é a mesma de quando estou tocando bateria. Sou capturada pela música — e me deixo envolver completamente por ela. Não consigo me lembrar da última vez em que me senti tão leve.

Mas então sou atingida por uma bala de canhão: tudo isso está chegando ao fim.

Merda. Estamos nos formando. Temos o quê?, cinco semanas de normalidade, e então tudo vai mudar. Racionalmente, eu sempre soube que as coisas seriam diferentes depois da formatura. A vida é assim mesmo.

Mas acho que finalmente me dei conta... da magnitude dessa audácia. Acho que nunca parei de verdade para pensar nisso.

— Estou com saudade de você — falo para Simon.

— O QUÊ?

— ESTOU COM SAUDADE DE VOCÊ!

Quer saber? É isso mesmo. Dane-se. Sim, já estou com saudade

deles. Estou com saudade de Simon, de Bram, de Nick, de Garrett, de Nora, de Anna e até de Morgan. Já dói.

— AI, TAMBÉM ESTOU COM SAUDADE DE VOCÊ! — responde Simon, sorrindo, e quando eu concluo que ele não está entendendo nada e me achando uma louca, ele me abraça bem apertado e sussurra em meu ouvido. — Você sabe que eu vou ficar perdidinho sem você, não sabe?

— Eu também vou ficar perdida sem você — murmuro, e nos abraçamos com ainda mais força.



MAS ENTÃO ME dou conta de algo estranho: mal vi Nick depois que saímos da limusine. Em circunstâncias normais, eu nem ligaria para isso, mas esta não é uma noite qualquer, e o Nick de hoje não é qualquer Nick, e sim o Nick Bêbado Deprê. Por isso, só me resta presumir que ou ele está vomitando nas borboletas, ou desmaiou perto do falcão.

Ou está bem. Ele deve estar bem, sim, embora não tenha respondido a nenhuma das minhas mensagens. Talvez ele esteja bem e só me odeie. No lugar dele, eu me odiaria também. Será que Abby comentou alguma coisa? Ou será que está escrito na minha cara que estou apaixonada por ela?

Tento me livrar das preocupações e me divertir, mas não consigo parar de procurar por Nick, embora achar alguém naquele lugar lotado e escuro seja praticamente impossível. E o fato de a pessoa em questão vestir um smoking preto igual ao de todos os outros garotos não ajuda. Por incrível que pareça, seria bem melhor se Nick estivesse usando a roupa escalafobética de Martin Addison.

Por sorte, Nick surge do nada, todo sorridente e corado.

— Onde você es... — começo a dizer, mas ele me interrompe com um abraço rápido e apertado e um beijo molhado na bochecha.

— Hummm. Você está....

Ele cutuca meu nariz.

— Leah Burke, se prepara para o show.

Ok, agora estou ligeiramente apavorada.

Nick cruza a pista de dança. Rebolando. De verdade. Em todos os meus longos anos de amizade com Nick Eisner, nunca testemunhei uma cena dessas. Ele vai até a mesa do DJ, fala alguma coisa no ouvido dele, e então os dois dão um *high-five*.

— O que está acontecendo ali? — pergunta Simon.

— Na cabine do DJ?

Simon assente.

— O que será que ele está tramando?

— Não tenho a menor ideia. — Assim que digo isso, vejo Abby de relance, a saia azul ondulando enquanto ela dança ao redor de Nora.

— Só se...

Simon segue meu olhar.

— Ai, meu deus. Será que ele está planejando fazer alguma grande

cena romântica para reconquistar a Abby?

— Pode ser. Não sei — respondo, tensa. — Ou talvez ele queira se vingar ou algo do tipo.

— Se vingar da Abby? — pergunta Simon, com uma risada incrédula.

— E se ele quiser humilhá-la na frente de todo mundo?

Simon balança a cabeça.

— Nick nunca faria isso.

— Sei lá, ele está agindo de um jeito muito estranho.

— Sim, mas é o *Nick* — insiste Simon, embora dê para perceber um ar de incerteza em seus olhos. — Ele não faria isso.

Ficamos apreensivos, sem saber o que fazer.

— Acho melhor a gente falar com ele — sugiro.

— Tá bom — concorda Simon. — Vamos só... ver o que está rolando.

Simon segura minha mão, e juntos abrimos caminho pela multidão na pista de dança. Nick está no canto do salão, ao lado de alguns caras do time e abraçado a Garrett e Bram, o que me deixa mais tranquila, acho. Se Bram — e até Garrett — estiverem envolvidos, então não deve ter nada de mais acontecendo. Quer dizer... a menos que Bram e Garrett não saibam do plano.

Sério, como lidar com essa situação? *Ei, Nick. Acho você um cara incrível e adoro você de verdade, mas só queria confirmar rapidinho se você não é só mais um homenzinho de merda que só pensa com o pinto.*

Simon aperta minha mão e respira fundo.

— Ei, pessoal — diz ele, em seu clássico tom de estou-tão-tranquilo-que-nem-estou-falando-com-essa-voz-aguda. — Hum... Nick, posso falar com você dois segundinhos?

— Claro! O que tá pegando? — pergunta ele, curioso, e vejo pela expressão dos outros garotos da roda que eles estão tão curiosos quanto Nick.

— Em particular — acrescento.

— Ih, Eisner, boa sorte — diz um garoto qualquer, bagunçando o cabelo de Nick. — Ela tá brava.

Reviro os olhos e vou com Nick e Simon até o deque, conseguindo enfim relaxar um pouco. Embora a música esteja alta e ainda haja pessoas por toda parte, o deque é ao ar livre e um ambiente muito mais tranquilo, com um parapeito circundando o lugar e um lago rodeado por árvores mais à frente. Respiro fundo e pergunto:

— Nick, o que está acontecendo?

— Como assim? — Ele sorri.

— Você está estranho.

— O que você estava falando com o DJ? — pergunta Simon.

— Arrá! — Nick sorri ainda mais. — Em breve tudo será revelado.

Simon me encara, nervoso.

Olho para Nick, séria.

— Só me diz uma coisa: tem a ver com a Abby?

Ele abre a boca para responder, mas então a música muda, e a atitude de Nick também. Ele dá um tapinha no nosso ombro e corre de volta até os outros garotos. Simon e eu ficamos sem reação, boquiabertos.

— Merda — murmura Simon.

Sou incapaz de dizer alguma coisa, porque no momento estou olhando para os garotos, que se posicionam em uma formação triangular. Nick está na frente, com Bram e Garrett ao lado e o restante dos garotos espalhados atrás deles. A música irrompe dos alto-falantes.

CH-ch-ch-ch, ch-ch-CH-ch-ch ERM. CH-ch-ch-ch, ch-ch-CH-ch-ch ERM.

Eles fazem passos idênticos, dançando ao som da música, balançando de um lado para o outro e, de repente, congelam. Então Nick joga os quadris para a frente, e os outros caras fazem o mesmo — aí todos dão um chute para o alto, e acabou.

Uou.

É a clássica dancinha coreografada dos bailes de formatura, saída direta de um filme adolescente.

De repente, estamos cercados por pessoas aplaudindo e cantando uma música que nunca ouvi antes, algo sobre uma garota ser um veneno.

— Isso é... sobre a Abby? — pergunto para Simon.

— Bem, essa música existe... — ele começa a responder, mas não consegue concluir o pensamento, porque só tem olhos para o namorado.

Quem sou eu para julgá-lo? Não dá para ficar indiferente ao tanto de gente rebolando bem à nossa frente. Eu não fazia a menor ideia de que garotos sabiam rebolar tão bem, muito menos Nick e Bram.

— TEM ALGUM ALUNO DO ÚLTIMO ANO AQUI? — grita o DJ, mais uma vez.

Nick cai de joelhos, a cabeça jogada para trás, preparado para o *grand finale*. Ainda sem acreditar no que está acontecendo, eu me viro para Simon... mas ele desapareceu. De repente, me vejo perto de Abby, que está com um sorrisinho melancólico.

— Que vergonha alheia — murmuro.

Ela assente.

— Nem me fale.

— Acho que ele quer dizer alguma coisa com essa dancinha.

— Eles estão trabalhando nessa coreografia há meses, na verdade. Eu já sabia de tudo.

— Sério? Sabia até que iam usar essa música?

Abby dá uma risadinha constrangida.

— Foi só uma coincidência. Ninguém sabia ainda que eu era um veneno.

— Você não é... — começo a dizer, mas a movimentação na pista de dança me interrompe. — Ah, merda.

Os meninos do teatro — Simon, Martin, Cal e mais alguns outros — se juntaram ao número e estão dançando algo que lembra quadrilha. Com a música do veneno.

Abby balança a cabeça.

— São exatamente os passos que eles fazem na peça.

— Meu Deus.

— Mas agora é ao som de “Poison.”

— Está acontecendo — murmuro, enquanto Simon e Martin fazem passos sincronizados. — Eu só...

— Aham.

— Estou tão confusa.

Abby segura minha mão e chega mais perto.

— Acho que estamos testemunhando uma batalha de dança — sussurra ela, entrelaçando os dedos aos meus.

Meu coração quase salta do peito. Só posso estar sonhando. Isso não está acontecendo de verdade. Estou ao lado de Abby, que está vestida como a Cinderela, e estamos de mãos dadas assistindo a uma batalha de dança, como se isso fosse a coisa mais normal do mundo. Acho que perdi a habilidade de respirar.

— Você está bem? — pergunta Abby.

Faço que sim algumas vezes, vasculhando meu cérebro em busca de alguma coisa para dizer. *Não mencione as mãos. Não mencione o beijo. Não mencione Nick...*

— Nick tinha que estar dançando com os outros. Ele agora é da galera do teatro — comento.

É incrível. Meu cérebro realmente me odeia.

Abby sorri.

— Bem, o personagem dele está morto nessa cena. Digamos.

— Ah, então é uma música meio *Nick*, *vai à merda*.

— Praticamente.

Nick está rindo tanto que mal consegue ficar em pé direito. Está se apoiando em Bram, mais pra lá do que pra cá. Enquanto isso, os garotos do teatro se reúnem para fazer a pose final e terminam com as mãos para a frente, as clássicas “mãos de jazz”.

Alguém começa a aplaudir lentamente, e Abby solta minha mão para se juntar aos aplausos. Sinto uma pontadinha de decepção. Minhas mãos parecem inúteis agora.

— Isso foi incrível — diz Abby, assim que Simon se aproxima. —

Um sucesso de público e crítica.

Simon sorri.

— Eu tinha que defender a sua honra, óbvio.

— Porque eu sou a garota veneno.

— Claro que não — diz ele. — Quer dizer, um pouquinho, talvez.

Mas você *não* é.

Abby arqueia as sobrancelhas.

— Quer dançar? — dispara Simon.

Está tocando uma música lenta — acho que é Ed Sheeran. Simon dá uma puxadinha em meu cabelo e leva Abby para a pista de dança, olhando para mim e dando um sorrisinho, enquanto eu fico ali observando os dois. Simon até que manda bem na dança lenta. Ele segura a mão de Abby no alto, que nem as pessoas mais velhas fazem. Aposto que praticou com a mãe. É engraçado como há dez segundos ele era o Simon Spier pequenininho, usando uma camiseta de lobo e... de repente, do nada, se tornou esse cara elegante de smoking. Como ficamos tão velhos?

— Ora, ora, se não é a Burke aqui...

Ergo os olhos e me deparo com Garrett, todo sério, com as mãos para trás.

— Nossa, quem diria que você era um dançarino tão incrível? — comento.

— Você me achou incrível — diz ele, com um sorrisinho.

— Bem, você não foi terrível.

— Ai, meu Deus. Você amou. Do que mais gostou? Foi desse movimento?

Ele rebola para a frente e para trás, algumas vezes.

— Com certeza foi esse — falo.

— Ou foi esse aqui?

Ele ergue as mãos, como se estivesse levantando uma barra. E rebola mais um pouquinho, agora fazendo movimentos circulares.

— Todos esses, sem dúvida.

— Droga. — Ele sorri. — Então só dançando mesmo para impressionar você, né? Se eu soubesse disso antes...

Eu dou de ombros e sorrio, sem jeito. Sou a pior pessoa do mundo. Devia acabar com isso agora. Neste exato momento. É só dizer o que tem que ser dito, com muita delicadeza, assim fica tudo resolvido e ninguém alimenta esperanças. Fecho os olhos e respiro fundo, mas nós dois falamos ao mesmo tempo e acabamos nos atropelando.

— Você primeiro — me apresso a dizer.

— Tudo bem. — Garrett respira fundo. — Quer dançar?

E... merda.

Meu cérebro pifou. Não sei o que dizer.

— Claro — respondo.

Poxa. Ele é meu par hoje. Todo mundo dança com seu par. Não tem problema nenhum.

Seguimos de mãos dadas até a pista, então Garrett para e olha para mim.

— Então, vamos só...

Ele coloca as mãos na minha cintura, e passo as minhas ao redor do pescoço dele. E dançamos. Garrett me puxa mais para perto, bem para perto — estamos quase colados um ao outro, e isso me deixa bem desconfortável. Na verdade, acho que estou irradiando constrangimento, como se meus poros estivessem exalando uma espécie de substância gasosa.

E o que mais me apavora é que Garrett não disse uma palavra. Está só me olhando com essa expressão ao mesmo tempo doce e pateta, o que só faz com que eu me sinta pior.

Estou muito *não* apaixonada por Garrett Laughlin. E ele provavelmente merece saber isso. Mas quando abro a boca, só o que sai é:

— O que acontece quando eles têm setenta anos?

— O quê?

— Na música. O cara diz que vai amar a garota até eles terem setenta anos. Mas e então? Ele vai só chegar e dizer: *valeu, tô fora*?

— Nossa — diz Garrett, rindo. — Você é realmente a pessoa menos romântica do planeta.

Não é verdade, penso. Tanto não é verdade que neste exato momento estou usando todo o autocontrole que existe em meu corpo para não ficar encarando Abby.

Só que essa estratégia me faz ver outra coisa.

— Isso é sério? — falo. Garrett franze o cenho, confuso. — Vira.

Porque... o que vemos? Sim. Nick. Dançando com Taylor Metternich. Mas não só dançando. As mãos deles estão por toda parte. Os dedos de Nick descem pelas costas do vestido Kate Middleton da Taylor, perto *demais* da bunda dela, e não há qualquer espaço entre os corpos dos dois, em nenhuma parte.

A não ser pelas bocas. Que estão a *apenas* uns dois milímetros de distância.

Olho na mesma hora para Abby, que está ali perto, assistindo ao desenrolar desse show de horrores. Quer dizer, é claro que ela está assistindo. Simon também está. Os dois estão parados, chocados.

— Ele acabou de beijar a Taylor. Eles estão se beijando — murmura Garrett. — Noooooossa.

Sério. O que está acontecendo aqui? Nick está beijando uma garota na pista de dança, bem na frente de Abby, e essa garota é Taylor Metternich. E sim, se eles algum dia tiverem bebês, essas crianças terão vozes cristalinas e incríveis, mas nesse meio-tempo: COMO ASSIM?

Olho novamente para Abby, e dessa vez ela está me encarando com uma expressão indecifrável e hipnotizante. Então ela dá aquele seu sorrisinho triste.

Nossa. Ela é tão... Nem sei o quê.

Eu não devia ficar encarando.

E *com certeza* não devia ficar encarando de um jeito tão apaixonado. Sossega, Leah. Isso não é um filme adolescente idiota.

Eu desvio o olhar, só para me deparar mais uma vez com o filme pornô soft protagonizado por Taylor e Nick. E minha nossa. Isso é que é um beijo intenso. Todos os adultos do recinto já estão bêbados e desistiram de monitorar os alunos? Ou será que morreram? Porque tenho certeza de que Nick está prestes a engravidar Taylor, bem aqui na pista de dança.

Bem na frente da ex-namorada.

Mas...

Quando dou por mim, um minuto ou dois mais tarde, Simon está parado na ponta do salão. E Abby se foi.



VOU FALAR COM Simon assim que a música termina. Ele está em uma mesa com Bram, os dois já sem os paletós.

— Cadê a Abby? — pergunto, me sentando ao lado de Bram.

— Foi lá para fora — responde Simon, preocupado. — Saiu bem no meio da música. Disse que queria ficar sozinha.

— Sério?

— Isso é estranho. Abby não é disso, né?

— Ela está chateada?

— Não sei. — Simon parece meio aflito. — Acho que sim. Quer dizer, eu estaria, se estivesse no lugar dela.

— Nossa, eu também — concordo, inquieta.

— Eu devia ter ido atrás dela — continua ele, esfregando a testa. — Agora ela vai achar que vai ser expulsa do nosso grupo e que vai ser substituída pela Taylor.

— Não é possível que ela ache isso — diz Bram.

— Acho que vou mandar uma mensagem para ela — falo, e fico vermelha na mesma hora.

Você é tão óbvia, Leah. É mais fácil arrancar seu coração logo e colocar na mesa para os meninos examinarem.

Simon assente, angustiado.

— Manda, sim. Boa ideia.

Sim, é uma ótima ideia. Com certeza vou mandar uma mensagem para Abby. Não tem nada de esquisito nisso. É isso que as amigas fazem. E eu sou amiga dela. Querendo saber se está tudo bem.

Ei, tá tudo bem?

Olho fixamente para o celular à espera de uma resposta, mas nada. Nem os três pontinhos. Ela não está digitando.

Nick é um babaca, acrescento.

— Ela respondeu? — pergunta Simon.

Balanço a cabeça. Nossa, não sei por que isso está me deixando tão nervosa. Provavelmente ela não está nem aí para o celular agora. Ou talvez só queira mesmo um pouco de espaço, para variar. É melhor eu dar esse espaço a ela. E é melhor eu parar de me importar com isso. Eu realmente não deveria me importar com isso.

Mas... ok. Eu não consigo não me importar. Fico mal só de pensar em Abby chorando em algum lugar por causa de Nick. Tipo, eu entendo. Acredite em mim. Sei direitinho qual é a sensação de estar

perdidamente apaixonada por alguém e sei bem qual é a sensação de ver esse alguém beijando outra pessoa.

Meu coração praticamente dá uma cambalhota no peito, de tão agitada que estou. Uma parte horrível de mim acha que Abby merece isso. Só para ter um gostinho do que eu passei nesse último ano. Mas outra parte de mim tem vontade de dar um soco na cara de Nick.

Então, como se houvesse conjurado a si mesmo, Nick aparece na mesa. Ele está sozinho, e não parece estar procurando por Taylor.

— Abby foi embora — diz, sentando-se ao lado de Simon. Ele está desorientado, com os lábios inchados e os olhos vidrados. — Merda. Estraguei tudo. Não devia ter...

— Se agarrado com a Taylor bem na frente dela? — completo, arqueando as sobrancelhas.

— Sou um babaca. — Ele cobre a cabeça e choraminga. — Ela deve me odiar agora. Merda. Tenho que falar com a Abby.

— Acho melhor não.

— Sabe para onde ela foi? — pergunta Nick, olhando ao redor.

Simon franze a testa.

— Não sei muito bem. Tive a impressão de que ela foi para a esquerda.

— Na direção do aviário?

— Para a outra esquerda.

— Certo. — Nick assente, determinado. — Vou só... — Ele começa a se levantar.

— Não. Péssima ideia — falo, puxando-o de volta pela camisa.

— Tenho que ver se ela está bem.

— Você é a última pessoa que a Abby quer ver nesse momento — declaro.

— Bem, alguém precisa ir falar com ela.

— Tudo bem — falo, com o rosto pegando fogo e o coração acelerado. — Eu vou, ok?

E me levanto.

* * *

Quando chego do lado de fora, me vejo perdida, sem saber para onde ir. Há diversos caminhos possíveis, e não sei por onde começar a procurar Abby. Simon disse que ela tinha virado à esquerda, mas *esquerda* pode significar as mesas de piquenique ou o caminho entre as árvores. Ela pode ainda ter dado a volta por trás, passando pelo aviário. Tenho que me colocar no lugar de Abby. Se eu tivesse acabado de ver meu ex-namorado beijar Taylor Metternich, para onde eu iria?

Provavelmente pegaria um caminho que levasse direto ao banheiro,

para que eu pudesse passar o resto da vida vomitando.

Mas tudo bem.

Preciso pensar com clareza. Sem exageros.

Escolho o caminho que passa pelas árvores e me sinto num conto de fadas. Garota com vestido de baile entra na floresta. Parece que estou num lugar ermo e isolado, mesmo com o salão de festas logo atrás. As árvores são tão densas que formam praticamente uma cortina de folhas, e a música parece vir de outra galáxia.

Piso num galho e dou um gritinho, assustada, porque... sei lá, vai que é um osso humano?

Então, do nada:

— Quem está aí?

Congelo.

É a voz de Abby, ligeiramente nervosa.

— Olá? — diz ela.

Que legal, meu corpo decidiu se rebelar e não atende aos meus comandos. Meus pés estão pesados, minha voz não existe mais e meus pulmões entraram em colapso. Mas meu coração está batendo tão rápido quanto as asas de um beija-flor. Só me resta ficar parada e encarar as árvores.

— Olha, sei que tem alguém aí — continua ela.

— Abby? — consigo dizer.

— Ai, graças a Deus.

— Cadê você? — pergunto, olhando ao redor.

— Bem atrás de você.

Eu me viro, e agora não sei como não vi o lugar antes: um deque de madeira no alto de uma rampa curta que dá para o lago. Abby está sentada em um banco no centro do deque, com as pernas para cima. Ela acena para mim, e subo a rampa para encontrá-la.

— Obrigada por quase me matar de susto — diz, tirando as pernas do banco para que eu possa me sentar, mas vou direto até o paraapeito e me recosto nele.

— O que você veio fazer aqui? — pergunto.

— Não sei.

— Você não sabe? — Eu me lembro dela sentada no banheiro da American Girl. Não consigo acreditar que isso aconteceu há tão pouco tempo. Tenho a impressão de que se passaram séculos desde aquele momento. — Você continua fugindo.

— E você continua me encontrando.

Não sei o que falar.

— Recebeu minhas mensagens? — pergunto, por fim.

— Você mandou mensagem?

— Fiquei preocupada.

Ela pega o celular na bolsa.

— Bem, sim, Nick é um babaca... Mas ele não é o problema — diz, hesitante.

Meu coração dá uma cambalhota.

— Qual é o problema, então?

— Pelo amor de Deus, Leah. — Abby balança a cabeça e dá um sorrisinho. — Depois eu que sou a ingênua da história.

— Como assim?

Ela me encara com uma expressão que não tenho a menor ideia do que significa, então desvia o olhar e digita algo no celular.

É estranho observá-la fazer isso, então me viro para o lago e apoio os braços no parapeito. É um lugar muito sereno, com árvores tão volumosas que só dá para ver uma minúscula poça de água negra, mas que deixam o lago com uma aparência selvagem, indomada. A distância, no salão, a música muda de ritmo. Algo diferente, mas conhecido. Fecho os olhos e tento identificar o que está tocando.

— Dá uma olhada no seu Tumblr — diz Abby de repente.

Abro os olhos.

— O quê?

— Só dá uma olhada — diz ela, cobrindo os olhos com o braço.

Pego o celular, nervosa, quase ofuscada pelo brilho da tela. O aplicativo do Tumblr indica que tenho uma mensagem. Não sei como Abby sabia disso. Só se...

Abro a mensagem, zozada, sentindo o chão se inclinar de leve. Tenho que ler três vezes antes de assimilar o que está escrito.

Encomenda de desenho: duas garotas se beijando na noite do baile de formatura.

O mundo para, e meus pulmões se esvaziam como um balão furado. *Duas garotas se beijando. Na noite do baile de formatura.* Olho para Abby, mas o rosto dela ainda está escondido.

— Isso é... — Minha voz está trêmula. — É uma brincadeira?

Ela me encara.

— Por que seria?

— Porque sim. Não sei.

— Leah, eu só... Estou enlouquecendo.

O corpo dela está tenso e imóvel, a saia arrastando no chão. E, juro, parei de respirar. Abby Suso quer me beijar. No baile de formatura. Neste momento. Meu corpo está elétrico: o peito, a barriga, tudo. Parece que estou com uma súbita vontade de fazer xixi, mas não, são apenas relâmpagos percorrendo cada centímetro da minha pele.

Ela dá um risinho nervoso.

— Por favor, diz alguma coisa.

Ainda estou desnorteadada.

— É que... é óbvio. — Engulo em seco. — É óbvio que gosto de você.

— Mas... — diz Abby, visivelmente desapontada.

— Não é o momento — falo.

— Eu sei.

— Tipo, você nem... — Fecho os olhos. — É que eu... Gosto *de verdade* de você.

— Eu também. Acho que estou...

— Eu também.

Ficamos nos encarando, e meu coração está disparado.

— Bem, a boa notícia é que vamos para a mesma universidade — falo, por fim.

— E vamos morar juntas — completa ela.

Ela funga e então abre um sorriso.

— É, isso provavelmente não é uma boa ideia — comento.

— Não me importo — diz ela, se levantando de repente e ajustando a saia. Então vai até o parapeito e para ao meu lado.

— Só acho que temos que dar tempo ao tempo — falo.

Ela respira fundo.

— Eu sei.

— Desculpa.

— Não, você está certa. Você é muito prática, Leah.

— Eu sei. — Engulo em seco mais uma vez. — Mas vai ser melhor assim. Nick já vai estar melhor, vai ter seguido em frente...

— Espera, você está falando daquele garoto que minutos atrás estava com a língua na boca da Taylor Metternich? — pergunta Abby.

— Porque tenho quase certeza de que Nick *já* seguiu em frente. Bastante.

Dou um sorriso triste.

— Pois é, mas realmente acho que ele não superou você. Não está nem perto disso.

Eu me viro para encará-la, mas Abby está observando o lago.

— É só que está tudo uma confusão, entende? — continuo. — Com o baile, a formatura... E você está certa, não queremos drama. Nick ia ficar tão...

— Eu sei — diz Abby, baixinho. — Sim. Nick ia ficar transtornado. Ele já está um pouco. E provavelmente Garrett vai ficar também.

— Nossa. — *Garrett*. — Sim.

— Que merda... — diz ela, com um suspiro. — Quer dizer, eu entendo. Completamente. E eu não devia ter... ai. — Ela cobre o rosto.

— Não sei. Sou uma idiota.

— Não é nada.

Abby dá uma risada seca.

— Sou, sim. Isso é tão... Sabe, é tudo culpa minha. Se eu tivesse... A

gente poderia ter sido...

Ela não conclui a frase. Meus olhos estão ardendo.

— A gente poderia ter sido o quê? — pergunto.

— Como Simon e Bram — responde, com a voz ligeiramente trêmula. — Fui tão... Esse tempo todo... Poderia ter sido a gente, entende? Nós duas, andando de mãos dadas, nos beijando, sendo superfofas e exibindo para todo mundo nosso amor.

E pronto: uma lágrima escorre. Enxugo rapidamente, mas ela torna a cair. Odeio chorar. Odeio mais do que qualquer coisa no mundo.

Abby funga.

— Precisamos de um Vira-Tempo — diz.

Solto uma risada, mas sai como um soluço.

— Nossa, você realmente está obcecada por Harry Potter.

— Não é bem assim — diz ela, com um sorriso choroso. Então suspira. — Só estou tentando impressionar uma garota aí.

— Ah, tá.

Sinto um aperto no peito.

— É. Que situação de merda — diz.

— Muito.

— Eu não quero magoar ninguém, de verdade.

— Nem eu. A gente simplesmente não pode. Não podemos fazer isso com Nick.

— Eu sei. — A voz dela falha. — Eu sei.

Dói de verdade olhar para ela.

— Abby, estou tão..

— Para. Por favor. Está tudo bem. Estamos bem. — E embora seus olhos estejam marejados, um sorriso ilumina seu rosto. — Isso é tudo culpa minha, eu sei, e só... — Ela se vira e se recosta no parapeito. — Não sei, Leah. Acho melhor você voltar para o seu acompanhante.

— Abby.

— Está tudo bem! Estamos bem. Só preciso de um minutinho. — Ela pressiona os cantos dos olhos. — Daqui a pouco estou lá, juro.

Faço que sim, arrasada. Estou prestes a me debulhar em lágrimas. Mal consigo formar palavras, frases, pensamentos. Só desço a rampa e disparo pela trilha, sem olhar para trás.

* * *

É claro que, apesar de chegar ao salão uns dez segundos depois, não estou preparada para entrar, nem um pouco. Mal consigo respirar, muito menos falar. Por mais estranho que pareça, minha única vontade é deitar no chão. Dormir na terra. Nem ligo para o vestido.

É uma situação de merda mesmo. E o que dói mais é saber que por muito pouco deixamos de viver algo maravilhoso. Fico pensando: e se

o beijo em Athens não tivesse sido um erro gigantesco? E se eu fosse um pouco menos teimosa e Abby um pouco menos cabeça de vento? E se ela nunca tivesse namorado com Nick? E se tivéssemos saído do armário, felizes e apaixonadas para todo mundo ver, como qualquer outro casal de Creekwood?

Talvez Abby tivesse me convencido a fazer um teste para a peça. Talvez eu tivesse passado menos tempo observando a vida acontecer do fundo do auditório. Talvez eu tivesse passado mais tempo me agarrando com ela no fundo do auditório.

Em vez disso, estou parada aqui, do lado de fora, a cinco metros do meu baile de formatura.

Meus olhos pousam em Simon e Bram na beira do salão, apoiados no parapeito. Eles não estão dançando, só estão ali juntinhos. Simon abraça o namorado pela cintura, enquanto Bram faz carinho na nuca de Simon, seus corpos tão próximos que parecem uma coisa só.

Às vezes, observar os dois me deixa com um nó na garganta.

A música muda de novo, e na mesma hora reconheço os acordes: Stevie Wonder. A música da minha mãe. Fantástico! Porque tudo de que preciso neste momento é imaginar minha mãe me espiando.

A não ser que... não sei. Talvez seja um sinal, uma espécie de mensagem secreta: *se solte, Leah*.

Pare de sofrer tanto. Não seja tão pragmática. E não chore.

Mas não adianta.

Levo as mãos ao rosto, mas agora meu corpo inteiro está soluçando, aos prantos. Porque ali estão Simon e Bram, abraçados, e eles são tão incríveis, tão corajosos, e de maneiras que nunca vou entender. E agora estamos prestes a nos formar, e tudo que conquistei foi a paixão mais triste do século.

E *nossa*. Seria tão sensato esperar até a faculdade. Deixar Nick se recuperar. Ter uma conversa sincera e gentil com Garrett. Deixar a poeira baixar. Deixar nossos amigos saberem. Ir aos poucos, e deixar tudo evoluir com calma. Poderíamos começar a namorar tranquilamente em uns dois meses, se quiséssemos.

Mas não quero esperar meses. E não estou com a menor vontade de ser sensata.

Se solte.

De repente, estou correndo, quase tropeçando no vestido, o cabelo caindo no rosto. E isso é imprudente, estúpido e provavelmente inútil, porque duvido que Abby ainda esteja lá. Aposto que desapareceu. Aposto que...

— Leah? — diz Abby.

Eu trombo com ela e quase caio.

— Ai!

— Eita! — Ela me segura pelos ombros. — Está tudo... — Ela não

conclui a frase. — Leah, você está chorando.

— Claro que não.

— Você está com o rosto encharcado de lágrimas e vai mesmo dizer na minha cara que não está chorando?

— Vou — respondo. Então, respiro fundo. — Não.

— Tudo bem...

— Porque não é só isso que vou fazer.

Então o mundo fica em suspenso, e mal consigo ouvir a música. Só escuto as batidas do meu coração. Seguro o rosto de Abby.

— Vou fazer isso — sussurro.

Então a beijo.

Muito rápido.

E agora ela está me encarando, boquiaberta, os olhos arregalados, sem reação.

Eu me afasto.

— Ai, meu Deus. Você estava...

— Não. — Ela me corta. — Nem pense em surtar.

— Não vou.

— Ótimo.

Ela sorri, me puxa mais para perto e enfia os dedos no meu cabelo.

Meu coração está quase saindo do peito.

— Meu cabelo está uma bagunça.

— Sim. E vai ficar pior. — O polegar dela roça na minha orelha. — Muito pior.

E, de repente, os lábios dela estão colados aos meus, e minhas mãos estão na cintura dela, e retribuo o beijo com tanta vontade que me esqueço de respirar. Parece que tem uma fogueira dentro do meu peito, uma que poderia queimar por dias. Porque acontece que Abby beija do mesmo jeito que dança. Com intensidade, com ardor, como se não houvesse mais nada além daquilo. Como se estivesse entregando seu coração.

Ela se afasta e encosta a testa na minha.

— Então, isso está acontecendo — diz Abby.

— Acho que sim.

Ela solta o ar.

— Uau.

— Esse é um uau-feliz ou um uau-merda?

— Os dois. É um “merda, estou muito feliz”.

Então ela me beija de novo. Sinto tudo ao mesmo tempo: o polegar dela traçando a linha do meu rosto, a pressão suave dos lábios dela. Meus joelhos estão bambos. Não sei nem como ainda estou de pé. Acaricio as costas dela e a puxo mais para perto.

Estou fazendo isso. De verdade. Estou beijando essa garota.

— Você está dando risadinhas — diz ela, os lábios ainda vermelhos

por causa dos meus.

— De jeito nenhum. Não faço essas coisas.

Ela sorri.

— Mentirosa.

— Talvez eu só dê risadinhas quando estou perto de você.

— Ah, é mesmo? — Ela sorri, recua um pouco e pousa as mãos nos meus ombros. — Nossa, Leah. Olha só para você.

— Toda descabelada, com cara de maluca?

— Linda — diz Abby. — Espero que saiba disso.

Ela me olha de um jeito que me faz perder o ar. Pressiono a ponta dos dedos na boca. Juro que meus lábios estão pulsando.

— No que você está pensando? — pergunta.

— Em você — respondo, sem rodeios. Nunca fui tão atrevida. Mas me sinto ousada, impetuosa e vinte vezes mais corajosa que o normal. Eu a beijo novamente, de leve. — É como se você emitisse luz.

Ela balança a cabeça, sorrindo.

— Você está louca.

— Estou mesmo.

Eu me sinto ofegante, quase bêbada. Aperto o rosto, e subitamente meus olhos se fixam no corsage de Garrett em meu pulso.

— Ai, merda, não — diz Abby, seguindo meu olhar. — Você não vai começar a questionar as coisas agora, vai?

Ela segura minhas mãos.

— Não vou — respondo depressa, embora meu estômago esteja se revirando.

Acabo de beijar uma pessoa que não é meu acompanhante no baile. Acabo... que merda. Acabo de beijar a ex-namorada de Nick.

— Leah — diz Abby, me repreendendo.

— Eu sei, eu sei, é que...

— Não. Apenas não. Me beija, agora.

— Agora? É uma ordem?

— *Leah* — repete ela, revirando os olhos.

Então ela me beija com tanta intensidade que eu quase derreto.

O tempo para.

E algo em mim destrava.

— Tudo bem? — diz Abby, por fim, a voz falhando um pouco. — Para de pensar no Nick, para de pensar no Garrett e *definitivamente* para de pensar se é muito clichê beijar alguém no baile de formatura.

Fungo.

— É muito clichê.

— Dane-se. Clichês são o máximo.

Olho para ela, ainda sem acreditar que posso realmente fazer isso, que posso só ficar olhando para ela sem parecer uma louca psicopata. Quero memorizar cada centímetro dessa Abby — o brilho das

bochechas, os olhos cintilantes. Os cílios reluzem por causa das lágrimas, e os lábios estão meio intumescidos. Não sei como essa garota consegue ir do riso às lágrimas e ao beijo e ainda continuar parecendo um verdadeiro raio de luar.

Estou entregue. Total, completa e irreversivelmente entregue.

— Então, acho que vou gostar de ter uma namorada baterista — comenta ela.

— Namorada.

Meu coração dá uma cambalhota.

De repente, ela parece nervosa.

— Ou não.

— Só preciso de um segundo para processar tudo isso. — Aperto as mãos dela. — Namorada, hein?

— E colega de quarto.

Dou uma risada.

— Essa é definitivamente a pior ideia já concebida por um ser humano.

— Tô nem aí — retruca Abby, abrindo um sorriso.

— Você é doida, Suso.

— Você não tem ideia.

Não consigo mais articular palavras ou pensamentos, por isso calo a boca e a beijo mais uma vez. Juro, eu poderia passar a vida toda fazendo isso: Beijadora Profissional de Abby Suso. Ela me puxa mais para perto, e suas mãos vão parar na minha cintura, e ainda não consigo acreditar nisso. Estou no meio de uma trilha de terra numa noite estrelada beijando a líder de torcida mais nerd do mundo. Isso não pode ser verdade.

Mas então sou trazida de volta à realidade. Ouço um estalar de gravetos e alguém dando um arquejo baixinho. O corpo de Abby fica tenso na mesma hora, e nos desembaraçamos rapidamente uma da outra.

Alguém está parado bem atrás de mim, observando. Eu me viro lentamente, morrendo de medo. O que mais este dia me reserva? O que o universo está querendo me dizer, afinal? Eu me esqueci de comprar um sutiã. Nosso carro pifou. Nosso restaurante era todo rosa. Martin Addison apareceu com um smoking azul-claro, e isso vai ficar para sempre guardado na minha memória. Tudo está uma confusão só. Abby e eu somos uma grande confusão. Não sei o que estávamos pensando, nos beijando tão perto do salão de festas, de todo mundo. Francamente. Qualquer idiota da escola poderia ter nos visto. Qualquer um.

Mas...

Talvez o universo não me odeie, afinal de contas.

Porque, quando ergo a cabeça, só há duas pessoas olhando para

Abby e para mim, boquiabertas.

* * *

Simon leva a mão ao rosto.

— Peraí... — diz, perplexo.

Ele abre a boca como se fosse dizer mais alguma coisa, porém desiste.

Abby dá uma risada nervosa.

— Surpresa.

Simon olha mais uma vez para mim e depois para Abby, como se esperando que alguém fosse explicar que era tudo uma brincadeira ou uma pegadinha.

— Bem... — Respiro fundo. — Acho que você pensava que eu era hétero, né? — Não espero a resposta dele. — Então, pois é. Não sou. Tipo, não sou *mesmo*. Sou muito, muito bi.

— Eu também — diz Abby, com uma voz animada.

— Nossa. Eu só... — Simon franze a testa, confuso. — Sério?

— Sério.

— Nossa. Ai, meu Deus. Tenho tantas perguntas para fazer. — Ele balança lentamente a cabeça. — Nick sabe?

— Nick vai ficar bem. — Bram sorri. — Estou *tão* feliz por vocês duas.

— Nossa, eu também! — Simon dá um tapa na própria testa. — Vocês sabem disso, não sabem? Caramba. Sim. Nick vai... Quer dizer, não importa, né? Estou tão feliz. Ok. Ok — repete ele, como se tivesse dado defeito. — Ok. Uau. Há quanto tempo vocês são...?

— Bi?

— Não. O que quero saber é... — Ele aponta para mim e para Abby com um gesto vago. — Há quanto tempo vocês são um casal?

— Há quinze minutos — falo.

Abby sorri.

— Mais ou menos duas semanas.

— Ou um ano e meio.

— Nossa. Meu Deus — diz Simon.

Abby segura minha mão e entrelaça nossos dedos.

— Nossa, vocês não têm ideia de como isso me deixa feliz — continua Simon. — Não têm ideia. Queria muito que vocês fossem amigas, mas *isso*...

Ele fica olhando para nossas mãos entrelaçadas, com os olhos arregalados.

— É verdade — diz Abby. — Superamos suas expectativas, Simon.

— Portanto, de nada — acrescento.

— Acho que vou chorar, gente! — diz Simon, e Bram dá uma

palmadinha carinhosa no braço dele.

* * *

Então, agora estou rodeada por árvores, andando por uma trilha de mãos dadas com Abby Suso.

De mãos dadas com minha namorada. Minha namorada, que se chama Abby Suso. Meu cérebro está completamente obcecado por esse fato. Tenho certeza absoluta de que meu desempenho na escola e na faculdade já foi por água abaixo, porque como se concentrar em alguma aula QUANDO ABBY SUSO É SUA NAMORADA?

Estamos quase chegando ao salão de festas, e meu coração parece prestes a sair pela boca.

Porque lá no salão está meu acompanhante. E minha amiga possivelmente racista. E o ex-namorado de Abby. E a garota com quem ele está se agarrando. E provavelmente uma boa quantidade de homofóbicos casuais.

Esse não foi o baile de formatura perfeito que eu idealizei. E esse não é o final feliz que imaginei. Não é um final de jeito nenhum.

Mas é meu.

Todo esse momento é meu. O salão todo iluminado, com a música tão alta que consigo senti-la. É meu.

E talvez tudo esteja uma confusão mesmo. Talvez tudo esteja mudando. Tenho certeza de que meu rosto está todo inchado e borrado e de que meu cabelo está todo desarrumado. Nem sei se minha voz funciona. Mas continuo seguindo Simon e Bram pela trilha. Continuo de mãos dadas com Abby.

Até estarmos tão perto do salão que quase consigo sentir o cheiro lá dentro. Corsages e suor. Esta noite. Meu baile de formatura.

E mesmo que eu esteja olhando de fora, chego mais perto a cada passo.



DE: leahnabateria@gmail.com
PARA: simonirvinspier@gmail.com
DATA: 21 de setembro às 1:34
ASSUNTO: Re: Você nasceu!!!

Ok, não consigo nem dizer como amo você ter me mandado um e-mail de aniversário. Em Garamond. Não tem como ser mais Simon do que isso. Se algum dia você mudar, juro que te mato.

Mas o aniversário foi ótimo! Abby é muito nerd! Ela me trouxe café da manhã na cama, e isso significa que *foi até o refeitório, com um casaco enorme com bolsos enormes para transportar cookies*. Sendo que moramos a cinco minutos de uma confeitaria que tem delivery de cookies. (Cookies. Delivery. Dorme com essa.) Mas é claro que alguns sacrifícios financeiros são necessários, principalmente quando se está poupando cada centavo para a viagem a Nova York em abril que VAI ACONTECER COM CERTEZA. Então, avisa ao seu namorado pra tirar a roupa suja do chão e arrumar um espacinho no quarto para nós duas. (Como se fosse sequer uma possibilidade o quarto do Bram não estar impecavelmente arrumado. Em que mundo eu vivo?)

Então, vou ignorar a sua primeira pergunta, porque sei que você não está interessado de verdade em saber sobre Introdução à Sociologia (mas é bom pra caramba, só para sua informação). Não vou ignorar sua segunda pergunta, mas estou aqui há dez minutos, olhando para a tela do notebook de Abby, tentando encontrar as palavras certas para explicar como é, e aparentemente essas palavras não existem. Portanto... É ótimo. Tipo, muito, muito ótimo. É a Abby. Entende? Como hoje, por exemplo. O dia estava lindo e ensolarado, então a gente simplesmente abriu nossa manta e ficou deitada na grama, ela lendo e eu desenhando, e ela ficava empurrando meu pé, como se nossos pés estivessem se beijando e AGORA ESTOU FICANDO VERMELHA, ESTÁ FELIZ?

Porque eu estou. Feliz. De verdade. É meio esquisito.

E, sim, eu conversei com o Nick, mas ele NÃO mencionou NADA sobre o lance com a Taylor! Acredita? Sério, acho que ele vai acordar um dia e descobrir que está casado com ela. Taylor já deve ter pensado em tudo. Mas bom pra ela, acho? Quer dizer, bom pra... eles? Não vou mentir, fico um pouco apavorada por estar namorando alguém que namorou alguém que está namorando Taylor Metternich. Eca.

Muito bem, mas Garrett e Morgan... COMO ASSIM, GENTE? Cadê o Bram pra contar todos os detalhes? (Oi, Bram!) Você ainda vai para Nova York nesse fim de semana? É melhor me mandar um trilhão de fotos. Eu te amo muito, Simon Spier. Você sabe disso, né?

Com amor,

Leah (sua alma gêmea platônica para toda a eternidade) (e sei que estou sendo brega, mas não tô nem aí, porque brega é meu sobrenome agora, estou me

transformando na minha mãe, SIM, EU DISSE ISSO) (Amo você)

Agradecimentos

ESTE LIVRO NÃO seria um livro sem os poderes de tantas pessoas incríveis.

Agradecimentos infinitos a:

Donna Bray, também conhecida como a mãe de Leah, também conhecida como editora rock star, também conhecida como sou “a autora mais sortuda do mundo”.

Brooks Sherman, meu defensor mais feroz, e o melhor e mais incrível agente.

Minhas equipes brilhantes e apaixonadas na HarperCollins, na Janklow & Nesbit, na Bent Agency, na Penguin UK, e meus outros incríveis editores internacionais: Caroline Sun, Alessandra Balzer, Patty Rosati, Nellie Kurtzman, Viana Siniscalchi, Tiara Kittrell, Molly Motch, Stephanie Macy, Bess Braswell, Audrey Diestelkamp, Jane Lee, Tyler Breitfeller, Alison Donalty, David Curtis, Chris Bilheimer, Margot Wood, Bethany Reis, Ronnie Ambrose, Andrew Eliopulos, Kate Morgan Jackson, Suzanne Murphy, Andrea Pappenheimer, Kerry Moynagh, Kathleen Faber, Suman Seewat, Maeve O'Regan, Kaiti Vincent, Cory Beatty, Molly Ker Hawn, Anthea Townsend, Ben Horslen, Vicky Photiou, Clare Kelly, Tina Gumnior e tantos outros.

Minha equipe do filme *Com Amor, Simon*, que deu vida à Creekwood High School: Greg Berlanti, Isaac Klausner, Wyck Godfrey, Marty Bowen, Elizabeth Gabler, Erin Siminoff, a Fox 2000 Studios, Mary Pender, David Mortimer, Pouya Shahbazian, Chris McEwan, Tim Bourne, Elizabeth Berger, Isaac Aptaker, Aaron Osborne, John Guleserian, Harry Jierjian, Denise Chamian, Jimmy Gibbons, Nick Robinson e o restante do elenco — especialmente a minha Leah, Katherine Langford. Sou muito grata às centenas de pessoas na frente e atrás das câmeras que fizeram milagres acontecerem.

Meu amigo e herói, Shannon Purser, que fez todos os meus sonhos de audiolivro se tornarem realidade.

Meus primeiros leitores, que tornaram este livro um milhão de vezes melhor: David Arnold, Nic Stone, Weezie Wood, Mason Deaver, Cody Roecker, Camryn Garrett, Ava Mortier, Alex Davison, Kevin Savoie, Angie Thomas, Adam Silvera e Matthew Eppard.

Os bibliotecários, livreiros, blogueiros, profissionais da área editorial, professores, escritores de fanfic, artistas, membros do Discord, participantes de chats e leitores que tornam maravilhoso esse

trabalho tão fora dos padrões.

Para os amigos que me apoiaram nos momentos difíceis: Adam Silvera, David Arnold, Angie Thomas, Aisha Saeed, Jasmine Warga, Nic Stone, Laura Silverman, Julie Murphy, Kimberly Ito, Raquel Dominguez, Jaime Hensel, Diane Blumenfeld, Lauren Starks, Jaime Semensohn, Amy Austin, Emily Carpenter, Manda Turetsky (que deu a Garrett a ideia do épico jantar de formatura), Chris Negron, George Weinstein, Jen Gaska, Emily Townsend, Nicola Yoon, Heidi Schulz, Lianne Oelke, Stefani Sloma, Mark O'Brien, Shelumiel Delos Santos, Kevin Savoie, Matthew Eppard, Katy-Lynn Cook, Brandie Rendon, Kate Goud, Anderson Rothwell, Tom-Erik Fure, Sarah Cannon, Jenn Dugan, Arvin Ahmadi, Mackenzi Lee, e mais um monte de gente.

Para Caroline Goldstein, Sam Goldstein, Eileen Thomas, Jim e Candy Goldstein, Cameron Klein, William Cotton, Curt e Gini Albertalli, Jim Albertalli, Cyris e Lulu Albertalli, Gail McLaurin, Adele Thomas e o restante do time Albertalli/Goldstein/Thomas/Berman/Overholts/Wechsler/Levine/Witchel.

Para Brian, Owen e Henry, meus eternos favoritos.

E para você. Continue resistindo.

Sobre a autora



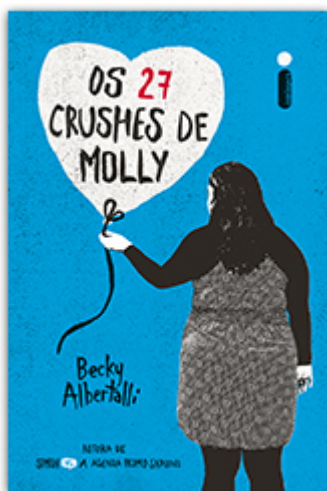
© Decisive Moment Events

Becky Albertalli trabalhou como psicóloga, o que lhe proporcionou o privilégio de conviver com muitos adolescentes inteligentes, estranhos e irresistíveis, e por sete anos foi orientadora de um grupo de apoio em Washington para crianças e jovens com não conformidade de gênero. Mora em Atlanta com o marido e os dois filhos. Pela Intrínseca, publicou também *Com amor, Simon* e *Os 27 crushes de Molly*.

Conheça outros títulos da autora



Com amor, Simon



Os 27 crushes de Molly

Leia também



Para todos os garotos que já amei
Jenny Han



P. S.: Ainda amo você
Jenny Han



Agora e para sempre, Lara Jean
Jenny Han



Amor & gelato
Jenna Evans Welch



Fãs do impossível
Kate Scelsa